

Thomas Cahill

COMO OS IRLANDESES SALVARAM A CIVILIZAÇÃO

*A heróica contribuição da Irlanda entre a Queda
de Roma e o surgimento da Europa Medieval*



OBJETIVA



Minha Impalpável Biblioteca

THOMAS CAHILL



COMO
OS IRLANDESES
SALVARAM
A CIVILIZAÇÃO

Tradução
José Roberto O'Shea

© 1995 by Thomas Cahill
Todos os direitos reservados

Título original
How the Irish Saved Civilization

Direitos em língua portuguesa para o Brasil, adquiridos através do
Doubleday, uma divisão da Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.
por EDITORA OBJETIVA LTDA., rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22241-090
Tel.: (021) 556-7824 - Fax: (021) 556-3322
INTERNET: <http://www.objetiva.com>

Capa
Victor Burton

Revisão da Tradução
Maria Miranda O'Shea

Revisão
Umberto Figueiredo Pinto
Fátima Jorge Fadel
Tereza de Fátima da Rocha

Editoração Eletrônica
Abreu's System Ltda.

1999

10 9 8 7 6 5 4 3 2

A HISTÓRIA NÃO-CONTADA

Em geral pensamos na história como uma catástrofe atrás da outra, uma guerra seguida por outra, uma violência por outra violência — quase como se a história não passasse de narrativas do sofrimento humano, organizadas em seqüência. E certamente esta é, com muita freqüência, uma descrição adequada. Mas história também são narrativas de graça, os relatos daqueles momentos abençoados e inexplicáveis, quando alguém fez alguma coisa pelo outro, salvou uma vida, concedeu uma dádiva, deu algo além do que era requerido pela circunstância.

Na série A HISTÓRIA NÃO-CONTADA, pretendo contar a história do mundo ocidental enquanto história dos grandes doadores, aqueles que confiaram aos nossos cuidados um ou outro dos tesouros singulares que constituíram o patrimônio do Ocidente. Também é a história da evolução da sensibilidade ocidental, a narrativa de como nos tornamos as pessoas que somos e por que pensamos e sentimos desta maneira. Por fim, é o relato daqueles momentos essenciais em que tudo estava em jogo, quando a corrente poderosa que se tornou a história ocidental estava em perigo e que deveria ter-se dividido em cem tributários inúteis, ou congelado até a morte, ou evaporado completamente. Mas os grandes doadores, chegando no momento de crise, tornaram possível a transição, a transformação e, até mesmo, a transfiguração, nos deixando um mundo mais variado e complexo, mais impressionante e agradável, mais belo e forte do que aquele que encontraram.

THOMAS CAHILL

Para Susie

*... Augusta e Bela... prima e cara:
Tende só alegria e riqueza,
Paz, Prazer, Amor e Beleza.*

Nada que valha a pena pode ser realizado durante a vida; portanto, seremos salvos somente pela esperança. Nada que seja verdadeiro, belo ou bom faz pleno sentido em qualquer contexto histórico imediato; portanto, seremos salvos somente pela fé. Nada que fizermos, por mais virtuosos, poderemos fazê-lo sozinhos; portanto, seremos salvos somente pelo amor.

REINHOLD NIEBUHR

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	
	Até que Ponto Será Verdadeira a História?	11
CAPÍTULO 1	– O FIM DO MUNDO	
	Como e Por que Roma Caiu	21
CAPÍTULO 2	– O QUE FOI PERDIDO	
	A Complexidade da Tradição Clássica	47
CAPÍTULO 3	– O INSTÁVEL MUNDO DAS TREVAS	
	A Irlanda Profana.	85
CAPÍTULO 4	– A BOA NOVA VINDA DE LONGE	
	O Primeiro Missionário .	117
CAPÍTULO 5	– O ESTÁVEL MUNDO DA LUZ	
	A Irlanda Sagrada. . .	139

CAPÍTULO 6 – O QUE FOI ENCONTRADO Como a Irlanda Salvou a Civilização Ocidental	165
CAPÍTULO 7 – O FIM DO MUNDO Haverá Alguma Esperança?	221
Guia de Pronúncia de Palavras Irlandesas.	243
Bibliografia	245
Cronologia.	253
Agradecimentos	257
Índice Remissivo	261

INTRODUÇÃO



Até que Ponto Será Verdadeira a História?

A palavra 'irlandês' raramente remete à palavra 'civilização'. Quando pensamos em povos civilizados, ou civilizados, vêm à nossa mente egípcios e gregos, italianos e franceses, chineses e judeus. Os irlandeses serão sempre os indomáveis, indolentes e charmosos, ou taciturnos, reprimidos e corruptos, mas não, necessariamente, os civilizados. Se nos dispusermos a pensar em uma 'Civilização Irlandesa', nenhuma imagem surgirá, nenhum Crescente Fértil, nenhum Vale do Indo, nenhum busto sisudo de Beethoven. O mais simplório mecânico grego escol e para sua oficina o nome 'Partenão', estabelecendo um elo pessoal com uma suposta cultura ancestral. O dono de restaurante, semi-alfabetizado, de origem siciliana, exhibe em local privilegiado sua cópia de gesso do *Davi* de Miguelângelo, pressupondo, assim, laços pessoais com a Renascença. Já um comerciante irlandês estará bem mais inclinado a batizar seu estabelecimento como 'Bar-Breffni' ou 'Mudanças Kelly', sugerindo apenas referências locais, livres de qualquer ressonância de História ou de civilização.

Contudo, a Irlanda, pequena ilha à beira da Europa, que desconheceu a Renascença e o Iluminismo — até certo ponto, um país de Terceiro Mundo, dotado, segundo John Betjeman,

de uma cultura da Idade da Pedra —, teve seu momento de glória. Enquanto ruía o Império Romano, enquanto a Europa se emaranhava, e bárbaros imundos saqueavam cidades, aposando-se de objetos de arte e queimando livros, os irlandeses, que então começavam a ler e a escrever, assumiam a grande tarefa de copiar toda a literatura ocidental — tudo que lhes caía em mãos. Através do trabalho de tais escribas, as culturas greco-romana e judeu-cristã seriam transmitidas às tribos da Europa, recém-estabelecidas em meio ao entulho e aos vinhedos destruídos de uma civilização que acabava de ruir. Sem esse serviço, tudo o que aconteceu posteriormente teria sido inconcebível. Sem a missão dos monges irlandeses que, sozinhos, pelas basas e vales do exílio, reinstauraram a civilização em todo o continente europeu, o mundo que os sucedeu teria sido completamente diferente — um mundo sem livros. E o nosso próprio mundo jamais teria se consolidado.

Há mil anos — desde que a Legião Espartana pereceu no desfiladeiro das Termópilas — a civilização ocidental não se submetia a tamanha prova, nem voltaria a confrontar a própria extinção, até descobrir, no presente século, meios de acabar com toda e qualquer forma de vida. No início do século V, momento em que começa a história aqui relatada, ninguém poderia prever o futuro colapso. Porém, já na segunda metade do século, os indivíduos mais esclarecidos que examinavam a situação à sua volta não tinham dúvida que o fim não tardaria a chegar: aquele mundo estava condenado. A única opção, como fez Ausônio, era isolar-se na privacidade domiciliar, escrever poesia e aguardar o inevitável. No entanto, jamais ocorreria àqueles indivíduos que os alicerces do seu mundo seriam preservados, em circunstâncias tão inesperadas, em terras tão distantes que os romanos nem se deram ao trabalho

de conquistar, e a partir da iniciativa de certos indivíduos estranhos, que viviam em casebres em cumes rochosos, que raspavam parte da cabeça e se puniam praticando jejum, passando frio e rolando sobre urtiga. Segundo Kenneth Clark, “contemplando o passado, a partir de grandes civilizações, como a França do século XII e Roma do século XVII, costumamos a crer que durante muito tempo — quase 100 anos — o cristianismo sobreviveu no Ocidente, apenas a locais como Skellig Michael, um rochedo situado a 27 quilômetros da costa irlandesa, projetando-se a 218 metros acima do nível do mar”.

Clark, que inicia seu livro *Civilisation* com um capítulo intitulado “The Skin of Our Teeth” * discorrendo a respeito da precária transição do clássico ao medieval, constitui uma exceção, ao atribuir à contribuição irlandesa o devido valor. Muitos historiadores a ela sequer fazem menção, e poucos relatam o drama desse verdadeiro precipício cultural. Isso ocorre, com certeza, porque é mais fácil descrever estase (falar primeiro do clássico e, *mais tarde*, do medieval) do que movimento (falar *do* clássico ao medieval). Ocorre, também, porque, geralmente, os historiadores se especializam em períodos históricos específicos, de modo que a análise de transições costuma escapar à sua competência (e à de todos nós?). Com efeito, desconheço a existência de um livro sequer, editado nos dias de hoje, que se proponha a estudar essa transição, ou no qual o assunto ocupe posição de destaque.

Com o intuito de preencher essa lacuna, perguntaríamos: até que ponto será verdadeira a História? Será nada mais que uma grande sopa, contendo tal mistura de ingredientes que a torna impossível de ser caracterizada? Será procedente

* “Por um Triz”. [N.T.]

a observação de Emil Cioran, de que a História nada prova porque tudo abrange? Não será verdadeira a recíproca, de que a História pode ser manipulada a ponto de afirmar o que quisermos?

A meu ver, cada época reescreve a História, revisando feitos e textos de outras épocas, a partir de uma perspectiva mais distanciada, mais favorável. A nossa História, aquela que estudamos na escola e à qual nos remeteremos mais tarde, foi, em grande parte, escrita por protestantes ingleses e norte-americanos de origem anglo-saxônica. Se historiadores contemporâneos vêm demonstrando que tais escritores nem sempre são confiáveis, no que concerne, por exemplo, à contribuição das mulheres, ou dos afro-americanos, não devemos nos surpreender ao constatar que tais escritores fecharam os olhos à grande contribuição celta e católica, em um passado longínquo, contribuição essa sem a qual a consolidação da civilização européia teria sido inviável.

Para um inglês culto do século passado, por exemplo, os irlandeses eram, por natureza, incapazes de se tornarem civilizados. “Os irlandeses”, proclamava Benjamin Disraeli, querido primeiro-ministro da Rainha Vitória, “têm aversão à nossa ordem, à nossa civilização, à nossa indústria empreendedora, à nossa religião pura [o pai de Disraeli abandonara o judaísmo, convertendo-se à Igreja Anglicana]. Essa raça selvagem, irresponsável, inconstante e supersticiosa não aprecia o caráter inglês. Seu ideal de felicidade é a alternância entre as rixas de clãs e a rude idolatria [*i.e.*, o catolicismo]. Sua História descreve um círculo vicioso de intolerância [!] e sangue.” O racismo venenoso e o preconceito implacável presentes nessa caracterização podem, hoje em dia, ser óbvios; contudo, nos dias do *dear old Dizzy*, conforme a rainha

chamava o homem que a presenteou com a Índia, tais palavras encerravam uma verdade incontestável.

Há que se admitir que, ocasionalmente, mesmo os pre-sunçosos colonizadores do império da pequenina rainha tinham seus momentos de remorso. Não seriam os conquistadores responsáveis pela situação precária em que se encontravam os colonizados? Logo, porém, suprimiam a dúvida e abrigavam-se em sua impérvia superioridade, como se vê na seguinte reação, esboçada pelo historiador Charles Kingsley, diante da miséria, induzida pela fome, que ele próprio pôde testemunhar na Irlanda vitoriana:

Fiquei assustado com os chipanzés humanos que vi ao longo de mais de 100 quilômetros de uma região abjeta. *Não creio que seja culpa nossa* (grifo meu). Penso que são agora em maior número do que antes e que jamais estiveram tão felizes, tão bem alimentados e confortavelmente alojados como agora, sob nosso jugo. Mas é aterrorizante ver chipanzés brancos; fossem eles pretos, não doeria tanto, mas sua pele, exceto onde queimada pelo sol, é branca como a nossa.

Tampouco podemos nos consolar, supondo que esse tipo de atitude terá ficado no passado. Segundo palavras de Anthony Grafton, conceituado historiador da Universidade de Princeton, em artigo recentemente publicado na *New York Review of Books* a respeito de Departamentos de História das melhores universidades norte-americanas:

A cultura católica — assim como a maioria dos católicos — era freqüente objeto de desdém, reduto.

de seres inferiores, talhados para as lendárias escolas paroquiais, onde freiras diziam às internas que, quando acompanhadas, jamais pedissem ravióli em um restaurante, pois os namorados talvez se lembrassem de travesseiros. Estereótipos e preconceitos dessa natureza, tão maldosos quanto os que pesavam sobre os judeus, persistiram em universidades norte-americanas até data recente, o que nos causa grande constrangimento.

Na verdade, tal data pode ter sido apenas anteontem. No entanto, não vai aqui qualquer acusação de que determinado historiador falsifique dados deliberadamente. Não, o problema é mais sutil do que a mera falsificação, sendo, com muita arte, descrito por John Henry Newman em sua fábula “O Homem e o Leão”:

Certa vez, o Homem convidou o Leão à sua casa, e o recebeu com hospitalidade principesca. O Leão teve acesso a todo o magnífico palácio, onde havia um grande número de objetos admiráveis. Os salões eram amplos, com longos corredores, luxuosamente decorados, repletos de belas esculturas e pinturas, obras dos grandes mestres. Os motivos representados eram os mais diversos; porém, uma determinada obra, a que mais se destacava em todo o acervo, mereceu o interesse particular do nobre animal, que por entre elas espreitava: aquela que representava o próprio Leão. E à medida que o dono da mansão o conduzia de um aposento ao outro, o visitante não pôde deixar de reconhecer a

homenagem, ainda que indireta, que todas aquelas obras de arte prestavam à espécie dos leões.

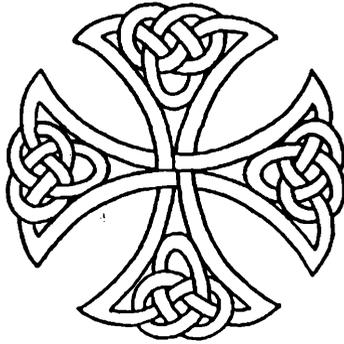
No entanto, todas as obras tinham uma característica, ao mesmo tempo comum e extraordinária, à qual o anfitrião não parecia de todo insensível, embora, por educação, permanecesse calado: por mais diversas que fossem, todas as reproduções apresentavam o homem como vencedor; o leão, como vencido.

O problema aqui não é a exclusão do Leão da história da arte, mas o fato de ter sido mal representado — e de jamais vencer. Quando o Leão termina de percorrer o palácio, prossegue Newman, “o anfitrião pergunta-lhe o que achara das riquezas nele contidas; o Leão responde, fazendo jus à fortuna do proprietário e ao talento dos artistas, mas acrescenta: ‘os leões teriam se saído melhor, fossem eles próprios os artistas’”.

Ao longo da narrativa aqui contida, encontraremos diversos anfitriões, indivíduos de renome, que têm uma história para contar, alguns dos quais chegam a crer que sua versão é a única. Seremos corteses e os ouviremos sem depreciação. Tentaremos até enxergar as coisas do ponto de vista dessas pessoas. Mas, às vezes, nos surpreenderemos como cicerones de leões. Nesses momentos, será cada leitor por si.

Iniciaremos, entretanto, não na terra dos leões, mas no organizado e previsível mundo romano. Para podermos apreciar o significado da contribuição irlandesa, será necessário, primeiro, fazer um inventário do império civilizado da Antiguidade.

O FIM DO MUNDO



COMO E POR QUE ROMA CAIU

No último e frio dia de dezembro, no ano 406, segundo a nossa cronologia, o Reno congelou, fornecendo a ponte natural que centenas de milhares de homens, mulheres e crianças famintas tanto aguardavam. Tratava-se da *barbari*— para os romanos, uma indistinta e mesclada massa de estranhos, em nada aterrorizante, apenas uns desordeiros, um estorvo, algo com o que não se deseja lidar, isto é, não-romanos. Para eles próprios, presume-se, os bárbaros eram mais do que isso, mas como os iletrados deixam poucos registros, só podemos conjecturar a opinião que tinham de si mesmo.

Nem os entediados e disciplinados guerreiros romanos, ao longo da margem ocidental do Reno, nem as ansiosas e desastradas tribos bárbaras, amontoadas pela margem oriental, poderiam avaliar a posição que ocupariam na História. Mas aquele momento suspenso, de uma calma relativa antes do pandemônio que se seguiu, propicia-nos a oportunidade de estudarmos os contingentes posicionados em ambas as

margens do rio, de olharmos para trás, para o que passou, e para a frente, para o que há de vir.

Alçando-nos ao céu, como a águia romana, contemplamos o Reno, o rio mais largo da Europa, surgindo do lago Constance, na parte norte dos Alpes, serpenteando rumo ao norte, depois a noroeste, até que, percorrendo 1.300 quilômetros, atinge a costa da Europa continental e deságua no mar do Norte, do lado oposto ao estuário do Tâmis. Voltando aos píncaros dos Alpes, percebemos outro rio, surgindo de um lago menor, ligeiramente ao norte do lago Constance, fluindo para o leste, cobrindo uma distância mais que duas vezes maior do que a percorrida pelo Reno, até desaguar no mar Negro. Trata-se do Danúbio, o rio mais longo da Europa (excluindo-se o Volga). Ao norte e a leste desses dois rios alpinos viviam os bárbaros. Ao sul e a oeste ficava a Romênia, em seu tempo, o maior e mais poderoso império da História.

A onipotência e a imensidão do império que ora contemplamos — abraçando, de fato, todo o mundo civilizado — não seriam as qualidades que nos impressionariam, caso pairássemos acima do Mediterrâneo naquele dia decisivo. Vislumbraríamos, na verdade, o oposto da força: a fragilidade, especificamente, a fragilidade geográfica. “Vivemos em redor do mar”, um Sócrates perspicaz fazia lembrar a seus ouvintes, “qual sapos em volta de um lago.” A despeito do esplendor do estandarte, do compasso das botinas e da extensão das estradas romanas, todo o império abraça o Mediterrâneo como um castelo de areia feito por uma criança, pronto a ser levado pelo mar. Desde as frutíferas Gália e Britânia, ao norte, ao fértil Vale do Nilo, ao sul, da costa pedregosa da Ibéria, a oeste, ao litoral ressequido da Ásia Menor, todas as províncias do império voltam-se para o grande mar, o Medi-Terra-neá,

o Mar do Meio da Terra. E ao voltarem-se para o centro de seu mundo, dão as costas a tudo que ali se encontra, ao que fica além das muralhas romanas. Dão as costas aos bárbaros.

Que Roma um dia cairia era algo impensável para os romanos. As fundações de Roma eram inabaláveis, firmemente fincadas em um passado altivo e solidamente construídas ao longo de mais de 11 séculos. Havia, é claro, a profecia. Alguém, geralmente embriagado, sempre recorria ao velho adágio das Doze Águias, cada qual representando um século, deixando-nos — enquanto contávamos as décadas em meio a uma poça de vinho — a apenas 70 a os do fim! Quem sabe, com a margem de erro de apenas uma década! Risada geral, diante da idéia tola. Porém, em exatamente 70 anos, o império desapareceria.

A Roma Eterna, com 11 séculos de idade, mal percebia o próprio fim. Mas as teorias sobre sua queda vêm de longuíssima data. Duas décadas após aquele encontro romano-bárbaro, às margens do Reno, Agostinho, Bispo de Hipona, segunda cidade da África romana, estará no leito de morte, ouvindo o clamor de outra onda de bárbaros atacando os muros de sua cidade. Ele mal terminara as páginas finais de sua grande apologia do cristianismo — *A Cidade de Deus* —, escrita para rebater romanos pagãos que discerniam, por trás dos ataques bárbaros, a ação dos velhos deuses de Roma, enfurecidos por terem sido abandonados pelos cristãos convertidos. (Não, insiste Agostinho, com eloquência, não é o cristianismo, mas o paganismo que, com o peso do vício, faz ruir o império.) Nove séculos mais tarde, quando os feitos impressionantes da engenharia e da escultura romanas seriam descobertos em escavações realizadas em toda a Itália, no alvorecer da Renascença, a pergunta sobre o destino dos

gigantes culturais que construíram tais obras estaria em todas as bocas. Petrarca, poeta e estudioso toscano, devidamente lembrado como o pai do humanismo renascentista, redescobre a noção de 'queda', pela qual, seguindo a linha de Agostinho, há de apontar as falhas internas do império. Maquiavel, escrevendo um século e meio mais tarde, em época menos espiritual e mais cínica, culpará os bárbaros.

Quando, em 1776, surgiu o primeiro volume de *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, de Edward Gibbon, a obra suscitou maior interesse em Londres do que as notícias vindas das colônias rebeldes na América do Norte. "O declínio de Roma" escreve Gibbon, "foi consequência natural e inevitável de sua desmedida grandeza." A noção coincidia com o espírito frio e racional da época. Mas, à medida que os súditos ingleses mais convencionais, naquele final do século XVIII, viravam as páginas da obra de Gibbon, o sangue começou a ferver-lhes nas veias. "Uma vez que a felicidade de uma vida *futura* constitui o grande objetivo da religião", prosseguia Gibbon,

podemos supor, sem surpresa ou escândalo, que o advento ou, ao menos, o abuso do cristianismo exerceu alguma influência sobre o declínio e a queda do Império Romano. O clero, com sucesso, pregou as doutrinas da paciência e da pusilanimidade; as virtudes fortes da sociedade foram desencorajadas e os vestígios do espírito militar foram enterrados nos claustros; grande parte da riqueza pública e privada foi consagrada às falsas exigências da caridade e da devoção; e o pagamento dos soldados foi desperdiçado em multidões inúteis; de

ambos os sexos, cujas virtudes jamais iriam além da castidade e da abstinência.

O impacto causado pela obra foi seguido de refutações, e Gibbon logo se defendeu, publicando *Vindication*. Na verdade sua teoria nada tinha de nova, pouco se distinguindo da teoria pagã contra a qual Agostinho erguera o braço há mais de 13 séculos. Tampouco foi inteiramente destituída de mérito. Sendo assim, vale conhecer um pouco a história do próprio Gibbon. Aos 16 anos, convertendo-se em católico fervoroso, Gibbon é enviado à Suíça, pelo pai enfurecido. Lá, vem a ser reconvertido ao protestantismo (desta feita em sua versão calvinista) e, quase simultaneamente, ao ceticismo intransigente de Voltaire, com quem se encontrara. Será fácil avaliar o efeito permanente que tantas — e contraditórias — paixões de juventude provocariam no homem maduro.

Esses primeiros intérpretes — desde os pagãos que criticavam o cristianismo, passando por Agostinho, Petrarca, Maquiavel, até Gibbon — definiram os limites de futuras leituras: Roma caiu em decorrência de fraquezas internas, sejam de caráter social ou espiritual; ou Roma caiu devido à pressão externa causada pela horda bárbara. O que podemos afirmar, com toda confiança, é que Roma caiu lentamente, e que, durante muitas décadas, os romanos mal percebiam o que estava ocorrendo.

Indicações quanto à natureza dessa miopia romana estão presentes na mencionada cena às margens do Reno congelado. Os legionários, no lado romano, sabem que são mais fortes, e que sempre o serão. Embora alguns não passem de recrutas inexperientes, recentemente alojados do lado de cá do rio, são agora romanos, herdeiros de quase 12 séculos de

civilização, frugalidade, agricultura, vinicultura, horticul-
ra, culinária, arte, literatura, filosofia, direito, política,
perícia marcial — e tudo o mais que acompanha tal cultu-
ra. O mundo jamais conheceu algo tão profundo, duradouro
e extenso quanto a *Pax Romana*; a paz e a segurança da
civilização romana. Inspecionando os soldados romanos, no-
tamos a autoridade tácita de sua presença, o esmero de sua
aparência, seu porte correto — são elegantes. Mais que isso,
cada gesto e cada peça do vestuário possuem uma estética.
Cada mínimo detalhe foi pensado — ad unguem, como eles
próprios diriam —, assim como a textura e a perfeição do
mármore trabalhado são verificadas pelo escultor. Têm os
cabelos cortados de acordo com o formato da cabeça; estão
barbeados, para melhor exibirem o ar de decisão contido nos
traços do queixo; o uniforme — desde as couraças, ao mesmo
tempo inexpugnáveis e bem torneadas, aos saiotes, que lhes
facilitam os movimentos — foi inteiramente desenhado com
base na forma e no movimento do corpo; e seus corpos
moldados fazem lembrar o estatuário grego. Até a refeição é
preparada para ser, mais do que saborosa; atraente aos olhos.
Neste momento, o *architriclinus*, i.e., o cozinheiro-chefe,
começa a preparar as cenouras: corta várias fatias no sentido
longitudinal, para obter hastes triangulares, finas e compridas:

Olhemos agora o outro lado do rio, a horda bárbara que,
à luz cinzenta e oblíqua do inverno, amontoa-se como figuras
em um pesadelo. Os homens têm os cabelos longos (tanto na
cabeça quanto nas faces), embebidos em um óleo repulsivo e
trançados em formas horrorosas. Seus corpos parecem defor-
mados pelos ornamentos e desbotados pela tinta. Alguns são
tão imensos e musculosos que chegam a ser disformes. Têm
as pernas comicamente envoltas por uma vestimenta que

chaman *braccae* — *breechos*.^{*} Não observam qualquer disciplina: berram uns com os outros e correm em meio ao caos. São sujos e cheiram mal. Uma velha, embrulhada em um cobertor imundo, mexe um caldeirão e corta pedaços de raízes e de carne rançosa que são despejadas na poção. Corta, em sentido transversal, uma cenoura, cujas rodela flutuam no caldo como olhos amarelos e abobalhados.

O retrato desigual das duas forças não seria fruto apenas da ótica romana: a ótica germânica enxergaria praticamente o mesmo (pois a horda possui origem germânica, como todos os intrusos à época). Para os romanos, as tribos germânicas são gentilha; para os germânicos, o lado romano do rio era o destino desejado. Talvez a analogia mais próxima que podemos ter dessa divisória é a fronteira sul dos Estados Unidos. Ali, as tropas com uniformes engomados e botas engraxadas são a polícia da imigração; a horda, mexicanos, haitianos e outros oprimidos que buscam a entrada ilegal. A migração bárbara não era vista como ameaça pelos romanos, devido ao simples fato de ser migração — tipicamente, com movimento sazonal — e não uma incursão organizada, armada. Na verdade, o fluxo transcorria há séculos. Os gauleses haviam sido os primeiros invasores bárbaros, centenas de anos antes, e agora a Gália estava em paz. Os versos de seus poetas e os produtos de seus vinhedos eram fontes gêmeas da inspiração romana. Os gauleses haviam-se tornado mais romanos do que os romanos. Por que o mesmo não haver a de acontecer com esses vândalos, alanos e suevos, agora em estado fremente, do outro lado do rio?

Quando, finalmente, os germânicos transpõem a ponte de gelo e se lançam ao ataque, avançam sem qualquer plane-

^{*} Palavra inglesa que, em português, quer dizer 'calções'. [N.T.]

jamento ou estratégia. Com uma coragem absurda, atiram-se através do Reno, em ondas sucessivas, levando o próprio desespero como principal arma. Podemos avaliar quantos teriam sido, bem como sua aflição, com base em uma única estatística: acredita-se que os vândalos, por exemplo, perderam 20 mil *homens* (sem contar mulheres e crianças) durante a travessia. Porém, a despeito de seu adestramento, os romanos não conseguem deter o avanço do mar germânico.

Vale lembrar que os romanos eram em menor número — não apenas naquele embate, mas durante séculos de migração através das porosas fronteiras do império. Não raro, os bárbaros vinham em ondas, embora nem sempre tão gigantescas quanto aquela. Era mais comum virem em fios d'água: como artesãos à procura de trabalho honesto, como guerreiros alistados em legiões romanas, como chefes tribais que adquiriam terras, como saqueadores que queimavam, pilhavam e, às vezes, estupravam e matavam.

• O que os punha em marcha era a agricultura, atividade aprendida com os vizinhos romanos. À medida que as sociedades bárbaras situadas ao norte do império abandonavam a prática nômade da caça em favor do trabalho agrícola, um estoque sazonal e previsível de grãos propiciou uma explosão populacional. Por razões óbvias, os agricultores vivem mais, e acompanham o crescimento de maior número de filhos do que os caçadores, cujas vidas precárias — juntamente com sua prole — transcorrem sobre uma corda bamba ecológica, sem rede de segurança. Para os agricultores, a rede de segurança é o suprimento de grãos — ou seja, mais comida do que precisam em dado momento. Essa antiga modalidade de dinheiro em caixa há muito tem servido de base para uma vida longa, para o planejamento a longo prazo e para todas as artes da civilização.

Na íntegra, a fórmula não é apenas antiga, mas, também, invariável: sucesso econômico na forma de suprimento de grãos gera explosão populacional, a qual, em breve, provoca a necessidade de novas terras, para que se possa garantir alimento a todos. Onze séculos antes do encontro no Reno, um grupo insignificante de agricultores falantes de língua latina “fixaram-se, praticando o cultivo agrícola, e resolveram o problema do rápido crescimento populacional ingressando em um projeto de conquistas que, mais tarde, ensejaria o Império Romano”, observa o historiador contemporâneo William McNeill. “Nessa perspectiva, será possível afirmar que o estado romano ocidental foi destruído pelas mesmas forças que o criaram.”

McNeill segue, assim, a sensata via da necessidade, conforme Maquiavel. Porém, como nos mostram os historiadores clássicos, há outras óticas segundo as quais podemos considerar essa profunda transformação. Por que seria tão reduzido o destacamento militar que guardava as fronteiras? Não teriam os romanos, em dado momento, percebido que seu modo de vida estava sendo alterado de maneira definitiva? Será que não pensaram em tomar determinadas providências, em vez de se curvarem diante do inevitável? O que se passava em suas cabeças? Para responder a tais perguntas e chegar a um quadro mais completo da sociedade romana, vejamos um romano típico, que ajudou a construir o mundo da Antiguidade.

O ataque bárbaro e a travessia do Reno congelado ocorreram na primeira década do século V. Voltemos um pouco no tempo — ao século IV —, para encontrar um homem cujo

estilo de vida poderá nos indicar as grandes limitações da sociedade romana, limitações que levariam, diretamente, às calamidades do século V. Trata-se de Ausônio, poeta, dono de uma vasta e bem-cuidada propriedade rural em Bordeaux, na província da Gália, e, após a morte do pai, herdeiro de outra propriedade, igualmente valiosa, na Aquitânia. Nascido 100 anos antes da migração germânica sobre o Reno, Ausônio não cresceu sob os cuidados da mãe, de quem, ao que parece, não guardou boas lembranças, mas de duas viragos: uma avó e uma tia, ambas chamadas Emília.

✎ Em sua obra *Parentalia*, que pode ser traduzida como 'Exéquias aos Antepassados', ele lhes exalta as virtudes. Da avó Emília, relembra:

*et non deliciis ignoscere prompta pudendis
ad perpendicularum seque suosque habuit.*

[Aos prazeres questionáveis não oferecia abrigo,
mas rígida trazia a si e a casa.]*

A outra Emília parece ter sido mulher corpulenta:

*Aemilia, in cunis Hilari cognomen adepta,
quod laeta et pueri ad effigiem,
reddebas verum non dissimulanter ephelum.*

[Emília, alcunhada Forte ainda no berço,
por seres tão divertida quanto um menino,
e, sem fingir, sempre pareceres com um rapaz.]

A progressão retórica que podemos aqui observar levamos por três estágios de crescimento, em três versos: bebê (*in cunis*); menino (*pueri*) e adolescente (*ephebum*). Emília,

* A tradução do latim é feita a partir da livre versão inglesa de Cahill. [N.T.]

embora robusta, não há de crescer tanto quanto um homem. Algo, no entanto, continua a 'crescer' em Emília.

Tia Emília obtém notas mais altas do que Vó Emília, embora, muitas vezes, deva ter sido severa com o menino Ausônio, que, homem feito, vai chamá-la de *virgo devota* — decididamente virgem —, tão decidida, na verdade, que

*feminei sexus odium tibi semper et inde
crevit devotae virginitatis amor.*

[Ódio ao sexo feminino cresceu sempre em ti
e daí surgiu teu amor à virgindade consagrada.]

Embora, para mim, essa poesia seja motivo de diversão, para Ausônio, não o era. Traduzo versos ambíguos reforçando-lhes a ambigüidade. Ausônio cerca esses versos de sentimentos convencionais, em nada mais sinceros e reveladores do que os que esperamos encontrar hoje em dia em um cartão de condolências. Assim, por exemplo, conclui ele o poema dedicado à avó:

*haec me praereptum cunis et ab ubere matris
blanda sub austeris inbuit inperiis.
tranquillos aviae cineres praestate, quieti
aeternum manes, si pia verba loquor.*

[Com bondade ela me criou, arrancando-me do berço
e do seio materno, mas sob o disfarce de ordens
severas.

Deixai em paz as cinzas de minha mãe,
trevas sempre caladas, se eu fizer as preces certas.]

Os amigos de Ausônio, talvez, pudessem perceber a relativa insinceridade dos elogios — quando não, porque, indiretamente, tais elogios chamam atenção para o próprio

autor. Ah, o caro Ausônio! — talvez suspirassem os amigos —, aquelas mulheres foram tão duras com ele! No entanto, como ele é bom, leal, e como observa todos os rituais — *pia verba*, literalmente, com ‘palavras fiéis’ —, conforme dele se esperaria!

A poesia de Ausônio encontra-se repleta de *pia verba*; à exceção de uma ou outra epifania, nem sempre intencional (como no caso dos poemas sobre as duas Emílias), há pouco o que descobrir. Temos trechos intermináveis sobre antepassados, antigos professores, vida cotidiana, temas clássicos (os heróis da Guerra de Tróia, os Doze Césares), intermináveis jogos de palavras, e intermináveis imitações de Virgílio. Ausônio compôs um poema — “Cento Nuptualis” —, erótico o bastante para ter sido deixado sem tradução na coletânea intitulada *Ausonius*, causando, assim, o deleite de gerações de latinistas idosos (capazes de compreender o original) e frustrando gerações de alunos (nem sempre capazes de fazê-lo): trata-se de uma descrição, clínica e clínica, do defloramento de uma noiva na noite de núpcias. Entretanto, até nesse caso, Ausônio é, deliberadamente, derivativo: cada frase é retirada de poemas de Virgílio. Será que com esse tipo de prática ele pretende evitar a censura, ao invocar a suprema autoridade literária, e merecer admiração geral, com uma exuberante demonstração de seu conhecimento de Virgílio? Na verdade, excetuando-se essas *homages*, há raros trechos memoráveis, apenas *jingles*, escritos segundo fórmulas. E as cartas de Ausônio, igualmente intermináveis, não são melhores. Há poucas informações a serem comunicadas, uma raridade de *insights*, e total ausência de emoção. Embora seus companheiros em decadência tenham-no comparado a Virgílio e Cícero, o consenso segue a contundente opinião de Gibbon: “A fama poética de Ausônio compromete o gosto de sua época.”

Como pôde um homem maduro viver tanto tempo de maneira tão tola? Há que se admitir que ele seguia as normas de comportamento geral. Tratava-se de um mundo estático. Viver civilizadamente, como, por exemplo, cultivar os magníficos vinhedos de Ausônio, em Bordeaux, significava fazer, de uma maneira satisfatória, algo que havia sido feito antes. Fazer o que se esperava encerrava o valor maior, e o segundo valor decorria do primeiro: merecer a admiração dos companheiros por ter correspondido às expectativas.

Embora Ausônio fosse cristão convertido, conforme demonstra sua "Oratio"; seu cristianismo era uma capa, a ser vestida ou despida, conforme a situação. Sem dúvida, ele adotava o comportamento geral. Sua verdadeira visão de mundo reluz, debilmente, na obra: uma espécie de paganismo agnóstico que lhe permite invocar as trevas silenciosas do submundo pagão sem, no entanto, levar o leitor à impressão de que o autor acredita em qualquer outro mundo que não seja este em que vivemos. Na obra de Ausônio — e de outros 'luminares' da época, tão parecidos uns com os outros que fica difícil distingui-los entre si — detectamos a falha na análise de Gibbon quanto aos motivos da queda de Roma. Os poderosos deuses romanos não foram eclipsados por uma religião fraca, cheia de fantasias orientais. A fértil Vênus e o Marte sanguinário não cederam espaço a um Cristo patético e pacifista. Antes, a vida da antiga religião já se esvaíra; e quando o cristianismo chega a atrair a atenção da nobreza romana, os deuses já não passavam de sombras do que haviam sido — estavam à margem, *quieti manes*, perambulando em meio a uma eternidade obscurecida. Não é à toa que, hoje em dia, ao pensarmos no Danúbio e no Reno, os dois rios que separavam o mundo civilizado do mundo dos bárbaros do

norte, o que nos vem à mente não são os diáfanos deuses de Roma, mas os poderosos deuses das tribos germânicas.

Ausônio fez carreira como *grammaticus*, professor de latim, em Bordeaux, cidade que, à época, possuía uma das melhores universidades do império. A fama de bom professor chegou à corte imperial, e, após 30 anos de vida acadêmica, Ausônio foi convocado ao Palácio Dourado, em Milão (a família imperial já não vivia em Roma), para ser tutor de Graciano, filho de Valentiniano, imperador do Ocidente. Quando, no ano 368, Graciano recebeu ordens para acompanhar o pai em uma campanha antigermânica, Ausônio integrou a comitiva, como uma espécie de poeta laureado, desempenhando condignamente seu papel, compondo versos com a falta de originalidade de sempre — embora esse tenha sido o período do humor de caserna que encontramos em “Cento Nuptualis”, escrito, segundo informação de Ausônio, por sugestão do próprio imperador. Como espólio de guerra, Ausônio foi agraciado com os serviços de uma escrava germânica, cuja graça ele decanta na seqüência “Bissula”:

*Delicium, blanditiae, ludus, amor, voluptas,
barbara, sed quae Latias vincis alumna pupas.*

[Petisco, carinho, jogo, desejo, clímax,
Bárbara! tu, menina, estás à frente de todas as latinas.]

Aqui começamos a ter poesia de verdade, os substantivos sugerindo a excitação crescente do poeta, até que, no momento do ‘clímax’, a palavra ‘bárbara’ surge em um gemido. Então... percebemos que ele está apenas imitando Catulo.

No ano 375, após a morte do pai, o jovem Graciano sobe ao trono, dividindo-o com o irmão Valentiniano II. Nesse ponto, a estrela de Ausônio atinge o apogeu: ele se torna

quaestor sacri palatii, uma espécie de chefe de gabinete dos imperadores. No mesmo ano, seu velho pai, octogenário, é nomeado governador honorário de Illyricum; no ano seguinte, seu filho é feito pró-cônsul da África. Mais honrarias virão, para o pai, para o filho, para o genro, e, em 379, Ausônio é nomeado cônsul, o posto mais elevado a que um romano (não pertencente à família imperial) pode chegar.

Nos idos da Roma republicana, os cônsules — sempre dois, para que um pudesse resguardar a honestidade do outro, eleitos para mandato de um ano, de maneira a evitar a ditadura — eram os pináculos executivos do governo. Mas na decisiva Batalha do Ácio, em 31 a.C., Otaviano derrotara seu companheiro-cônsul, Marco Antônio, que maculara a virtude romana ao refestelar-se com Cleópatra, no Egito. Apoderando-se, nobremente, do império, Otaviano tornou-se Augusto César, o primeiro imperador, e o posto de cônsul seria, a partir de então, transformado em cargos honorários, meros vestígios da virtude republicana, puramente decorativos.

Mas o consulado não era o único cargo decorativo na sociedade romana. A Cidade Eterna fervilhava com as idas e vindas de homens abatidos: senadores, magistrados, toda sorte de administradores esbaforidos, desempenhando tarefas inexpressivas. Augusto, sabiamente, mesmo detendo todo o poder, deixara intactos todos os adornos da república. O espetáculo vazio que disso resultou apenas frisava a importância atribuída a *como* eram feitas as coisas, visto que ninguém tinha interesse em atentar ao *que* estava sendo feito. Ao longo dos quatro séculos que transcorreram, do tempo de Augusto ao de Ausônio, a vida na capital tornou-se, cada vez mais, insubstancial e frágil, de maneira que qualquer cerimônia, desde que meticulosamente realizada, poderia representar o ponto alto da

vida de um homem. No caso de Ausônio, a cerimônia assumiu a forma de uma rebuscada peça de oratória, o *Gratiarum Actio*, ou Ato de Agradecimento, proferida ao final de seu ano consular, na qual se derrama em agradecimentos, extremamente elaborados e prolixos, na presença divina e augusta do imperador.

O poder divino do impe ador baseava-se, acima de tudo, em sua posição de *imperator*, comandante supremo, posição cuja importância tanto crescera durante as rebeliões políticas na época do próprio Augusto. Porém, quase tão importante quanto seu poderio militar era a capacidade de instituir impostos. “E naqueles dias”, escreveu Lucas, no trecho mais célebre sobre tributação romana em toda a literatura, “César Augusto publicou um decreto, ordenando a tributação em todo o império.” O nascimento de Jesus se dá durante a gestão do primeiro imperador — *toto orbe in pace composito* (o mundo inteiro em paz), como descreveria, mais tarde, um historiador do século V. Mas a paz do mundo inteiro, isto é, do mundo que, à época, merecia alguma atenção, foi conseguida a um preço elevado: a constante, e cada vez mais desigual, cobrança realizada pelos que arrecadavam impostos em nome do imperador.

Bem sabemos, novamente segundo os Evangelhos, do ódio que os judeus do século I nutriam pelos romanos cobradores de impostos. Na época de Ausônio, tal ódio já se tornara universal. No entanto, peço aos meus leitores uma grande concessão: tenham pena dos cobradores de impostos, cuja vida era bem mais miserável do que a dos que sofriam com a cobrança. O cobrador de impostos, ou *curialis*, já nascia nessa condição. Será que podemos imaginar o pavor de se perceber nascido em uma classe de vermes cuja função seria passar toda a vida adulta cobrando impostos de seus vizinhos, sem qualquer expectativa de sair de tal situação?

Mas isso era apenas o início do pesadelo. Os valores que os *curiales* deixavam de arrecadar tinham de ser supridos a partir de seus próprios recursos! Quem eram esses infelizes, e por que haveriam de merecer tal infortúnio? Na medida em que a cobrança de impostos era função considerada abaixo da dignidade da classe dos grandes senhores (como, por exemplo, Ausônio), a tarefa recaía sobre a classe imediatamente inferior, a dos pequenos proprietários, homens que haviam adquirido um pedaço de terra cujo tamanho lhes permitisse andar de cabeça erguida em sociedade. Anteriormente visto como o primeiro degrau na escada da ascensão social, o posto de *curialis* tornara-se, à época de Augusto, armadilha cruel, da qual era difícil escapar.

E, decerto, tentava-se escapar, principalmente no período em questão, em que o número efetivo de contribuintes decresceu e o ouro — meio de pagamento de muitos impostos — registrou uma alta de um por cento ao ano, com relação à prata. Durante algum tempo, os *curiales* mais abastados conseguiram por meio de suborno ascender ao Senado, na sociedade romana, antigo — embora ineficaz — símbolo da glória republicana; o posto era desejado, também, porque senadores não pagavam impostos. Alguns, sempre através de suborno, deixavam as fileiras de cobradores de impostos e ingressavam em outras áreas da estrutura burocrática, como, por exemplo, o vasto serviço público palaciano. Outros obtinham nomeação no exército; outros tantos buscavam o refúgio da consagração sacerdotal. Em última análise, *curiales* trocavam o direito de nascença com membros da classe trabalhadora, como faziam os importadores de grãos e os navegadores fluviais. Os mais desesperados — em número cada vez maior, à medida que se aproximava o fim do século

— serviam-se de empréstimos tomados junto à única fonte disponível, o senhor da grande propriedade local, cuja classe, como podemos inferir a partir do caso de Ausônio, era isenta de impostos. O senhor da terra atendia com prazer às solicitações: de um lado, conseguia eliminar qualquer possibilidade de uma eventual cobrança de impostos (visto que tinha como devedor a pessoa do próprio assessor e cobrador de impostos); de outro, após a inevitável inadimplência do *curialis*, a bela fazendola seria anexada ao seu crescente conjunto de propriedades. Assim sendo, o cobrador de impostos encontrava-se, freqüentemente, na posição de trabalhador especializado, embora sem terra, a serviço do senhor local. Às vezes, o pobre homem e sua família chegavam ao ponto de trabalhar como servos na terra que um dia lhes pertencera.

Mas o imperador assistiria, placidamente, ao desaparecimento de seus cobradores de impostos. Em pouco tempo, haveria de impedir o livre trânsito, determinando que *curiales* não poderiam viajar, nem vender suas propriedades, sem a devida autorização. Aqueles que já se encontrassem no serviço palaciano e no exército receberiam ordens para retornar à condição de origem. Ainda poderiam chegar ao Senado, desde que galgassem todos os níveis de *curialis* e, alcançando o mais elevado, *principalis*, nele permanecessem durante 15 anos. Se alguém saltasse um nível, como em um jogo de tabuleiro, era obrigado a voltar ao ponto de partida.

Quando chega o século V, no decorrer dos anos que antecederam o colapso final do governo romano, a política imperial de tributação havia criado uma das castas mais desesperadas da História. A cobrança voraz, implementada pelos membros dessa casta, onde e sempre que possível, resultava do desespero diante da incapacidade de saldarem

suas próprias dívidas tributárias. Enquanto esses marginalizados, exauridos, cercavam os mais fracos, os ricos ficavam cada vez mais ricos. Os grandes senhores de terra devoravam os pequenos, o universo de contribuintes continuava a decrescer e a classe média, que jamais tivera o apoio do estado romano, começa a desaparecer da face da Terra. E só retornaria com o advento das famílias mercantes italianas, na alta Idade Média.

Com efeito, no êxodo dos *curiales*, ouvimos as primeiras notas abafadas do desenvolvimento da sociedade medieval. Ao engrossarem os contingentes de empregados do grande senhor, os *curiales* criavam os feudos da Europa medieval, incluindo a família titulada, artesãos especializados e servos presos à terra. À medida que se espalhavam pela Gália e pela Espanha e, em breve, pela península italiana, as tribos germânicas se fixavam e abraçavam a agricultura, conforme seus vizinhos romanizados. Seus líderes tornavam-se, por sua vez, grandes senhores, oferecendo proteção em troca de trabalho e produção agrícola. Para um cobrador de impostos que estava em fuga, assim como para muitos romanos sem paradeiro, a propriedade de um chefe germânico poderia ser local bem mais atraente do que a de um chefe romano. O germânico valorizaria a competência lingüística do fugitivo, seus contatos, seus hábitos civilizados — e o que era melhor, o germânico jamais teria ouvido falar em *curialis*. E assim as grandes propriedades, gradualmente, criando a sua própria lei em uma época de caos generalizado, vão se desenvolver nos pequenos reinos da época de Carlos Magno.

Não devemos imaginar os imperadores como agentes ativos na perseguição dos pobres *curiales*. (Na verdade, acreditavam protegê-los, bem como a todos os cidadãos romanos, contra o barbarismo cruel que rondava a *orbis romana*. Afinal,

haveria bênção maior do que a honra da cidadania romana? Um edito imperial desse período tenta constranger os *curiales*, trazendo-lhes à lembrança sua nobre condição, “o esplendor de sua nacionalidade”.) No entanto, o *establishment* burocrático e social romano tornara-se de tal modo pesado e enrijecido, que reformas efetivas já não eram possíveis. As classes sociais eram absolutamente distintas. Não podemos imaginar Ausônio, por exemplo, preocupado com o sofrimento de qualquer classe além da sua. Caso a *passio curialis* lhe passasse pela cabeça, teria tão-somente inspirado outro cínico poeminha para o riso dos amigos. Em Ausônio temos a completa extinção da *Res Publica* (a Coisa Pública), da preocupação social. Em toda sua obra que sobreviveu ao tempo encontramos uma única pessoa que não fosse de sua classe: Bissula, a jovem escrava germânica de nome curioso, cuja função será apenas a de corroborar a masculinidade de Ausônio.

A grande dor de cabeça do imperador era o exército. Com a arrecadação tributária mais que insuficiente, era impossível manter tropas que pudessem deter os ataques bárbaros, cada vez mais violentos. Além disso, desde a época de Constantino, os novos imperadores costumavam surgir das fileiras do exército, ou, pelo menos, contavam com sua aprovação, de maneira que a existência de contingente militar representava uma ameaça tácita a qualquer imperador governante. O exército fizera imperadores e os derrubara do trono, e seria difícil lembrar o nome de um imperador cuja gestão tivesse durado mais do que apenas alguns anos, ou que tivesse falecido por doença ou velhice. No ano 383 o exército romano destacado na Britânia rebelou-se, sob a liderança de Maximus, regressou ao continente europeu e iniciou a ocupação de cidades gaulesas. O jovem Graciano foi assassinado em Lyon e seu irmão foi expulso da

Itália. A carreira de Ausônio chegara ao fim. Quando a ordem foi, finalmente, restaurada pelo novo imperador, Theodosius, em 388, Ausônio estava velho demais para a vida pública.

Embora seja difícil imaginar que a *Pax Romana* perdurasse sem a crescente militarização do *Imperium Romanum*, os próprios romanos jamais estiveram satisfeitos com o exército, que lhes remetia à ditadura, e não aos nobres valores republicanos, e preferiam ignorar a contribuição crucial do exército para seu bem-estar. Com a decadência moral do espírito republicano, o exército tornou-se, cada vez mais, um agrupamento de não-romanos, bárbaros mercenários semi-romanizados, e de servos alistados no lugar de patrões que não queriam arriscar a própria vida. Nos últimos dias do império, homens chegavam a praticar automutilação, para evitar o serviço militar, embora tal crime fosse, teoricamente, punido com tortura e morte. O alistamento militar realizado em grandes propriedades esbarrava em tamanha resistência que os senhores de terra mais influentes tinham permissão para enviar ao exército recursos financeiros, em vez de homens. No ano 409, vendo-se diante de fronteiras cada vez menos defensáveis, o imperador anunciou o impossível: a partir daquele momento, seria permitido, até mesmo incentivado, o alistamento militar dos escravos, que, pelos serviços, receberiam sustento e liberdade. A essa altura, já era, muitas vezes, difícil distinguir-se romano de bárbaro, pelo menos ao longo da fronteira.

Sem dúvida, encerram-se aqui lições para o leitor de hoje: a mutação da população nativa, causada por pressões que costumam passar despercebidas ao longo de fronteiras vulneráveis; a criação de uma burocracia cada vez mais pesada e rígida, cuja auto-sobrevivência se torna o objetivo maior; o descaso pelo militarismo e a resistência de famílias tradicio-

nais à prestação do serviço militar, ao mesmo tempo em que as fileiras passam a criar oportunidades para homens desqualificados que antes jamais a elas teriam acesso; a retórica barata, que decanta valores há muito perecidos; a pretensão de que ainda somos o que outrora fomos; a crescente divisão da população entre ricos e pobres, em decorrência de um sistema tributário corrupto e do desespero que o mesmo, inevitavelmente, causa; o superdimensionamento do poder executivo, em detrimento do legislativo; a legislação ineficaz promulgada com grande estardalhaço; a vocação moral do homem em posição de comando, no sentido de preservar a ordem a qualquer custo, ao mesmo tempo em que se desinteressa pelos dilemas cruéis da vida cotidiana — são questões corriqueiras no mundo em que vivemos, e não ‘privilégios’ concedidos por Deus a determinado partido ou ponto de vista político, embora, freqüentemente, nos comportemos como se o fossem. Pelo menos, o imperador não tinha meios para legar à posteridade o déficit público gerado por financiamentos de longo prazo, pois a idéia de dívida flutuante ainda não havia sido concebida. O único tipo de riqueza que merecia atenção eram os frutos da terra.

Ainda que, para nós, seja fácil perceber a grande instabilidade do império em seus dias finais, para os romanos não era tão simples assim. Roma, a Cidade Eterna, tornara-se inexpugnável desde que os celtas da Gália saquearam-na, de surpresa, em 390 a.C. Nos oito séculos seguintes, Roma tornar-se-ia a maior potência mundial, inatacável, a não ser por eventuais rebeliões isoladas ao longo de suas fronteiras. Os gauleses, há muito, haviam se tornado romanos civilizados, e Roma oferecia idêntico processo de ‘rom nização’ a quem assim desejasse, em certos casos, conforme ocorreu com

os judeus, a despeito de sua própria vontade. No entanto, de modo geral, todos desejavam ser romanos. Como Teodorico, grosseiro rei dos ostrogodos, costumava dizer: “Qualquer godo capaz deseja ser como um romano; só um romano infeliz quer ser como um godo.”

Os cidadãos de Roma, por conseguinte, mal puderam crer quando, próximo ao final da primeira década do século V, acordaram com os exércitos de Alarico, rei dos visigodos, acampados diante dos portões da cidade. Era como se Alarico fosse o rei dos mamelucos, ou qualquer outro estrangeiro que, através da História, tenha servido de objeto de escárnio a povos civilizados. Que absurdo! Foram designados dois emissários para desempenhar o papel entediante de negociadores e mandá-lo embora. De início, os emissários fizeram ameaças sem fundamento: qualquer ataque a Roma estava fadado ao fracasso, pois seria repellido por força invencível e por um inumerável contingente de guerreiros. Alarico era homem inteligente e, à sua maneira, brusco e justo. Ademais, tinha senso de humor: “Quanto mais alta a relva, mais fácil ceifá-la” respondeu, com toda tranqüilidade.

Os emissários, prontamente, perceberam que não estavam diante de um tolo. Muito bem, quanto ele queria para ir embora? Alarico disse que seus homens varreriam a cidade, levando todo o ouro, a prata e qualquer outro objeto de valor que pudesse ser carregado. E mais, libertariam, e com eles levariam, todos os escravos bárbaros.

Mas, protestaram os emissários, desesperados: o que nos restará?

Alarico fez um pausa e disse: “Vossas vidas.”

Naquela pausa, a segurança de Roma chegou ao fim e um novo mundo foi concebido.

O QUE FOI PERDIDO



A COMPLEXIDADE DA TRADIÇÃO CLÁSSICA

Assim, restaram-lhes as vidas, isto é, para a maioria deles. Mas, cedo ou tarde, os sobreviventes ou seus descendentes, perderiam quase tudo mais: títulos, propriedades, estilo de vida, conhecimento — especialmente conhecimento. Um mundo em caos não é local onde livros são copiados e bibliotecas preservadas. Não é local onde estudiosos podem se dedicar à expansão de seu Saber. Não é local onde o *grammaticus* pode programar aulas regulares a seus jovens discípulos e onde o conhecimento é transmitido, paulatinamente, ano após ano.

Entre o saque de Roma, realizado por Alarico em 410, e a morte do último imperador do Ocidente, em 476, o *Imperium* tornou-se cada vez mais instável. Os grandes senhores de terras, criando as próprias leis, ignoravam os decretos do imperador, chegando ao ponto de transformar grandes edifícios públicos em 'pedreiras' de onde retiravam material para seus palácios particulares. A própria Roma, abandonada

pelos imperadores em favor da região pantanosa de Ravena, mais fácil de ser defendida, assistiu à derrubada de seus esplendorosos edifícios públicos, em consequência da ganância pessoal. Embora o imperador anunciasse severas penas a qualquer cidadão que participasse da destruição — multa de 50 libras em ouro, no caso de um magistrado, açoite e perda das duas mãos, no caso de um simples funcionário —, prosseguia o saque desenfreado. Os vândalos não foram os únicos 'vândalos'.

As bem-traçadas vias romanas, solidamente pavimentadas, resistentes aos caprichos da paisagem e, durante séculos, símbolo de trânsito livre e seguro, agora podiam ser palco de aventuras indesejadas. Além de bandos de ladrões, cada vez mais compostos de indivíduos arruinados, os *curiosi* do próprio imperador (uma espécie de combinação entre polícia rodoviária e alfandegária) começavam a extorquir propinas de viajantes desesperados por alcançarem locais mais seguros, não raro, impedindo-os de prosseguir, caso não pudessem pagar a quantia exigida como suborno. Por toda a região rural, outrora a imagem clássica da paz romana, eram formadas sociedades ilegais de extorcionários — os protomafiosos. *Curiales* e outros membros da sofrida classe média residentes na região urbana, habituados a deixar os filhos aos cuidados de pastores, desfrutando do ar puro da montanha, viram-se impossibilitados de resgatar as crianças. Transferidas para inacessíveis redutos montanheses, as mesmas levavam uma vida brutal, crescendo como escravas de pastores. O pavor desses raptos encontrará eco no drama das crianças perdidas, à mercê de adultos odientos que assombram as florestas dos contos de fadas europeus.

Enquanto os ataques bárbaros deixavam de ser uma possibilidade remota para se tornar ordem do dia, registros de

compra e propriedade eram perdidos em meio aos assaltos, ensejando excelentes oportunidades de ganhos aos *discussores* (os *supra-curiales*) do imperador. Esses truculentos predadores, acompanhados de tropas, reportavam-se a uma propriedade rural que acabara de ser saqueada e exigiam, do desorientado senhor, que saldasse todas as dívidas pendentes. O que ocorria, então, segundo o edito reformista e ineficaz do próprio imperador, é de arrepiar os cabelos: "*innumerae deinde caedes, saeva custodia, suspendiorum crudelitas, et universa tormenta*" (das inúmeras mortes, aprisionamento brutal, crueldade de enforcamentos, e todo tipo de tortura).

As fronteiras do império se retraíam. No final da terceira década do século V, a planície coberta de grãos no norte da África — celeiro de Roma — fora perdida para os vândalos, que já haviam tomado e destruído grandes áreas da Espanha e da Gália. Ao longo do século, vários exércitos de godos e hunos, cruzando o Danúbio rumo ao Oeste e dizimando as províncias orientais, marchavam de Norte a Sul pela península italiana, causando pânico e devastação. No limiar do século V, o destacamento romano na Britânia já se encontrava bastante reduzido, devido à desesperada necessidade de soldados em outras regiões. Em 410, ano do saque de Alarico, o destacamento havia sido inteiramente retirado, deixando a Britânia, mais do que nunca, exposta à depredação dos germânicos anglo-saxônios, na costa leste, e aos ataques, ainda mais aterrorizantes, dos celtas irlandeses, em busca de escravos, às recortadas baías do litoral oeste.

Um dos aspectos mais terríveis desse período foi a escravização em massa. Agentes a serviço dos proprietários de terras costumavam agir como *redemptores*, resgatando cidadãos romanos capturados durante os ataques bárbaros. O objetivo,

na maioria dos casos, não era tanto a libertação do prisioneiro romano, mas sua escravização, como servo, na propriedade do novo senhor: O valor do resgate pago era baixo, por uma vida inteira de serviços a serem prestados pelo prisioneiro libertado. Às vezes, o estratagema era mais simples: por ocasião de um ataque, um agricultor que trabalhava em uma grande propriedade recebia proteção para si e para a família; quando a horda bárbara se retirava, nem ele nem os seus recebiam autorização para partir.

Os bárbaros, igualmente, escravizavam todos os que lhes caíam nas mãos. Mas, no tráfico de escravos, nenhuma tribo foi mais feroz e temida do que a dos irlandeses. Eram excelentes navegadores — em embarcações revestidas de couro, as quais manobravam com grande destreza. Pouco antes do alvorecer, um pequeno grupo de guerreiros conduzia seus barcos ovalados até uma enseada, aproximavam-se, com passadas inaudíveis, de algum retirado casebre, agarravam as crianças adormecidas e, antes que alguém percebesse o que acontecera, já estavam a meio caminho da Irlanda.

Agiam, também, em grandes contingentes de guerreiros. Certa vez, por volta do ano 401, uma grande frota irlandesa deslocou-se ao longo da costa oeste da Britânia, provavelmente, adentrando o estuário do rio Severn, e, após capturar (segundo uma testemunha) 'milhares' de jovens, transportaram-nos a um mercado de escravos na Irlanda. O testemunho de um dos cativos, um rapaz de 16 anos chamado Patricius, sobreviveu ao tempo. Ele conta que o pai, Calpurnius, era (que Deus tenha piedade) um *curialis* e que o avô, Potitus, fora padre católico; portanto, tratava-se de um jovem de classe média, um britano romanizado que aspirava a uma formação clássica e a uma carreira. Não será surpresa o fato

de não desejar seguir os passos do pai: “Vendi minha condição de nobreza; não me envergonho nem lamento tê-lo feito.” Mas os planos desse intrépido jovem foram interrompidos por um ataque irlandês. Ele se declara vítima de “inúmeras punições e humilhações, tais como passar fome e andar nu”, na qualidade de escravo-pastor, pertencente a um certo rei chamado Miliucc, no distrito irlandês de Antrim. O que foi feito de Patricius será assunto de outro capítulo, após termos deixado, para sempre, o mundo civilizado, e viajado às terras pagãs da Irlanda.

Mas antes de desejarmos boa-noite ao mundo clássico, e de nos deslocarmos até a região dos mais ferozes entre os ferozes bárbaros, será preciso considerar uma última questão: o que foi perdido com a queda do Império Romano? A vida de Ausônio mostra-nos o caminho da queda, mas não nos mostra pelo que choraremos. A civilização clássica — o mundo que surgiu na Atenas de Péricles, cinco séculos antes de Cristo, e que agora morre, 500 anos depois de Cristo, no século em que ocorrem as invasões bárbaras — merece elegia superior àquela oferecida por Ausônio. O que sucumbiu, quando ninguém mais podia dispor de horas de lazer, para ensinar a essência da tradição clássica, quando bárbaros incendiaram bibliotecas e livros viraram pó, quando as pedras que sobraram serviram para a construção de banheiros externos em zonas rurais?

Encontramos a resposta na vida de Agostinho, Bispo de Hipona, praticamente, o último homem clássico — e quase o primeiro homem medieval.

Não mais que 30 anos antes de Patricius ser levado preso, em correntes, à Irlanda, outro adolescente, de classe social

semelhante — um africano romanizado cujo pai fora funcionário pouco importante —, dirigiu-se, de livre e espontânea vontade, não a uma região inóspita e distante, mas à fervilhante capital da África romana. “À Cartago eu vim”, lembra Agostinho mais tarde, “onde soava ao meu redor um turbilhão de amores pagãos. Até então, não amara ninguém; contudo, amava o amor, e, a partir de um profundo sentimento de necessidade, odiava-me por não ser um necessitado. Apaixonado pelo amor, buscava qualquer pessoa, qualquer coisa, que pudesse ser amada. Odiava a segurança, e qualquer caminho sem risco; sentia uma fome interior.”

Trata-se de uma prosa pungente, implacável. Porém, por mais bem escritas que sejam, hoje, as palavras de *As Confissões* não saltam aos olhos, causando o mesmo impacto que provocaram quando da publicação de suas memórias, em 401 — provavelmente, o mesmo ano em que Patricius foi raptado. Isso se dá porque, desde então, a sensibilidade típica de Agostinho tornou-se de tal maneira comum que já não recebemos *As Confissões* como o terremoto que foi para leitores da Antiguidade. Agostinho é o primeiro ser humano a dizer ‘eu’ — no sentido em que hoje empregamos a palavra. Suas *Confissões* representam a primeira autobiografia autêntica da História. As implicações desse fato são tremendas e, ainda hoje, difíceis de entender. Um bom começo, é claro, será ler *As Confissões* e se deixar encantar. Mas para compreender a grandeza da realização de Agostinho, é preciso ler as ‘autobiografias’ que antecederam a sua.

Basta abrir qualquer coletânea de ‘Grandes Pensamentos’ ou ‘Grandes Provérbios’ — especialmente alguma como a *Bardett*, organizada em ordem cronológica — e procurar a palavra ‘eu’. Na literatura mais antiga, a escassez da palavra

bem como a falta de força que a cerca serão impressionantes. Sem dúvida, personagens em Homero referem-se a si mesmos como 'eu'. Sócrates chega a falar em seu *daimon*, seu espírito interior. Mas auto-revelação, do tipo da que hoje estamos tão habituados, inexistente. Até poemas líricos, para nossos padrões atuais, parecem objetivos, e as exceções destacam-se: um fragmento ("A lua se pôs..."),* atribuído a Safo, e os Salmos, atribuídos ao Rei Davi.

Quando, no período clássico, encontramos as primeiras obras classificadas como biografias, surpreende-nos o tom impessoal. Marco Aurélio, segundo Gibbon, o mais erudito dos imperadores e grande filósofo da Antiguidade romana, fala-nos através de epigramas, como antes o fizeram Confúcio e o autor do Eclesiastes: "Este meu ser, seja o que for, consiste em um pouco de carne, um pouco de ar, e na parte que o governa" — referindo-se à mente. Esse é o máximo da confienciabilidade a que Marco se permite. E que tal o seguinte, como exemplo de revelação pessoal? "Tudo o que estiver em harmonia com você, meu Universo, estará em harmonia comigo. Nada que chegue, para você, na hora certa chegará, para mim, cedo ou tarde demais." Em seu pedantismo, os pensamentos do grande imperador são menos pessoais do que qualquer mensagem escondida dentro de um biscoito chinês da sorte.

Chegamos, então, a Agostinho, que nos revela tudo — os ciúmes e os furtos durante a infância, os furtos de menino, o relacionamento tempestuoso com a mãe prepotente (Mônica, a sempre-certa), os anos de namoro, os colapsos nervosos, o amor desregrado por uma camponesa não identificada,

* "A lua se pôs, e as plêiades. É noite alta e o tempo passa, sim passa — e deito-me só."

e a quem, finalmente, abandona. A autodepreciação é tão moderna quanto a de um personagem de Camus ou Beckett — e não menos concreta: “Trazia dentro de mim uma alma retalhada e sangrenta, e não sabia como dela me livrar. Busquei todo tipo de prazer — o campo, os esportes, a vagabundagem, a paz do jardim, amigos e boa companhia, o sexo, a leitura. Minha alma tateava no vazio — e voltava para mim. Aonde poderia ir meu coração para fugir do meu coração? Aonde poderia ir para escapar de mim?”

Jamais alguém falara assim. Se folhearmos, rapidamente, a literatura universal, dos primórdios até o advento de Agostinho, constataremos que, com Agostinho, a consciência humana dá um salto quântico — e se torna autoconsciente. Pela primeira vez, um indivíduo observa-se a si mesmo, de maneira consciente, não como homem, mas como um homem singular — Agostinho. A partir daquele momento, ficam viabilizadas a autobiografia, bem como a prima mais próxima, a ficção autobiográfica. A ficção sempre estivera presente nos relatos e nas histórias. Agora, pela primeira vez, reluz a possibilidade da ficção de cunho psicológico: a história subjetiva, a história da alma. Embora o grito de Agostinho — o Homem que Gritou ‘Eu’ — não volte a ser ouvido até o início da modernidade, ele é o pai não apenas da autobiografia mas, também, do romance moderno. É, ainda, um dos grandes precursores da psicologia moderna.

O que preparou Agostinho para ser Agostinho? Quais teriam sido o solo e a semente?

Agostinho foi um dos últimos homens a receber uma educação clássica. Nascido em 354, em um mundo que todos

acreditavam estável, vivenciaria, na velhice — nos anos 420 —, os últimos dias do *grammaticus*. Seu latim tinha um refinamento e um sabor que poucos podiam igualar, em qualquer período da Antiguidade. A delicadeza de nuances do trio de palavras — amor, necessidade, ódio —, no célebre trecho de *As Confissões*, citado acima, colocam-no dentro dos mais elevados padrões da retórica clássica. Aquilo que Ausônio usava como medalha, Agostinho traz impresso no coração; as realizações exibicionistas de Ausônio são, para Agostinho, honrosas disciplinas do espírito.

Agostinho apresenta-nos a primeira descrição de como uma criança pode apaixonar-se, perdidamente, pela literatura — uma paixão tão palpável que é quase carnal. Como crianças criativas de todas as épocas, desprezou as primeiras tarefas escolares, abrangendo assuntos como “leitura, escrita e aritmética”, por não passarem de memorização: “Um mais um, dois; dois mais dois, quatro’ — que cantilena detestável!” Tampouco interessou-se pelas primeiras lições de grego, acompanhadas de “castigos e ameaças cruéis” do mestre, afirmando, sucintamente, a queixa de inúmeras gerações de alunos, antes e depois dele: “Dominar um idioma estrangeiro era amargo como fel, pois eu não entendia uma palavra sequer.” Finalmente, depois de aulas cansativas e penosa recitação, é exposto à verdadeira literatura, em seu próprio idioma: “Eu amava o latim (...) e chorei com a morte de Dido, ela, que ‘buscou na espada o golpe e o ferimento fatais’.”

Desesperada, Dido, rainha de Cartago, suicida-se, enquanto Enéas, amante magnífico, recolhe a âncora e zarpa para sempre: eis uma das imagens mais perturbadoras e indeléveis do mundo clássico. O que abriu o coração de Agostinho para a literatura latina foi a *Eneida*, de Virgílio,

obra-prima literária do mundo romano, a Bíblia e Shakespeare reunidos. A *Eneida* é, conscientemente, um épico literário, não um épico popular como a grega *Ilíada*. Retomando a história do ponto em que Homero a deixara — a queda de Tróia diante do exército grego, que penetra o reduto cercado de muralhas inexpugnáveis por meio de um ‘presente’, um imenso cavalo entulhado de homens armados —, Virgílio relata as aventuras do herói, Enéas, filho de Vênus e de pai troiano. “*Arma virumque cano*” (Canto armas e o homem), inicia Virgílio em meio a ruidoso toque de clarins. Conforme os leitores de Virgílio seriam capazes de prever com deleite e emoção, Enéas escapará, milagrosamente, de Tróia em chamas, carregando o velho pai às costas e trazendo o filho pela mão. Errante, será calorosamente recebido pela rainha de Cartago, fascinada pela história do herói. O destino de Dido e Enéas será apaixonarem-se, perdidamente, um pelo outro, mas Enéas sempre soube — assim como o leitor — que, embora partindo o coração de Dido e levando-a à morte, seria necessário seguir, bravamente, seu próprio destino, a fundação de Roma.

Virgílio escreveu na época de César Augusto, o primeiro imperador, e concebeu a *Eneida* como um épico nacional (o único inteiramente bem-sucedido na literatura universal), artisticamente orquestrado para invocar no leitor um sentimento de patriotismo pela instauração do grande império. Como aquela civilização, mais jovem e menos experiente, localizada no oeste latino, absorvera a estrutura política e cultural da grande civilização do leste grego, tornara-se necessário estabelecer a sua própria legitimidade para governar e conquistar. Para os gregos, os romanos eram orgulhosos e incultos. Para os romanos, os gregos eram pretensiosos e

inspídeos. (Ao observar a refinada Helena desdenhar-lhe a superioridade, o romano comum, sem rodeios, expressaria a suspeita de perversão que trazia em mente: “Por Júpiter! Esses gregos fazem vista grossa àqueles tutores afeminados que lhes molestam os próprios filhos!”) A relação cultural entre romano e grego era, em muitos aspectos, semelhante à relação cultural de um inglês e um francês, e de um norte-americano e um inglês: nas três relações, de um lado, a simplicidade é virtude e complexidade é defeito; do outro lado, a sutileza é valorizada e a objetividade (que é considerada grosseira) pode ofender.

De acordo com o novo mito de Virgílio, uma Roma direta é moralmente superior a uma Grécia furtiva e (surpresa!), na verdade, a mais antiga das duas civilizações, visto que teria raízes na fabulosa Ilium — a Tróia antiga. Virgílio torna seu novo mito inesquecível ao envolvê-lo em nova linguagem, rival de qualquer produção grega: um latim, igualmente, heróico e flexível e capaz de ressoar através do tempo. Ao recontar a história do cavalo de madeira, que os gregos utilizaram para vencer pela trapaça, já que não conseguiam vencer condignamente, no campo de batalha, Enéas previne não apenas Dido, mas toda a humanidade futura: “*Timeo Da aios et dona ferentis*” (Desconfio de gregos, mesmo quando trazem presentes).

Em Dido, temos, nitidamente, a figura da rainha africana de pele morena — de uma Cleópatra cuja sensualidade ‘oriental’ seduziu Marco Antônio. Mas nosso herói, Enéas, possui suficiente virtude para, no final, rejeitar uma situação que atentava contra seu destino, e contra o destino de todos os romanos. Não resta dúvida, ele é feito de carne e osso, e nada tem de moralista; além do mais, o amor do casal é objeto de alguns dos trechos mais excitantes da poesia virgiliana. E

o suicídio de Dido, autêntica tragédia, é necessário. Este é — para gregos e romanos — o antigo sentido da tragédia: a inevitável catástrofe.

Aplica-se a Dido, especialmente, o melhor entre os melhores versos de Virgílio:

Sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt.

[Estas são as lágrimas das coisas,
e nossa mortalidade corta-nos o coração.]

Para Agostinho, romano da província e filho da África, Dido era menos exótica do que para um italiano; ela era, de certa maneira, a encarnação da África, e sua catástrofe era a catástrofe da África, da África sensual, cuja grande cidade de Cartago fora a cidade de Dido... e era agora a de Agostinho, no ardor de seus 17 anos — a cidade que fervilhava por fora, enquanto Agostinho fervia por dentro.

A célebre frase “A Cartago eu vim (...)” encerra uma rima deliberada, uma das primeiras da literatura latina.* O nome da cidade, Cartago, rima com ‘sartago’, caldeirão. As palavras são um encantamento, com o propósito de dirigir nossa atenção para o burburinho da cidade e para o burburinho íntimo do jovem, macrocosmo e microcosmo. Recurso retórico forte e sutil, a imagem, no entanto, teria sido considerada *indecens* — grosseira, inconveniente — e evitada por todo e qualquer escritor de gerações anteriores. Ao contrário do desarraigado Ausônio, contudo, Agostinho, promissor lati-

* Creio tratar-se da segunda. Conforme pude constatar, a primeira estaria na tradução latina que Jerônimo faz da carta de Paulo a Tito: “*Bonum certamen certavi, cursum consumavi, fidem servavi*” (Combati o bom combate, cheguei ao fim da jornada, conservei a fé). Porém, não sendo planejada, a rima pode ter sido inevitável na tradução.

nista africano, que se identifica tão inteiramente com a paixão de Dido, em certos momentos, será capaz de deixar transbordar seu fervilhante interior, em ritmos africanos e recursos retóricos: Após sua conversão e consagração como bispo de Hipona, Agostinho, em inúmeras ocasiões, causa o deleite da congregação com seu calor verbal, expresso com 'balanço' africano. "Bona dona" (Boas dádivas) tornar-se-á um dos sermões prediletos da congregação. Nesse processo de vernalização do latim, podemos discernir o primeiro passo em direção ao 'latim do povo', simplificado, ritmado, rimado, que surgirá na Idade Média.

Se Virgílio foi o grande mestre da linguagem e do estilo (ou gramática e retórica, segundo as categorias da escola medieval), Cícero foi o grande mestre do argumento e do debate (dialética, na terminologia medieval). Se o equivalente grego de Virgílio foi — *grosso modo* — Homero, o equivalente grego de Cícero foi Demóstenes. Os dois oradores projetam suas sombras e encobrem o sol da vida escolar de muitos alunos de grego e latim. O jovem C. S. Lewis, radiante sob o sol do meio-dia nas histórias bélicas de Homero, e satisfeito na tarde amena de Catulo, com seu discreto erotismo, e de Tácito, com sua discreta precisão, finalmente vê-se diante do momento temido: "Os Dois Grandes Tédios (Demóstenes e Cícero) eram inevitáveis.

Homero e Virgílio eram arte. Cada qual foi, em seu tempo e lugar, o que bons filmes representam hoje para nós — assistir a bons filmes jamais será uma atividade espinhosa, mas sempre algo agradável, ocasionalmente, enobrecedor. Demóstenes e Cícero são autores difíceis, nos dias de Agostinho, estudados como exemplos da 'arte' da persuasão — algo semelhante ao que hoje se aprende em escolas de jornalismo. Se a *Eneida* é a linguagem como metáfora, ritualização sacra-

mental da experiência humana; os discursos de Cícero são a linguagem como ferramenta. Não seria impossível imaginar que um poema de dois mil anos fale-nos, hoje em dia, com força comparável à do original. No entanto, jamais poderíamos esperar o mesmo de um editorial de jornal escrito há dois mil anos, nem de um *jingle* comercial composto há dois mil anos. Tampouco podemos esperar isso de Cícero.

Cícero, nascido no século anterior a Cristo, pôs em prática suas técnicas quando a Roma republicana, com todo seu vigor, acolhia homens públicos. Cícero era apreciado por Agostinho, como também por todo o mundo latino, que, no quadro das divindades, colocava o orador romano logo abaixo de Virgílio. (Jerônimo, o mal-humorado tradutor da Bíblia para o latim, certa noite, acordou em meio a um frêmito de suor: sonhara que Cristo o condenara ao inferno, por ter sido mais ciceroniano do que cristão.) Os antigos atribuíam ao sentido prático das palavras valor bem mais elevado do que nós, provavelmente porque estavam bem mais próximos da tradição oral observada em comunidades pré-históricas — fato claramente ilustrado no discurso de Nestor aos chefes gregos, na *Ilíada*, e no de Marco Antônio, diante do corpo de Júlio César, quando o destino de toda uma raça pode depender das palavras de um único homem.

Sentimo-nos, porém, incomodados e entediados com as elaboradas instruções de Cícero a respeito dos truques de seu ofício, das diversas técnicas para convencer as pessoas a agirem segundo nossa vontade. Para Cícero, 'abrir o coração' seria a maior das tolices; devemos falar sempre segundo um plano: o que eu gostaria de ver acontecer aqui? O que meu público gostaria de ouvir? Como posso motivá-lo a fazer minha vontade? Como disfarçar meus argumentos mais fracos?

Como encandear meus ouvintes, para impedi-los de enxergar e de raciocinar claramente?

As técnicas do político bem-sucedido, os métodos da publicidade moderna, todos os requintes da persuasão serão encontrados em Cícero. A figura mais parecida com Cícero em nossa época seria Dale Carnegie, ao preconizar que cada palavra e cada gesto devem ser calculados com o propósito de convencer e influenciar. Por mais delicado que esse tipo de conselho possa nos parecer, para os antigos, era perfeitamente justificável. Além de se aprender a escrever um poema para satisfazer um anseio pessoal, a redigir um texto interessante para agradar um amigo, havia uma missão literária maior, a ser desempenhada na sociedade, na *polis*, à qual todos os homens letrados tinham de dar sua contribuição, e sobre a qual tinham de exercer uma influência positiva. E nesse mundo de política, a arte da persuasão era indispensável ao sucesso. Em Ausônio, a formação clássica ficou calcificada no meramente decorativo. Em Agostinho, ela permanece vigorosa como nos dias de Cícero, e Agostinho, por toda sua vida, utilizará o arsenal de técnicas de Cícero, elaboradas e cheias de nuances, em nome de uma nova visão do mundo e de uma nova agenda política. Esta será a contribuição pública de Agostinho, cidadão romano, à agonizante *Res Publica* romana.

Além das artes da retórica e da persuasão, havia um terceiro campo de estudo para o homem de formação liberal, campo esse que só os dotados de um talento especial podiam abraçar: a filosofia. Além da arte literária encontra-se, por mais imperceptível que seja, a Busca da Verdade, do Saber. Nos dias de Agostinho, tal busca era iluminada pelas obras de um grande mestre: Platão, filósofo grego, discípulo de Sócrates.

tes, nascido em tempo e lugar que todos os homens cultos consideravam a Época de Ouro: a Atenas do século V a.C.

Se as chamadas artes liberais eram carreira para poucos, a filosofia o era para pouquíssimos. Muitos dos que possuíam formação liberal sequer aceitavam o objetivo da filosofia, pois questionavam a possibilidade de se chegar à Verdade e ao Saber, com um mínimo grau de certeza. Cícero era um desses agnósticos. Após longa busca da verdade filosófica, colocou-se ao lado dos Céticos, que defendiam a incerteza do conhecimento final (embora, em termos morais, pendesse para a escola dos Estóicos, que defendiam que a virtude conduz à felicidade). O agnosticismo comedido de Cícero não será surpresa, nos dias de hoje, para aqueles que percebam a grande utilidade dessa posição para os 'filhos' de Cícero: os publicitários, profissionais de *marketing*, todos os que procuram nos levar a fazer algo que, normalmente, não faríamos. Como filósofo, Cícero foi o grande 'autor de resumos' da época, um pensador sem originalidade (embora dotado de grande verve), capaz de resumir as diversas correntes e escolas de pensamento, para que qualquer leigo pudesse compreendê-las o bastante para discuti-las em ocasiões sociais.

Mas Agostinho buscava a Verdade, e não o sucesso fácil. Um espírito tão intenso como o seu jamais se contentaria com menos. Logo abandonou o catolicismo emotivo da mãe e adotou algo mais exclusivo, mais sofisticado: a religião de Mani, persa sincretista que juntara elementos de origens diversas, reunindo-os em algo que, hoje, entenderíamos como uma seita californiana: uma pitada de simbolismo cristão, uma boa dose de dualismo de Zoroastra e alguns dos temperos requintados do budismo. Tratava-se do maniqueísmo. Durante algum tempo, Agostinho sentiu-se aliviado. Ao menos,

ficava absolvido de qualquer responsabilidade por sua luxúria desenfreada: no sistema de Mani, o Bem era passivo, incapaz de combater os males carnis que o assolavam. Era uma religião feita sob medida para um jovem provinciano inteligente, decidido a explorar cada beco escuro da fogaosa cidade, experimentar cada prazer que ela pudesse lhe oferecer e, ao mesmo tempo, alimentar o desejo de se sentir superior às massas. Contudo, a religião de Mani não resistiria à mente destemida e inquiridora de Agostinho. Conforme o caso das testemunhas de Jeová e dos mórmons, a referida religião incluía uma pletora de assertivas, mas carecia de um sistema de raciocínio que nutrisse um grande intelecto.

Não sabemos o que Agostinho leu, mas sabemos que devorava livros. Segundo sua própria avaliação, jamais aprendera grego devidamente. Platão, no entanto, estava disponível em tradução, tendo sido 'resumido' por críticos de maior profundidade do que Cícero. No ar que Agostinho respirava estava Platão, figura com a qual um jovem pensador, cedo ou tarde, haveria de medir forças.

Agostinho, decepcionado com o maniqueísmo, e tendo sido indicado para seu primeiro emprego importante como professor de retórica, em Milão, forma um novo grupo, obviamente, exclusivo: uma comunidade 'monástica', de caráter temporário, reunindo jovens que compartilhavam de suas idéias e que aspiravam à busca da Verdade, por meio de Platão e seus críticos latinos. Em breve, as sérias intenções dos integrantes do grupo seriam frustradas, pois suas queridas noivas fariam objeção àquela 'ociosidade'. Logo, a mãe de Agostinho chega à cena, provocando, como sempre, tornados e furacões emocionais — numa espécie de *Sturm und Drang* africano, desempenhado em solo. Mas o estabelecimento,

ainda que efêmero, de uma comunidade assentada nesses moldes indica-nos a seriedade e o comprometimento pessoal que a investigação filosófica podia ter na Antiguidade — algo bem mais próximo a um *ashram** do que a um Departamento de Filosofia em nossas universidades. E essa comunidade vai fornecer a Agostinho o canteiro que ele precisa para fazer germinar sua própria filosofia.

Sócrates, pelo menos segundo Platão, não teria, na verdade, desenvolvido uma filosofia afirmativa e sim suscitado perguntas, perguntas essas que expõem a debilidade das suposições dos interlocutores. Foi o inventor, é óbvio, do método socrático, instando os alunos a iniciarem a busca da Verdade com uma confissão de ignorância. Platão, produto desse método, raciocina com sutileza, na construção de um edifício grande e arejado — a maior edificação da filosofia clássica.

Platão parte da própria experiência de uma centelha divina inerente a todas as criaturas do mundo natural, centelha por ele percebida, especialmente, em si mesmo e nos seres humanos — ou seja, *daimon*, em Sócrates. Mas essa centelha está inserida em um mundo de corrupção e morte, o mundo da carne. Vale a pena determo-nos um momento em Platão, segundo suas próprias palavras, que nos darão uma idéia do desafio confrontado por Agostinho, bem como da natureza do *ashram* agostiniano. (A maior parte do pensamento de Platão é impenetrável em uma primeira leitura. Caso o leitor comece a sentir dores de cabeça, sugiro que salte para o final do trecho, e que aceite minha interpretação.) Aqui temos em Platão, no *Fedro*, a centelha, *daimon* — a alma. Sobre a

* Local de retiro religioso, na Índia. [N.T.]

natureza da alma [*psyche* em grego], embora caracterizá-la seria ocasião para discursos divinos e longos,*

representá-la numa imagem já é coisa que se possa fazer num discurso humano de menores proporções. A alma pode ser comparada com uma força natural e ativa que une um carro puxado por uma parelha alada e conduzido por um cocheiro.

Os cavalos e os cocheiros das almas divinas são bons e de boa raça, mas os outros seres são mestiços. O cocheiro que nos governa rege uma parelha, na qual um dos cavalos é belo e bom, de boa raça, enquanto que o outro é de má raça e de natureza contrária. Assim, conduzir nosso carro é offic o difícil e penoso.

Cabe ainda explicar a razão pela qual, entre os seres animados, uns são mortais e outros imortais. A alma universal rege a matéria inanimada e manifesta-se no universo de múltiplas formas. Quando é perfeita e alada, plana nos céus e governa a ordem universal. Mas quando perde as suas asas, rola através dos espaços infinitos até juntar-se a um sólido qualquer e aí estabelece o seu pouso. Quando reveste a forma de um corpo terrestre, este começa, graças à força que lhe comunica a alma, a mover-se. É a este conjunto de alma e de corpo que chamamos de ser vivo e mortal.

* Platão — *Diálogos: Mênon — Banquete — Fedro*. Tradução de Jorge Paleikat. Edições de Ouro. Editora Tecnoprint s/d, v. I, p. 225-227. Atualização ortográfica feita pelo presente tradutor. [N.T.]

Quanto à denominação *imortal*, isto é algo que não podemos exprimir de uma maneira racional. Nós conjecturamos, sem disso possuímos a devida experiência nem a suficiente clareza, que um ser *imortal* é a combinação de uma alma e de um corpo que se unem para toda a eternidade. Mas isto depende de Deus.

Explicamos agora de que modo as almas perdem as asas. A força da asa consiste em conduzir o que é pesado para as alturas, onde habita a raça dos deuses. A alma participa do divino mais do que qualquer outra coisa corpórea. O divino é belo, sábio e bom. Por meio destas qualidades as asas se alimentam e se desenvolvem, enquanto que todas as qualidades contrárias, como o que é feio, o que é mau, a fazem diminuir e fenecer. Zeus, o grande condutor do céu, anda no seu carro alado a dar ordens e a cuidar de tudo. O exército dos deuses e dos demônios segue-o, distribuído em 11 tribos. Héstia [deusa do lar] é a única entre os seres divinos que permanece em casa. Cada um dos onze deuses é o guia, conforme a ordem de sua tribo. Há muitos e agradáveis espetáculos e caminhos no céu, por onde anda a grande família dos deuses, fazendo cada um deles o que lhe está afeto e seguindo-os aqueles que os podem seguir.

Quando se dirigem para o banquete que os espera, os carros sobem por um caminho escarpado até o ponto mais elevado da abóboda dos céus. Os carros dos deuses, que são mantidos em equilíbrio graças à docilidade dos corcéis, sobem sem dificul-

dade. Os outros grimpam com dificuldade porque o cavalo de má raça inclina e repuxa o carro para a Terra. Há então grande trabalho para a alma.

As almas daqueles que chamamos imortais, logo que atingem a abóboda celeste, aí se mantêm; são impelidas por um movimento circular e podem então contemplar tudo o que, fora dessa abóboda, abarca o Universo.

Nenhum poeta ainda cantou nem cantará o que se situa acima dos céus. Vejamos, todavia, como ela é. Se devemos dizer sempre a verdade, a isso somos ainda mais obrigados quando se fala da própria verdade. A realidade, sem forma, sem cor, impalpável, só pode ser contemplada pela inteligência, que é o guia da alma. E é na Idéia Eterna que reside a ciência perfeita, aquela que abarca toda a verdade.

O pensamento de um Deus nutre-se de inteligência e de ciência puras. O mesmo se dá com todas as almas que procuram receber o alimento que lhes convém. Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, chega a conhecer as essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior das felicidades. Depois de haver contemplado essas essências, volta a alma ao seu ponto de partida. Mas, durante a revolução pela qual passou, ela pôde contemplar a Justiça, a Ciência — não estas que conhecemos, sujeitas às mudanças que se diferenciam segundo os objetos —, mas a ciência que tem por objeto o Ser dos Seres. Quando, assim, contemplou as essências, quando se saciou da sua sede de conhecimento, a alma mergulha nova-

mente no interior do céu e volta ao seu pouso. E após a volta da alma, o condutor leva os cavalos à manjedoura e dá-lhes ambrosia e néctar. Essa é a vida dos deuses.

A sorte das outras almas é porém esta: elas tudo fazem para seguir os deuses, erguem a cabeça do guia para a região exterior e se deixam levar com a rotação. Mas, perturbadas pelos corcéis do carro, apenas vislumbram as realidades. Ora levantam, ora baixam a cabeça, e pela resistência dos cavalos, vêem algumas coisas mas não vêem outras. Outras há, porém, que, nostálgicas, seguem todas para cima, acompanhando a rotação, incapazes de se levantarem, empurrando-se e derrubando-se umas às outras, quando alguma pretende passar adiante. Há confusão e briga, e abundante suor. Muitas se ferem, por culpa dos cocheiros. Muitas perdem as penas de suas asas. Todas, após esforços inúteis, na impossibilidade de se elevarem até a contemplação do Ser Absoluto, caem, e a sua queda as condena à simples Opinião [em lugar da verdadeira ciência]. A razão que atrai as almas para o céu da Verdade é porque somente aí poderiam elas encontrar o alimento capaz de nutrilas e de desenvolver-lhes as asas, aquele que conduz a alma para longe das baixas paixões.

É uma lei de Adrastea [personificação do inevitável]: toda alma que segue a de um deus contempla algumas verdades; fica isenta de todos os males até nova viagem e se o seu vôo não se enfraquece ela ignorará eternamente o sofrimento. Mas, quando já não pode seguir os deuses, quando, devido a um

desvio funesto, ela se enche de alimento impuro, de vício e de esquecimento, torna-se pesada e precipita-se sem asas ao solo.

Uma lei estabelece que, no primeiro nascimento, a alma não entra no corpo de um animal; aquela que mais contemplou gerará um filósofo, um esteta ou um amante favorito das Musas; a alma de segundo grau irá formar um rei legislador, guerreiro ou dominador; a do terceiro grau forma um político, um economista ou financista; a do quarto, um atleta incansável ou um médico; a do quinto seguirá a vida de um profeta ou adepto de mistérios; a do sexto, a existência de um poeta ou qualquer outro produtor de imitações; a do sétimo, a de um operário ou camponês; a do oitavo, a de um sofista ou demagogo; a do nono, a de um tirano. Quem, em todas essas situações, praticou a justiça moral, terá melhor sorte. Quem não a praticou, cai em situação inferior.

Platão é o maior dos autores da prosa grega, e em suas frases, muito bem tecidas, correm fios de uma beleza delicada, de uma graça alusiva. Sua prosa não faz lembrar a de qualquer outro que seja, e ficamos convencidos não apenas da grandeza de sua mente como, também, do misticismo autêntico de seu espírito. Prontamente, avisa-nos que desenvolverá uma metáfora, mas não podemos deixar de crer que tenha vislumbrado o mundo além do véu. Seu pensamento possui tantos pontos comuns com a sabedoria do Oriente — com o budismo e o taoísmo — quanto com a filosofia ocidental que se seguiu. É, simplesmente, o grande filósofo; não uém conse-

guirá entender Platão lendo-o apressadamente, ou apenas uma vez. Mas a dificuldade que encontramos em compreendê-lo não decorre de qualquer ofuscação superficial e, sim, de uma profundidade genuína.

Teria sido essa a experiência de Agostinho; daí a necessidade do *ashram*, da tranquilidade e do ambiente filosófico. O espírito de Agostinho ressoa com os acordes plangentes de Platão: alma inquieta e exilada, procurando em toda parte o verdadeiro lar, refestelando-se na s rjeta ao mesmo tempo em que tinha a vaga lembrança do néctar e da ambrosia celestiais. Platão está certo; e dele são os relatos mais profundos, em toda a Antiguidade, dos milagrosos e dourados lampejos que ocorrem na busca, embora em meio à impureza da realidade — a falta de articulação do universo. Quem mais, Agostinho se pergunta, sequer toca em tais assuntos? E a resposta vem-lhe à mente: Saulo de Tarso, o judeu calvo e infatigável cujas epístolas, estranhas e perturbadoras, os cristãos têm utilizado como Escritura Sagrada: “Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis.”*

Decerto, trata-se de pura coincidência: o que poderia um João-ninguém, encharcado de suor, percorrendo o Mediterrâneo, ter em comum com o maior dos filósofos? Contudo... Agostinho começa a ler Paulo seriamente. Contempla a possibilidade de Platão estar, de certo modo, equivocado, que a busca da Verdade não é tarefa da qual o filósofo pode se desincumbir sozinho e pelo próprio esforço. Terá o grande Platão, erroneamente, equacionado Saber e Virtude? Pois se

* As citações bíblicas remetem-se à *Bíblia de Jerusalém*. Direção editorial Pe. Tiago Giráudo. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. [N.T.]

a carne e o espírito estão em conflito, não estaria o projeto humano fadado ao fracasso, embora unido aos modelos filosóficos mais reverenciados? Não estaria Paulo mais perto do cerne, ao afirmar, com respeito às almas ainda por nascer (as mesmas que Platão descreve na metáfora dos cavalos alados): “Porque os que de antemão [Deus] conheceu, esses também destinou a serem conforme a imagem do seu Filho, a fim de ser ele o primogênito entre muitos irmãos. E os que destinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou.” Em outras palavras, se nós, seres humanos enlameados, haveremos de um dia chegar à Verdade, só o conseguiremos porque Deus, força infável e maior do que nós, destinou-nos e chamou-nos. Jamais chegaríamos com nossa própria força.

Tendo estabelecido essa correlação, Agostinho desmorona. O que ele descreve nesse ponto das *Confissões* é um grande colapso nervoso. E tudo por causa de uma idéia? Sim, para Agostinho, idéias não correm livremente, abstraídas de seu contexto humano. Ele personaliza tudo, mesmo as afirmações filosóficas mais rarefeitas. Não fosse sua educação, provavelmente, teria sido um estivador provinciano, com tendências à autodestruição, sempre se consumindo por uma paixão qualquer. Com a disciplina imposta por sua formação educacional, transforma-se em espécie rara: nem acadêmico desnaturado, nem especialista alquebrado, mas homem de sentimentos, que leva idéias a sério. Conforme se dá com Tolstói e Joyce, ambos selvagens e, ao mesmo tempo, cultos, o sangue quente da terra natal pulsa-lhe, continuamente, nas veias — e aquece-lhe cada pensamento.

Certa vez, em conversa com o cole a de busca Alypius, irrompe-lhe um pranto convulsivo. Essa “grande torrente de

lágrimas”, em suas próprias palavras, vem-lhe não se sabe de onde — “do fundo secreto da minha alma”. Desconcertado, corre da casa ao jardim, atira-se aos pés de uma figueira e “abandona-se às lágrimas”. Começa a lamuriar-se, frases aparentemente desconexas pronunciadas por motivos que nem ele próprio compreende: “E vós, Senhor, por quanto tempo? Quanto tempo, Senhor! Permanecereis irado para sempre?”

Em uma casa localizada ao lado do jardim, ele ouve uma voz de criança, cantando em linguagem desconexa: “*Tolle, lege, tolle, lege*” (Tome, leia, tome, leia). Jamais tendo escutado aquela canção infantil, Agostinho decide que se trata de um sinal a ele endereçado. Volta ao interior da casa (onde o atônito Alypius permanecera sentado) e toma nas mãos o livro que estivera lendo, uma edição das epístolas de Paulo. À moda honrosa do mundo antigo, abre o livro, aleatoriamente, com o intuito de receber como mensagem divina a primeira sentença em que seus olhos se fixassem. E a sentença foi esta: “*Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus.*”

Agostinho se rende. Submete-se à morte da carne através do batismo — e ao Deus cristão.

Vimos utilizando Agostinho como lupa com a qual examinamos o mundo clássico: O que está prestes a ser perdido no decorrer do século das invasões bárbaras é a literatura — o significado da civilização clássica. Se a destruição tivesse sido total — se todas as bibliotecas tivessem sido desmanteladas e todos os livros queimados — teríamos, talvez, perdido Ho-

mero e Virgílio, bem como toda a poesia clássica; Heródoto e Tácito e toda a História clássica; Demóstenes e Cícero e toda a oratória clássica; Platão e Aristóteles e toda a filosofia grega; Plotino e Porfírio e toda a crítica subsequente. Teríamos perdido o gosto e o aroma de uma civilização. Doze séculos de beleza lírica, tragédia pungente, investigação intelectual, os estudos, a sofística e o amor pelo Saber — o cume do discurso civilizado na Antiguidade — teriam escoado pelos ralos da História. Toda a obra de Safo, à exceção de alguns versos, e grande parte da obra de autores de tragédias gregas — Ésquilo, Sófocles, Eurípides —, de fato, escoou pelos ralos. E quase perdemos toda a literatura latina.

De todo modo, perdemos o *espírito* da civilização clássica. “Em determinadas épocas”, escreveu Kenneth Clark em *Civilisation*,

o ser humano adquire consciência de algo a respeito de si mesmo — corpo e alma — que fora deixado à margem, na luta diária pela sobrevivência, na luta noturna para vencer o medo; e sente a necessidade de desenvolver virtudes de reflexão e sentimento, para poder se aproximar, tanto quanto possível, de um ideal de perfeição: razão, justiça, beleza física, em equilíbrio. O ser humano tem conseguido satisfazer tal necessidade de várias maneiras — através do mito, da dança e da música, de sistemas filosóficos, e através da ordem por ele imposta ao mundo visível.

A luta pela sobrevivência e a luta para vencer o medo voltam a ter ascendência, e, a partir de então, o que resta da

civilização clássica não será encontrado na vida, mas entre as páginas dos livros.

O que realmente se perde quando uma civilização se desgasta e fenece é a confiança; confiança esta construída pela ordem e pelo equilíbrio permitidos pelo lazer. Novamente, Clark:

A civilização requer uma certa prosperidade material — o bastante para promover um pouco de lazer. Porém, mais que isso, requer confiança — confiança na sociedade em que se vive, credibilidade em sua filosofia, credibilidade em suas leis e credibilidade na capacidade mental das pessoas. (...) Vigor, energia, vitalidade: todas as grandes civilizações — ou épocas civilizadoras — contaram com uma energia que as impulsionou. Alguns acreditam que a civilização consiste em sensibilidades aguçadas, conversa fluente etc. Isso pode ser uma consequência agradável da civilização, mas não é o que faz uma civilização, e uma sociedade pode apresentar essas amenidades e, mesmo assim, estar morta, rígida.

Em última análise, não vem ao caso se o maior culpado pela queda da civilização clássica foi uma realidade política insolúvel ou um mal espiritual interno. A vida refletida nas obras que vimos estudando — a nobreza apaixonada de Virgílio, o racionalismo frio de Cícero, a contemplação celestial de Platão —, essa chama de civilização, está prestes a se extinguir. As próprias obras escaparão por milagre. Mas entrarão no 'novo mundo' da Idade Média como algo tão estranho quanto objetos abandonados por alienígenas interplanetários. Um exemplo basta para ilustrar a estranheza que

os livros causam ao homem medieval. A palavra *grammar* — primeiro passo no currículo escolar clássico, que moldava todos os homens letrados, de Platão a Agostinho — é mal pronunciada por uma das tribos bárbaras: “*glamour*”.* Em outras palavras, quem dominasse *grammar* — isto é, quem soubesse ler — dominava um tipo de magia inexplicável.

Assim, fenece uma civilização, a ser reconstituída e avaliada por estudiosos em épocas futuras, a partir dos textos milagrosamente preservados nas páginas dos livros. Todavia, uma tradição clássica sobreviveu à transição: a ainda viva tradição do Direito Romano.

Já nos deparamos com o Direito Romano, como letra morta, editado pelo imperador e circundado, primeiro, pelos poderosos, depois, gradualmente, por qualquer indivíduo que fosse capaz de fazê-lo. Enquanto as leis do imperador enfraquecem, o cerimonial em torno das mesmas torna-se cada vez mais barroco. Nos dias finais, os editos do Diviníssimo são escritos em ouro, em papel lilás, recebidos por mãos enluvasadas, como sacerdotes manuseiam cálices sagrados, e erguidos à adoração da multidão, que se prostra diante da lei — para, em seguida, ignorá-la.

Porém, observado isoladamente, esse quadro seria enganador. Assim como vimos, anteriormente, que os antigos respeitavam bem mais o aspecto prático do discurso público do que nós, do mesmo modo, tinham muito mais receio do caos. Os britanos, gauleses, africanos e eslavos que há muito desertaram, atraídos pelo estandarte romano, abandonando uma lealdade tribal tacanha para tornarem-se cidadãos de Roma, beneficiaram-se tremendamente de seu novo *status*.

* Aqui, também, nos sentidos de ‘magia’, ‘feitiço’. [N.T.]

Ao trocarem a identidade tribal por uma penumbra de cidadania, receberam a proteção da *Pax Romana* — e toda a sua segurança. Como declínio da violência de todo tipo, podiam, então, vislumbrar o futuro como nunca: podiam fazer planos, prosperar, ter uma expectativa de vida normal.

Após o perecimento da cultura romana e sua substituição por novas e vibrantes produções culturais bárbaras, as pessoas esqueceram-se de muitas coisas — ler, pensar, erigir grandes edificações —, mas lembravam-se da paz perdida, e lamentavam-se. Podemos chamá-los de gente da Idade das Trevas, se quisermos, mas não podemos subestimar o anseio pela lei observado nos homens e mulheres do início da Idade Média. Um ofício, contudo, sobreviveu intacto, da *polis* clássica à medieval: o ofício do bispo católico.

Na Antiguidade, enquanto administrações municipais e provinciais desintegravam-se e pessoas designadas pelo imperador para ocupar cargos de confiança abandonavam seus postos, um determinado 'servidor' sempre permanecia ao lado dos seus, até a morte: o *episkopos*, palavra grega que significa 'supervisor', ou 'superintendente'. Nos Atos dos Apóstolos e nas Epístolas de Paulo, bispos são, ocasionalmente, mencionados como funcionários da igreja, quase que indistinguíveis dos padres (do grego *presbyteroi*, ou anciãos). Ao que consta, a maioria das primeiras congregações cristãs teria sido administrada por coligações de bispos e padres, homens locais — e, nos primórdios, mulheres, também — escolhidos pelos membros da congregação, segundo mandatos definidos, para cuidarem de questões práticas. Com a morte dos apóstolos (*apostoloi*, ou emissários), que haviam sido os principais portadores da mensagem de Jesus, o papel do bispo tornou-se mais importante; já no início do século II, encontramos o

bispo, cercado de certa pompa, como sucessor dos apóstolos e símbolo de unidade para a congregação local — embora ainda escolhido pela própria congregação. Como símbolo de unidade, tinha o dever de consultar a congregação em todos os assuntos importantes. “Desde o princípio do meu episcopado”, confidenciou a seu clero o aristocrático Cipriano de Cartago, grande bispo da África no século III, “tomei a decisão de nada fazer segundo minha opinião pessoal, sem vosso conselho e sem o consentimento da congregação.”

Por ocasião da morte de Agostinho, esse tipo de consulta estava se tornando uma exceção. A democracia depende de um eleitorado bem informado; os bispos já não podiam confiar na opinião de seus rebanhos — cada vez mais, constituídos de analfabetos oprimidos e mal informados; além disso, provavelmente, agradava-lhes ver seu próprio poderio crescer à custa do povo. Em muitas regiões, os bispos tornaram-se as únicas autoridades restantes, o derradeiro vestígio da lei e da ordem romanas. Começaram, então, eles mesmos a designar bispos; e assim nasceu, cinco séculos depois da morte de Cristo, a perpétua hierarquia que até hoje rege a Igreja Católica.

A *polis* romana sempre dependera mais de homens do que de leis. As leis precisavam ser interpretadas e executadas, e homens abastados e de prestígio gozavam de grande flexibilidade na interpretação das leis. Na Nova Ordem, bispos, juntamente com reis e príncipes de pequenos reinos, tornaram-se os únicos indivíduos de posse e prestígio. Tipicamente, o ‘rei’, ou chefe local, seria um bárbaro com estranhas noções de justiça e poucas noções de ordem. Caberia ao bispo — muitas vezes o único a possuir qualquer espécie de livro e, à exceção dos escribas, o único capaz de ler e escrever —

'civil zar' o rei, introduzi-lo, diplomaticamente, nos princípios elementares de justiça e governo. Assim, o poder do bispo, às vezes, o único 'príncipe' presente, continuava a crescer.

Agostinho morreu enquanto os vândalos atacavam os portões da cidade onde servira como bispo; portanto, não viveu o bastante para presenciar a desordem e o tumulto dessa Nova Ordem em sua máxima devastação. Ainda assim, seus últimos anos de vida foram repletos de desgaste e controvérsia. Em seguida à conversão, ele nutriu esperanças de prosseguir em sua pacata busca da Verdade, dentro de uma comunidade filosófica de correligionários. Mas sua grande envergadura, que em tempos de paz teria retardado seu progresso eclesiástico, atribuiu-lhe a aparência de um bispo pronto para o ofício — pastor corajoso, que não desertaria o rebanho em perigo —, e foi apenas uma questão de tempo, até que alguma igreja o recrutasse. No caso, foi a igreja de Hipona, segunda cidade da África romana.

Se a antiga igreja oriental (ou grega) possui muitos 'padres' — teólogos responsáveis pela articulação das formulações clássicas da fé no mundo greco-romano —, a antiga igreja ocidental (latina) possui apenas um merecedor de nota: Agostinho. A partir de diálogos interiores com Platão e Paulo, Agostinho formulou a doutrina do pecado original — o pecado de Adão e Eva, passado de geração a geração, através do ato carnal da concepção. "Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos irão renascer": Agostinho entende as palavras de Paulo como uma descrição da solidariedade necessária à raça humana, tanto ao cair, irremediavelmente, no pecado, quanto ao se levantar, pela graça, para a redenção. Formula a doutrina da graça — dádiva divina, concedida a indivíduos que não a merecem. Formula uma explicação para

a Trindade. Deus é um só — conforme o 'Antigo' Testamento, a Escritura dos judeus — mas no cerne da realidade existe uma relação, a proximidade de amigos: pois Deus, que é um só, é três: o Pai, que ama o Filho, o Filho, nascido do amor do Pai por toda a eternidade, sendo o amor do Pai pelo Filho tão intenso que forma uma terceira 'pessoa' nessa divina Trindade, o Espírito Santo.

No ano 410, Roma, a Cidade Eterna, cai diante de Alarico, o Godo. As acusações morais contra a maioria cristã, feitas por parte da decrescente comunidade pagã, atingem o ponto máximo. Agostinho não tinha como prever que, em breve, as críticas dos pagãos já não importariam. Reúne todas as forças para escrever a última obra-prima: *A Cidade de Deus*, na qual a realidade humana aparece dividida: Babilônia, a Cidade do Homem, que, necessariamente, acaba em corrupção e morte, e a Nova Jerusalém, a Cidade de Deus, que há de prosperar eternamente, a despeito de toda e qualquer provação. Roma, embora superior à maioria dos estabelecimentos políticos criados por seres humanos, está fadada a desaparecer, como tudo mais na esfera corruptível.

Muitos são os inimigos de Agostinho. Notoriamente, cruza espadas com Pelágio, monge britano, obeso, postulador de que a graça de Deus nem sempre é necessária, que os homens, por si mesmos, podem fazer o bem apenas com o auxílio da mente e da boa vontade. Além disso, Pelágio é um elitista segundo o qual alguns homens — os bem-nascidos e letrados — são superiores aos demais. Agostinho fareja a falácia platônica, *i.e.*, a equação entre Saber e Virtude, e ataca sem piedade. A vitória é fácil.

Conforme todos os bispos católicos africanos da época, está cercado de donatistas, hereges que negavam que a graça

dos sacramentos pudesse ser conferida pelos officios de um sacerdote indigno, mas que, em todos os demais aspectos, aproximavam-se de seus irmãos católicos. Para Agostinho, os sacramentos da Igreja são profundamente necessários; sem o amparo dos sacramentos, todos os homens, em sua fraqueza inevitável, sucumbiriam ao mal. A eficácia do sacramento não pode depender do caráter do sacerdote que o administra. Agostinho alia-se à força civil para perseguir os donatistas e trazê-los, à força, para o interior do catolicismo. Subseqüentemente, escreve a primeira justificativa católica para a perseguição institucionalizada dos equivocados: o erro não possui direitos; desacreditar em conversões forçadas é negar o poder de Deus; e Deus deve punir o novo filho — “*per molestias eruditio*” (a verdadeira erudição começa com castigo físico). E isso vindo de um homem que condenara os “castigos e ameaças cruéis” na sala de aula, remetendo-se à sua própria infância. Agostinho, o último grande homem da Antiguidade romana, aqui exagera. A doutrina por ele formulada ecoará pelos tempos em infâmias cruéis, levadas a cabo com amplas justificativas. Agostinho, pai de tantas coisas boas, é também o pai da Inquisição.

Em sua idade madura, Agostinho é desafiado por Juliano de Eclanum, jovem bispo, casado, de formação aristocrática, uma espécie de pelagiano, que discorda das teorias de Agostinho sobre o pecado original — ou, pelo menos, de algumas implicações dessas teorias. Agostinho, que, segundo vimos, acreditava que Deus havia predestinado cada um de nós na eternidade, por conseguinte, conclui que Deus condenará ao inferno todos os não-batizados — mesmo os recém-nascidos que morrem sem o sacramento. Agostinho justifica a justiça de Deus por ser inescrutável. Juliano contra-ataca que o Deus

de Agostinho é um tirano cruel. Agostinho argumenta que o pecado original é transmitido pelos fluidos da procriação, e que o ato sexual, por acarretar a perda do controle racional, será sempre; ao menos, pecado venial — devendo ser praticado o mínimo possível. (Lembremo-nos da importância que o autocontrole — o oposto do caos — representava para os antigos. O argumento de Agostinho poderia ter sido desenvolvido por um estóico, um budista, tanto quanto por um cristão.) Juliano informa a Agostinho que faz sexo com a esposa sempre e onde deseja. Agostinho explode:

Ora, ora! Então, é essa a tua experiência? Decerto não irias preconizar que casais se abstivessem desse mal, pois se falo de teu bem predileto! Então, queres que rolem na cama sempre que desejarem, sempre que excitados pela luxúria. Que não adiem, pois, tal anseio até a hora de dormir: vamos permitir a “legítima união de corpos” de que falas sempre que o ‘bem natural’ esteja excitado. Se é esse o tipo de vida conjugal que tens, não traga tua experiência para o debate!

Aqui temos Agostinho na pior veia de Cícero, argumentando sem atenção à justiça e à verdade, mas apenas para vencer — o tipo de argumento mais grosseiro, o *ad hominem*. Não devemos esquecer que o mundo antigo, tanto o ocidental quanto o oriental, geralmente, considerava o desejo sexual — especialmente nas mulheres — objeto de chacota, ou mesmo desprezo. Agostinho vai mais longe, e, perto do próprio fim, o libertino reformado considera os afagos de uma mulher algo “sórdido, sujo e horrível”. Juliano propõe uma nova abordagem, baseada em sua própria experiência. Trata-se de um

homem racional, que só será justificado com o pensamento de Tomás Aquino, no século XIII.

Agostinho, o homem do sentimento; revela aqui o limite do sentimento, quando a mente se fecha para tudo que se opuser a proposições preestabelecidas. Agostinho viveu antes do tempo dos crucifixos, confessionários e imagens da Virgem Maria, mas podemos vislumbrar sua aprovação. O *corpus* sangrento é o próprio Agostinho, estirado, como Cristo, entre o céu e a Terra. As sombras do confessionário teriam lhe proporcionado uma oportunidade perfeita para dar vazão à delicada compreensão que demonstrava com relação aos pecadores; contrário à presunçosa postulação de Pelágio de que o ser humano é responsável por cada ação realizada, Agostinho insistia que “muitos pecados (...) são cometidos por homens gemendo e chorando de desespero”. Maria, mãe de clérigos celibatários que renunciaram ao amor carnal, encerraria, para Agostinho, a projeção celestial perfeita de sua própria mãe dominadora.

Agostinho, apesar de toda grandeza pessoal, torna-se, na velhice, uma espécie negativa de clérigo, misericordioso com relação aos que o temem, desdenhoso quanto aos que ousam a ele se opor, disposto a abraçar a causa da Babilônia e de qualquer crueldade institucionalizada que, em nome da Ordem, possa suprimir-lhe a oposição. Não há um país sequer no mundo hoje em dia que não possua alguns exemplos dessa espécie.

Enquanto isso, em uma ilha do Atlântico onde jamais se ouvira falar de Agostinho e sua luta...

3

O INSTÁVEL MUNDO DAS TREVAS



A IRLANDA PROFANA

A noroeste da Irlanda existe uma planície chamada Rathcroghan,* a palavra medieval *rath* indicando que, em tempos passados, havia naquele local alguma residência notável — e fortificada. Durante o período pré-histórico irlandês, antes da palavra escrita, o local fora denominado Cruachan Ai, onde se encontrava o palácio real, sede do comando da província de Connacht. Tratava-se de uma edificação primitiva, construída por artesãos e materiais próprios da região, mas era algo capaz de, hoje em dia, encher-nos os olhos: uma construção redonda, leve, de dois pavimentos, erguida sobre pilastras em madeira entalhada, criando um pequeno labirinto de cômodos bem construídos, com paredes coberta por painéis em teixo vermelho, tendo, ao centro, o salão e o dormitório real, “protegidos por biombo de cobre, com suportes em prata, decorados com pássaros dourados cujos olhos eram pedras

* Para verificar a pronúncia de certas palavras irlandesas, consulte o guia que se encontra entre as seções finais do livro.

preciosas” (conforme antiga descrição do referido palácio). Por incrível que pareça, temos uma espécie de registro de uma conversa travada certa vez nesse palácio. É como se pudéssemos escutar uma conversa que se passou há quase dois mil anos.

O leito real está pronto, e duas pessoas de tamanho avantajado sobre ele reclinam-se, conversando, jocosamente, em meio às almofadas, conforme o fariam qualquer homem e mulher ao final do dia. Ailil, o rei, devaneia:

— É verdade o que dizem, amor; e é o que convém à mulher de um homem rico.

— Sem dúvida — responde Medb, a rainha. — O que te fez pensar nisso?

— Dei-me conta de que estás hoje bem melhor de vida do que quando nos casamos.

— Eu estava perfeitamente bem sem ti.

— Então, tua riqueza era algo que eu desconhecia e de que jamais ouvira falar, pois só sabia dos teus adornos e dos teus vizinhos, inimigos que fugiam com teus espólios.

Medb não gosta do rumo que a conversa está tomando, e lembrando a Ailil que o pai dela fora um grão-rei da Irlanda — Eochaid Feidlech, o Firme —, recita-lhe a árvore genealógica, para refrescar-lhe a memória. Das seis filhas de Eochaid, Medb fora a mais “nobre e destemida”.

— Eu as superei em graça, em dons, na batalha e na guerra. Tinha a meu serviço mil e quinhentos soldados remunerados, todos filhos de exilados, e igual número de serviçais, e para cada soldado pago, tinha 10 na reserva, e nove, e oito, e sete, e seis, e cinco, e quatro, e três, e dois, e um. E isso era apenas nosso contingente doméstico!

Visivelmente ofendida, ela dispara, dizendo a Ailil quem levou quem àquela cama:

— Meu pai deu-me uma província inteira na Irlanda, esta província em que vivemos, cujo governo está localizado em Cruachan, motivo pelo qual sou chamada 'Medb de Cruachan'.

Medb relembra a corte que lhe fizeram os reis da Irlanda:

— E eu nenhum deles aceitava, pois queria, como presente de casamento, algo que mulher alguma jamais pedira na Irlanda: o fim da mesquinhez, do ciúme e do temor.

Chegara à conclusão de que Ailil possuía tais qualidades e por ele se decidira.

— Quando ficamos noivos, dei-te o melhor dote que uma noiva pode oferecer: roupas suficientes para 12 homens, uma carruagem no valor de três vezes sete escravas, além de ouro de alto e baixo quilate. Portanto, se alguém a ti envergonhar, aborrecer ou causar problemas, meu será o direito de revide, pois pertences a mim.

Exaltado, Ailil responde que dois de seus irmãos são reis, e que ele os deixara governar porque eram mais velhos, não porque fossem melhores do que ele em dons e dotes.

— Em toda a Irlanda — diz Ailil — jamais ouvi falar em uma província governada por mulher; exceto esta; por isso vim e aqui me fiz rei.

— E tens mais — diz Medb entre os dentes —, minha fortuna é maior que a tua.

— Tu me deixas estarecido. Ninguém tem mais — grita Ailil, gesticulando freneticamente — do que eu; disto tenho certeza!

Muito bem, que seja feito, pois, um inventário! Naquela mesma noite:

Até os objetos menores, de sua propriedade, foram trazidos, para que se pudesse verificar quem possuía mais bens, jóias e objetos preciosos: baldes, tinas, panelas de ferro, vasos, bacias e jarras. Depois foram trazidos os anéis, inclusive os usados no polegar, as pulseiras, e todo o ouro, bem como as peças de tecidos lisos, em roxo, azul, preto, verde e amarelo, cinza, e muitas outras, em xadrez e listras. Os rebanhos de carneiro foram retirados dos campos, prados e planícies. Foram contados e comparados, ficando constatado que eram idênticos em número e peso. Até mesmo o carneiro reprodutor do rebanho de Medb, que valia tanto quanto uma escrava, tinha um carneiro que a ele se equiparava, no rebanho de Ailil.

Do pasto e do padoque, todos os cavalos foram trazidos. Em contrapartida ao melhor garanhão da criação de Medb, que valia tanto quanto uma escrava, Ailil possuía um garanhão à altura. A vara de porcos foi trazida do mato, das valas e cloacas. Os animais foram pesados, comparados e tabulados. Medb possuía um belo macho; Ailil possuía outro. Todo o rebanho bovino que lhes pertencia na província foi recolhido. Foram pesados, comparados e tabulados, também, ficando constatada igualdade em número e peso. Havia, porém, um touro no rebanho de Ailil que fora novilho de uma das vacas de Medb. Chamava-se Finnbennach, que significa Chifre Branco. Recusando-se a ser comandado por uma mulher, Finnbennach se transferira para o rebanho do rei. Medb não conseguiu encontrar em

seu rebanho animal à altura daquele touro, e sentiu-se infeliz como se não possuísse um centavo sequer.

Como chegamos a essa passagem tão extraordinária? Podemos confiar em sua autenticidade?

Acabo de citar um trecho da primeira cena do épico em prosa irlandês *Tain Bo Cuailnge* (O Roubo de Gado em Cooley). Há várias versões da obra, sendo que a mais antiga data do século VIII; nenhuma delas, porém, é completa. O trecho acima está preservado em um manuscrito datado do século XII, brilhantemente traduzido do irlandês antigo por Thomas Kinsella, poeta irlandês contemporâneo. O relato registrado no manuscrito baseia-se em tradição oral anterior, possivelmente, remontando à época de Cristo. E embora não seja possível afirmar que cada palavra da conversa entre os monarcas esteja registrada no manuscrito, o processo que vai da oralização à escritura indica que a conversa pode, na verdade, ter sido o elemento que veio a ensejar toda a ação épica do *Tain*.

Medb chama o mensageiro-chefe, Mac Roth, e pergunta-lhe onde poderá ser encontrado um touro que se equipare ao de Ailil.

— Sei onde encontrar um touro melhor do que este — diz Mac Roth. — Na província de Ulster, no território de Cuailnge, na casa de Daire mac Fiachna. Donn Cuailnge é o nome do touro; é o Touro Castanho de Cuailnge.

— Vai até lá, Mac Roth — ordena Medb. — Pede a Daire que me empreste Donn Cuailnge por um ano. Ao término do empréstimo, ele vai receber 50 novilhas com um ano de idade e o Touro Castanho de Cuailnge de volta. E oferece mais, Mac Roth, caso a gente de lá desaprove a idéia de abrir mão de Donn Cuailnge, motivo de seu orgulho: se o

próprio Daire vier, acompanhando o touro, receberá uma parte da bela planície de Ai que, em superfície, corresponderá às terras que hoje possuí, uma carruagem no valor de três vezes sete escravas, além do calor das minhas coxas.

O leitor não ficará surpreso ao saber que Daire aceitou o trato de muito bom grado! Infelizmente, o acordo é desfeito pela hospitalidade de Daire para com os integrantes do grupo de Mac Roth, que “mereceram do bom e do melhor, sendo festejados até ficarem bêbados e inconvenientes”. Os mensageiros começam a discutir sobre a probabilidade de os exércitos de Medb conseguirem levar o Touro Castanho de Ulster à força, caso Daire não concordasse com o empréstimo. O ajudante-de-ordens de Daire entra no salão exatamente no momento em que alguém se gaba:

— Nós o teríamos levado de qualquer maneira, com ou sem o consentimento dele!

O negócio estava cancelado.

— E só porque não tenho o hábito — Daire diz, bufando, após ser informado da bazófia do bêbado — de matar mensageiros ou viajantes escaparás daqui com vida.

Quando Mac Roth relata a Medb o resultado do encontro, ela anuncia, brilhantemente:

— Não precisamos entrar no mérito da questão, Mac Roth. Era do conhecimento geral que o touro seria tomado à força, caso não fosse cedido de boa vontade. E tomado há de ser.

Medb reúne um grande exército que, sob seu comando, se desloca, imediatamente, para Cuailnge, em captura do Touro Castanho. No caminho, não encontrarão as forças de Ulster, uma vez que as mesmas estão enfraquecidas, sofrendo de males misteriosos; em vez disso, deparam-se com o jovem herói Cuchulainn.

Provavelmente, o que mais surpreenderá qualquer leitor moderno que abrir o *Tain* será o mundo violento e estranho ali descrito, a um só tempo simples e repleto de um esplendor bárbaro. Ali não existe deliberação, sutileza, refinamento ou ambigüidade. Logo constatamos estar longe de Virgílio, Cícero, Platão e de toda a tradição literária do mundo clássico, talvez à exceção de Homero. Os personagens do *Tain* não têm pensamentos profundos; parecem sequer ter pensamentos. Eles, porém, agem, e com tal bravata e tridimensionalidade que, facilmente, nos convencem de à sua humanidade.

Nenhum, porém, é mais tridimensional do que Medb. Como é diferente de Dido! Não se pode imaginar Medb definindo por um amante, ou por qualquer coisa que seja. Se Agostinho foi o primeiro homem autoconsciente, Medb, em posição diametralmente oposta, age antes de refletir. E mais, essa resposta na ponta da fala é tipicamente irlandesa. Podemos imaginar a pergunta direta por ela formulada (“O que te fez pensar nisso?”) na língua de muitos personagens do teatro irlandês contemporâneo, noção que nos apresenta uma continuidade impressionante: da Irlanda pré-histórica à de hoje.

A franqueza sexual desses personagens é singular, se comparada à literatura clássica, mesmo aos épicos populares de Homero. Precisaríamos retornar aos sumérios, ao *Épico de Gilgamesh*, para encontrarmos algo comparável. A oferta de Medb — “o calor das minhas coxas” —, para selar o acordo com Daire, é, obviamente, algo casual; é, igualmente óbvio, que Medb não é uma mulher carente. Ocorre que, em seus primórdios, a literatura irlandesa contém homens e mulheres que admiram, aberta e mutuamente, seus dotes físicos e convidam-se uns aos outros para a cama sem qualquer formalidade.

Em outra história, Derdriu, ou Deirdre das Tristezas, passa diante de Noisiu no paredão de Emain Macha, sede dos reis de Ulster. Jamais haviam se visto antes. Sobre Derdriu, o rei druida, Cathbad professara:

Altivas rainhas vão sofrer de inveja,
ao verem esses lábios de carmim
em torno de dentes perolados
e esse corpo puro e perfeito assim.

Embora Noisiu saiba que ela está prometida ao velho rei e que lhe pesa uma maldição, não consegue se controlar:

— Que novilha saudável!

— É verdade. — Derdriu retruca. — As novilhas crescem muito, quando não há touros.

— Tens o touro da província só para ti, tens o rei de Ulster.

— Entre os dois, eu preferiria um touro jovem como tu. Adivinhem o que acontece em seguida.

Em outra história do *Tain*, temos uma conversa parecida, entre o jovem Cuchulainn, o Aquiles irlandês, e Emer, sua jovem namorada.

— Abençoada seja tua estrada! — grita Emer, ao vê-lo chegar.

— Que teus olhos só vejam o que for bom — responde Cuchulainn. Então, fixando o olhar na parte inferior do vestido da jovem: — Quanto a mim, vejo terra aprazível. Gostaria de aqui desembainhar minha espada.

Os feitos que o herói haverá de realizar antes que essa terra amena lhe seja cedida são expostos pela própria Emer, não por seu pai, conforme seria o caso em um conto de fadas da Europa continental:

— Nenhum homem atravessa essas terras antes de ter matado 100 homens em cada baixio, desde o baixio Scenmenn, no rio Ailbine, até Banchuing... onde o turbilhante Brea forma as quedas Fedelm.

— Nessa terra aprazível vou desembainhar minha espada.

— Homem algum há de atravessar essas terras até que consiga realizar o feito do salto do salmão, carregando, em ouro, duas vezes o próprio peso, e derrubar, com um só golpe, três grupos de nove homens, deixando ileso o homem do meio, em cada grupo.

— Nessa terra aprazível vou desembainhar minha espada.

— Homem algum há de passar por essas terras se não tiver permanecido desperto desde Samain [Dia das Bruxas], quando o verão busca seu descanso, até Imbolc [Candelária], quando as ovelhas dão leite, no início da primavera; de Imbolc até Beltaine [1º de maio], no início do verão, e de Beltaine até Bron Trogain, o triste outono da terra.

— Está dito e será feito.

Com efeito, tais personagens, embora não civilizados, são autoconfiantes, e essa confiança é um dos maiores prazeres da antiga literatura irlandesa. Não temos a menor dificuldade em imaginar essa gente, tanto os homens quanto as mulheres, cavalgando velozmente, fazendo derramar o sangue dos inimigos, saltando em danças extenuantes, passando a úmida noite irlandesa em intensa cópula. Até mesmo a tristeza e a morte são objetos de desdém, embora reconheçam a tragédia e a ela reajam tão convulsivamente quanto qualquer outro povo. “Os grandes gaélicos da Irlanda”, escreveu G. K. Chesterton,

Homens que Deus fez loucos:

São felizes suas guerras,

E tristes as canções da terra.

Os irlandeses fazem parte de um grande grupo étnico, os celtas, que fazem a primeira incursão no consciente ocidental por volta do ano 600 a.C., apenas um século e meio após a legendaria fundação de Roma. Na ocasião, atravessaram o rio Reno, conforme fariam os bárbaros germânicos muito tempo depois. Um ramo dos celtas estabeleceu-se em local hoje ocupado pela França, vindo a formar o povo gaulês, que seria conquistado por Júlio César um século antes de Cristo, e que, no período romano, produziria o afetado Au-sônio. Uma tribo de nome idêntico estabeleceu-se na península Ibérica, seus integrantes tornando-se grandes comerciantes marítimos. Na verdade, já foram apontados vestígios de construções feitas por celtas ibéricos até mesmo em New Hampshire, o que faria dos celtas os primeiros europeus a alcançarem a América. No século III a.C., os celtas invadiram o mundo grego, avançando até Delfos e fixando-se em região hoje ocupada pela Turquia, onde, conhecidos como gálatas, mereceram uma das Epístolas de Paulo. Parte dos celtas gauleses chegou à Britânia já no ano 400 a.C., tornando-se britanos, que, nove séculos mais tarde, à época de Agostinho e Patricius, seriam, gradualmente, empurrados pelos anglos e saxônios para a Cornuália e para o País de Gales. Desses celtas britanos, surgirão as lendas do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Ecos do idioma por eles falado ainda podem ser ouvidos hoje em dia, em formas do galês e do bretão modernos, pertencentes ao mesmo grupo lingüístico que o gaulês.

Por volta do ano 350 a.C., cerca de 50 anos após terem iniciado a invasão da Britânia, as tribos celtas chegam à Irlanda. Algumas, sem dúvida, percorreram as terras da Britânia, sendo, no entanto, mais provável que as tribos que se tornariam hegemônicas tenham vindo da península Ibérica, cujo idioma era bastante diferente do falado pelos invasores britanos. Tais tribos, mais tarde, constituíram o povo irlandês. E a língua por eles falada não pertence ao ramo britano do galês e do bretão, mas a um ramo celta que os estudiosos denominam goidélico, cujos descendentes lingüísticos são as línguas gaélicas remanescentes: o irlandês e o escocês gaélico. A Irlanda é a única nação celta do mundo, todos os outros povos celtas tendo sido absorvidos por entidades políticas maiores.

No mito de origem irlandês, os filhos de Mil, sobreviventes do Dilúvio através da descendência de Noé, partem da Espanha, alcançam a Irlanda e arrebatam-na de uma tribo chamada Tuatha De Danaan, o Povo da Deusa Danu. A ligação com Noé só pode ser resultado de interpolação sobre o material original feita, mais tarde, por monges; de uma maneira ou de outra, os irlandeses tinham de estar ligados à Bíblia. Mas há poucos motivos para desacreditarmos a ligação ibérica. Temos, também, provas da realidade histórica dos Tuatha De Danaan. Sabemos que a Irlanda estava povoada antes da chegada dos celtas no século IV a.C., e que um povo anterior construiu os grandes mausoléus de pedra e os magníficos túmulos que ainda hoje enfeitam a paisagem irlandesa. No mito de origem, os Tuatha De Danaan são divinamente talentosos na engenharia e nas artes. Essa gente alta, 'de outro mundo', involui, criando os 'pequeninos', fadinhas e duendes que povoarão as lendas irlandesas, e cujos espíritos assombram os túmulos por eles próprios construídos. 'Pequeninos' é

eufemismo, tanto quanto a expressão pré-histórica *le bon dieu*, destinada a disfarçar o medo provocado por algo estranho e grandioso. É possível que esse fenômeno dos 'pequenos' represente um sentimento de culpa irlandesa com respeito à exploração de aborígenes talentosos.

Mesmo nesse período inicial de desenvolvimento, os irlandeses intoxicavam-se com a força das palavras. Toda família nobre irlandesa mantinha uma família ancestral de poetas. Os filhos de Mil tinham sido acompanhados por seu poeta, Amhairghin, que, ao colocar o pé no litoral irlandês, proclamou:

Sou estuário ao mar.

Sou onda do oceano.

Sou barulho do mar.

Sou touro forte.

Sou falcão no penhasco.

Sou orvalho ao sol.

Sou fruto de beleza.

Sou javali de bravura.

Sou salmão no lago.

Sou lagoa na planície.

Sou força da arte.

O problema desse material irlandês pré-histórico é que não podemos datá-lo com precisão. Desde a invasão celta, no século IV a.C., até a invasão dos vikings, nove séculos mais tarde, quando as narrativas da tradição oral passam a ser escritas, temos uma Irlanda sem registro temporal. Presume-se que o poema de Amhairghin, ao menos na forma em que hoje o temos, não seja tão antigo quanto a invasão celta, mas não podemos precisar sua idade. É possível atribuir a ação

descrita no *Tain* ao século I da nossa era, talvez, ao século II, mas não temos como saber quando determinado episódio teria sido incorporado à narrativa.

As indicações de que dispomos sugerem uma Irlanda, durante todo esse período, inteiramente à margem do tempo, tendo, com efeito, pouco mudado, da época de Amhairghin à de Agostinho. Tratava-se de uma cultura da Idade do Ferro: não letrada, aristocrática, seminômade, cuja riqueza se baseava na pecuária e na escravidão (não podemos deixar de notar a importância desses dois elementos no inventário real descrito no *Tain*). Sabemos que culturas similares sobrevivem centenas de anos sem passar por mudanças significativas. O que, normalmente, as modifica são as influências externas, e não qualquer dinâmica interna; e a Irlanda, em seu privilegiado isolamento no oceano Atlântico, muito além do trânsito da civilização, sofreu poucas intromissões. Podemos deduzir, portanto, que o mundo de Medb e Ailil era pouco diferente da Irlanda criada pelos invasores celtas, e que aquele mundo, de modo geral, permaneceu intacto até o século da queda de Roma. Nessa ilha à margem do tempo, teríamos uma cultura bastante semelhante àquela dos britanos e celtas continentais, antes dos séculos da influência romana. E mais, naquele tempo e local, teríamos um ambiente parecido com o de culturas pré-romanas, tais como a Grécia de Homero, a Índia do *Mahabharata*, e Sumé, com seus cavalos e carros bélicos e seus padrões de comportamento heróico.

Os irlandeses, como todos os celtas, despiam-se antes da batalha e, nus, atacavam o inimigo. Além da espada e do escudo, usavam apenas uma sandália e o *torc*, adereço em ouro retorcido usado ao pescoço. Temos uma ilustração do *torc* no pescoço de um nu grego do século III a. C.: a estátua do *Gaulês*

Agonizanté. A pele resistente do gaulês aparecê dilacerada por um ferimento entre as costelas, e ele sangra mortalmente. Sentado ao solo, ele se mantém apoiado, em derradeiro sinal de obstinação. Seu rosto reflete um drama de dignidade e desesperança, no momento em que “lança um olhar frio à vida, à morte”. Nos primeiros contatos com aqueles guerreiros insanos e despidos, os romanos ficaram chocados e temerosos. Além de nus, os homens uivavam, ao que parecia, possuídos por demônios, de tão vigorosos e destemidos. Estimulados pelo som agudo e infernal das gaitas de foies, surpreendiam a sensibilidade romana com um verdadeiro espetáculo multimídia, apresentando todos os horrores do inferno.

Os heróis irlandeses acreditavam ficar possuídos quando diante do inimigo, e sabiam que passavam por uma grande transformação física, fenômeno que denominavam ‘espasmo-disforme’. Quando, no *Tain*, os exércitos de Connacht são confrontados pelo herói de Ulster, Cúchulainn, aos 17 anos de idade, assim ele é descrito:

O primeiro ‘espasmo-disforme’ tomou Cúchulainn, transformando-o em algo monstruoso, horrendo, disforme, de que jamais se ouvira falar. Suas pernas, joelhos, todas as juntas e órgãos, dos pés à cabeça, tremiam como uma árvore em meio a um temporal ou um gráveto num córrego. Seu corpo contorceu-se, violentamente, dentro da pele, de maneira que os pés, as canelas e os joelhos voltaram-se para trás, e os calcanhares e as panturrilhas voltaram-se para a frente. Os músculos sem pêlo das panturrilhas passaram para a frente das canelas, cada qual formando um volume do tamanho do

punho cerrado de um guerreiro. Em sua frente, as têmporas esticaram-se até a nuca, formando protuberâncias imensas, do tamanho da cabeça de uma criança de um mês de idade. O rosto tornara-se côncavo e vermelho; um dos olhos ficou tão afundado no interior do crânio que um ganso selvagem não seria capaz de bicá-lo; o outro olho lhe saltara do rosto, ficando pendurado. A boca entortara, grotescamente; as faces haviam se retraído, expondo os maxilares até a goela; os pulmões e o fígado pendiam-lhe da boca e da garganta; o maxilar inferior batia contra o superior com uma violência capaz de matar um leão, e pequenas labaredas saíam-lhe da boca e da garganta. As batidas do coração eram audíveis, como o latido de cães na hora da comida, ou como o rugido de leões cercados de ursos. Névoas malignas e labaredas, o fogo de Badb, cintilavam em vermelho em meio a vapores que ascendiam, fervendo, ao redor da cabeça, tamanha era a sua fúria. Os cabelos enrolavam-se como o emaranhado de uma trepadeira vermelha presa no interior de uma fenda; caso uma macieira, carregada de frutos, fosse sacudida acima da cabeça do herói, poucas maçãs cairiam sobre o solo, pois quase todas ficariam espetadas nos fios de seu cabelo eriçado de ódio. Na altura da sobrancelha, trazia uma auréola de herói, longa e achatada, como a pedra de afiar usada pelos guerreiros, longa como um focinho, e lá se foi ele, enfurecido, batendo no escudo, instigando o guerreiro que lhe dirigia a carruagem, aterrorizando os exércitos. Então, alto

e espesso, contínuo e forte, atingindo a altura do mastro de um navio, surgiu-lhe, do centro do crânio, um esguicho de sangue negro, misterioso, fumegante, como a fumaça de uma hospedaria real à espera da visita de um rei, ao final de um dia de inverno.

Em suma, um inimigo terrível. Um certo exagero, jocoso, é característica sempre presente na literatura heróica irlandesa, convenção tão bem recebida pelo público-alvo quanto os exageros de um comentarista esportivo durante uma partida final do campeonato nacional de futebol. Conforme ocorre em tantos trechos do *Tain*, este compõe um quadro bastante claro do período em questão, na analogia quase homérica em que descreve uma hospedaria aquecida e acolhedora, em noite de inverno. Mais que isso, podemos vislumbrar um pouco do temperamento daquela gente e da intensidade de sentimentos que lhe cercava a vida. Não coloco em dúvida, nem por um instante, que o 'espasmo-disforme' não fosse uma experiência verdadeira, intensamente sentida pelo indivíduo em questão e plenamente observável pelo exército inimigo. Qualquer pessoa que tenha experimentado a própria ira, ou a ira de terceiros, será capaz de compreender as distorções físicas descritas no trecho acima. Assim como, creio eu, qualquer pessoa que tenha vicenciado o terror. No momento em que as batidas do coração se tornam audíveis "como o latido de cães na hora da comida", e o herói é transformado, de ser humano mortal, em máquina da morte, temos um ritual perfeito para lidar com o terror sentido pelo próprio guerreiro:

[Então, Cuchulainn] deslocou-se ao centro das forças [do inimigo] e, indo mais além, demoliu

muralhas feitas pelos corpos dos inimigos, completando três voltas em torno do exército, atacando cheio de fúria. Tombaram os inimigos, lado a lado, decapitados, em meio a densa destruição. Ele completou, então, mais três voltas, deixando um grande círculo, da espessura de seis corpos, em que os pés de uns tocavam os pescoços de outros (...). Não se sabe, nem será possível saber, o número exato da gentalha que ali tombou. Só os chefes foram contados (...). Naquela carnificina da Planície Murtheimne, Cuchulainn matou 130 reis, além de um número incontável de cães, cavalos, mulheres, rapazes e crianças, gentalha de toda sorte. Menos que um homem, em cada três, escapou sem ter o fêmur, a cabeça ou o olho esmagados, sem uma marca que duraria o resto da vida. E quando a batalha terminou, Cuchulainn, o ajudante e seus cavalos partiram, sem um arranhão e limpos.

Sem dúvida, Cuchulainn nos faz lembrar um herói de histórias em quadrinhos. O único público que, hoje em dia, poderia se entusiasmar com esse tipo de aventura seria o de pré-adolescentes; na verdade, com histórias antigas, como o *Tain*, tocamos o imaginário infantil da raça humana. Até o aparato bélico do herói sugere essa ligação. Vejamos, por exemplo, a descrição da carruagem de Cuchulainn:

Depois que o espasmo se apoderou do grande herói Cuchulainn, entrou ele na carruagem de guerra, brilhando com pontas e lâminas de ferro, ganchos e espetos, lanças frontais, instrumentos cortantes e pregos ao longo dos eixos e das correias,

além de laços e cordas. A boléia da carruagem, em si, era livre, leve e ereta, própria para os feitos de um herói, com espaço para as oito armas do guerreiro valente, veloz como o vento, uma andorinha, ou um veado cruzando a planície. Dois céleres cavalos, selvagens e ferozes, de cabeça baixa e dorso estreito, traseiro estreito e peito malhado, firmes nas patas e nas rédeas, puxavam a carruagem — uma visão extraordinária! Um dos cavalos era ágil e saltador, alto e forte, longilíneo, com grandes patas. O outro tinha crina longa e reluzente, e passada leve e suave. Em grande estilo, pois, ele partia em busca do inimigo.

Como as pessoas daquele tempo teriam adorado o Batmóvel! Mas se, de um lado, ficavam hipnotizadas diante de uma exibição de proeza física, de outro, não sabiam fazer cálculos. O número de mortos e de sobreviventes parece bastante exagerado. Não havia, de fato, qualquer tentativa de se fazer uma contagem cuidadosa. Essas contas não são diferentes daquelas feitas com respeito à idade dos patriarcas que chegam a centenas de anos no livro do Gênesis. O narrador deseja apenas expressar que o número de mortos foi extraordinariamente grande, ou que Matusalém viveu muito, muito tempo.

Nos primeiros séculos da nossa era, os grupamentos humanos eram bem menores que hoje. A população de uma grande cidade, ou de um pequeno país, era computada em termos de milhares, e entre um e outro grupamento existiam regiões despovoadas, sem proprietários, perigo para o viajante, mas santuário para os destituídos. Quando Mødb e Ailil mandam reunir os porcos e o gado, os animais são trazidos da “mata”, dessa terra de ninguém, dessas regiões entre povoados.

Nenhum personagem do *Tain* é construído com tanta perfeição quanto Medb. Ela tem tanta vida e cor que, ao seu lado, até mesmo Cuchulainn parece pálido. Ao atender Cethern, gravemente ferido, Fingin, o Curandeiro, aponta para o maior de todos os ferimentos:

— Uma mulher vaidosa e arrogante causou-te este ferimento.

— Acho que tens razão — responde Cethern. — Uma mulher alta, clara, de rosto comprido e traços suaves me atacou. Era loura e trazia nos ombros dois pássaros de ouro. Estava envolta em uma capa roxa, tendo às costas uma faixa dourada da largura de cinco mãos. Carregava uma lança leve e afiada e trazia uma espada de ferro, com cabo próprio para mulher, erguida acima da cabeça; era uma figura imponente.

A “figura imponente” de Medb domina o *Tain* como a de nenhuma outra mulher em qualquer outro épico que tenha sobrevivido ao tempo: Na *Ilíada*, Helena faz uma ponta; na *Eneida*, Dido desempenha um bom papel coadjuvante. Mas as únicas mulheres na literatura clássica que empurram a trama para a frente estão no teatro grego: Clitemnestra, Antígona, Medéia (em certo sentido, o *Tain* está mais próximo do teatro que do épico de Homero: está repleto de diálogos e carece de poesia; esta última aparecendo apenas ocasionalmente e, na maioria das vezes, em encantações arcaicas, conforme o coro do teatro grego).

O teatro grego do século V a.C. surgiu das liturgias das estações do ano, celebradas por um povo agrícola, ao magnificar os conflitos de sua vida social; daí a necessidade de personagens femininos marcantes. Mas não se pode imaginar uma mulher no período heróico grego, isto é, três ou quatro séculos antes do surgimento dos grandes dramaturgos, no

período do desenvolvimento da cultura grega que mais se compara ao descrito no *Tain*, perfilada no campo de batalha em Tróia, ou viajando ao lado de Ulisses. Assim como seria inadmissível uma mulher viajando ao lado de Enéias. No final do *Tain*, a moral da história é expressa pelo onisciente Fergus: "Seguimos o traseiro de uma mulher perdida. É de se esperar que uma tropilha guiada por uma égua se perca e se destrua." Medb não reaparece, após esse veredicto, mas mesmo essa impressão final seria ofuscada por sua personalidade.

Tampouco será ela, nessa literatura, uma exceção. Cuchulainn é treinado em artes marciais por três mulheres, cada qual mais extraordinária do que a outra. O deus da guerra, brevemente mencionado no *Tain*, fica à sombra de três deusas da guerra, na maioria das vezes, responsáveis pela deflagração dos conflitos (uma dessas deusas, Badb, é mencionada na descrição do 'espasmo-disforme' de Cuchulainn). Derdriu, prometida a Conchobor, rei de Ulster, foge com Noisiu e seus irmãos, filhos de Uisliu, sendo, logo, perseguida e capturada, enquanto Noisiu é morto. Embora submeta-se a Conchobor, Derdriu jamais voltará a sorrir. Conchobor, por maldade, resolve dividi-la com Eogan mac Durthacht, rei de Fernmag, que, para ganhar a amizade de Conchobor, matara Noisiu, não em luta honesta, mas por meio de artimanhas.

'No dia seguinte, partiram para o mercado de Macha. Ela viajava atrás de Eogan, na carruagem. Havia jurado que dois homens vivos no mundo jamais a possuiriam.

— Nada mal, Derdriu — Conchobor disse. —
Entre Eogan e mim é uma ovelha com dois carneiros.

Logo adiante, surgiu uma grande pedra. Ela fez com que sua cabeça batesse contra a pedra. Morreu com a cabeça esfacelada.

Suicídio, sem dúvida, mas não como o de Dido. No épico irlandês, as mulheres, na vida e na morte, demonstram a força da sua vontade e da sua paixão. Eis um trecho do lamento de Derdriu pela perda de Noisiu, dirigido ao músico real enviado para animá-la:

Bela visão: o fogoso cavalgar
dos guerreiros voltando a Emain.

Mais altivos cavalgavam os três filhos
de Uisliu, retornando para o lar:

Noisiu traz consigo a melhor bebida,
— quisera eu banhá-lo junto ao fogo —

Ardan levá veado ou javali,

Anle carrega a caça sobre os ombros.

Filho de Nes [*i.e.*, rei Conchobor], orgulho da batalha,
bebe, dissei, a melhor das bebidas.

Melhor que isso, um oceano transbordante,

Tantas e tantas vezes eu bebi.

O bom Noisiu fazia preparar
um fogo, sobre o leito da floresta.

Mais doce que outra carne então qualquer

Era a do filho de Uisliu, como mel.

Embora a vós os tempos sejam doces,
com toques de gaiteiros e trombetas,

prometo que jamais esquecerei

que canções bem mais doces já ouvi.

(...)

Noisiu: seu mausoléu foi construído,
e com grande pesar acompanhado.
O maior dos heróis — e derramei
a bebida mortal quando morreu.

Adorava-lhe os pêlos, tão dourados,
forma imponente — grande como árvore.
Ai de mim, já não fico mais à espera,
nem a aguardar o filho de Uisliu.

Amava o bom, o grande lutador,
amava seu desejo justo e firme,
amava-o de manhã, ao se vestir
pelas cercanias da floresta.

Olhos azuis derretiam mulheres,
ameaçavam o algoz, mas eu amava:
daí, finda a nossa estada na floresta,
ele cantava pela mata escura.

Agora já não durmo,
nem pinto minhas unhas,
Por que háverei de dar as boas-vindas?
O filho de Indel já não vem mais.

A persistência de certos padrões e emoções na tradição literária irlandesa chega às raias do incrível. Eis um trecho de outro lamento, composto por outra mulher para o marido assassinado — 18 séculos após Derdriu!

Meu amor, minha alegria,
Desde o dia em que te vi,

Pelos lados do mercado,
Não olhei para mais ninguém.
E ninguém mais eu amei.

(...)

E tu me deste de tudo.
Muros caiados para mim,
Quartos pintados para mim,
Fornos ligados para mim,
E pães assados para mim,
Carnes giradas para mim,
Cama arrumada para mim,
Para eu descansar do meu trabalho
Até a hora da ordenha,
Ou até mesmo mais tarde.

(...)

Meu amor, minha alegria,
Que tarefa mais dorida,
Preparar, para um gigante,
Uma mortalha e um caixão,
Para um herói generoso,
Que nas montanhas pescava
E em bares claros bebia,
Com mulheres de colo alvo.

(...)

Meu viajante de olhos vívidos,
O que foi te acontecer?
Pensei-te em meu coração,

Quando comprei-te boas roupas,
Homem que o mundo jamais mataria.

O que aconteceu com o viajante de olhos vívidos foi que, certa noite, em 1773, foi morto a tiros por um inglês, porque se recusara a vender-lhe sua bela égua por uma ninharia. Naquele tempo, os ingleses, que ocupavam a Irlanda, haviam editado as leis anticatólicas. Entre outras tantas injustiças, tais leis negavam a um católico irlandês o direito de possuir um cavalo que valesse mais do que a importância em questão. O morto chamava-se Art O'Leary, oficial do exército de Maria Teresa, da Áustria, e ancestral de uma das últimas nobres famílias católicas sobreviventes na Irlanda (por ser católico, ele não podia receber nomeação militar irlandesa). A poetisa, sua esposa, chamava-se Eileen O'Connell, tia de Daniel O'Connell, que, 57 anos mais tarde, obteria a Emancipação Católica junto ao Parlamento inglês, tornando-se uma espécie de Martin Luther King da Irlanda católica. O lamento de Eileen é, praticamente, o último grande poema escrito no idioma irlandês, na medida em que a ordem gaélica e a antiga nobreza, cuja linhagem remontava ao tempo de Medb e Ailil, afundaram no mar agitado da opressão inglesa.

Não são os dois lamentos extraordinariamente parecidos, tanto em termos de imagens quanto de sentimentos? Derdriu pertence a uma época em que tudo era mais simples: a admiração que sente pelo corpo do amante, que lhe prepara uma caça na floresta, é franca e pura. Eileen é mais sutil: o marido lhe prepara toda uma casa, mas o desejo sexual aparece indiretamente. Ambas mantêm os olhos abertos com relação a outras mulheres! Mas a força do elo entre Eileen e a pré-histórica Derdriu torna-se evidente quando buscamos,

em vão, na literatura inglesa escrita *por mulheres* no século XVIII algo tão franco e apaixonado quanto o “Lamento por Art O’Leary” Eileen não incorre em autodestruição, como fizera Derdriu, mas é feita do mesmo estofo:

Bem sabe meu Jesus Cristo:

Posso ficar sem chapéu,

Sem um abrigo sequer,

Sem um calçado no pé,

Sem utensílios na casa,

Sem arreios para a égua,

Gasto tudo no processo.

Atravesso mar e terra,

A levar o caso ao Rei,

E, se o Rei estiver surdo,*

Resolvo, sozinha, tudo

Com aquele sangue-ruim

Que me deixou sem meu homem.

Art O’Leary jaz na nave central da Abadia Kilcrea, em ruínas, no condado de Cork. As seguintes palavras, em inglês moderno, gravadas em seu túmulo, remetem-nos à Irlanda pré-histórica:

EIS ARTHUR LEARY

GENEROSO BELO BRAVO

MORTO NA FLOR DA IDADE

AQUI JAZ EM TÚMULO HUMILDE

Os três adjetivos — ‘generoso, belo, bravo’ —, empregados para descrever o morto, resumem o código moral da

* O que, sem dúvida, seria o caso, sendo o rei Jorge III.

Idade do Ferro, código este que reluz de maneira muito clara em toda literatura antiga (seja no *Gilgamesh*, na *Ilíada*, ou no *Tain*), e que, misteriosamente, sobreviveu na Irlanda, por muito tempo, após ter sido esquecido por civilizações mais sofisticadas; código esse que, até certo ponto, ainda existe nos dias de hoje.

Lembremo-nos de como Medb se define com autoconfiança: “Eu as superei [as irmãs] em graça, em dons, na batalha e na guerra.” “Graça”: portanto, era *bela*; “dons”: portanto, era *generosa*; “na batalha e na guerra”: portanto, era *brava*. Consideremos os altos padrões por ela estabelecidos para o marido: “O fim da mesquinhez, do ciúme e do temor.” “Mesquinhez” é o oposto de *generosidade*; “temor” é o oposto de *bravura*; “ciúme”, ainda que não seja o oposto lógico de *beleza*, está para sempre a ela ligado, pela noção do conflito inútil: a beleza da esposa, muitas vezes, leva o marido inseguro ao impensado ciúme, não da esposa, mas dos rivais.

Mas há, também, uma virtude não mencionada, escondida nessas trindades: a lealdade, ou fidelidade. Eileen, dificilmente, teria mandado gravar as palavras “generoso, fiel, bravo” O’Leary, belo jovem em seus 20 anos, conforme a própria Eileen observa, tinha fama de apreciar um trago em “bares claros (...) / Com mulheres de colo alvo” Tampouco Medb poderia louvar a virtude da fidelidade (embora a existência do sentimento seja perceptível no próprio tema do ciúme). Em fases heróicas de diversas sociedades, inclusive na Irlanda, a lealdade funciona como virtude fundamental. Mas não é o emblema das uniões heterossexuais; antes, é o sustento das relações entre pessoas do mesmo sexo. No *Gilgamesh*, temos a amizade inabalável de Gilgamesh e Enkidu. Na *Ilíada*, temos a ligação eterna entre Aquiles e Pátroclo. No *Tain*, a

única relação apresentada como ideal é a que une os guerreiros Cuchulainn e Ferdia, irmãos de criação que, forçados pelas arimanhas de Medb a lutar um contra o outro, amam-se até o fim. Assim, diz Cuchulainn a Ferdia:

Amigos sinceros, sócios na floresta,
fizemos a cama e dormimos o sono,
em terras estranhas, depois do combate.
Discípulos de Scathach, nós dois, juntos,
Partíamos, a correr toda a floresta.

(...)

Por homem algum que na terra caminhar,
homem algum nascido entre nós,
nenhum filho de rei nem de rainha,
Eu a ti poderia fazer mal.

Após ter matado Ferdia, Cuchulainn dirige-se ao corpo:

Quando estávamos juntos a Scathach,
aprendendo a vencer em longes mares,
parecia durar nossa amizade
inabalável até o fim dos tempos.
Amava a nobreza do teu rubor,
e amava teu ereto, belo porte.
Amava teu olhar, azul e claro,
teu modo de falar e teu talento[;]

(...)

teus cabelos, em cachos alourados,
e tal qual uma bela e rara jóia,

o cinto, leve, em formato de folha,
que em volta da cintura tu usavas.

Tombaste, pois, diante deste cão,*
e, quanto a mim, eu choro, meu pequeno.
O escudo que te trouxe para a luta
não foi mesmo capaz de te salvar.

As semelhanças entre o lirismo dos lamentos de Dardriu, Cuchulainn e Eileen saltarão aos olhos do leitor. Mas somente no réquiem de Cuchulainn é cantado o valor da fidelidade eterna — “amigos sinceros”, cuja amizade permaneceria “inabalável até o fim dos tempos”. A ironia das palavras de Cuchulainn, ao jurar para o irmão de criação que “por homem algum (...) / Eu a ti poderia fazer mal”, cala fundo.

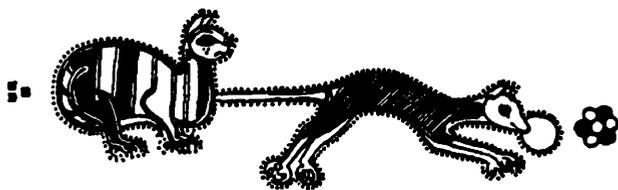
Para esses indivíduos, a estabilidade era sempre algo fugidio, como, em última análise, o é para todos nós. Compreendiam, como poucos, seja entre povos que os antecederam ou os sucederam, que a vida é efêmera e que é inútil tentarmos nos agarrar a coisas e pessoas. Perseguiam o gesto fantástico, o feito heróico: lutar, copular, beber, cantar em versos emoções intensas, compor música que acompanhasse as farras e bravatas com que encerravam cada dia, talismã da vida e dos bens dos indivíduos. A busca desses feitos heróicos será sempre gratificante, sendo que o primeiro deles, em particular, encerra a honra perseguida pelos grandes. Porém, em meio a esse turbilhão de energia, há um ponto inerte. Quando, no calor da batalha, o mensageiro, ensangüentado, hesitante, informa a Medb que Cuchulainn acaba de decepar-lhe a cabeça do filho, ela responde: “Não estamos aqui de

* O nome 'Cuchulainn' quer dizer 'cão de Culann'.

brincadeira.” A fisionomia do *Gaulês Agonizante* fala por todos eles: “Todos morreremos, nus e sós, em um campo de batalha que não será de nossa escolha.” As promessas de fidelidade total que trocamos, embora feitas com toda seriedade, dificilmente sobreviverão às artimanhas do destino; minas camufladas que aterrorizam a vida humana. Podemos confiar na probidade e na virtude de ferro do herói de vida efêmera: em sua lealdade com respeito à causa e aos companheiros, em sua bravura diante de circunstâncias menos favoráveis, na extrema generosidade com que distribui seus bens e dá de si mesmo, e com que derrama o próprio sangue. Após o assassinato de John F. Kennedy, alguém ouviu de Daniel Patrick Moynihan a declaração de que ser irlandês é estar ciente de que, no final, o mundo irá magoá-lo.

Essa ótica e esse temperamento geram as mais belas canções e as narrativas mais empolgantes, mas não trazem paz interior, nem harmonia social. Embora possamos imaginar Medb e Ailil, Derdriu e Noisiu como “bons companheiros”, provavelmente não seriam bons patrões. A essa ótica — a ótica do serviçal — agora nos voltamos: para Patricius, o menino raptado enquanto pastoreava nas sombrias colinas de Antrim.

A BOA NOVA VINDA DE LONGE



O PRIMEIRO MISSIONÁRIO

Ninguém é herói para seu próprio servo, muito menos no caso de um herói irlandês da Idade do Ferro e seu escravo britano, um jovem que passara os primeiros 16 anos de vida no conforto e segurança da *civitas romana*.

Se Cuchulainn, na planície de Murtheimne, exterminou, de uma só vez, “150 reis”, a Irlanda deve ter tido reis às centenas — de um dos quais Patrício era escravo. Chamava-se Miliucc, e dele sabemos apenas que reinava em uma região montanhosa, em Antrim, entre o lago Neagh e as montanhas de Sliabh Mis. *Ri*, palavra irlandesa que significa ‘rei’, é cognata da palavra latina *rex*, mas, a nosso ver, tais reis seriam mais uma espécie de chefes de clãs, homens de pulso, junto a comunidades locais, no comando de algumas dezenas de famílias de criadores de gado. ‘Ladrões de gado’ seria a denominação mais adequada, pois, nesse contexto, a força era a lei. A destruição épica descrita no *Tain*, em última análise, não passa de uma descrição exagerada de um modo de vida:

ataques para roubar gado, envolvendo famílias nobres, faziam parte do cotidiano.

A vida de um pastor escravo não pode ter sido das melhores. Arrancado da civilização, Patrício tinha, como protetor, um homem que não valorizava sequer a própria vida, quanto mais a de terceiros. Esses pastores trabalhavam em extremo isolamento, passando meses a fio sozinhos nas montanhas. Se, por acaso, tentassem estabelecer contatos, as consequências poderiam ser desastrosas. Impedido de interagir com seus semelhantes, Patrício deve ter levado bastante tempo para aprender o idioma e os hábitos do exílio, de maneira que, para ele, a aproximação de estranhos pode ter sido assustadora.

Sabemos que tinha dois companheiros constantes — a fome e a nudez —, e que o estômago vazio e a pele rachada pelo frio eram motivo de grande sofrimento, presenças doridas das quais não conseguia se livrar. Pelo pouco que sabemos, pois Patrício não era de muitas palavras, podemos deduzir que possuía forte constituição e que, provavelmente, fora amado e bem alimentado na infância; caso contrário, não teria sobrevivido.

Como tantos outros indivíduos, ao se encontrar em circunstâncias tão adversas, pôs-se a rezar. Jamais prestara muita atenção a os ensinamentos de sua religião. Afirma que, na verdade, não acreditava em Deus e que achava os sacerdotes uns tolos. Mas, agora, não tinha a quem recorrer, a não ser ao Deus de seus pais. Aqui nos remetemos aos relatos de reféns, em nossos dias, revelando o que os fez suportar anos de cativeiro:

Meu trabalho diário era cuidar dos rebanhos, e eu rezava continuamente à luz do dia. Cercava-me, cada vez mais, o amor e o temor a Deus; crescia em

mim a Fé e o Espírito, até que, à luz do dia, cheguei a fazer 100 orações e, depois do crepúsculo, quase outras tantas, estivesse eu na mata ou na montanha. Acordava para rezar antes do alvorecer, fosse na neve, na geada ou na chuva, e jamais em mim se instalava a preguiça (como hoje acontece), pois em mim ardia o Espírito.

Durante seis anos Patrício resistiu à dor do isolamento, e, no decorrer desse tempo, transformara-se, de um jovem incauto, em algo inatingível, não fosse tal processo: em homem santo, um visionário para quem já não havia uma distinção rígida entre este mundo e o que há de vir. Na última noite que passou como escravo de Miliucc, teve, em sonho, a primeira experiência sobrenatural. Uma voz misteriosa lhe disse: "Tua fome foi recompensada; voltarás a tua casa."

Patrício sentou-se na cama, sobressaltado. A voz prosseguiu: "Vê, teu barco está pronto."

A fazenda de Miliucc ficava distante do mar, mas Patrício partiu, sem saber para onde. Caminhou cerca de 200 milhas, por uma região que jamais percorrera, sem ser detido ou seguido, até alcançar uma enseada a sudeste, provavelmente próxima a Westford; ali avistou o barco. Enquanto marchava rumo a seu destino, Patrício deve ter sentido uma crescente convicção de estar sob a proteção de Deus, pois era praticamente impossível a um escravo em fuga ir tão longe sem ser interceptado. "Vim com a força de Deus... e nada havia a temer", resume Patrício.

Os tripulantes do barco embarcavam uma carga de cães irlandeses, para venda no continente europeu, onde eram muito valorizados. Patrício aproximou-se do capitão, que o

encarou com suspeita. Ele mostrou ao capitão que dispunha de recursos para a passagem (jamais saberemos como os havia conseguido!), mas o capitão disse-lhe, com aspereza: "Perdes teu tempo, ao pedires para zarpar conosco."

Foi o momento mais perigoso para Patrício; reconhecido como escravo em fuga, já tendo alcançado um vilarejo no litoral, sua liberdade temporária chegava ao fim. "Diante daquela resposta, afastei-me dali, dirigindo-me à cabana onde me instalara; no caminho, pus-me a rezar e, antes de ter terminado a oração, ouvi um dos navegantes chamando-me: 'Vem, rápido, estão te chamando!' Voltei, imediatamente, e eles me disseram: 'A bordo, vamos; confiamos em ti.'" Chegaram a oferecer-lhe o peito, na antiga versão irlandesa correspondente ao 'beijo de reconciliação'." Patrício, romano demais para excentricidades como aquela, recuara, segundo suas próprias palavras, "por temor a Deus". Os navegantes deram de ombros: "Podes demonstrar tua amizade para conosco como quiseres." Patrício embarcou e o barco zarpou em seguida.

A travessia para o continente levou três dias. Desembarcaram em uma região devastada — "*desertum*", segundo Patrício —, na qual caminharam, com grande dificuldade, durante duas semanas. Onde haverá, no continente europeu, tal região deserta, a qual marinheiros robustos levariam duas semanas para atravessar? Em parte alguma. Mas é possível se tratar do ano 407, quando centenas, milhares de germânicos famintos atravessaram o Reno gelado, perpetrando a devastação na Gália. É improvável que os navegantes irlandeses estivessem a par da invasão; portanto, é possível que o pequeno grupo de exportadores tenha desembarcado logo após as celebrações das vitórias germânicas. Em todo caso, não en-

contram um ser humano sequer, nem comida. Os cães, assim como os homens, estão prestes a expirar: “Caldos, quase mortos à beira da estrada.”

“E agora, cristão?”, diz o capitão, em tom provocador. “Dizes que teu deus é grande e todo-poderoso; então, por que não pedes por nós? Passamos necessidade e temos poucas chances de encontrarmos uma alma viva!” Será difícil determinar se o capitão dirigia-se a Patrício em irlandês ou latim, mas Patrício, mesmo com um latim, às vezes, atroz, nem bom ouvido. Eis o original, que nos fornece uma excelente amostra de como homens comuns empregavam o idioma de Cícero: *Quid est, Christiane? Tu dicis deus tuus magnus et omnipotens est; quare ergo non potes pro nobis orare? Quia nos a fume periclitamur; difficile est enim ut aliquem hominem unquam videamus!*

“Do fundo de vossos corações, voltai-vos, com fé, ao Senhor meu Deus”, diz-lhes o visionário, “pois a Ele nada é impossível. E hoje mesmo Ele enviará alimento para vossa jornada, até ficardes saciados, pois Ele dispõe de grande abundância.” A sinceridade do jovem cala fundo nos marinhaeiros enfraquecidos, que, baixando as cabeças, arriscam um momento de fé. Um estouro atrai-lhes a atenção; erguem o olhar para uma vara de porcos que corre pela estrada em sua direção. Não era apenas alimento: era o melhor dos alimentos!

Alguns anos se passam, até Patrício conseguir chegar em casa, na Britânia romana, onde é “recebido como um filho” pelos próprios pais, que lhe imploram não tornar a deixá-los. (Apesar da prosa canhestra, Patrício, às vezes, é feliz ao ressaltar certos detalhes, conforme nesse retrato da família ansiosa.) Mas Patrício já não é um despreocupado jovem romano. Calejado por árduas experiências físicas e psicológi-

cas, atrasado, na sua formação educacional, em relação aos companheiros de idade, Patrício não consegue se adaptar à nova vida. Certa noite, na casa de seus pais, um homem que conhecera na Irlanda lhe aparece em uma visão. Trata-se de Victorius, portando “inúmeras cartas”, uma das quais entrega a Patrício, que lê o título *VOX HIBERIONACUM*, A Voz dos Irlandeses. Naquele instante, ele ouve a voz de uma multidão (à margem de uma floresta que, lembra Patrício, ficava “próxima ao mar ocidental”),* em lamento: “Imploramo-vos, voltai a caminhar entre nós.” “Atingido no coração”, ele não consegue continuar a leitura e... acorda.

Por mais que tentasse, era incapaz de afastar da mente os irlandeses. As visões tornam-se mais frequentes, e o próprio Cristo começa a lhe falar: “Aquele que por ti deu a vida, é quem fala dentro de ti.” Patrício, o escravo fugitivo, recebe nova convocação: será São Patrício, apóstolo da nação irlandesa.

Patrício jamais haverá de superar a insuficiência de educação formal, conseqüência dos anos em que trabalhara como pastor de ovelhas em Antrim. Pela vida afora, sofreria por não ser proficiente no estilo literário latino, e por não ser capaz de

* Deduzo tratar-se do mar da Irlanda, “ocidental” para os britanos que compõem o público-alvo da *Confession* de Patrício. Outros, céticos quanto à tradição que cerca Millucc (rei de Antrim), localizam a referida floresta em Mayo, supondo que Patrício tenha se fixado na região oeste da Irlanda. Mas tal localização parece improvável, considerando-se a região da Irlanda em que ele chegou. As fontes relativas a Patrício não têm inúmeras dificuldades como a presente: por exemplo, é possível que os marinheiros que salvaram Patrício da escravidão não estivessem transportando cés (tudo depende do manuscrito adotado), embora tudo indique que transportavam algum tipo de carga. Do mesmo modo, muitos acreditam que o ‘deserto’ ficava na própria Britânia e que o grupo em que viajava Patrício perambulou durante 28 dias! As datas relativas à vida e às viagens de Patrício, igualmente, constituem objetos de disputa. Vide Bibliografia para informações complementares.

dialogar com homens ilustres, em termos de igualdade. Às vezes nos indagamos, ao lermos sua *Confession* (no singular, diferentemente da de Agostinho), se o pobre sequer teria algum idioma nativo. Sua língua materna teria sido alguma modalidade do gaulês antigo, embora seja possível, conforme no caso de Agostinho, que o idioma 'nativo' fosse falado pelos criados e que a família falasse somente latim. Na deficiência de sua instrução formal, Patrício teria aprendido apenas o latim elementar, sendo, logo, imerso em nova realidade linguística: o idioma irlandês, até certo ponto, semelhante ao gaulês, porém, já nesse período, apresentando diferenças marcantes.

Quando se sente incapaz de resistir, Patrício deixa, novamente, a família e segue as vozes que o chamam à Gália, provavelmente à ilha onde se encontra o monastério de Lérins, próxima à cidade que hoje chamamos Cannes. Ali, Patrício busca uma educação teológica, que o preparasse para a ordenação sacerdotal. Patrício não era dado a expressar lamúrias, portanto, podemos tão-somente imaginar o tipo de sacrifício a que se submetia com tais estudos, bem como as ocasiões em que, porventura, chegasse a sentir saudade da fome e do frio vivenciados em Antrim, diante da tortura de estudos incansáveis, para os quais estava tão despreparado. Na noite anterior à ordenação como diácono, ele confessa a um amigo um pecado que cometera aos 15 anos, e recebe perdão. Naquele tempo, assim como durante grande parte da história do cristianismo, 'confissão' significava uma declaração do estado de alma de um indivíduo, feita publicamente, ou, conforme cada vez mais freqüente, a algum amigo, que atuava no sentido de confirmar o perdão de Deus. A lembrança dessa confissão, por assim dizer, particular, perseguiria Patrício na terceira idade.

Finalmente, é ordenado sacerdote e consagrado bispo, com toda certeza, o primeiro bispo missionário da história da Igreja. Sabemos que os apóstolos de Jesus pregaram a Boa Nova após a descida do Espírito Santo, na Festa de Pentecostes, em Jerusalém, e que os mesmos tinham a intenção de difundir o Evangelho “por todo o mundo... a toda criatura”. Não sabemos, com certeza, até onde chegariam, embora acreditemos que Pedro tenha sido crucificado, de cabeça para baixo, em Roma. Tomás, pelo menos segundo a tradição, chegou à Índia. Mas o primeiro missionário cristão sobre o qual dispomos de ampla documentação é Paulo; embora não sendo um dos apóstolos de Jesus, Paulo, em suas próprias palavras, “não foi chamado pelos homens”, mas por uma visão. É possível que Patrício tenha sido o segundo a ser assim chamado. Não nos parece extraordinário que Patrício tivesse grande consciência de sua missão, o que surpreende é a ausência de missionários ao longo dos quatro séculos que separam Paulo de Patrício.

Para cidadãos romanos, o local ideal era a cidade, ou vila romana. O *pagus*, zona rural não cultivada, representava, necessariamente, desconforto e privação. Os habitantes do *pagus* — *pagani*, ou pagãos — eram aldeões toscos, irresponsáveis, ameaçadores. Os cristãos romanos abraçaram o preconceito sem examiná-lo. Agostinho, em sua profundidade, entenderá que o ideal platônico de se chegar à Verdade pelo conhecimento e pela contemplação era inatingível e que haveria de ser substituído pela jornada, ou caminhada bíblica, a ser efetuada por cada indivíduo e pela raça humana como um todo. Mesmo assim, as palavras *iter* (jornada) e *peregrinatio* (peregrinação) faziam-no estremecer. Como bispo de Hipona, raramente visitava os distritos rurais sob sua jurisdição e, certa vez, ao fazê-lo, por pouco não foi vítima de emboscada arma-

da por circunscritos, donatistas radicais. As viagens empreendidas a Roma e Milão na juventude não seriam repetidas, tampouco voltaria a se aventurar além do *Ecumene*, território sob a égide romana. Além do *Ecumene*, fora do *Imperium*, ficava o caos inimaginável: "Aqui habitam monstros", diziam os mapas medievais, a respeito dos territórios não cartografados.

Com efeito, nem mesmo Paulo, o grande apóstolo-missionário, embora submetendo-se, em nome do Evangelho, a todo tipo de agruras inerentes às viagens daquela época, chegará a se aventurar além do *Ecumene* greco-romano. Tomás, segundo consta, apóstolo da Índia, embora percorrendo território além do *Ecumene* oficial, trabalhava pela conversão de uma civilização milenar, detentora de inúmeras ligações com o mundo grego. Sendo assim, Patrício foi, de fato, o primeiro missionário a trabalhar junto aos bárbaros, fora do alcance da lei romana. O passo dado por ele foi, portanto, tão intrépido quanto o de Colombo, e mil vezes mais humano. Patrício tinha plena consciência da natureza radical de sua empreitada: "O Evangelho", mais tarde, faria lembrar àqueles que o acusavam, "foi levado até as regiões mais remotas, além das quais já não há habitantes", apenas o oceano. Assim como estava ciente do perigo que corria, pois, mesmo próximo do fim da vida, dizia: "Todos os dias corro o risco de ser morto, traído, escravizado; tudo pode acontecer comigo. Porém, nada temo, pois creio nas promessas celestiais e coloquei-me nas mãos de Deus Todo-poderoso."

*Saint Patrick was a gentleman,
And he came from decent people,**

* São Patrício era um cavalheiro, / Descendente de gente honrada. [N.T.]

diz a letra de uma canção presente nos palcos de teatro de variedades no século XIX. E, de fato, ele correspondia a essa descrição. Tratava-se de homem bom e corajoso, nobre por natureza. Trabalhando em meio a uma gente simples, sincera, capaz de entender e apreciar-lhe a natureza digna, Patrício teria o sucesso de sua missão garantido.

O amor que sentia pelo povo por ele adotado reluz em seus escritos; e não se trata de um sentido, generalizado, de benevolência cristã, mas de amor pelas pessoas como elas são. Fala-nos Patrício sobre uma "mulher abençoada, irlandesa de nascimento, nobre, extraordinariamente bela (*pulcherrima*), adulta, por mim batizada". Alguém poderia imaginar uma-nha franqueza saindo da pena de Agostinho? Alguém poderia imaginar observação mais precisa, da parte de algum integrante do calendário de santos da Igreja?

Patrício preocupa-se continuamente com seus fiéis, e não apenas com seu bem-estar espiritual, mas físico, também. Jamais superou o pavor que sentia da escravidão: "São as mulheres escravas as que mais sofrem, e que mantêm o ânimo, apesar das ameaças e do terror constante que têm de enfrentar. O Senhor enche de graça muitas de suas filhas, e, embora coibidas, elas o seguem com destemor." Patrício tornara-se irlandês, capaz de conferir mais credibilidade à força de uma mulher do que qualquer homem com formação clássica.

Nos últimos anos de sua jornada, provavelmente, viveu em uma Irlanda transformada por seus ensinamentos. Segundo consta, ao menos, estabeleceu bispados por todo o norte, centro e leste da Irlanda. Torna-se bispo primaz de Ard Macha (hoje Armagh), região montanhosa próxima a Emain Macha, sede dos reis de Ulster que descendiam de Conchobor, perseguidor de Dardriu, e estabelece um bispado perto de Tara,

morada do grão-rei (supostamente escolhido, em sistema de rodízio, dentre os reis das diversas províncias), e ao lado das capitais dos reinados ao norte e ao sul de Leinster. Patrício chega a estabelecer um bispado em Cruachan, antiga capital de Medb, em Connacht, a oeste da Irlanda, embora a região de Munster, ao sul, permaneça pagã por mais uma geração. Sem dúvida, Patrício toma emprestado junto ao modelo continental de organização eclesiástica a prática de associar bispados a reinos locais. Contudo, enquanto Agostinho, talvez, considerasse tal procedimento ideal para a obtenção de certas vantagens de modo a, gradual e sutilmente, consolidar o poder da Igreja, Patrício não teria a mesma motivação, uma vez que a Irlanda antiga não dispunha de *civitates*, nem de centros populacionais, mas apenas de comunidades agrícolas espalhadas e isoladas entre si. Ao posicionar bispos próximo aos reis, Patrício intencionava manter certa vigilância sobre saqueadores e oportunistas poderosos e, assim, limitar-lhes a capacidade de destruição.

Com os irlandeses, inclusive os reis, foi extremamente bem-sucedido. Ainda durante a sua vida, ou, talvez, logo após a morte, o tráfico de escravos na Irlanda foi susgado, e outras formas de violência, como assassinatos e guerras entre tribos, diminuíram. Na tentativa de reformar hábitos sexuais irlandeses, obteve menos êxito, embora fundasse monastérios e conventos cujos internos, em sua conduta, demonstravam aos irlandeses que virtudes, como fidelidade, coragem e generosidade, estavam ao alcance de indivíduos comuns, e que a espada não era o único instrumento capaz de organizar uma sociedade.

O relacionamento de Patrício com os irmãos britanos foi menos feliz. Pequenos reinados ao longo da costa oeste da



A Irlanda no início do século V

Britânia, insurgindo-se com o intuito de ocupar o vazio de poder deixado após a partida das legiões romanas, buscam apoderar-se de novos territórios, valendo-se até da pirataria, atividade há muito abandonada pelos britanos cristãos. As forças de um desses reis, Coroticus, desembarcam na costa pacífica ao norte da Irlanda e, em meio a atrocidades e pilhagem, levam consigo milhares de pessoas que haviam sido convertidas por Patrício, com "a crisma ainda visível em suas fronteiras", segundo as palavras indignadas do próprio apóstolo.

Patrício envia uma delegação de sacerdotes à corte de Coroticus, na esperança de resgatar os cativos; porém, lá chegando, o grupo vira objeto de troça e escárnio. Vendo frustrada a intenção de uma audiência com o rei, e sem saber a que mais recorrer, Patrício escreve uma carta aberta aos

cristãos britanos, na tentativa de pressionar Coroticus. Trata-se de um lamento pela perda de sua gente:

Parricidas, fratricidas! Lobos famintos que devo-ram o povo de Deus como se fosse pão! (...) Digo-vos, com toda a seriedade, não é correto conviver com esses homens, nem beber ou comer em sua companhia; tampouco é correto deles receber audlio, enquanto não fizerem severa penitência, não verterem lágrimas de arrependimento diante do Senhor e não libertarem os servos de Deus e as filhas batizadas de Cristo, por quem Ele morreu e foi crucificado.

Quando escreve sobre esse "crime terrível e impronunciável", o ardor de Patrício, sem dúvida, é alimentado pela lembrança das privações por ele próprio sofridas. Naquela fase do desenvolvimento do ser humano, somente um ex-escravo condenaria a escravidão com tanta veemência. A menção a auxílio indica que os correspondentes junto aos quais Patrício espera causar maior efeito são bispos britanos, daí, também, as alusões constantes a cativos batizados. Se os bispos em questão se comoverem e excomungarem Coroticus, será tão-somente uma questão de tempo, até que uma bem-organizada conspiração de isolamento social minasse a obstinação do rei.

Não sabemos se a tática de Patrício deu certo. Mas bem sabemos que, mesmo em sua aflição, ele enxergava, perfeitamente, os obstáculos:

Em meio à tristeza e à dor, eu vos conclamo. Oh! queridos e amados irmãos e filhos em Cristo (são tantos que não poderia enumerá-los). O que posso fazer por vós? Não sou digno de acudir nem

a Deus nem aos homens. A maldade nos venceu.
Tornamo-nos estranhos. Será que não acreditam
em nosso batismo, nem que temos um Deus e Pai?
Será que acham vergonhoso o fato de termos nascido na Irlanda?

Os cristãos britanos não reconheciam os cristãos irlandeses, fosse como cristãos, fosse como seres humanos — porque não eram romanos. Patrício, cujo comportamento de estrangeiro, ao regressar à Britânia, fora motivo de tantas críticas, sentira na carne o esnobismo dos romanos cultos, que, em meados do século V, consideravam ‘romano’ e ‘cristão’ identidades inseparáveis. Atuando nos limites da geografia europeia e da consciência humana, Patrício transcende seus direitos hereditários em grau maior do que se poderia esperar. Já não é britano nem romano. Quando denuncia, com pesar: “Será (...) vergonhoso o fato de termos nascido na Irlanda?”, constatamos haver deixado para trás a antiga civilização, identificando-se, inteiramente, com os irlandeses.

Os irmãos britanos consideram tal conduta inexplicável, e buscam algum motivo não expresso. Patrício teria ido à Irlanda para enriquecer à custa dos tolos irlandeses, pois, segundo dizem, cobra por batismos e bispados. Dizem, também, que, logo ao chegar, cuidava de porcos, que não saía do chiqueiro. Dizem ainda — um escândalo quase lhe custou a ordenação — que, na juventude, ele... Para fazer frente a esses rumores maldosos, Patrício escreve sua franca *Confissão*, defendendo sua vida pastoral, contra as dúvidas publicamente expressas por aqueles que chamará “*dominicati rhetorica*”, sacerdotes britanos de formação clássica, o clero que integrava a *intelligentia*. Até a confissão íntima feita por ele às vésperas

da ordenação tornou-se objeto de ataque, e o pecado que confessara vira motivo de boato.

A meu ver, o pecado em questão se tratava de assassinato. Aos 15 anos, que pecados poderia Patrício ter cometido que ainda o atormentassem na meia-idade, especialmente quando levamos em conta sua vida tão atribulada e difícil? (Podemos conjecturar que Patrício cometera o pecado no ano 400, fora raptado no ano seguinte, escapara em 407, sendo ordenado somente em 430, visto que só retorna à Irlanda por volta de 432, quando estaria, segundo seus próprios cálculos, com 47 anos.) A despeito da preocupação expressa, mais tarde, por Agostinho, à época de Patrício, pecados de natureza sexual não costumavam pesar muito na consciência das pessoas. Roubo ou pilhagem seriam pouco prováveis, considerando o ambiente familiar que o cercava. Mas assassinato, principalmente de um escravo ou criado, não traria quaisquer consequências sociais, tampouco significaria muito para o assassino, até o momento em que o mesmo se tornasse vítima de violência. Seja qual for o caso, a ira desse homem, normalmente calmo e pacato, só vem à tona quando o assunto é escravidão ou extermínio de seres humanos.

Apesar da falta de reconhecimento por parte dos contemporâneos britanos, a grandeza de Patrício é indiscutível: foi o primeiro ser humano da história a denunciar a escravidão de forma inequívoca. E, a esse respeito, o mundo só ouvirá outra voz tão contundente quanto a dele no século XVII. Em vida, somente os irlandeses souberam apreciá-lo; além das fronteiras, era tão desconhecido quanto Agostinho o era na própria Irlanda. O próprio Patrício, provavelmente, jamais ouvirá falar em Agostinho, falecido dois anos antes de Patrício zarpou como bispo; e mesmo que tivesse ouvido falar em

Agostinho, sem sombra de dúvida, não teria lido suas obras. Uma notícia podia levar um ano para correr de um extremo ao outro daquele império decadente; livros levavam uma ou duas décadas, quando não, meio século, para percorrer a mesma distância. Mas Patrício demonstra entender os conceitos de Cidade do Homem e Cidade de Deus tão bem quanto o próprio Agostinho, quando descreve Coroticus e seus seguidores como "cães, feiticeiros e assassinos, mentirosos, falsários (...)" que vendem moças batizadas, tudo por um mísero reino terrestre que há de passar como uma nuvem ou fumaça espalhada pelo vento". Já com relação aos amados, jovens guerreiros mortos, diz: "Oh! queridos (...) eu vos contemplo no início da jornada que vos conduzirá à terra onde não existe a noite, nem a tristeza, nem a morte (...). Reinareis com os apóstolos, os profetas e os mártires. Ocupareis o reino eterno, como ele mesmo prometeu, dizendo: 'Virão do Oriente e do Ocidente e sentar-se-ão ao lado de Abraão, Isac e Jacó no reino do céu.'"

Patrício parece mais ciente do que Agostinho quanto à emoção que a verdade cristã é capaz de causar. Agostinho olhou dentro do próprio coração e ali encontrou a angústia inexprimível de todo ser humano, o que lhe permitiu a articulação de uma singular teoria sobre o pecado, revelando o lado escuro do cristianismo. Patrício buscou a oração, fez a paz com Deus e, então, olhou não apenas dentro do próprio coração, mas dentro do coração do próximo. Assim procedendo, revelou o lado da luz: descobriu que traficantes de escravos podem se tornar libertadores, assassinos podem atuar como pacificadores, bárbaros podem garantir um lugar ao lado da nobreza celestial.

Ao tornar-se irlandês, Patrício uniu à Irlanda seu mundo e sua fé. Para Agostinho e para a Igreja Romana dos primeiros

cinco séculos da nossa era, o batismo, cerimônia mística em cuja água o catecúmeno despido morre para o pecado, constitui o fundamento da vida cristã. Patrício descobriu um meio de mergulhar nas profundezas da psique irlandesa e transformar-lhe o imaginário, tornando-o mais humano, mais nobre, contudo, mantendo-o irlandês. A água batismal não mais seria o único sinal concreto de uma nova vida em Deus. A nova vida estava em toda parte, em abundância, e tudo que Deus criou era bom. Os druidas, sacerdotes pagãos irlandeses que se diziam capazes de controlar as forças da natureza, sentiam-se ameaçados por Patrício, convicto de que uma simples prece seria capaz de fazer um alimento se materializar no deserto, uma vez que o mundo era obra do Deus-Criador.

Poucas das narrativas em torno de Patrício podem ser autenticadas. Ele não expulsou as cobras da Irlanda. Não temos como saber, de fato, se ele utilizou o trevo de três folhas para explicar a Trindade. É provável que tenha confrontado um rei, talvez o grão-rei em Tara, e a questão pode ter sido o direito de celebrar a ressurreição de Cristo acendendo-se uma fogueira, o mesmo fogo cuja presença será permanente nas liturgias da Páscoa. A própria oração de Patrício, em língua irlandesa — às vezes denominada “Armadura de São Patrício”, porque, segundo a crença, o protegia contra forças nefastas, e, às vezes, chamada “Pranto do Cervo”, porque, supostamente, fazia com que o santo parecesse um cervo aos olhos de quem pretendesse lhe fazer mal —, não pode ser, com segurança, a ele atribuída. Características lingüísticas da prece apontam para uma data de composição posterior, talvez no século VII, ou até mesmo no VIII. Por outro lado, a oração é genuinamente patriciana, a primeira sonora afirmação de que o próprio universo é o Grande Sacramento, criado pelos

dons de seu Criador para abençoar e acudir aos seres humanos. Expressão mais antiga da poesia vernácula europeia, a prece encerra a visão de um druida cristão, um homem da fé e da magia. O sentimento está longe de Agostinho, mas é o sentimento que vai informar a melhor poesia da Idade Média. Se Patrício não a escreveu (pelo menos, na forma em que hoje a encontramos), a prece, com toda certeza, nele foi inspirada. Pois nesse canto cósmico, o excluído, o inarticulado que chorava pelos escravos, que auxiliava os pobres carentes, que amava o nascer do sol e o mar, finalmente encontra a própria voz. Como seria de se esperar, trata-se de uma voz irlandesa:

Levanto-me, neste dia que amanhece,
Por uma grande força, pela invocação da Trindade,
Pela fé na Trindade,
Pela afirmação da unidade
Do Criador da Criação.

Levanto-me, neste dia que amanhece,
Pela força do nascimento de Cristo em seu batismo,
Pela força da crucificação e do sepultamento,
Pela força da ressurreição e ascensão,
Pela força da descida para o Julgamento Final.

Levanto-me, neste dia que amanhece,
Pela força do amor de Querubim,
Em obediência aos anjos,
A serviço dos arcanjos,
Pela esperança da ressurreição e da recompensa,
Pelas orações dos patriarcas,
Pelas previsões dos profetas,
Pela pregação dos apóstolos,
Pela fé dos confessores,

Pela inocência das virgens santas,
Pelos atos dos bem-aventurados.

Levanto-me, neste dia que amanhece,
Pela força do céu:
Luz do sol,
Clarão da lua,
Esplendor do fogo,
Pressa do relâmpago,
Presteza do vento,
Profundidade do mar,
Firmeza da terra,
Solidéz da rocha.

Levanto-me, neste dia que amanhece,
Pela força de Deus a me empurrar,
Pela força de Deus a me amparar,
Pela sabedoria de Deus a me guiar,
Pelo olhar de Deus a vigiar meu caminho,
Pelo ouvido de Deus a me escutar,
Pela palavra de Deus em mim falar,
Pela mão de Deus a me guardar,
Pelo caminho de Deus à minha frente,
Pelo escudo de Deus que me protege,
Pela hóstia de Deus que me salva
Das armadilhas do demônio,
Das tentações do vício,
De todos que me desejam mal,
Longe e perto de mim,
Agindo só ou em grupo.

Conclamo, hoje, tais forças a me protegerem contra
o mal,

Contra qualquer força cruel que ameace meu corpo
e minha alma,
Contra a encantação de falsos profetas,
Contra as leis negras do paganismo,
Contra as leis falsas dos hereges,
Contra a arte da idolatria,
Contra feitiços de bruxas e magos,
Contra saberes que corrompem o corpo e a alma.

Cristo guarde-me hoje
Contra veneno, contra fogo,
Contra afogamento, contra ferimento,
Para que eu possa receber e desfrutar a recompensa.
Cristo comigo, Cristo à minha frente, Cristo atrás
de mim,
Cristo em mim, Cristo embaixo de mim, Cristo
acima de mim,
Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda,
Cristo ao me deitar,
Cristo ao me sentar,
Cristo ao me levantar,
Cristo no coração de todos que pensarem em mim,
Cristo na boca de todos que falarem em mim,
Cristo em todos os olhos que me virem,
Cristo em todos os ouvidos que me ouvirem.

Levanto-me, neste dia que amanhece,
Por uma grande força, pela invocação da Trindade,
Pela fé na tráfade,
Pela afirmação da unidade,
Pelo Criador da Criação.

5

O ESTÁVEL MUNDO DA LUZ



A IRLANDA SAGRADA

Patrcio dedicou os ltimos 30 anos de sua vida, isto , dos 40 aos 70 anos, aos filhos guerreiros, instando-os a "conquistar reinos eternos", com a mesma energia e intensidade com que, at , ento, matavam-se, escravizavam-se uns aos outros e conquistavam reinos. Ao utilizar as palavras acima na carta aberta escrita aos cristos britanos, Patrcio fazia ecoar as misteriosas palavras de Cristo, que parecem ter sido pronunciadas a respeito dos irlandeses: "Desde os dias de Jo , Batista at , agora, o Reino dos C ,us sofre viol ,ncia dos que querem entrar, e os violentos se apoderam dele."* Segundo esse trecho do Evangelho, os passionais, os destemidos, os arrojados tm

* A frase "the violent bear it away" (em traduo, 'os violentos dele se apoderam') fascinava a escritora norte-americana de origem irlandesa, Flannery O'Connor, que a utiliza como ttulo de um de seus romances. O sobrenome de O'Connor estabelece ligao com uma famlia real irlandesa, descendente de Conchobor (pronuncia-se 'Connor'), rei pr-histrico de Ulster, pai adotivo de Cuchulainn e 'esposo' da resuscitante Derriu. No mundo ocidental, a antiguidade das linhagens irlandesas s , superada pela dos judeus.

mais chances de conquistar o Paraíso do que os comedidos, os calculistas e os que contam com aprovação neste mundo. Com efeito, Patrício parece ter uma certa queda pelos mesmos tipos de personalidades excêntricas, marginalizadas, que atraíam Jesus, e essa propensão o torna incomum na história da Igreja.

Esse período de 30 anos, que encerra a missão de Patrício em pleno século V, configura uma época de mudanças com uma rapidez e um radicalismo que a Europa não sonará a observar. Por volta de 461, ano provável da morte de Patrício, o Império Romano está adernando, em meio ao caos, faltando apenas 15 anos para a morte do último imperador ocidental. A aceleração do processo de mudança, nesse momento, é de tal modo dramática que não devemos nos surpreender com o fato de a atenção dos historiadores ter permanecido inteiramente voltada à decadência do Império, ou que os mesmos tenham deixado de observar a transformação, igualmente dramática — e ainda mais brusca —, que transcorria na periferia do Império. Porém, enquanto Roma passava da paz ao caos, a Irlanda corria, em ritmo ainda mais acelerado, do caos à paz.

Como pôde Patrício realizar tal feito? Já observamos aqui sua simplicidade e seu calor humano, qualidades que, embora contribuam para mitigar a hostilidade e a suspeita, não conseguem, por si só, converter indivíduos voluntariosos. É certo que Patrício ganhou a admiração dos irlandeses segundo seus valores mais elevados: a coragem por ele exibida — o fato de não lhes demonstrar temor — teria causado forte e imediata impressão; à medida que os anos da missão de Patrício transcorriam, e que seu trabalho passava a ser visto como um compromisso de vida, a lealdade constante e a generosidade singular do missionário decerto comoveram o povo irlandês.

Na prática, ele transforma virtudes pagãs — lealdade, coragem e generosidade — em equivalentes cristãos: fé, esperança e caridade. Embora tal demonstração de virtude fosse capaz de criar laços de amizade, não chegaria, necessariamente, a promover conversões, pelo menos em se tratando de um povo obstinado como o irlandês.

Em todo o território romano, o cristianismo acompanhara o processo de romanização. A disseminação do cristianismo pelo Império não pode ser compreendida à parte da romanização. Ao desejarem tornar-se romanos, os povos subjugados percebem a necessidade de tornarem-se cristãos. A partir do século IV, a iniciação ao cristianismo começa a servir como uma espécie de atalho à romanização, assim como juntar-se à Igreja episcopal, até pouco tempo atrás, era um atalho para a respeitabilidade nos Estados Unidos. Uma vez que o imperador confere ao cristianismo uma posição privilegiada, a maioria dos romanos não deixa de perceber o significado desse gesto e de entender que seria de grande interesse filiar-se à Igreja. Embora pareça cinismo concluir que as conversões ao cristianismo durante a Antiguidade romana ocorreram apenas por interesses políticos e sociais, seria ingênuo supor que o cristianismo se alastrou pelo Império, simplesmente, em virtude da excelência dos valores espirituais propagados. Com certeza, os cristãos dos primeiros três séculos da nossa era, cuja profissão do cristianismo implicava a pena de morte, eram pessoas devotas e extraordinárias. Mas, a partir do tempo de Constantino, em sua grande maioria, os cristãos convertidos eram pessoas um tanto superficiais. Apesar da profunda influência de Agostinho na história subsequente, o pacato, distante e calculista Ausônio era bem mais típico enquanto cristão do final do Império do que o severo bispo de Hipona.



O Império Romano no início do século V

Impossibilitado de oferecer benefícios materiais aos convertidos, Patrício foi obrigado a encontrar um meio de sintonizar sua mensagem com as preocupações mais graves dos mesmos. Tratava-se de um desafio ao qual nenhum outro missionário tivera de se submeter, desde os primórdios do cristianismo, quando mulheres e escravos viam na nova religião um modo de vida que lhes elevava o *status* e a dignidade. Para redescobrimos a impressionante sintonia estabelecida por Patrício, entre o Evangelho e a vida irlandesa, precisamos fazer uma profunda análise do consciente do povo irlandês, nesse ponto crucial de sua história.

Consideremos o consciente e, talvez, mais importante, o inconsciente, pois os sonhos de um povo, se interpretados

corretamente, encerram os temores mais profundos e as aspirações mais elevadas. Temos acesso aos sonhos dos irlandeses, visto que podemos estudar-lhes a mitologia, seu sonho coletivo, expressa nas lendas da tradição oral da era pré-cristã (como o *Tain*), mais tarde registradas em escritos e em artefatos descobertos por arqueólogos. No entanto, visto que nem as lendas nem os artefatos podem nos fornecer uma mitologia integral (um ciclo completo do sonho irlandês), devemos ler tais registros como se fossem fragmentos de um grande papiro.

Dizer apenas que os deuses irlandeses não eram figuras muito amigáveis seria, na verdade, atenuar a questão. Sem dúvida, são poucos os ídolos encontrados em escavações de túmulos e charcos que não causariam pesadelos em crianças e nervosismo em adultos. Os achados ficam longe de Apolos e Afrodites de pele lisa e corpos esculturais. Quanto às descobertas arqueológicas em sítios celtas, além dos que estão localizados na Irlanda, servem tão-somente para reiterar a monstruosidade do panteão celta, assim como o fazem as raras aparições de deuses no *Tain*. Quando, por exemplo, os guerreiros de Connacht acampam a caminho de Cuailnge, o druida Dubthach entoa-lhes uma profecia durante a ceia. A visão por ele descrita, embora, propositadamente, obscura, retrata uma batalha iminente, em cujo final haverá “carne humana por toda parte”; as palavras não devem ter feito muito bem à digestão dos soldados. Enquanto dormiam, a deusa da guerra, “Nemain, contra eles investiu. Não tiveram paz naquela noite, e seu sono foi interrompido pelo grito feroz de Dubthach. Muitos levantaram-se, assustados, e muitos permaneceram aturdidos até que Medb os viesse acalmar”.

A própria Medb é uma espécie de deusa. Seu nome é cognato da palavra inglesa *mead*⁸ e pode ser encontrado na raiz de palavras, em várias línguas indo-europeias, significando 'aquela que intoxica', ou seja, o 'sono', estratégia com a qual, provavelmente, Medb derrubava as tropas. Bebedeira insana era o prelúdio mais comum ao sono de um guerreiro.

Na véspera da última batalha entre Connaught e Ulster, uma deusa, sinistra e multiforme, chamada Morrigan, "no crepúsculo, entre os dois acampamentos", descreveu, com os mais sangrentos detalhes, os horrores do dia seguinte. Naquela noite, duas deusas da guerra, Nemain e Badb, "conclamaram os homens da Irlanda, perto do campo em Gairech e Irgairech, e 100 guerreiros pereceram de pavor. Foi, para eles, uma noite terrível", conclui o narrador, resumindo e atenuando a questão.

Assim, uma profecia obscura era capaz de pôr fim ao tipo de sono que somente a bebedeira podia reiniciar, e uma pequena chama no crepúsculo ou um grito na noite eram capazes de matar cem homens. Por trás da bravata daquela sociedade guerreira, sempre brandindo armas destruidoras, existe um sentimento de medo tão intenso que pode matar. A consciente indiferença à morte, marca registrada de todos os heróis do *Tain*, mascara um medo subconsciente da morte, o qual retórica alguma consegue camuflar.

Para tais guerreiros, Patrício representava, pessoalmente, uma alternativa de vida. Demonstra-lhes a possibilidade de ser valente — de correr o risco, "todos os dias (...) de ser morto, traído, escravizado; tudo pode acontecer comigo" — e, ao mesmo tempo, ser um homem de paz, um homem em paz, desprovido da espada e livre do desejo de matar, um

⁸ Bebida alcoólica feita de mel e água. [N.T.]

homem a qual o pavor da morte já não consome. "Não sentia medo dessas coisas, em virtude das promessas celestiais, pois coloquei-me nas mãos de Deus Todo-poderoso." A paz de Patrício não era uma impostura; antes, emanava de sua pessoa como um perfume. Naquela região úmida, onde as pessoas viviam e dormiam próximas umas das outras, cedo ou tarde, todos saberiam se o sono de Patrício era provocado pela deusa da intoxicação ou interrompido pela deusa do medo. Mas Patrício dormia um sono profundo e sóbrio.

Assim como havia na psique irlandesa uma fissura entre a bravura consciente e o medo inconsciente, podemos constatar outras dualidades semelhantes que nos fornecem excelentes indicações do verdadeiro temperamento dessa raça de guerreiros aparentemente despreocupados. Em quase todas as lendas irlandesas encontramos, por exemplo, o fenômeno celta de mutação de forma, realidade que, para os irlandeses, é tão natural quanto, para nós, são as estruturas moleculares: essa era, simplesmente, a condição do mundo. Mutação de forma era a capacidade que determinado ser possuía de se transformar, algo que, em muito, transcendia a metamorfose causada pelo 'espasmo-disforme'. Vimos um exemplo esplêndido de mutação de forma no poema do pioneiro Amhairgín: inicialmente, é um estuário, depois, uma onda, depois o mar, depois um touro, depois um falcão etc. E, embora, hoje em dia, o leitor possa entender tais gestos como metáforas, os irlandeses acreditavam que deuses, druidas, poetas e outros indivíduos em sintonia com o mundo da fantasia podiam viver experiências de mutação de forma. Em *The Voyage of Bran, Son of Febal, to the Land of the Living*,* o mago Tuan Mac Cairill celebra sua vida multiforme:

* 'A Viagem de Bran, Filho de Febal, à Terra dos Vivos.' [N.T.]

Hoje falcão, ontem javali,
Fantástica variação! (...)

Ontem, nas manadas de javalis,
Hoje, entre bandos de pássaros;
Sei o que vai acontecer:
Hei de assumir novas formas!

Contudo, por mais extraordinária que parecesse à imaginação irlandesa, a mutação tinha seu lado escuro, pois, em nível subconsciente, sugeria uma realidade arbitrária e frágil, desprovida de esquemas de previsibilidade. Tal visão de mundo apresenta, em nível pessoal, uma implicação terrível: a de que um indivíduo não possui identidade fixa, sendo, conforme a realidade que o cerca, essencialmente fluido, 'essencialmente sem essência'. Decerto, os irlandeses não tinham como expressar tais idéias diretamente. Será preciso, primeiro, ter-se a noção de identidade para, então, poder-se queixar da falta da mesma. Mas essa fascinante e terrível instabilidade espregueja quase todas as frases da literatura antiga.

Aliado à percepção da realidade em estado de fluidez, constata-se o entendimento de que o mundo se encontra repleto de armadilhas, como em uma floresta onde há deuses-caçadores. Em outra narrativa, *The Destruction of Da Derga's Hostel*,* o herói, Conaire, cujo pai, homem-pássaro e capaz de se transformar, é aconselhado a não caçar pássaros, por uma ave que se transforma em homem e se apresenta como "Nemglan, rei dos pássaros de vosso pai". Nemglan diz que Conaire deve ir a Tara, pois será feito grão-rei, e que, durante seu reinado,

* 'A Destruição da Hospedaria de Da Derga.' (N.T.)

pássaros gozarão de privilégios, e cuidai, sempre: não passeis por Tara à vossa direita, nem por Bregia à vossa esquerda; não deveis caçar as feras de Cerna; não deveis vos ausentar de Tara durante nove noites; não deveis pernhoitar numa casa cujo fogo da lareira possa ser visto do lado de fora, depois do pôr-do-sol, e cujo interior possa ser visto por quem está do lado de fora; não deveis seguir três homens ruivos que entrem em casa de homem ruivo; não deveis permitir saques durante vosso reino; não deveis permitir entrada de mulher sozinha em vossa casa depois do pôr-do-sol; e não deveis apaziguar desavença entre dois de vossos súditos.

Em suma, o reinado de Conaire está condenado, pois será impossível observar todas essas proscricões. E, com efeito, forças hostis provocam a desobediência a cada proibição, uma a uma, causando a queda de Conaire.

Não existe herói, em toda literatura irlandesa desse período, que não seja vítima de algum tipo de previsão — *geis*, termo cunhado pelos próprios irlandeses (*geiss*, no plural), palavra que pode ser traduzida como 'determinação'. Tal conceito, comum na Idade do Ferro, é, para nós, familiar, por exemplo, nos mitos gregos: o calcanhar de Aquiles, seu único ponto fraco, determina-lhe a queda; o destino previsto a Édipo — matar o pai e deitar-se com a mãe — torna-se irresistível, por mais que ele tente evitá-lo. Nas lendas irlandesas, armadilhas aparecem a cada encruzilhada, e deuses traçaceiros se escondem atrás de cada árvore. Em um mundo como esse, onde não se pode pretender ficar imune a desastres, a opção por vida curta e fama eterna, feita pelo jovem Cuchulainn, faz pleno sentido. Mais uma vez, estamos diante da verdade fria estampada na fisionomia do *Gaulês Agonizante*.

Patrício teve a capacidade de se imaginar na posição dos irlandeses. Para ele, tanto quanto para os nativos da Irlanda, o mundo está repleto de magia. É possível invocar os elementos — as luzes do céu, as ondas do mar, pássaros e animais — e contar com seu amparo, conforme a oração da 'Armadura'. A diferença entre a magia de Patrício e a dos druidas é que, no mundo de Patrício, todos os seres e eventos advêm das mãos de um Deus bondoso, que ama os seres humanos e deseja a sua felicidade. Embora tal felicidade seja efêmera e, portanto, não possa eliminar o sofrimento, toda a natureza, na verdade, todo o universo criado, trabalha pelo bem da humanidade, ensinando, ajudando e salvando.

Patrício falava de maneira convincente sobre tais assuntos. Sabia explicar que todo sofrimento, por mais dorido e desesperado, terminaria e que se chegaria à conclusão de que valeu a pena. Insistia que, ao final, nós, também, ouviríamos as palavras: "Tua fome foi recompensada; voltarás a tua casa. Vê, teu barco está pronto". Sabia falar, com convicção, da grande generosidade de um Deus que, em resposta a preces humildes, alimenta sua gente perdida e itinerante com maná celestial, e um bando de navegantes desorientados e famintos com uma vara de porcos. Para Patrício, assim como para o poeta místico do século XIX, Gerard Manley Hopkins, profundamente influenciado pela sensibilidade celta,

A grandeza de Deus o mundo inteiro admira.
Em ouro ou ouropel fátisca o seu fulgor,*

assim como podemos constatar nas representações de pequenos pássaros e animais encontradas nos intrincados trabalhos celtas em metal.

* Trad. Augusto de Campos, Hopkins: *Cristal Terrível*. Florianópolis: Editora Nova Nova, 1991, p. 23. [N.T.]

O segredo da confiança de Patrício — uma confiança vibrante e sólida, com a qual se podem construir civilizações, uma confiança proclamada, que não se ouvia desde as épocas áureas da Grécia e de Roma — é a fé no 'Criador da Criação', expressa na abertura e na conclusão da prece da 'Armadura'. Nosso Pai do céu, Criador de todas as coisas, mesmo das que vieram a se desvirtuar ou deteriorar, há de livrar a nós, seus filhos, do mal. Mas nosso Pai não está longe, no céu; antes, está entre nós. Pois tudo criou por meio de seu Verbo, que com Ele estava desde o princípio, que encarnou na pessoa de Jesus e reluz em todas as criaturas:

Vejo Seu sangue em cada rosa,
Nas estrelas, a glória de Seus olhos;
Seu corpo brilha em neve eterna,
Suas lágrimas vertem céu abaixo.

Vejo Seu rosto em cada flor;
O trovão e o cantar dos passarinhos
São Sua voz; esculpidas com Sua força,
As pedras são palavras que escreveu.

Cada trilha é marcada por Seus passos,
Seu coração revolve a onda do mar,
Em Sua coroa estão todos os espinhos,
Em cada árvore vejo a Sua cruz.

Nesse mundo mágico, embora cheio de aventuras e surpresas, já não impera o medo. Ao contrário, Cristo, antes de nós, trilhou todos os caminhos; em cada encruzilhada, em cada árvore, temos a Palavra, o Verbo de Deus. Tudo o que precisamos fazer é calar e ouvir, conforme fez Patrício durante

o voto de silêncio por ocasião de seu 'noviciado' de pastor de ovelhas, no silêncio das colinas de Sliabh Mis.

Essa noção do mundo como Livro de Deus, sagrado — como um mistério que leva à salvação, pleno de mensagens divinas —, jamais teria surgido da civilização greco-romana, imbuída do profundo pessimismo da Antiguidade e da suspeita platônica de ser o corpo ímpio e o mundo desprovido de sentido. Nem mesmo Agostinho, cuja síntese de noções cristãs e pagãs constitui a inovação filosófica mais marcante em cinco séculos de cristianismo, aproxima-se da originalidade de Patrício. A bem da verdade, as teorias de Agostinho sobre o pecado vão pesar por toda a Idade Média, e ainda nos dias de hoje. Mas a partir do espírito de glorificação da prece 'Armadura' não de surgir uma arte e uma poesia características do mundo ocidental: a imensa força simbólica da liturgia medieval, os anjos sorridentes da arte gótica, os demônios que gargalham, a doçura da poesia de Francisco de Assis (cujo 'Cântico ao Sol' se confunde com a poesia celta), a poesia de Dante (que fala do "amor que move o sol e as estrelas") e de Chaucer (que ao falar no "Criador de tudo que foi criado" parece citar a 'Armadura'). E esse espírito não ~~perceui~~ com o fim da Idade Média; antes, permanece, até o presente, na tradição poética britânica e irlandesa, desde as visões serenas de George Herbert e Thomas Traherne, o êxtase de Gerard Manley Hopkins e o misticismo de Joseph Plunkett, que escreveu: "Vejo Seu sangue em cada rosa", não no século V, mas no século XX,* até o druidismo

* Plunkett, poeta visionário, descendente de nobre linhagem irlandesa e de Oliver Plunkett, arcebispo de Armagh e mártir elisabetano, foi executado pelos ingleses, no Levante da Pérsia, em 1916. Poeta de veia bastante distinta, Edith Sitwell, mais tarde, ainda no século XX, escreve outro poema — "Still Falls the Rain" ['Ainda Cai a Chuva'] — no qual vê na chuva torrencial que desaba durante um bombardeio aéreo, em 1940, a misericórdia de Cristo.

cristão de Seamus Heaney, que, hoje em dia, compõe poemas capazes de deter a própria Derdriu.

Nessa tradição, existe uma confiança nos objetos apreendidos sensorialmente, os quais são vistos como sinais de Deus. Existe, também, uma celebração, igualmente, sensorial, das maravilhas da criação, o que causaria grande constrangimento aos cristãos romanos. Acredito na possibilidade de que, caso lesse a prece 'Armadura', Agostinho teria detectado heresia. Até mesmo na *Confession* e na *Letter* de Patrício, por consenso, fruto da pena do missionário, há certas omissões e ênfases que Agostinho teria considerado decepcionantes. Onde, no relato de Patrício, podemos encontrar uma crítica às tentações da carne? A não ser no incidente ambíguo, quando os navegantes oferecem o peito a Patrício, os únicos trechos que se aproximam do assunto 'sexo' são as referências feitas às "mais belas" princesas irlandesas, por ele batizadas, e o horror expresso diante do fato de as convertidas terem sido levadas como escravas do prazer sexual dos soldados de Coroticus. Com respeito a sexo, Patrício permanece tão calado quanto o Evangelho.

Pode ser que, em decorrência do afã em batizar, em lavar o imaginário irlandês, Patrício fosse menos obcecado por questões de sexo do que seus irmãos no continente europeu, e que sentisse menos necessidade de enfatizar tais assuntos. Antes da missão de Patrício, os relacionamentos sexuais na Irlanda tinham um caráter espontâneo. 'Casamentos' experimentais, com duração de um ano, parceiros múltiplos e relações homossexuais entre soldados em campanha, eram práticas mais ou menos correntes. Apesar do sucesso obtido por Patrício no sentido de alterar certos costumes de guerreiros das tribos irlandesas, o comportamento sexual pouco

se alterou. Nem mesmo nos mosteiros por ele fundados a devoção ao voto de castidade era seriamente observada. E, no final do século XII, Geraldo Cambrensis relata que os reis de Clan Conaill continuavam a ser empossados no cargo em grande estilo, conforme fora o caso de seus antepassados: copulando, em público, com uma égua branca.

Nada disso causará surpresa se entendermos que certos aspectos, característicos da civilização irlandesa, foram abraçados por Patrício, servindo de alicerce à construção de um novo cristianismo. Tais aspectos incluíam a coragem irlandesa, por ele tanto admirada, mais, o misticismo inato aos irlandeses, que tanto o impressionara, e que lhes revelava o mundo como sendo algo sagrado — o mundo como um todo. Com base nessa sólida noção, Patrício coreografa a dança sagrada presente no cotidiano litúrgico irlandês, uma experiência sacramental que vai além dos atos simbólicos da liturgia da Igreja, abrindo-se a todo o universo criado. O mundo é inteiramente sagrado, e assim é o corpo humano.

As aventuras de Patrício no mundo onírico irlandês devem ter atingido o ponto crucial quando o missionário deparou com o fenômeno do sacrifício humano. Todos os povos antigos sacrificavam seres humanos. Basta lembrar o sacrifício feito por Agamenon a Artêmis, entregando-lhe o que possuía de mais belo: a filha Efigênia. Tal relato, porém, pertencia à Grécia da Idade do Ferro, tão distante do mundo românico no qual Patrício nasceu quanto as execuções em praça pública estão do nosso. Para nós, será difícil identificar resquícios dos sacrifícios; flores, árvores de Natal, as luzes que usamos em vigílias, bem como a Missa, talvez sejam os últimos vestígios. Mas, no mundo romano, o sacrifício de animais era prática corrente, pouco diferindo dos sacrifícios relatados nos escritos

judaicos, sacrifícios que estavam sendo oferecidos no templo no momento em que Jesus era levado ao Calvário e o sangue de cordeiros escurecia as águas do rio que percorria Jerusalém.

Pelo que consta, em determinado estágio do desenvolvimento de toda cultura, o sacrifício de seres humanos torna-se inadmissível e, a partir de então, seres humanos são substituídos por animais. A esse respeito, o trecho do Gênesis relativo a Isac pode ser considerado, em termos simbólicos, o divisor de águas na história dos judeus: o momento em que o Deus de Abraão lhe diz não ser mais necessário sacrificar seu único filho; bastaria sacrificar um carneiro. Os irlandeses, no entanto, no momento em que Patrício inicia sua missão, não haviam alcançado tal estágio e ainda sacrificavam seres humanos em honra de seus deuses. Sacrificavam prisioneiros de guerra, para homenagear os deuses da guerra, e recém-nascidos, em homenagem aos deuses da colheita. Acreditando ser a cabeça o repositório da alma, exibiam, com orgulho, nos templos e nos muros dos povoados, as cabeças dos inimigos derrotados; chegavam a pendurá-las à cintura, como enfeites; utilizavam-nas como bolas de futebol em comemorações de vitórias e usavam a parte superior de crânios como recipientes em certos cerimoniais. Além disso, esculpiam cabeças — decapitadas e ressequidas, bem como imponentes cabeças de deuses impassíveis —, sendo que um dos temas mais freqüentes era a cabeça de um deus de três faces, pois o três era considerado um número mágico e deuses e deusas muitas vezes manifestavam-se em três formas.

Por que procedem assim os seres humanos? Não será difícil localizar o respectivo mecanismo psicológico, uma vez que nem mesmo o leitor mais ateu deixará de admitir que, ocasionalmente, oferece algum tipo de oração em troca de

algun beneficio: se passar nessa prova, volto a frequentar a igreja; se minha esposa não descobrir que sou infiel, doarei à caridade a quantia referente ao meu próximo aumento de salário. A teologia, a visão de Deus, que se esconde por trás desse tipo de pleito, é a de um trapaceiro arbitrário, um mau pai, suscetível a pressões, bajulação e manipulação. Se considerarmos que a crença nesse tipo de deus é algo bastante primitivo, não será difícil entendermos por que a mesma pode ensejar o sacrifício humano: *Ei-lo aqui; levai-o, não a mim!* A cabeça impassível do deus exige o sangue de alguém. *Que não seja o meu!* Chego a pensar que certos crimes hediondos podem ser explicados com base nesses impulsos pré-históricos. Com certeza, os mais chocantes crimes de guerra, tais como os perpetrados nos banhos de sangue ocorridos na Bósnia e em Ruanda, são reações humanas a esses instintos. Ao estudarmos a fisionomia dos deuses celtas, podemos inferir que muitos deles só se satisfariam com sangue.

Contudo, enganamo-nos com respeito à complexa história do sentimento religioso se concluirmos que todo e qualquer sacrifício, inclusive o de seres humanos, pode ser reduzido a motivos torpes. Através da História, diferentes civilizações desenvolveram pensamentos distintos. Por exemplo, para os gregos, o cosmo sempre existiu, enquanto nós acreditamos ter havido um começo; os patriarcas judeus jamais pensaram na existência da alma, conceito central do pensamento grego. Porém, ao contrário do pensamento, o *sentimento* humano (tanto quanto o corpo humano) não se alterou com o tempo. O que os irlandeses sentiam, nós sentimos. Mesmo com todo o terror inerente ao cosmo celta e o desejo de sangue dos deuses, nenhuma sociedade humana poderia sobreviver por muito tempo se praticasse o sacrifício, apenas nos termos da tribo

selvagem que aparece no filme *King Kong*, isto é, oferecendo à fera beldades aterrorizadas.

Essa caricatura é desmentida pela prova mais contundente de sacrifício humano até hoje descoberta: os corpos pré-históricos de Tolland, Grauballe e Borremose, encontrados em sítios arqueológicos dinamarqueses na década de 1950, e por um achado recente, ainda mais intrigante, em um sítio inglês. Quanto aos corpos encontrados na Dinamarca, acredita-se na possibilidade de serem de celtas; o corpo do homem descoberto, em 1984, na Inglaterra, em Lindow Moss, um antigo sítio localizado ao sul da cidade de Manchester, com toda certeza, é de um celta, possivelmente, de um irlandês. O surpreendente estado de conservação em que os corpos se encontram é decorrência das propriedades químicas do solo da região (turfa), que transformaram a pele das criaturas em uma espécie de couro, deixando-a intacta, permitindo inclusive a observação de detalhes físicos, até rugas sob os olhos, quase como em vida. Todos os corpos em questão foram sacrificados, e todas as fisionomias estão em paz. Isto é, todos parecem ter concordado, talvez de bom grado, com o sacrifício, como Isac, confiante na bondade do sacerdote encarregado do sacrifício e, acima de tudo, na bondade do Deus Pai.

Se observarmos a religião tal como é nos dias de hoje, concluiremos que o impulso religioso irlandês, decerto, manifestava-se de duas maneiras bastante distintas. Aqueles que possuíam uma religiosidade inferior estariam mais que dispostos a sacrificar seus semelhantes por deuses que, no seu entender, eram sedentos de sangue, uma projeção da própria psique e das vidas desvirtuadas de tais indivíduos. Ainda encontramos pessoas cuja religiosidade inflexível valoriza princípios em detrimento de seres humanos, cujos ícones (no

caso do cristianismo) costumam incluir Madonas inexpressivas e sem busto, ou Cristos nórdicos, de olhar gelado. No outro extremo, estariam indivíduos como o Homem de Lindow, que se imolou por sua gente. Entre os dois extremos, a meu ver, ficava a grande maioria dos fiéis irlandeses, às vezes cedendo aos instintos religiosos inferiores, outras vezes, inspirados pelos elevados ideais de sua religião.

Tudo leva a crer que o Homem de Lindow tenha sido sacrificado. Além disso, suas mãos não apresentam calos e as unhas são bem-tratadas. Portanto, era um aristocrata, embora, por incrível que pareça, não fosse um guerreiro, pois não traz no corpo qualquer cicatriz de batalha. Na verdade, desconsiderando-se as marcas da requintada execução, o corpo parece absolutamente intacto. Segundo os arqueólogos britânicos Anne Ross e Don Robins, trata-se de um príncipe druida vindo da Irlanda por volta do ano 60 a.C., momento em que os romanos firmavam seu controle e erradicavam o druidismo. O príncipe teria se oferecido em sacrifício aos deuses na expectativa da derrota dos romanos. Ross e Robins acreditam haver identificado seu nome: Lovernius, o Homem-raposa. Com efeito, tinha cabelo e barba ruivos (no estilo de um druida, e não de um guerreiro, com espessos bigodes) e trazia, no braço esquerdo, um bracelete de pele de raposa, único adorno em seu corpo nu.

O aparelho digestivo de todas as vítimas de sacrifícios é examinado, com o objetivo de se averiguar até que ponto os últimos alimentos ingeridos podem revelar algum dado circunstancial. No caso dos corpos dinamarqueses, a última refeição foi uma mistura abjeta, grãos e várias plantas (nem sempre comestíveis) — um cereal pré-histórico de revirar o estômago! A conclusão mais óbvia a ser articulada a partir

dessa constatação é que, prestes a morrer de fome, o povo a que pertenciam as vítimas dinamarquesas fazia render o pouco que lhes restava em termos de suprimento, diluindo os grãos em qualquer substância. É fácil entender a disposição da vítima, no sentido de oferecer a própria vida à deusa da terra, para que esta se dignasse a alimentar-lhe a família.

Mas o caso do irlandês Lovernius é diferente. Em seu esôfago foram encontrados apenas fragmentos escurecidos de uma espécie de broa — estranha e derradeira refeição. Ross e Robins, com toda correção, ressaltam que, em comunidades celtas, um pedaço chamuscado de pão sem fermento encontrado no corpo da vítima é sinal de martírio. Em pleno século XX, meninos, em povoados remotos na Escócia, ainda se reuniam, nas charneças, no dia 1º de maio, data da tradicional festa de Beltaine; na ocasião, acendiam uma fogueira e dividiam uma broa, em partes iguais, correspondendo ao número dos presentes. Então, “escuteciam, com carvão, um dos pedaços e colocavam todas as partes dentro de um chapéu. De olhos vendados, cada qual retirava um pedaço. Aquele que tirasse o pedaço enegrecido era o devoto a ser, simbolicamente, sacrificado a Baal [deus da festa de Beltaine]. Era, então, obrigado a saltar a fogueira três vezes”. É possível imaginar que houve época em que o sacrifício nada tinha de simbólico.

A prova mais conclusiva de que os restos mortais encontrados nas escavações pertenciam a vítimas de sacrifícios é a narrativa que os próprios corpos constroem quanto à natureza das mortes. Nus, todos se submeteram a uma requintada, ritualística Morte Tripla. O Homem de Lindow, por exemplo, teve o crânio achatado por três golpes de machado, a garganta estrangulada por uma corda com três nós e o sangue drenado, rapidamente, por meio de um corte preciso na

jugular. Eis a figura pré-histórica da vítima do sacrifício humano, a oferenda feita a partir de um grande momento de necessidade, a vítima imaculada, escolhida para morrer, possivelmente primogênita, um presente ao deus, alimento para o deus, consolo para o povo, purificação, perdão para todos, por pecados conscientes e inconscientes, intencionais ou não. Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo.

Patrício declarou que tais sacrifícios não seriam mais necessários. Cristo morreu, uma vez, por todos. Com toda certeza, remetia-se a Paulo, seu modelo, que na Epístola aos Filipenses recita esse misterioso poema sobre o sacrifício, o hino cristão mais antigo:

Ele tinha a condição divina,
e não considerou o ser igual a Deus
como algo a que se apegar ciosamente.

Mas esvaziou-se a si mesmo,
e assumiu a condição de servo,
tomando a semelhança humana.

E, achado em figura de homem,
humilhou-se e foi obediente até a morte,
e morte na cruz!

Por isso Deus o sobreexaltou grandemente
e o agraciou com o Nome
que é sobre todo nome,

De modo que, ao nome de Jesus,
se dobre todo joelho dos seres celestiais,
dos terrestres e dos que vivem sob a terra,

E, para glória de Deus, o Pai,
toda língua confesse:

Jesus é o SENHOR.

Eis uma história que responde aos nossos mais profundos anseios, diriam os irlandeses, e com uma plenitude com a qual jamais sonhamos. Podemos depor nossas facas e abandonar as oferendas. Já não são necessárias. O Deus de Três Faces entregou-nos o próprio Filho, e fomos purificados no sangue desse cordeiro. Deus não nos odeia: Ele nos ama. Não existe prova maior de amor do que dar a própria vida pelos amigos. Foi isso que o Verbo de Deus, encarnado, fez por nós. De agora em diante, todos nos sacrificaremos, mas sem derramar sangue. Esse Deus quer a nossa vida, não a nossa morte. Mesmo assim, *havemos de nos sacrificar*, pois, em seguida ao hino, Paulo nos aconselha: "Que esse espírito esteja em vós como esteve em Cristo Jesus."

Os celtas nos legaram dois artefatos que nos revelam a história da transformação do imaginário irlandês, de uma origem pagã, aterrorizante e instável, à paz do batismo. O primeiro se trata do vaso de Gundestrup, encontrado em um charco dinamarquês, onde teria sido deixado, como oferenda, por algum devoto celta, um ou dois séculos antes de Cristo. Sabemos que se tratava de uma oferenda porque a peça acabara de ser fundida e, em observância ao costume celta, despedaçada antes de ser ofertada; isto é, não foi feita para o uso diário das pessoas. (Toda oferenda, inclusive o pão da comunhão, deve ser diferenciada e, de uma maneira ou de outra, partida, consumida ou transformada, para ser autêntica. Trata-se da 'lógica' do sacrifício.) O vaso é um deslumbrante trabalho em prata, com laterais contendo figuras 'vivas' de deuses e guerreiros. Várias das cenas representadas referem-se a sacrifícios, de animais e seres humanos, em uma das quais um gigantesco deus-cozinheiro deposita humanos dentro de uma espécie de tonel, como se fossem lagostas. Em outra,

vemos um deus com chifres — figura, muitas vezes, denominada Cernunnos, encontrada em moedas desde a Índia às ilhas Britânicas —, o senhor dos animais, cercado de um bode, um veado, uma cobra, um golfinho e outros integrantes do reino animal, além de uma guirlanda de flores e plantas. Em contraposição à violência dos guerreiros e dos deuses carnívoros, temos aqui um São Francisco pré-histórico, reinando em paz. A figura parece servir de transição entre os furiosos deuses celtas, sedentos de sacrifício, e o Deus cristão, que se deixa imolar.

O outro artefato é o Cálice de Ardagh, encontrado em um campo em Limerick, tendo como datas prováveis de sua origem o final do século VII ou o início do século VIII, o mesmo período em que a 'Armadura' teria chegado à sua forma definitiva. Trata-se do trabalho em metal mais extraordinário do início da Idade Média, a um só tempo bárbaro e refinado, sólido e leve, arrojado e comedido. Conforme o vaso, teria sido fundido para ser utilizado em algum ritual, mas expressa uma mensagem mais esperançosa com relação ao sacrifício em si, pois o Deus a que é dedicado não mais exige que o alimentemos, para a Ele nos unirmos. O processo foi revertido: Ele nos oferece o alimento celestial. Nessa nova 'economia', bebemos o Sangue de Deus, e ao usarmos a mesma taça, tornamo-nos um só, dividimos um só destino. O vaso de prata foi confeccionado em agradecimento por alguma importante graça alcançada; não teria sido feito para ser visto por mortais, mas apenas para a satisfação do deus do charco. O cálice de prata, por outro lado, foi feito para alegria e conforto dos seres humanos que bebiam seu conteúdo místico. O equilíbrio elegante, as delicadas filigranas em ouro e o esmalte em azul e vermelho eram como um chamado

vindo de longe. À medida que se aproximava do cálice, o fiel podia apreciar melhor a sutileza do trabalho; ao erguê-lo aos lábios, seria surpreendido por uma inscrição diminuta abaixo das alças: os nomes dos Doze Apóstolos. Ao beber o vinho, no momento exato da comunhão, o fiel ergueria ao céu a base do cálice, revelando o detalhe mais impressionante da peça: o trabalho na parte inferior da haste, a ser visto apenas por Deus. Esse momento de regozijo secreto estabeleceu-los entre o cálice e o vaso e todos os ancestrais pagãos dos irlandeses. Mas a prática pagã no sentido de se promover o regozijo de um deus será inteiramente absorvida pelo Novo Imaginário e por tudo o que vier a seguir. O artífice é, sem dúvida, um poeta, ou um druida, mas já não é um daqueles indivíduos cuja arte e poder faziam Patrício se preocupar com autoproteção:

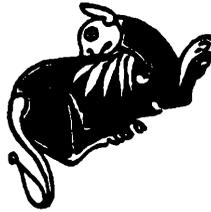
Contra a arte da idolatria,
Contra feitiços de bruxas e magos,
Contra saberes que corrompem o corpo e a alma.

Eis que o regozijo de Deus é o regozijo do homem, a Terra está envolta em luzes celestiais, o cálice torna-se o símbolo da gratidão do artífice druida e cristão, seu *deo gratias*.

E assim os irlandeses tornaram-se cristãos.

6

O QUE FOI ENCONTRADO



COMO A IRLANDA SALVOU A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Patrício era um homem obstinado e só encontrou sentido para a vida após atingir a meia-idade. Por temperamento, era capaz de ficar exaltado ao perceber alguma injustiça cometida contra o próximo, principalmente contra pessoas indefesas. Ao mesmo tempo, possuía o contentamento e o bom humor tantas vezes observados nos humildes. Apreciava o mundo e a variedade de seres humanos, e era um homem espirituoso. Tinha o espírito irlandês. “Egocentrismo e seriedade total são necessários às grandes realizações, e nisso reside a dificuldade dos irlandeses; em dado momento, o instinto de encarar o lado cômico da vida torna-se irresistível e a ambição esmorece.” Esse *insight*, de William V. Shannon, uma vez aplicado a Patrício esclarece, de maneira peculiar, a personalidade do missionário e chega a explicar por que suas realizações permanecem obscurecidas na história. Ademais, a noção contribui para distanciar Patrício de seu companheiro como bispo, seu confessor, o contumaz Agostinho.

A interação entre Patrício e o povo que ele adotou é algo maravilhoso de ser contemplado. No superaquecido ambiente cultural irlandês, uma atitude mística com relação ao mundo era de se esperar, como jamais fora o caso no frio e racional mundo romano. Apesar das trevas do paganismo e de toda instabilidade, esse ambiente irlandês, em última análise, era mais propício àquele jovem pastor de formação educacional deficiente, com o qual Deus falava diretamente. O local de onde havia partido na Britânia romana tornara-se, para ele, estranho. Ocorreu que os irlandeses deram a Patrício mais do que um lar, deram-lhe um papel, um sentido à vida. Somente aquele ex-escravo possuía instintos capazes de conferir aos irlandeses uma Nova História, que emprestasse um novo significado a todas as histórias antigas, que lhes trouxesse uma paz jamais experimentada.

A dádiva de Patrício aos irlandeses foi o seu cristianismo: o primeiro cristianismo desromanizado da História, um cristianismo sem a bagagem sócio-política do mundo greco-romano, um cristianismo que se aculturou sobremaneira ao ambiente irlandês. Através do Edito de Milão, que, em 313, declara a legalidade da nova religião e a toma a menina dos olhos do novo imperador, o cristianismo é aceito por Roma, e não Roma pelo cristianismo! A cultura romana pouco se alterou com a interação, e há quem defenda a idéia de que, no processo, o cristianismo perdeu muito daquilo que o distinguiu. Porém, no caso da interação com Patrício, a Irlanda, carecendo do poder e das implacáveis tradições romanas, é aceita pelo cristianismo, que a transforma em Algo Novo, algo jamais visto: uma cultura cristã onde a escravidão e o sacrifício de seres humanos tornam-se inadmissíveis, e onde a guerra, embora impossível de ser erradicada, diminui

de maneira considerável. Ocorre que os irlandeses eram verdadeiros aficionados do combate físico, e seria impossível que as lutas entre tribos desaparecessem completamente. Mesmo assim, as novas leis, influenciadas pelas normas do Evangelho, muito inibiam tais conflitos, determinando que só era permitido recorrer às armas em causas graves. A Irlanda não voltaria a vivenciar uma batalha na escala do *Tain* até Brian Boru expulsar os *vikings*, no século XI.

No momento em que os filhos guerreiros do coração de Patrício, convertidos, depõem as espadas, atiram longe as facas usadas nos sacrifícios e deixam de lado as correntes da escravidão, tornam-se irlandeses e irlandesas. Com efeito, a sobrevivência de uma identidade psicológica irlandesa é uma das maravilhas da história da Irlanda. Ao contrário dos Padres da Igreja continental, os irlandeses jamais se preocuparam em demasia com a erradicação das influências pagãs, às quais faziam vista grossa e demonstravam certo apreço. Festas pagãs continuaram a ser comemoradas, motivo pelo qual, hoje em dia, celebramos as festas irlandesas de *May Daye Hallowe'en*.* Ainda hoje, no mês de agosto, uma cidade no condado de Kerry promove um festival para celebrar a fertilidade; nessas ocasiões, um imponente bode, tal e qual Cernunnos, por três dias e três noites, preside as cerimônias, sendo a bebedeira, as danças eufóricas e a liberdade sexual os principais entretenimentos. É, precisamente, essa típica mistura irlandesa do pagão com o cristão que constitui o tema da extraordinária

* O dia 1º de maio, conhecido como 'Beltaine', era uma sagrada da primavera, ocasião em que os participantes acendiam fogueiras, erigiam mastros enfeitados e desfrutavam de liberdade sexual; a última noite de outubro, conhecida como Samain (Hallowe'en), marcava o início do inverno, sendo a noite em que fantasmas e outras criaturas nefastas, vindas do 'outro mundo', tinham permissão para assombrar os vivos.

peça de Brian Friel *Dancing at Lughnasa*, Lughnasa sendo a festa da colheita do deus Lug, ainda celebrada no dia 1º de agosto em certas regiões de Donegal. Os costumes irlandeses relativos ao casamento permaneceram, em grande parte, livres da influência romana. Ainda no século XII, portanto, sete séculos após a conversão da Irlanda ao Evangelho, marido ou mulher podiam declarar o fim do relacionamento, em 1º de fevereiro, festa de Imbolc, o que significava que os casamentos irlandeses eram renovados anualmente, como assinaturas de revistas ou apólices de seguro. E, ainda no século passado, homens nus (e, pelo que sabemos, mulheres, também) cavalgavam em pélo nas praias de Clare, em meio às ondas, na maré alta, fazendo lembrar seus ancestrais guerreiros da pré-história. Contudo, depois de Patrício, os deuses maléficos perderam importância e se tornaram mais pacíficos. Tornaram-se, na verdade, as gárgulas cômicas do imaginário-medieval, espreitando dos cantos menos dignos, ensejando a crença de que se existe algo que o diabo não tolera é a gargalhada.

Edmund Campion, jesuíta do período elisabetano, martirizado em Tyburn, em 1581, deixou-nos uma descrição dos irlandeses, ainda hoje verdadeira:

O povo tem as seguintes características: religiosidade, franqueza, amabilidade, irritabilidade; suportam grande sofrimento e conhecem a glória; há entre eles muitos feiticeiros e excelentes cavaleiros; apreciam a guerra, são generosos ao dar esmola e extremamente hospitaleiros (...). São sagazes e cultuam o conhecimento, sendo proficientes em quaisquer estudos a que se dedicarem; são firmes na adversidade e gostam de aventura; são ingovernáveis, generosos e discretos ao expressarem insatisfação.

Nesse retrato elisabetano vislumbramos não apenas os irlandeses dos nossos dias, como, também, o espírito intenso de irlandeses que há muito se foram: Ailil, Medb, Cuchulainn, Derdriu, bem como, de certa forma, o próprio Patrício. Embora seja difícil verificar se Freud estava certo, ao comentar, exasperado, que os irlandeses eram o único povo incapaz de ser ajudado pela psicanálise, uma coisa é certa: os irlandeses jamais se modificarão. ↩

O único elemento no retrato feito por Campion que, de imediato, talvez, não associássemos aos personagens do *Tain* é a referência a conhecimento e estudos — “cultuam o conhecimento, sendo proficientes em quaisquer estudos a que se dedicarem” —, visto que foi a missão cristã de Patrício que fez fecundar o estudo na Irlanda. Patrício, meio-romano, entendia que, embora o cristianismo não fosse absolutamente inseparável dos costumes romanos, jamais poderia sobreviver sem o letramento romano. E, assim, os primeiros irlandeses cristãos foram, também, os primeiros irlandeses letrados. ¹

A experiência irlandesa é singular na história das religiões, porque a Irlanda foi o único local onde o cristianismo foi introduzido sem derramamento de sangue. Não há mártires irlandeses (a não ser quando, 11 séculos após Patrício, Elisabeth I encarrega-se de criá-los). Essa carência de mártires incomodava os irlandeses, aos quais uma morte gloriosa e violenta representava um emocionante desfecho para a vida. Uma vez que toda a Irlanda havia recebido o cristianismo sem luta, os irlandeses teriam de encontrar alguma nova modalidade de martírio, algo ainda mais interessante do que as histórias terríveis que começavam a lhes chegar às mãos,

vindas do continente europeu: as chamadas 'martirologias', com as quais Patrício e seus sucessores ensinavam leitura.

No final do século V, início do século VI, os irlandeses encontraram uma solução, a qual denominaram o 'Martírio Verde', em oposição ao tradicional 'Martírio Vermelho', caracterizado pelo derramamento de sangue. Com o propósito de estudarem as Escrituras e aproximarem-se de Deus, os Mártires Verdes abandonavam o conforto e os prazeres da sociedade e isolavam-se no topo de uma montanha, ou em uma ilha deserta, em suma, em algum local fora da jurisdição tribal. Entre as histórias trazidas por Patrício, tais indivíduos encontraram exemplos de eremitas que se retiravam para o deserto egípcio e que, igualmente carentes do rito purificador ensejado pela perseguição, haviam idealizado uma nova forma de santidade, isolando-se em sua comunidade, enfrentando todo tipo de adversidade física e psicológica, impondo a si mesmos jejum e penitência, tudo com o objetivo de se aproximarem de Deus.

Temos um curioso poema, em irlandês, atribuído a um dos convertidos de Patrício, São Manchán de Offaly, no qual podemos vislumbrar a história do processo de criação dos 'Mártires Verdes'. No poema, o futuro mártir enumera suas singelas aspirações, a primeira sendo um casebre isolado:

Concedei-me, Ó Cristo, a graça de achar
— Ó Filho do Deus vivo! —
Um casebre em local ermo,
Para servir-me de morada.

O santo eremita, porém, não busca o isolamento total com relação à humanidade. Embora distante, ficará à disposição daqueles que caminharão alguns quilômetros à pro-

cura de orientação, instrução e batismo. Daí, a segunda estrofe e o segundo pedido:

Um pequeno e claro poço,
Bem ao lado da casinha,
Onde a graça vai lavar
Os pecados do lugar.

O eremita, então, volta-se para o ambiente que o cerca e formula outros pedidos:

Um belo bosque, ao redor,
A fim do vento proteger,
E aos pássaros dar um lar,
Santuário a cantar.

Que seja voltada ao sul,
Com brisa fresca e regato,
Um pasto verde e bom solo
E frutos que caiam ao colo.

Reconhecido como um guru, tipicamente, o 'eremita' recebe a adesão de seguidores desejosos de construir casebres e sentar aos pés do mestre. E prossegue com a lista de pedidos mundanos:

Que eu escolha companheiros,
Em número e qualidade,
Homens humildes e calmos,
E que saibam cantar salmos.

Quatro atrás de três, três de quatro,
O cântico a recitar,
Seis rezando à porta sul,
Seis ao norte a declamar.

Dois a dois, meus doze amigos,
Não posso o número errar,
Orando comigo ao Rei
Que dá-nos a luz e a lei.

Os irlandeses, sempre fascinados pelas propriedades mágicas dos números, acreditavam ser o 12, que, na Bíblia, significa totalidade, o número ideal de integrantes para uma comunidade religiosa, emulando a situação de Cristo e os Doze Apóstolos. O humilde eremita, que a princípio pede tão pouco, torna-se abade em um monastério, congregando homens que habitam casebres construídos em forma de colméias, em volta de uma pequena igreja. Enquanto abade, pastor de seu rebanho, representando o próprio Cristo, o ex-eremita, naturalmente, começa a pensar na importância do papel por ele exercido e na dignidade da Igreja. Então, mais um pedido:

Linda igreja, um lar para Deus,
Ornada com linhos finos;
Que o Evangelho na capela
Brilhe sempre à luz da vela.

Tendo chegado até aqui, o 'eremita' sente a necessidade de uma residência comum, com espaço suficiente para a realização das mais diversas atividades de um monastério grande e consolidado. Mas o poeta ainda consegue imaginar tal edifício como algo 'pequenino':

Casebre que a todos guarde,
Que a todos dê um conforto,
Negue a lascívia e a arrogância,
Promova o bem e a constância.

Nas solicitações finais, podemos até mesmo contemplar o apogeu de uma cultura monástica, centro de uma nova civilização irlandesa, fervilhante, rica — isenta de impostos —, onde o silêncio e a solidão são coisas raras:

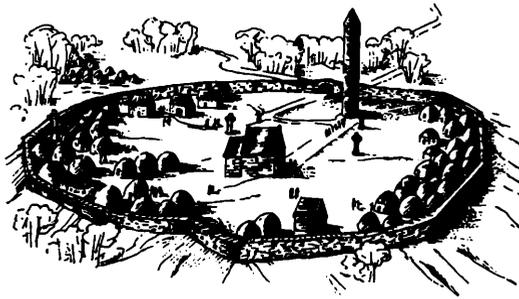
Tudo aquilo que preciso
Tenho ganho, sem pagar:
Verduras, aves e peixe,
Frutas, mel e lenha em feixe.

Minha roupa e meu sustento
Vêm do Rei, tão singular;
Deixai-me, às vezes, a sós
A rezar por todos nós.

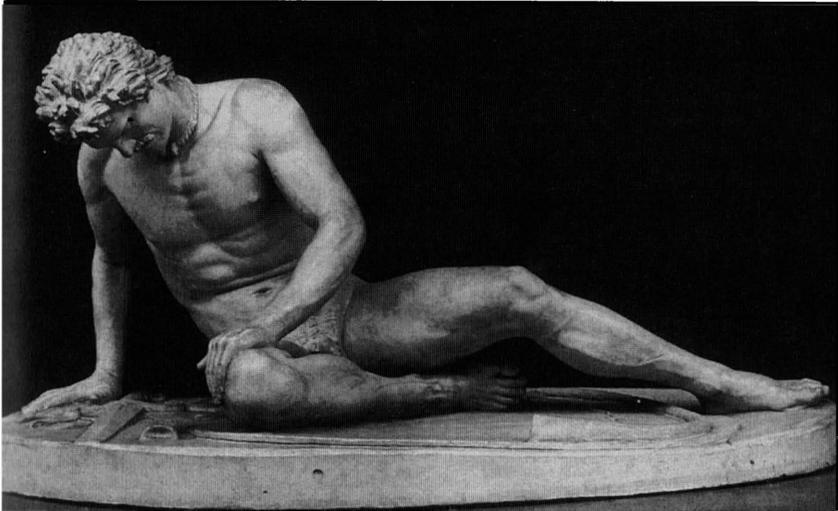
A diferença em tom e conteúdo observada entre o sanguinário *Tain* e a tranqüila “Canção do Eremita” merece análise. O humor está presente em ambos os textos, mas o humor grosseiro do ciclo mitológico reaparece transformado em um humor um tanto autodepreciativo, monástico. E embora o ritmo sutil da autodepreciação não seja capaz de abafar o ruído forte provocado pelo egocentrismo (pois, sem dúvida, o poeta se considera pessoa importante), a dimensão dos homens e de seus bens diminuiu: tudo em Cuchulainn é hiperbólico; nesse eremita, tudo é menor. Enquanto as cores, no *Tain*, são metálicas e envoltas em sombras, o mundo do eremita brilha com uma luz que recai sobre todos os objetos, ressaltando cada item em sua rica e distinta coloração, como iluminuras em uma antiga edição do Evangelho. A experiência central aqui são esse brilho e conceitos tais como clareza, nitidez, luminosidade e beleza que perpassam o poema.

Assim, em pouco tempo, os desejos extremos do Martírio Verde foram abandonados em favor do monasticismo, movimento que, embora capaz de apoiar e mesmo incitar excêntricas, ao mesmo tempo, sujeitava tais tendências a um contrato social. Uma vez que a Irlanda carecia de cidades, os estabelecimentos monásticos desenvolveram-se e tornaram-se os primeiros centros populacionais, sedes de prosperidade, arte e conhecimento, sem precedentes na história do país.

Não devemos, no entanto, exagerar a ênfase dada a essa unidade cultural. Ainda havia guerra entre tribos; às vezes, até mosteiros guerreavam entre si. Abundavam as lendas de visionários reclusos e de lunáticos, como a de Sweeney, rei que achava que era pássaro e vivia nas árvores, ou a de Kevin, de Glendalough, eremita do século VI que habitava uma caverna na rocha de um penhasco, de onde saía, em pleno inverno, para



Desenho de um antigo mosteiro irlandês



O GAULÊS AGONIZANTE

Epítome da bravura do guerreiro celta, trata-se da cópia romana de uma estátua grega esculpida no século III a.C. O grande trompete curvo era um dos instrumentos musicais capazes de provocar ruído infernal, que integravam o equipamento de guerra do celta.

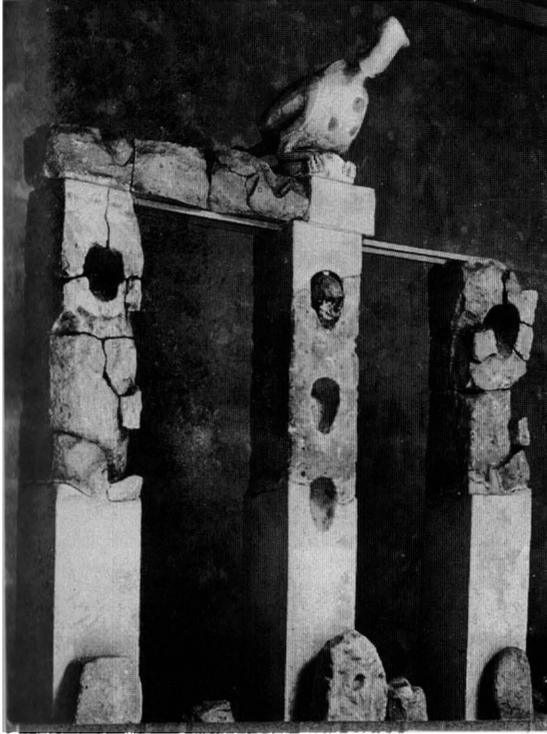




DEUSES CELTAS

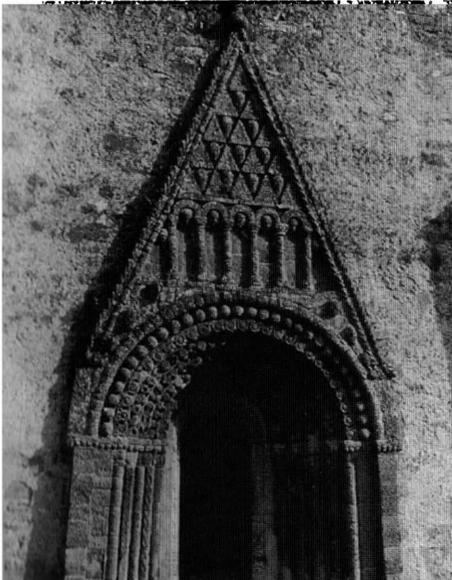
O deus abaixo, à direita, devora um homem. Note-se o detalhe do bracelete no pulso da vítima, as cabeças de outras vítimas e o falo ereto do deus, expressando satisfação (Bouches-du-Rhône, c. século III a.C.). O ídolo acima, à esquerda, é *sheela-na-gig*, motivo encontrado por toda a Britânia e Irlanda, embora difícil de ser fotografado porque os exemplos que sobrevivem se encontram em nichos inacessíveis, além de danificados pela ação do tempo ou da censura. A *sheela* abre a própria vulva, em convite ao sexo e como sinal de fertilidade. Sua fisionomia, ainda que, às vezes, sorridente, é débil e brutal, frequentemente em forma de esqueleto. Conforme Kali, na Índia, *sheela* representa morte-na-vida e vida-na-morte (Kilpeck, Inglaterra). A figura acima, à direita, foi encontrada em Tanderagee, em Armagh. A posição dos braços, embora de difícil interpretação, faz lembrar a postura tradicional de algumas divindades da Índia.





SANTUÁRIO CELTA

Os nichos feitos especialmente para crânios, encontrados nas ruínas de um santuário pré-histórico em Bouches-du-Rhône, atestam a centralidade do sacrifício humano na religião celta.



CATEDRAL DE CLONFERT

As cabeças acima do portal da catedral de Clonfert, datada do século XI, de certa maneira, reproduzem as cabeças expostas em Bouches-du-Rhône e outros santuários celtas pré-históricos. Para uma catedral, Clonfert é minúscula, mesmo segundo padrões irlandeses, e construída em região isolada, o que indica a escolha do local por seu antigo significado druídico.



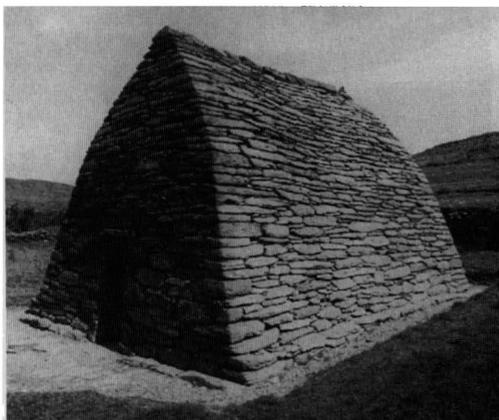
VASO DE GUNDESTRUP

O grande deus-cozinheiro, que pode ser visto na parte interior, à esquerda, deposita um homem dentro de um tonel escaldante.

INTERIOR DO VASO DE GUNDESTRUP

'Cernunnos' cercado de animais e plantas. A gargantilha que a figura traz na mão direita é semelhante àquela usada pelo Gaulês Agonizante.





GALLARUS

Localizado em Kerry, este oratório, na forma de casco de um barco virado, é característico da antiga arquitetura irlandesa cristã. Na parede oposta à porta, uma janela se abre para o leste, permitindo passagem de luz até um pequeno altar, em torno do qual não seria possível reunir mais do que um grupo restrito de pessoas. As paredes de pedra, sem qualquer vestígio de argamassa, preservam uma delicada integridade há cerca de 14 séculos. A edificação adota a técnica de encaixe, que depende da escolha da pedra certa, no ponto certo, para garantir o equilíbrio, utilizada pelos monges para construir seus cubículos, com estrutura celular (em forma de colméia).

OGHAM

Pedras como esta eram usadas como memoriais, em túmulos, na Irlanda pré-histórica e nos primórdios do cristianismo irlandês. Os traços nas laterais representam o nome de um homem. Um traço isolado, à esquerda, representa um B; dois traços, à esquerda, um L; um traço isolado, à direita, um H; um traço inclinado, um M; etc. O sistema estava longe de constituir uma maneira ágil de comunicação.



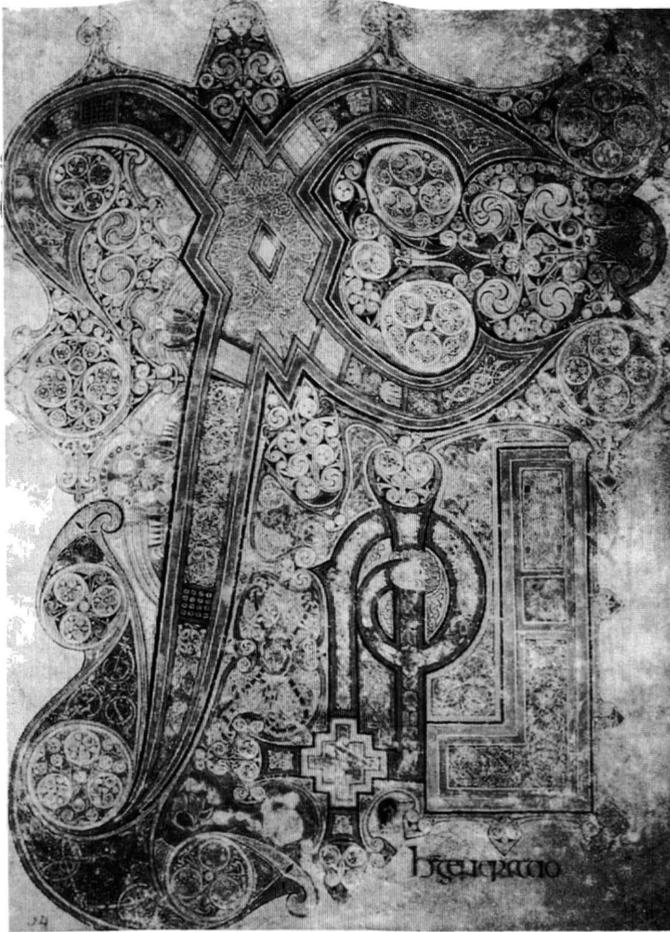
NEWGRANGE

Um grande túmulo, construído no vale Boyne, durante o terceiro milênio a.C., contém inúmeras e misteriosas inscrições em pedra, como esta, que fica à entrada.



CAIXA DE SOMERSET

Caixa em bronze, pré-histórica, com implicações ao mesmo tempo matemáticas e lúdicas, encontrada em Galway.



LIVRO DE KELLS, A PÁGINA 'CHI-RHO'

Os intrincados arabescos que iniciam o Evangelho segundo Mateus apresentam grandes surpresas àqueles que diante deles se detiverem: por exemplo, o plano inferior, à esquerda do Rho, revelando dois camundongos brincando de cabo-de-guerra na disputa de um pedaço de pão, observados por dois gatos, cada qual sob o peso de um rato. As grandes letras formam um monograma grego de Cristo: Chi, Rho (*i.e.*, X, P, em grego — em inglês, os sons 'ch' e 'r'), seguidos de I. "Chr(ist)i", querendo dizer "de Cristo", é a primeira palavra do Evangelho de Mateus.



CÁLICE DE ARDAGH

O ponto máximo da metalurgia irlandesa-cristã, datado do século VII ou VIII. Até mesmo o interior da base, à direita, é ricamente decorado.



passar horas a fio, nu em pêlo, nas águas do *lough*,* ou, no verão, para rolar, novamente nu em pêlo, sobre urtiga.

Porém, até mesmo Kevin, mais tarde, consentiu no estabelecimento de uma comunidade monástica próxima ao local onde vivia. Como o grupo não cabia no interior da caverna (que pode ser vista ainda hoje, com 1,20m de largura, 2,15m de profundidade e 0,90m de altura), Kevin, embora relutante, concordou em mudar-se para a margem do lago, onde os discípulos construíram uma pequena igreja e uma casa de pedra, em forma de colméia, para abrigar o mestre. A construção sobrevive, sendo uma das maravilhas do espírito intuitivo da engenharia irlandesa. Para eles próprios, construíram cabanas de argamassa que há muito desapareceram. Embora vivessem em celas individuais, duas vezes por noite, de acordo com as horas monásticas, seguiam até a capela, no frio e no escuro, para cantar os Salmos. O conhecimento dessa prática de devoção dos monges chegou até nós porque um deles utilizou-a como exemplo para explicar alguns termos arcaicos em uma gramática irlandesa por ele copiada:

O vento assobia em Hog's Back,
Fazendo as árvores deitar,
Monges andam em pedras geladas,
Tremendo pelas madrugadas.

Em pouco tempo, as margens do lago Superior demonstraram-se inadequadas à comunidade de Kevin, pois, de toda a Irlanda, vinham pessoas, para sentar-se aos pés dos monges e assimilar seus ensinamentos. Em um terreno plano, a leste

* Em irlandês, *glen* quer dizer vale formado por escarpas ou colinas rochosas. *Glendalough* seria o *glen* de dois *loughs* (lagos). Kevin preferia o lago Superior por ser mais remoto e, com certeza, o mais frio.

do lago Inferior, os monges construíram o que, com o tempo, tornar-se-ia uma espécie de cidade universitária, à qual convergiam centenas de estudantes, a princípio, de todas as partes da Irlanda, mais tarde, da Inglaterra e, finalmente, de toda a Europa. Sem jamais esquecer a pré-histórica virtude irlandesa da hospitalidade, os monges abrigavam todos os que os procuravam, conforme atesta a declaração de um estudante, trazida até nossos dias pelo venerável Bede, primeiro historiador do emergente povo inglês:*

Muitos nobres ingleses, e plebeus, também, para lá se dirigiram, deixando a ilha nativa em busca de ensinamentos sagrados ou de vida austera. Alguns, dentro em pouco, dedicaram-se com fervor à vida monástica, outros satisfaziam-se apenas com o aprendizado, indo de cela em cela, de mestre em mestre. A todos os irlandeses recebiam, com prazer, e a todos alimentavam, além de fornecer-lhes, gratuitamente, livros e instrução.

Com Bede aprendemos, portanto, que as universidades monásticas irlandesas aceitavam nobres e plebeus, bem como indivíduos que buscavam o conhecimento mas não a clausura.

* À época de Patrício, a ilha da Britânia era povoada por celtas romanizados, a quem chamamos britanos; as fronteiras ao norte, no entanto, eram povoadas pelos ferozes pictos, que não passaram por qualquer processo de romanização. Os pictos tinham o hábito de pintar o corpo, para horror dos romanos, que os chamaram de *picti* (gente pintada). Patrício era um celta romanizado, não um inglês. Os anglo-germânicos que no tempo de Patrício, juntamente com os saxônios e os jutas, atacavam o litoral sul da Britânia, em breve estabeleceram-se naquela região da ilha, empurrando os celtas romanizados em direção ao País de Gales e à Cornuália. Esses novos habitantes, em princípio pagãos, mas evangelizados, no século VII, por um romano chamado Agostinho (não o de Hipona), emprestaram seu nome à nova terra, que veio a se chamar *Angland*, ou *England*.

A generosidade irlandesa estendia-se não apenas a uma grande variedade de pessoas mas, também, a uma variedade de idéias. Tão despreocupados com respeito à ortodoxia de pensamento quanto o eram com relação à uniformidade da prática monástica, os irlandeses acolheriam em suas bibliotecas tudo o que lhes estivesse ao alcance das mãos. Estavam determinados a nada excluir. Não tinham os escrúpulos de um São Jerônimo, receoso de arder no inferno se lesse Cícero. Tendo aprendido a ler o Evangelho e os demais livros da Bíblia Sagrada, as biografias de santos e de ascetas, bem como os sermões e os comentários dos padres da Igreja, os irlandeses passam a devorar todos os textos disponíveis da literatura secular grega e latina. Com uma catolicidade despojada, os clérigos que defendiam um pensamento convencional, e que haviam sido treinados para valorizar a literatura cristã, abrem um grande espaço à moralidade dúbia dos clássicos pagãos. Um erudito membro do clero inglês, Adelmo de Malmesbury, na verdade, formado por irlandeses (e que, portanto, falava com conhecimento de causa), escreve uma mensagem prevenindo um jovem estudante saxônio contra o que chamou de “antigas fábulas” e outras tentações de uma educação irlandesa: “Que vantagem advirá, ao sacramento da fé ortodoxa, do esforço de se ler e analisar a sujeira obscena de Perséfone, ou de Hermione, a prole ímpia de Menelau e Helena, ou as Lupercálias e as práticas dos devotos de Príapo?” Adelmo parece ter sido um noviço consciencioso, capaz de suar frio diante de uma história clássica de conteúdo picante.

Não devemos deduzir que os irlandeses careciam de senso crítico, mas que não viam qualquer utilidade na auto-imposição de censura. Teriam ecoado as palavras de Terêncio: “*Homo sum: humani nil a me alienum puto*” (Sou um ser

humano; portanto, nada humano me será estranho). Para John T. McNeill, o mais equilibrado dos historiadores da Igreja, foi precisamente “a abrangência e a riqueza do conhecimento monástico irlandês, com fundamento nos autores (...) clássicos” que conferiria à Irlanda “um papel singular na história da cultura ocidental”.

Se, de um lado, as antigas histórias provenientes da Grécia e de Roma possuíam frescor e exerciam fascínio, de outro, os monges irlandeses, em dados momentos, apresentavam uma visão sombria da literatura nativa, que sobrevive somente porque eles a copiaram, seja a partir de sua própria memória, seja com base na recitação de poetas. No Livro de Leinster, que contém uma versão rebuscada do *Tain*, o épico termina com um monástico ‘Amém’, seguido de uma nota, em língua irlandesa, contendo a fórmula poética da antiga cultura oral: “Abençoado aquele que decorar o *Tain* com fidelidade, na versão presente, sem alterar-lhe a forma.” Logo em seguida, em latim, o mesmo escriba deixa uma crítica sucinta: “Eu, que copiei esta história, ou melhor, esta fantasia, não atesto os detalhes da história, ou fantasia. Temos aqui mentiras diabólicas e devaneios poéticos; algumas coisas parecem possíveis, outras não; outras tantas farão a alegria dos tolos.”

De qualquer maneira, mesmo desaprovando o conteúdo do *Tain*, o escriba copia a obra. A escribas como esse, por mais mal-humoradas que sejam suas glosas, devemos as jóias da antiga literatura irlandesa, a mais antiga literatura vernácula européia que sobreviveu; e tudo isso porque tal literatura foi levada suficientemente a sério, a ponto de ser registrada por escrito. Embora esses antigos autores irlandeses demonstrassem grande interesse nas culturas dos três idiomas sagrados — grego, latim e formas rudimentares de hebraico —, ama-

vam o idioma materno e insistiam em utilizá-lo. Enquanto em outras regiões da Europa nenhum homem culto ousaria falar a língua vernácula, para os irlandeses, as línguas eram um jogo extremamente divertido. Eram ainda inocentes e lúdicos demais para 'apreciarem' o esnobismo.

Em determinados pontos dos manuscritos que sobreviveram à ação do tempo, por exemplo, no final de uma rebuscada tradução de uma Epístola de Paulo, nas margens de uma impenetrável exegese em grego, deparamo-nos com um escriba irlandês entediado, que se mantém acordado aduzindo ao manuscrito um ou dois versos de um poema irlandês de sua preferência; como resultado desse processo, temos uma literatura que, em circunstâncias normais, não teria sobrevivido. Pelo que consta, às vezes o escriba registra um poema de sua própria autoria; em certas ocasiões, considerando-se a natureza de seus devaneios, parece tratar-se de um estudante leigo, não de um noviço que se prepara para a vida monástica. "O filho do Rei de Moy", registra um escriba,

Encontra, em pleno verão, uma jovem na mata,
Que lhe expõe mil amoras no regaço
E morangos caindo-lhe dos braços.

Outro é ainda mais direto:

Forma de coração,
De glande de carvalho;
É jovem.
Beijai-o!

Um terceiro corre sério risco de não completar os estudos:

Todos querem saber
Quem vai dormir com a ama.
E tudo o que ela sabe
É que sozinha não vai para a cama.

Um escriba se queixa da exaustiva tarefa que lhe cabe, outro se queixa de um colega desleixado; o comentário “é fácil perceber a mão de Gabriel aqui” aparece, em bela caligrafia, na margem de uma página qualquer. Um terceiro range os dentes, diante da dificuldade em copiar um trecho em grego antigo: “Isso há de chegar ao fim — maldição!”

De modo geral, porém, os escribas gostam do seu trabalho e demonstram interesse pelas histórias que copiam. Abaixo da descrição da morte de Heitor, na planície de Tróia, um escriba, embevecido pelas palavras que acaba de copiar, escreve, sensibilizado: “Muito me abala a morte aqui descrita.” Outro, refletindo a respeito da durabilidade da arte por ele praticada, com relação à sua própria expectativa de vida, conclui: “É triste pensar, livrinho branco, que há de chegar o dia em que alguém dirá, ao folhear tuas páginas: ‘A mão que isto escreveu já não existe.’”

A indicação mais clara, talvez, da situação do escriba e estudioso daquela época está contida em um poema irlandês de quatro estrofes, interpolado em um manuscrito do século IX, cujo erudito conteúdo inclui comentário sobre Virgílio, em latim, e uma lista de provérbios gregos:

Eu e Bichano, meu gato,
Praticamos o mesmo ato:
Caçar rato é sua alegria,
Caçar palavra, minha agonia.

Mas dá muito gosto ver
Trabalharmos com prazer;
Em casa, sempre ao batente,
Juntos, distraímos a mente.

Ele prega o olho no muro,
Esperto, enxerga no escuro;
Eu prego o olho no papel,
E do saber sou um réu.

Assim, vivemos em paz,
Eu e Bichano, meu ás;
Lado a lado pela vida,
Cada um na sua lida.

Tais escribas eram pessoas felizes, às vezes, temperamentais, mas, de modo geral, satisfeitos com o trabalho que o destino lhes reservara. E não consideravam sua tarefa algo meramente mecânico. Ao contrário, envolviam-se com o texto a ser copiado, procuravam, dentro de suas limitações, compreendê-lo e, se possível, acrescentavam algo, beneficiavam o texto. Naquela nova e fervilhante cultura, um livro não era encarado como um documento isolado, guardado em uma prateleira empoeirada. Era como se os livros falassem entre si, em comunicação direta entre autor e escriba, escriba e leitor, de geração em geração. Os livros eram, como diríamos no jargão de hoje, abertos, multifacetários e intertextuais, verdadeiros banquetes em que os escribas incluíam um pouco de tudo que os interessasse em termos culturais, lingüísticos e estilísticos. Não voltaríamos a encontrar esse tipo de autor até James Joyce escrever *Ulisses*.

No centro desse novo universo irlandês, “o Evangelho na capela” brilha “sempre à luz da vela”, nas palavras da “Canção do Eremita”. Conforme fizeram os judeus, os irlandeses cultuavam o letramento como um ato religioso central. Em uma terra onde, até então, o processo de letramento era algo desconhecido, em um mundo onde as antigas civilizações letradas afundavam sob ondas sucessivas de barbarismo, a página do Evangelho, brilhando nos oratórios da Irlanda, representava uma promessa: a escuridão e o isolamento haviam se transformado em luz, e a virtude da coragem, resguardada através dos séculos, transformara-se em esperança.

Os irlandeses receberam o letramento à sua maneira, como algo lúdico. O único alfabeto que conheciam era o pré-histórico *ogham*, um desajeitado sistema de traços baseado no alfabeto romano; os traços eram inscritos, laboriosamente, nas laterais de pedras verticais usadas como memoriais aos mortos. Essas inscrições semelhantes a runas, que continuavam a aparecer nos primórdios do cristianismo na Irlanda, não forneciam qualquer indicação do que viria a ocorrer, pois, no espaço de uma única geração, os irlandeses haveriam de dominar o latim, o grego e, tanto quanto lhes era possível, assimilariam um pouco de hebraico. E, como vimos, compilaram gramáticas irlandesas e registraram, por escrito, toda a literatura oral nativa. Essa atividade era, para eles, simples, simples até demais, uma vez dominadas as práticas. Puseram-se, então, a inventar idiomas. Os integrantes de uma sociedade secreta, formada no final do século V (período imediatamente após a consolidação do processo de letramento dos irlandeses), trocavam escritos em sofisticadas e impenetráveis variações do latim, a que chamavam *Hisperica Famina* e que faz lembrar a linguagem onírica em

Finnegans Wake, ou mesmo a linguagem que J. R. R. Tolkien criaria para seus elfos e duendes.

Nada fez brotar o lúdico espírito irlandês mais do que a própria atividade da cópia. A princípio não havia, na Irlanda, grupos de escribas trabalhando em um mesmo *scriptorium*, apenas eremitas e monges que atuavam isoladamente, em suas celas diminutas, ou ao ar livre, se as condições climáticas fossem propícias, copiando textos a partir de livros emprestados, trazendo o original antigo sobre um dos joelhos, o pergaminho novo sobre o outro. Até mesmo os mais ilustres entre esses homens eram pessoas simples que apreciavam o contato com a natureza. (No século IX, um escriba irlandês afirma estar trabalhando embaixo de uma árvore, enquanto ouve o canto límpido de um pássaro, pulando de galho em galho.) Para os escribas, a forma das letras era algo mágico. Por que, perguntavam-se, um **B** possuía seu formato específico? Será que não poderia assumir outras formas? Haveria um **B** essencial? O resultado desse questionamento foi um novo tipo de livro, o códice irlandês; e a Irlanda começou a produzir, em série, os livros mais espetaculares, mais mágicos, vistos pelo mundo até então.

Desde as suas primeiras manifestações, o processo de letramento apresentou um aspecto decorativo. E como não haveria de ser assim, uma vez que em todo pictograma, hieróglifo, em toda letra, está implícita uma estética cultural, alguma resposta à pergunta: o que seria mais belo? A resposta encontrada pela América Central vem em forma de esculturas curvas e bulbosas, em pedra; pelos chineses, em pinceladas vibrantes e minimalistas; pelos egípcios, em grandes quebra-cabeças pictóricos. Mesmo os alfabetos, o mais abstrato e frio dos meios de comunicação, contêm uma estética, que se altera segundo a cultura do usuário. Como diferem entre si o

alfabeto romano, rígido, esculpido nos arcos triunfais de Augusto, e o idiosincrático e tosco alfabeto romano-germânico usado na Bíblia de Gutenberg!

Por sua vez, os irlandeses combinaram as letras imponentes dos alfabetos grego e romano com a simplicidade encantadora, talismânica, do *ogham*, para criar maiúsculas e títulos que fazem os olhos do leitor cravar sobre a página, estarrecidos. No século XII, Geraldo Cambrensis admite que o Livro de Kells foi “obra de um anjo, não de um homem”. Ainda hoje, Nicolette Gray, no livro *A History of Lettering*, afirma, com relação à célebre página ‘Chi-Rho’, que as três letras gregas — o monograma de Cristo — são “mais uma presença do que apenas letras”.

Para o corpo do texto, os irlandeses criaram duas famílias de letras: uma, nobre e arredondada, chamada irlandesa semi-uncial; a outra, de composição fácil, chamada irlandesa minúscula, de leitura mais imediata, fluida e, por que não dizer, mais alegre do que qualquer letra criada pelos romanos. Recomendada por sua fluência e facilidade de leitura, essa segunda família de letras seria adotada por muitos escribas, muito além das fronteiras da Irlanda, tornando-se ubíqua na Idade Média.

A imagem mostra uma amostra de escrita irlandesa maiúscula, também conhecida como semi-uncial. O texto é "Cecce uelwintempuscisumetfili duaspawes asummo usq: deorsu". As letras são grandes, grossas e arredondadas, com uma aparência decorativa e monumental.

Escrita irlandesa maiúscula, ou semi-uncial, Livro de Durrow, século VII

A imagem mostra uma amostra de escrita irlandesa minúscula. O texto é "Cecce uelwintempuscisumetfili duaspawes asummo usq: deorsu". As letras são menores, mais finas e têm uma aparência mais fluida e decorativa em comparação com a versão maiúscula.

Escrita irlandesa minúscula, manuscrito Saint Gall da Gramática de Prisciano (circa 850)

Para criar iluminuras nos livros mais valiosos, os irlandeses, instintivamente, não buscaram um modelo nos traços toscos do *ogham*, mas na própria matemática irlandesa do período pré-histórico e na mais antiga prova do espírito humano de que dispunham: os túmulos megalíticos do vale Boyne, construídos por volta do ano 3000 a.C., período em que o complexo de Stonehenge foi edificado na Britânia. Misteriosos como Stonehenge, seja quanto à procedência ou à complexidade de sua engenharia, os túmulos são as obras arquitetônicas mais antigas da Irlanda, decorados com indecifráveis espirais, zigzagues e losangos, a mais antiga expressão artística da Irlanda. Essas construções imponentes, sobre cuja história podemos tão-somente especular,* há muito inspiram a criação artística de ferreiros irlandeses. Nas linhas arrojadas dessas inscrições temos a origem mais antiga das belas jóias e outros objetos em metal feitos, no início do período de Patrício, por ferreiros que, na sociedade irlandesa, tinham *status* de profetas.

Broches, caixas, pátenas, bainhas de espada, braçadeiras e arreios confeccionados à época parecem ter como modelos as inscrições do vale Boyne. No entanto o rico e intrincado desenho das peças metálicas, que permitem um grau de sutileza impossível de ser conseguido em pedra, seria como uma série de variações sobre um mesmo tema. E qual seria esse tema? O equilíbrio em meio ao desequilíbrio. Vejamos, por exemplo, as características da espirituosa tampa da caixa

* Uma teoria bastante coerente, publicada no livro *The Boyne Valley Vision* (Portaloise, 1980), de autoria de Martin Brennan, propõe que as inscrições encontradas nos túmulos em Boyne constituem um mapa celeste, bem como um calendário, nos quais, conforme no caso de Stonehenge, estariam contidas previsões de acontecimentos espaciais.

de bronze pertencente ao acervo Somerset, em Galway: uma precisão matemática e, ao mesmo tempo, deliberadamente (pode-se até perceber certo sarcasmo) fora de esquadro, feita por um ferreiro tão competente quanto brincalhão. O artefato é infinitamente fascinante porque, enquanto variação sobre o tema da circularidade, é infinito. Parece dizer, reiterando o efeito das espirais de Newgrange: “Não existe o círculo; existe apenas a espiral, a infinitamente reconfigurável espiral. Não existe a linha reta, apenas a curva.” Ou, para lembrar a típica resposta irlandesa a uma pergunta que requeira resposta direta e inequívoca: “Pois bem, é e não é.”

Essa noção de equilíbrio em meio ao desequilíbrio, de uma rica complexidade que se move, com agilidade, sobre uma unidade básica, encontraria sua expressão mais extravagante na arte cristã irlandesa, nas cruzes monumentais, nos utensílios litúrgicos milagrosos, como o Cálice de Ardagh, e — a mais delicada de todas — na arte dos códices irlandeses.

O *codex* foi, originalmente, criado para estabelecer a distinção entre o livro, no formato que hoje conhecemos, e o antepassado do livro: o pergaminho em rolo. Já no tempo de Patrício, o códice havia, praticamente, substituído o rolo, por ser de manuseio e leitura bem mais fáceis. O rolo apresentava a grande desvantagem de escapular da mão e enrolar-se, justamente no momento em que o leitor estivesse mais absorvido pelo texto. As páginas da maioria dos livros eram de pergaminho matizado, isto é, pele de carneiro curtida, abundante na Irlanda, cujos campos, em verde vibrante, todo ano, no mês de abril, recebem uma invasão de cordeiros brancos. O velino, ou pele de bezerro, com uma brancura mais uniforme após o curtume, era utilizado com parcimônia, para textos mais nobres (o Evangelho ‘brilhando’ na capela, que consta

da “Canção do Eremita”, era, sem dúvida, em velino). É interessante lembrar que o formato do livro moderno, mais comprido do que largo, foi determinado pelas dimensões da pele de carneiro, cujo corte mais econômico produzia páginas duplas que, dobradas, ensejam o formato do livro que hoje conhecemos. O escriba copiava o texto em páginas reunidas em um livreto, chamado caderno, mais tarde costurado a outros cadernos, formando um volume maior, por sua vez inserido entre capas de proteção. Livros e panfletos de menor importância costumavam permanecer desencapados. Assim, uma espécie de livro barato, de capa mole, já era conhecida no século V.

O mais célebre códice irlandês é o Livro de Kells, guardado na biblioteca do Trinity College, em Dublin, mas há vários outros, cujos nomes — Livro de Echternach, por exemplo, ou Livro de Maihingen — indicam a distância alcançada pelas obras, com relação ao *scriptorium* irlandês onde foram confeccionadas. Manuscritos irlandeses do início do período medieval, contendo iluminuras de rara beleza, são, hoje em dia, verdadeiras jóias do acervo de bibliotecas na Inglaterra, França, Suíça, Alemanha, Suécia, Itália e até na Rússia. Como chegaram a esses países? A resposta está ligada à maior figura irlandesa depois de Patrício, Columcille, príncipe de Clan Conaill, nascido nos aposentos reais de Gartán, em 7 de dezembro de 521, menos de 90 anos após a chegada de Patrício na qualidade de bispo.

Embora pudesse ser rei, talvez até grão-rei, Columcille preferiu tornar-se monge. Seu nome de nascimento, Crimthann, ou Raposa, remete à antiga mitologia irlandesa, sendo,

provavelmente, indicação de ter sido ruivo. O nome Columcille, ou Pombo da Igreja, foi o cognome monástico, por ele adotado mais tarde. O nome, de certa forma, tem um quê de ironia, como veremos a seguir (foi, também, romanizado como Columba, nome com que aparece em relatos escritos fora da Irlanda). Tendo recebido, inicialmente, a formação bárdica tradicional de seus antepassados, e depois, sob a orientação do bispo Finian, de Clonard, a nova formação cristã, viajou até à Gália, para visitar o túmulo de São Martinho de Tours, cuja sensata ordem monástica tornava-se respeitada no continente europeu não apenas por bispos, que temiam a ação de eremitas radicais, como também por homens que desejavam escapar da crescente incerteza que prevalecia em uma era conturbada. Regressando à Irlanda, o empreendedor Columba pôs-se a fundar monastérios — em Durrow, Kells, e muitos outros locais —, de maneira que, ao atingir a idade de 41 anos, era apontado como patrono de 41 fundações irlandesas.

Homem de personalidade forte, Columba amava o belo, herança, sem dúvida, de uma infância privilegiada, tendo uma predileção por Derry, *genius loci* — “Derry, habitada por anjo”, em suas próprias palavras —, local onde fundou o primeiro monastério (antes mesmo da peregrinação a Tours) e por ele cantado em uma poesia sensual, comparável a qualquer outra composta no início da literatura irlandesa. Contudo, Columba amava os livros ainda mais do que a terra natal, especialmente os manuscritos que continham belas iluminuras. Ainda estudante, apaixonara-se pelo missal do mestre, um livro precioso, com raras ilustrações. Decidido a produzir, às escondidas, uma cópia do livro para si mesmo, senta-se em um canto da igreja de Finian, em Moville,

curvado sobre o precioso missal, copiando-o no escuro. Segundo a lenda, não trabalhava à luz de vela, mas as pontas dos cinco dedos da mão esquerda brilhavam como cinco luzes; enquanto a mão direita copiava, com todo afinco. A lenda tem vários detalhes pitorescos como este. Mas a questão central é que Columba foi descoberto e levado à presença do rei Diarmait, que ditou a célebre ordem: "A cada vaca seu bezerro; a cada livro sua cópia." Foi o primeiro caso da história envolvendo direitos de reprodução.

Columba foi obrigado a devolver a cópia a Finian, mas, trazendo dentro de si muito do aristocrata pagão que um dia fora, não esqueceria a humilhação (vale lembrar que sua gente, em Conaill, continuava a obrigar os novos reis a copularem com éguas). Quando, pouco tempo depois, um dos seguidores de Columba foi morto por ordens de Diarmait, o príncipe-monge aproveita a oportunidade. Deus, ele alega, era protetor dos monges, e era preciso fazer justiça em Seu nome. Mobilizando os seguidores, Columba insurge-se contra as forças de Diarmait e lhes impõe uma derrota fragorosa. Ao final da batalha, havia 3.001 mortos, sendo que apenas um morto estava do lado do príncipe Columba. O missal que fora objeto da contenda, obviamente, veio para as mãos de Columba, como espólio de guerra, passando a ser denominado Cathach, ou Guerreiro.

A vitória, porém, teve conseqüências menos agradáveis para Columba. Foi, temporariamente, excomungado, punição rotineira imposta a monges insurgentes, e, como penitência, foi banido de sua querida Irlanda, tendo a obrigação de, no exílio, salvar um determinado número de almas que igualasse o de baixas sofridas na batalha por ele provocada. Columba partiu ao lado de 12 valentes companheiros,

velejando rumo ao norte, até alcançar a ilha de Iona, localizada a oeste da costa do país que hoje chamamos Escócia, a uma determinada longitude norte (segundo o próprio Columba) que o impedisse de avistar a Irlanda. Enquanto Columba empreende sua jornada, que alteraria para sempre o curso da história ocidental, detenhamo-nos, um instante, para refletir sobre o mundo por ele deixado e o mundo ao qual ele e seus discípulos se dirigem.

O Martírio Verde fracassara, tanto devido à insaciável propensão irlandesa à sociabilidade quanto (talvez motivo mais importante) à fertilidade natural da Irlanda, onde não havia qualquer região que se assemelhasse a um deserto egípcio, que não fosse rica em “Verduras, aves e peixe, / Frutas, mel e lenha em feixe”. Nos primórdios do cristianismo irlandês, logo após a era de Patrício, os ermitãos rebeldes buscavam ilhas rochosas onde estabeleceriam residência, locais como Inis Murray e Skellig Michael, no litoral oeste. “Custamos a crer”, escreve Kenneth Clark, “que durante muito tempo — quase 100 anos — o cristianismo ocidental sobreviveu apenas a locais como Skellig Michael, um rochedo situado a 30 quilômetros da costa irlandesa, projetando-se 218 metros acima do nível do mar” (os 100 anos a que se refere abrangem um período que vai do final do século V, após a morte de Patrício, ao final do século VI, momento em que, conforme vamos constatar, os monges irlandeses restabelecem a ligação entre a Europa barbarizada e as tradições do letramento cristão). Mas os ermitãos sobreviveram muito bem, mesmo nos solos rochosos, graças aos pássaros marinhos e ao cultivo de pequenas hortas, fertilizadas com algas. As comunidades cresceram, os integrantes construía seus casebres em forma de colméia, copiavam livros e prosperavam e,

junto com eles, nessas insólitas localidades irlandesas, prosperou o cristianismo ocidental.

Em pouco tempo, desprovida de cidades, a Irlanda alterou, sem querer, a estrutura política do cristianismo, baseada em bispados estabelecidos à moda das unidades administrativas romanas chamadas dioceses. Carecendo de cidades, a Irlanda não via motivos para a nomeação de bispos e, aos poucos, estes foram substituídos por abades e abadesas, estas uma inovação que faria gelar o sangue de qualquer romano respeitável. Embora os dados sejam falhos e incompletos, tudo leva a crer que os bispos se tornaram algo parecido com capelães das diversas famílias reais, e o poder dos bispos, na nova ordem cristã, enfraquecia, enquanto abades e abadesas ampliavam seu domínio nas comunidades monásticas cada vez maiores e poderosas. O poder dos druidas, que viviam e praticavam sua religião em bosques sagrados, foi transferido, de maneira natural, aos Mártires Verdes, que também viviam e praticavam religião em bosques sagrados. Mas o acesso dos 'novos druidas', letrados (os monges sucessores dos Mártires Verdes), aos livros da biblioteca greco-romana, isto é, às ciências clássicas e à sabedoria da Antiguidade, gradualmente permitiu a criação de centros de conhecimento e riqueza jamais vistos na Irlanda.

Nessas novas cidades-estado monásticas, uma mulher podia reinar, como fizera Medb, em Connacht. Brígida de Kildare, convertida por Patrício (e, talvez, a nobre por ele descrita como "*pulcherrima*"), comandava, como grã-abadesa, um imenso monastério misto, ou seja, um monastério que admitia homens e mulheres, outra irregularidade que ofenderia profundamente a sensibilidade católica romana, que, ainda hoje, encara o comando de homens por mulheres como

uma inversão da ordem natural. A ligação de Brígida com práticas druídicas seria, igualmente, preocupante. Segundo consta, ela recebeu os votos na colina de Uisnech, centro mítico da mandala cósmica irlandesa. O monastério por ela fundado teve início como uma espécie de Martírio Verde, embaixo de um frondoso carvalho, árvore sagrada dos druidas, daí a palavra 'Kildare', que significa 'Igreja do Carvalho'.

Assim como no caso de Columba, muitas das informações relativas a Brígida encontram-se por demais envoltas em relatos de milagres, impossibilitando sua aceitação como fatos históricos (consta, por exemplo, que era capaz de pendurar o manto em um raio de sol), mas sua personalidade pode ser depreendida de maneira tão palpável quanto a de Medb. Até seus pronunciamentos apresentam a concisão de Medb. Quando, por exemplo, seu cocheiro, enveredando por um atalho, faz tombar o veículo em que viajavam, a impassível Brígida levanta-se do chão, sacode a poeira do corpo e diz tão-somente: "Atalhos quebram ossos."

Após sua conversão, seu pai, homem muito rico, fica chocado ao deparar com a linda filha distribuindo seus bens a mendigos. Fora de controle, atira Brígida para dentro de sua carroça, aos gritos: "Não te levo a passear por gentileza nem por prazer; vou vender-te ao rei de Leinster, para trabalhares na moenda de milho." Chegando aos aposentos reais, o pai "desvencilha-se da espada, deixando-a na carroça, ao lado de Brígida, em sinal de respeito, para apresentar-se desarmado diante do rei". Assim que o pai se afasta, aproxima-se um leproso, mendigando auxílio a Brígida. Como a única coisa que estava à mão era a espada do pai, Brígida a entrega ao leproso. Enquanto isso, o pai oferece a filha ao rei, que, achando a situação um tanto estranha, insiste em conhecer a

moça, antes de aceitá-la. Quando o rei e o pai de Brígida chegam à carroça, o pai percebe, imediatamente, a falta da espada e a exige. Quando Brígida relata o que se passara, ele “se desespera em fúria” e a agride.

— Para! — grita o rei, chamando Brígida para perto de si. — Por que roubas e entregas a um estranho algo que pertence a teu pai?

— Se eu pudesse — respondeu Brígida — roubaria toda vossa riqueza e a entregaria aos irmãos e irmãs de Cristo.

O rei declinou da generosa oferta feita pelo pai da jovem, e disse:

— Vossa filha é boa demais para mim.

Não será surpresa o fato de que, após conseguir escapar do pai e tornar-se abadessa, Brígida dirige seu monastério com práticas que tornarão célebre sua hospitalidade. Eis a prece de ação de graças atribuída a ela:

Gostaria de ter um lago da mais fina bebida

Para o Rei dos reis;

E uma mesa com as melhores iguarias

Para a família celeste

Que a bebida seja feita dos frutos da fé,

E que o alimento seja o amor que perdoa.

Os pobres serão bem-vindos em meu banquete,

Pois são filhos de Deus.

Os enfermos serão bem-vindos em meu banquete,

Pois são a alegria de Deus.

Que os pobres sentem-se ao lado de Jesus, em lugar de honra,

E os enfermos dancem com os anjos.

Deus abençoe os pobres,
Deus abençoe os enfermos,
E abençoe nossa raça humana.
Deus abençoe nosso alimento,
Deus abençoe nossa bebida,
Abraçai, Ó Deus, todos os lares.

Por menos ortodoxas que sejam as práticas de Brígida, comparadas a padrões romanos, é fácil perceber, considerando-se as lendas a seu respeito, a forte impressão que a fé cristã, capaz de despojar um tirano de sua espada, acovardar um rei e dar força ao oprimido, causou naquela sociedade guerreira. Seria um grande exagero afirmar que mulheres e homens gozavam de igualdade na sociedade irlandesa; mas, no contexto, a presença marcante da mulher garantia a atenção ao bem-estar físico (“casa limpa, lareira acesa e cama sem tristeza” eram alguns dos vários requisitos da hospitalidade monástica) e a valorização da intimidade (sobre Ita, fundadora de uma ordem no século VI, circulava a lenda de ter tido o privilégio máximo de amamentar o Menino Jesus em seus seios virgens). Esse grande contingente feminino contribuiu, também, para a rica variedade encontrada na vida religiosa irlandesa, variedade essa que teria contrariado os romanos, se dela chegassem a ter conhecimento. E teriam ficado ainda mais perturbados se soubessem da abrangência das atividades das grã-abadessas, as quais, além de curar com as mãos, com toda certeza, ouviam confissões, provavelmente ordenavam religiosos e, talvez, até celebrassem Missas.

Tais práticas, embora muito antigas, ainda chocam os fiéis mais ortodoxos. A biografia *The Old Life of Brigida* afirma que Brígida foi consagrada episcopisa “por engano”. Outra biografia, escrita no século VII pelo pretensioso Cogi-

tosos, que parece adular a superiora, omite esse detalhe, mas é possível perceber, nas entrelinhas, que Cogitoso tinha conhecimento do relato, embora preferisse omiti-lo, pois mostra-nos Brígida pregando (ato apostólico, ou sacerdotal), “defendendo os interesses de Deus, (...) pontificando”. Em sua introdução, admite ter Brígida atuado como episcopisa, faltando-lhe apenas o título. Sabemos, com certeza, que Brígida e as abadessas que a sucederam tinham sob seu comando um bispo-auxiliar; e sabemos que, à época, diáconos, além de padres e bispos, celebravam a Missa em certas regiões da Gália. Portanto, uma mulher episcopisa talvez não causasse tanta espécie como nos dias de hoje.

O respeito às diferenças constava das normas de conduta dos mosteiros irlandeses. “Diferente é a condição de cada ser humano”, determina a Ordem de São Cartago, “e diferente é a natureza de cada lugar.” Os abades irlandeses respeitavam as diferenças. E embora a abadia, em circunstâncias normais, passasse de pai para filho (outra irregularidade que teria alarmado os romanos), os irlandeses contrabalançavam a preocupação com linhagem aplicando um princípio democrático e animador. “Um homem é melhor do que sua origem”, estabelece uma norma dessa época, afirmando, assim, a primazia do espírito individual sobre noções de sangue e estirpe. Talvez, nada tivesse contrariado mais os romanos do que a maneira pela qual os monges irlandeses desdenhavam a grande virtude romana da Ordem. Em uma instrução aos irmãos, Columbano, que logo encontraremos, afirma a grande virtude evangélica sobre todas as outras: “*Amor non tenet ordinem*” (Amor não pressupõe ordem).

Os irlandeses desenvolveram, também, uma forma de confissão particular, sem qualquer prática equivalente no continente europeu. Nos primórdios da Igreja, a confissão

dos pecados e a penitência subsequente (como, por exemplo, comparecer à porta da igreja local em traje de luto, coberto de cinzas) sempre configuraram um ato público. O pecado era tido como questão pública, um crime contra a Igreja, Corpo Místico de Cristo. Alguns pecados chegavam a ser considerados imperdoáveis, e os perdoáveis seriam apenas uma vez. A penitência era um sacramento ministrado uma vez na vida: em caso de reincidência de roubo, ou de adultério, o indivíduo era “expulso da Igreja”, excomungado para sempre, condenado ao inferno. Já no tempo de Patrício, praticava-se algo semelhante a uma confissão particular, ainda que atrelada a alguma forma de execração pública (basta lembrar a dor de Patrício a esse respeito) e penitência litúrgica. A inovação introduzida pelos irlandeses foi transformar a confissão em ato de caráter íntimo, realizado entre penitente e confessor — além de passível de repetição (na verdade, a repetição passa a ser encorajada, a partir da noção de que *todos* pecamos *continuamente*). Essa inovação leva em conta os sentimentos do pecador, põe um fim à execração pública e atenua as severas penitências do período patrístico, evitando que o pecador perdesse a esperança, além de enfatizar a noção, tipicamente irlandesa, de que a consciência humana tem precedência na opinião pública e na autoridade da Igreja. O penitente não era rotulado por ninguém, mas rotulava-se a si mesmo. Seu pecado era assunto entre ele e Deus.

Embora a confissão fosse feita a um ser humano, este era escolhido pelo penitente em decorrência de virtudes dignas do sacerdócio: santidade, sabedoria, generosidade, lealdade e coragem. Ninguém arrancaria de um desses sacerdotes, sabedor de que toda confissão era selada por Deus, informação revelada em confissão. Romper tal sigilo era colocar em

perigo a própria salvação; tratava-se do único pecado que os irlandeses consideravam imperdoável. Na prática, não se escolhia um 'confessor', necessariamente, entre indivíduos ordenados: a confissão era um ato por demais pessoal e importante para ser submetido a tal limitação. Procurava-se, então, um *anmchara*, um amigo íntimo, alguém em quem se pudesse confiar por toda a vida. Daí o antigo adágio irlandês, que remonta à era pagã: "Pessoa sem amigo é como corpo sem cabeça." Os druidas, e não os monges, foram os primeiros amigos íntimos dos irlandeses.

É lamentável que apenas a confissão particular, entre tantas contribuições do cristianismo irlandês, tenha sido incorporada pela Igreja Católica universal. Como seria diferente o catolicismo de hoje se a Igreja tivesse adotado a simpatia mútua existente na Irlanda entre clérigos e leigos, bem como a tolerância irlandesa com relação à diversidade, à autoridade, ao papel da mulher e à relativa importância de hábitos sexuais. Em uma das melhores crônicas de Cogitoso, a bondosa Brígida faz desaparecer um feto do ventre de uma freira (cujo útero, "em conseqüência de desejo juvenil, (...) havia inchado, contendo uma criança"); através de um passe de mágica ("sem nascimento e sem dor"), e a religiosa, portanto, não mais precisará deixar o convento. Freira de sorte, "recuperou (...) a saúde" e não estava mais grávida. O relato remete a outro, registrado, mais tarde, no continente europeu, sobre uma freira jovem e fogosa que foge do convento, leva uma vida devassa, mas regressa, já idosa, esperando o pior; para sua surpresa, encontra a Virgem Maria que, em sua bondade, ocupara o lugar da fugitiva todos aqueles anos. Mas será demais, nos dias de hoje, imaginar que Cogitoso recebesse *imprimatur* episcopal para a história do feto desaparecido. ↗

Cogitoso merece mais crédito histórico ao descrever a fundação de Kildare, por Brígida, em meados do século VII, quando ele próprio era monge pertencente ao monastério. A igreja construída após a morte de Brígida para abrigar massas de peregrinos era a maior edificação na Irlanda:

Quem poderia expressar em palavras a beleza suprema de sua igreja e as incontáveis maravilhas da cidade? 'Cidade' é a palavra certa: com tanta gente ali habitando, o termo está justificado. Trata-se de uma grande metrópole, no interior da qual (cujas fronteiras Santa Brígida tão bem demarcou) nenhum inimigo é temido, pois essa cidade é o abrigo mais seguro entre todos os povoados irlandeses, mesmo com todos os fugitivos que por aí perambulam. É local onde tesouros de reis são resguardados e onde se verifica suprema ordem.

E quem poderia contar as massas mais diversas que para lá convergem, vindas de toda parte? Alguns indivíduos vêm para participar das festas, tão freqüentes; outros, apenas para observar; outros trazem presentes para celebrar a canonização de Santa Brígida que, em 1º de fevereiro, tendo adormecido, abandonou o próprio corpo e seguiu o Cordeiro de Deus até a morada celeste.

O dia 1º de fevereiro é Imbloc, festa dedicada a uma deusa irlandesa da fertilidade, também chamada Brígida.

Por que motivo os romanos ignoravam o que se passava na Irlanda? Seriam os irlandeses considerados hereges indignos de reconhecimento? Columba partiu para Iona em

564, aproximadamente, um século após a morte de Patrício e, a bem da verdade, restavam poucos romanos na Europa Ocidental. As hordas de vândalos, suevos e alanos, que atravessaram as fileiras romanas e o Reno congelado na primeira década do século V, haviam se espalhado pela Gália, pilhando e destruindo tudo, detendo-se somente diante da barreira imposta pelos Pireneus. De lá partiram rumo ao leste e a oeste, adentrando as províncias vizinhas; e aquela invasão seria seguida de várias outras. Já no início do século VI, ondas sucessivas de bárbaros germânicos haviam alterado, para sempre, o mapa da Europa Ocidental. Em meados do século, Salviano registra os seguintes fatos: Trier, centro do governo militar romano, foi saqueada quatro vezes; em Colônia “os inimigos são tantos que chegam a transbordar” e Mainz é um entulho. Não foram apenas as províncias romanas que desapareceram, mas, também, toda a sofisticada subestrutura da organização política romana, bem como o sistema de comunicação romano. Em seu lugar surgiram os pequenos e fortes principados da Idade Média, habitados por homens iletrados de origem gótica que governavam iletrados, igualmente de origem gótica, pagãos e, ocasionalmente, arianos, isto é, seguidores de uma modalidade vulgar e simplória de cristianismo na qual Jesus tem um *status* comparável ao de Maomé no islamismo.

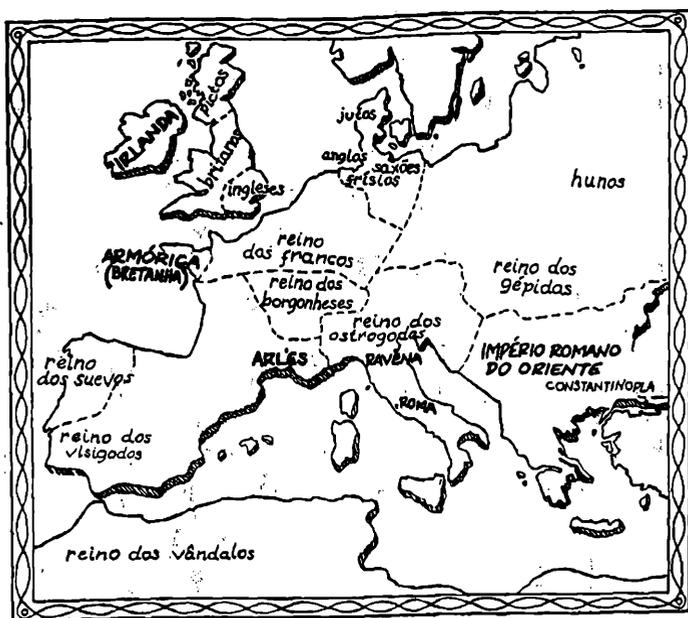
Não devemos concluir que os irlandeses faziam questão de ser renitentes, mas temos de admitir que seu mundo não era um modelo de ortodoxia cristã. Após o período de Patrício, a Irlanda recebeu um influxo de ermitões e monges que fugiam das hordas bárbaras, e os recém-chegados, sem dúvida, trouxeram consigo noções mais apuradas a respeito do modo de vida em ermidas e conventos. “Todos os homens eruditos

quê habitavam este lado do mar”, registra um manuscrito da época, encontrado em Leyden, “fugiram para locais além-mar, como a Irlanda, levando consigo extenso aprendizado [e, com toda certeza, considerável número de livros] a ser ofertado aos habitantes das respectivas regiões.” Vários desses viajantes eram ascetas macérrimos, vindos dos confins do Império Romano, locais como a Armênia, a Síria e o deserto egípcio. A litania usada no monastério de Bangor, em Ulster, por exemplo, era, supostamente, “*ex Aegypto transducta*” (traduzida do Egito); e a convenção do emprego de pontos vermelhos como ornamentação de letras em manuscritos, convenção esta que vai se tornar marca registrada dos escritos irlandeses, foi trazida pelos coptas em fuga. O fanatismo e as práticas extravagantes desses indivíduos foram alvo da suspeita de bispos ortodoxos no continente europeu, que preferiam a ordem de São Martinho da Gália, cujos monges observavam uma certa padronização e eram subservientes ao bispo local. Em pouco tempo, dariam preferência à ordem de Benedito de Núrsia, e seu monastério, em monte Cassino, tornar-se-ia a célula-mãe do monasticismo ocidental, um monasticismo em que prevaleceria a disciplina geral, mantida — se necessário, à base do açoite — por um abade autocrático. Abençoada por uma sucessão de papas, a ordem de São Benedito viria a apagar toda e qualquer memória da versatilidade dos irlandeses.

Para os irlandeses, o papa, bispo de Roma, sucessor de São Pedro, era uma espécie de grão-rei da Igreja, isto é, considerando-se o grão-rei uma figura distante cujos desejos eram pouco conhecidos e pouco considerados. Contudo, Roma era, sem dúvida, o centro de qualquer peregrinação, especialmente porque, de lá, era possível trazer livros para serem copiados! Mas, se a motivação da visita fosse espiritual:

Ir até Roma
É pouco ganho, muito chão;
O Mestre que buscas em Roma,
Encontras em casa, ou buscas em vão.

A essa altura o império ocidental não passava de uma vaga lembrança. O último imperador latino caíra poucos anos antes da morte de Patrício. Embora restasse um imperador grego no Oriente, em Constantinopla, onde um estado pequeno e poderoso há muito fora estabelecido no Bósforo, era como se tal líder estivesse do outro lado do planeta, de tão desconhecido que era seu poderio no Ocidente. Todas as grandes bibliotecas do continente europeu haviam desaparecido; até mesmo a lembrança das mesmas havia sido apagada das mentes dos que viviam nas sociedades feudais emergentes da Europa medieval. As três primeiras bibliotecas públicas haviam sido criadas em Roma durante o governo de Augusto e à época de Constantino havia 28. No final do século IV, se o relato de Ammianus Marcellinus merece crédito, pois, na verdade, pode conter um exagero, "*Bibliotecis sepulcrorum ritu in perpetuum clausis*" (Assim como os túmulos, as bibliotecas foram fechadas para sempre). Em todo caso, no final do século V a profissão de copista estava praticamente extinta, e os poucos livros copiados eram frutos do trabalho dos próprios literatos pertencentes à nobreza, cujo esforço era uma tentativa de aumentar os acervos de suas bibliotecas cada vez mais reduzidas. No século VI, o papa Gregório estabeleceu, em Roma, uma espécie de biblioteca. Gregório, a figura mais imponente da época em todo o continente europeu, devidamente chamado 'O Grande', não lia grego, e tinha, dos clássicos pagãos, a mesma visão sombria de Adelmo. A biblioteca de Gregório era pequena. Mesmo assim, a multidão,



A Europa Ocidental no início do século VI

irada e analfabeta, tentou destruir os poucos livros do acervo durante um período de escassez e fome, pois, naquele momento, bispados católicos eram como ilhas em um oceano bárbaro. Na Itália e na Gália, ainda perdurava algum comércio de livros, principalmente, em função da atividade de monges itinerantes irlandeses, e, no final do século, Isidoro estaria construindo uma biblioteca em Sevilha, que teria cerca de 15 estantes, reunindo, aproximadamente, 400 códices encadernados, número impressionante para a época. Nesse período, a outra biblioteca de que temos conhecimento no continente europeu ficava na Calábria, em uma propriedade pertencente ao monge Cassiodoro, por ele denominada Vivarium; mas o destino dessa biblioteca perdeu-se no sangue e na fumaça do século VI. Gregório de Tours escreveu um triste

epitáfio para o letramento do século VI: “Nestes tempos em que a prática das letras declina, ou melhor, desaparece das cidades da Gália, não existe um estudioso sequer treinado em expressão escrita, capaz de descrever, em prosa ou verso, um quadro do que se passou.”

A Irlanda, em paz e gerando uma profusão de cópias de manuscritos, estava em condições de atuar como uma espécie de editora para a Europa. Mas os povoados pagãos ao sul da Inglaterra impediam o livre comércio entre a Irlanda e o continente. Enquanto Roma e o antigo Império desapareciam da memória, e uma nova Europa, iletrada, surgia em meio às ruínas, uma cultura literária vibrante florescia, em segredo, ao longo do cinturão celta. Seria necessário apenas mais um passo para que se completasse o círculo que colocaria a Europa em contato com seu próprio passado, por ação do escriba irlandês.

Columba deu o passo que faltava. Tomando a pequena embarcação que o levaria além do horizonte, ele entra para o panteão de heróis irlandeses que realizaram feitos imortais, em circunstâncias mais que adversas. Na manhã da viagem, ao embarcar, Columba tomou a atitude mais difícil para um irlandês, algo mais difícil até do que abrir mão da própria vida: deixar a Irlanda. Se o Martírio Verde fracassara, o martírio que se seguiria seria tão marcante quanto o Vermelho; a partir daquele momento, todos os que seguiram o exemplo de Columba atenderam ao chamado do Martírio Branco, todos os que zarparam sob o céu branco da manhã, rumo ao desconhecido, para sempre.

Foi assim que a tradição monástica irlandesa começou a se espalhar além das fronteiras do país. Como vimos, os mosteiros irlandeses já abrigavam milhares de internos,

que, ao regressarem aos seus locais de origem, levavam consigo o conhecimento irlandês. Agora, os monges irlandeses iriam colonizar a Europa barbarizada. A Escócia, primeira parada, era habitada por pictos e colonizadores irlandeses que lá haviam se estabelecido ainda no tempo de Patrício.* Sem se deixar impressionar por grandes edificações, os monges irlandeses preferiam dedicar seu tempo ao estudo, à oração, à agricultura e, naturalmente, à cópia de manuscritos. De maneira que a planta básica do monastério de Iona foi construída sem demora: um casebre para cada monge, sendo que, para o abade, um mais amplo e em solo mais elevado; um refeitório e uma cozinha; um *scriptorium* e uma biblioteca; oficina de ferreiro, forno, moinho, celeiros; e uma pequena igreja — era tudo o que precisavam para realizarem seu trabalho. Pouco tempo depois, perceberam a necessidade de mais uma construção, uma hospedaria, para alojar o infindável fluxo de visitantes — escoceses, pictos, irlandeses, britanos e até anglo-saxões —, atraídos pela fama do incrível abade de Iona. Assim sendo, forasteiros começaram a chegar à Irlanda, em grandes grupos, e muitos deles jamais voltariam à terra natal.

Daf o incansável Columba passa a contemplar a possibilidade de fundar novos monastérios. Entre os escoceses e os pictos, célebres, respectivamente, por sua tenacidade e ferocidade, a fama de Columba espalhou-se como fogo na palha (a bem da verdade, na remota região por eles habitada as alternativas de vida eram poucas). Columba estabeleceu

* Na Antiguidade Clássica e por toda a Idade Média, os irlandeses eram chamados *Scotti* ou *Scoti*, em latim, e *Scotus*, como sobrenome, denotava ascendência irlandesa. A Irlanda era chamada *Hibernia*, às vezes, *Scotia*, em latim. *Scotia Minor*, nome dado à colônia irlandesa localizada ao norte da Britânia, mais tarde, assumiu a forma abreviada *Scotia*, ou Escócia.

que a comunidade de Iona congregaria, no máximo, 150 monges, e sempre que esse número fosse ultrapassado, 13 monges partiriam para fundar uma nova comunidade, em novo local. E os candidatos continuavam a chegar, em bandos. À época da morte de Columba, nos últimos dias do século VI, 60 comunidades monásticas haviam sido fundadas, em seu nome, ao longo da costa recortada e dos cumes dos montes escoceses. A cota de 3.001 almas salvas há muito havia sido ultrapassada.

Não existe menção a Patrício na biografia de Columba, o que não surpreende se considerarmos o fato de a mesma ter sido escrita por Adomnan, abade de Iona, 100 anos após a época de Columba, quando Iona, Kildare e outros antigos estabelecimentos cristãos competiam com Armagh, local associado a Patrício, pela primazia da Irlanda cristã. Mas a personalidade de Columba, que reluz em toda a sua obra, bem como em tudo o que dele sabemos, coloca-o como um filho espiritual e sucessor digno de Patrício. Columba é extremamente solidário, curando enfermos com um simples toque, condenando “ao inferno” espoliadores da casa de um amigo, e até mesmo se detendo para, por meio de longas conversas e orações, resgatar o afeto perdido de uma esposa pelo marido. Tinha hábitos severos e, como Jacó, dormia, toda noite, fazendo de uma pedra seu travesseiro. Vivia em total comunhão com a natureza, conversando com os animais da floresta e tendo marcante atuação no episódio que seria o primeiro registro de uma aparição do Monstro do Lago Ness (diante do braço erguido de Columba, a criatura corre para se esconder no lago).

Em certa ocasião, ele volta à Irlanda (jamais duvide de um santo irlandês) para argumentar, diante da convenção nacional, em Drumceatt, que o reino irlandês de Dalriada

(que incluía a Escócia irlandesa e parte do reino de Ulster, do qual Columba era aliado) deveria ficar isento de pagar impostos ao rei em Tara. E o pleito foi bem-sucedido; ninguém podia com Columba. Na pauta da convenção estava, também, uma proposta para a supressão da ordem dos poetas, reconhecidamente uns criadores de caso que abusavam da hospitalidade dos anfitriões e cujas sátiras tinham um poder arrasador. Mas a poesia, argumentava Columba (ele próprio o maior poeta da época), era elemento essencial à vida irlandesa: sem a poesia, a Irlanda não era a Irlanda. Segundo ele, os poetas não deveriam ser banidos, mas instados a ampliar seu raio de ação e a ensinar seu ofício. Tratava-se de uma proposta irresistível, formulada por um humanista irresistível. No momento em que a moção defendida por Columba alcançou o apoio da maioria, 1.200 poetas juntaram-se à assembléia, cantando louvor ao santo que, encabulado, tratou de encobrir o rubor das faces com a gola do manto de lã.

Perto do fim da vida, surgem-lhe premonições da morte. Um belo dia, disse adeus a cada um dos irmãos que se encaminhavam para o trabalho na lavoura e ao querido burro de carga que os monges usavam no transporte do leite. Como derradeira tarefa na Terra, optou por sentar-se e prosseguir com o trabalho de cópia de um manuscrito. Copiando o Salmo 34, deteve-se ao escrever as palavras "Mas nada falta aos que buscam Javé". Colocou a pena sobre a mesa e disse, em voz baixa: "Que Baithene escreva o restante. Naquela noite, como de costume, Columba levantou-se do leito espartano para reunir-se com os irmãos a cantar as horas. Ao chegarem à igreja, em meio à penumbra, os monges encontraram Columba em êxtase diante do altar. Então, abençoou-os e morreu.

“Ele foi”, de acordo com as palavras da historiadora britânica Kathleen Hughes,

um homem da mais nobre estirpe, com todo o talento natural para o comando que uma linhagem nobre conferia em uma sociedade aristocrática. Tinha o dom da intuição, e uma personalidade cuja força lhe permitia exercer controle sobre as pessoas. Implacável, sabia julgar um caráter, mas, ao mesmo tempo, era um homem extremamente amável. Os monges, os leigos, até os animais sentiam-se atraídos por ele. Era capaz de intimidar, confortar e alegrar.

Esse monge-guerreiro, esse “*homme de fer*”, como o chama o historiador francês Jean Decarreaux, especialista em monasticismo, criou, a partir de uma determinação pessoal, uma sociedade cristã letrada entre os escoceses e os pictos da Britânia do norte; agora, após sua morte, uma nova geração de obstinados seguidores, saída do recém-fundado (em breve, esplêndido) monastério ilhéu de Lindisfarne, sob a direção de Aidan, o maior herdeiro espiritual de Columba, começava a efetuar, entre os anglos pagãos da Nortúmbria, transformações semelhantes àquelas produzidas pelo mestre. Assim como Columba batizara a Escócia e a ensinara a ler, Aidan faria o mesmo em todo o norte da Inglaterra.

E assim como Cuchulainn, indomável guerreiro, fora modelo de hombridade da Irlanda pré-histórica, Columba torna-se modelo para todos que alcançassem a vitória final. Monges partiram nas mais diversas direções, em busca de exílio heróico e glorioso pelo bem de Cristo. Eram monges-guerreiros, com certeza, e não tinham medo de quaisquer

monstros que viessem a encontrar. Alguns foram para o norte, como fizera Columba. Outros foram para noroeste, como Brendan, o Navegador, que, passando pela Islândia e pela Groenlândia, alcançou a América do Norte, tendo ceado no dorso de uma baleia, em pleno oceano. Alguns embarcaram em barcos sem remos, colocando seu destino inteiramente nas mãos de Deus. Muitos dos exilados dirigiram-se à Europa continental, onde deram bastante trabalho aos bárbaros. Esses homens, que jamais tinham sido conquistados pelos romanos (e que por eles tinham sido evangelizados, indiretamente, na pessoa de Patrício, um pretense romano), em seu destemor, trouxeram a antiga civilização de volta ao lar.

Um desses viajantes era Columbano, cerca de 20 anos mais moço do que Columba, nascido na província de Leinster, por volta do ano 540, tendo, mais tarde, residido em Bangor, aproximadamente durante 25 anos, como monge. Por volta do ano 590, Columbano, acompanhado dos 12 companheiros previstos nas normas, partiu para a Gália, onde, em pouco tempo, fundou três mosteiros campestres, em meio aos suevos: Annegray, Fontaines e Luxeuil, este último um dos mais importantes da baixa Idade Média. Tal nível de atividade leva a crer que, no que toca a recrutamento de seguidores, Columbano obteve tanto sucesso quanto Columba.

Entretanto, dentro de pouco tempo Columbano se incompatibiliza com os bispos locais, irritados com a presença do forasteiro. Observando, ainda, a antiga prática episcopal romana, *i.e.*, de residir em capitais, mantendo laços fortes com a realeza, os bispos dirigiam suas congregações locais de indivíduos letrados e semiletrados, sobreviventes de uma

sociedade desaparecida. Jamais ocorrera a esse clero aventurar-se além das ruas pavimentadas, rumo aos povoados rústicos, localizados nas encostas das montanhas, onde moravam os suevos mais simples. Já para Columbano, um homem que não se atreve a proclamar a Boa Nova além do conforto e da segurança de seu próprio círculo, além da elite a que pertence, fica a desejar como bispo. Em 603, os bispos convocam o santo a se apresentar diante do sínodo, em Chalon-sur-Saône. Recusando-se a participar de uma reunião que considerava uma pândega, Columbano envia-lhes uma carta que vai provocar a indignação esperada:

Aos santos senhores e padres, ou melhor, irmãos em Cristo, bispos, sacerdotes e demais clérigos da Santa Igreja, eu, Columbano, pecador, envio saudações em Cristo:

Agradeço ao Senhor, meu Deus, que, por minha causa, tantos homens santos tenham se reunido, a tratar da verdade da fé e das boas obras e, como lhes condiz, a julgar, com justiça e aguçado discernimento do bem e do mal, as questões que são objeto de contenda. Bom seria que agissem sempre assim!

E o irlandês prossegue, repreendendo os bispos por sua complacência mundana, pela falta de iniciativa e por se imiscuírem na missão. Se levassem a sério suas responsabilidades, teriam mais o que fazer, e não ficariam se intrometendo no trabalho alheio. Columbano mitiga as críticas com uma linguagem de deferência (“se concordardes que nós, os novatos, podemos ensinar-vos algo”), mas não há ambiva-

lência no sentido de suas palavras. Recomenda o seu próprio modo de vida aos bispos (“se todos fizermos a opção pela humildade e pela pobreza, pelo bem de Cristo”) e os incita, segundo o Evangelho, a agir como crianças: “Pois a criança é humilde, não guarda rancor, não anseia por mulher, não diz uma coisa quando sente outra.” Era como se o santo tivesse pleno conhecimento e pretendesse expor o pecado de cada bispo.

Será desnecessário afirmar que Columbano não cativa a simpatia do sínodo e, ao conseguir a inimizade de Brunilda, perversa princesa visigodá que governava a Borgonha, torna-se alvo de uma conspiração, pois os bispos e a princesa decidem deportá-lo. Juntamente com seus companheiros irlandeses, Columbano é obrigado a dizer adeus às suas prósperas comunidades, agora ocupadas por monges germânicos, e seguir, sob escolta real, para Nantes, porto de onde zarparão para a Irlanda. A caminho de Nantes, um dos integrantes do grupo, o ancião Deicola, percebe que não tem condições físicas para prosseguir. Fica para trás e constrói para si um casebre, em um local ermo, chamado Lure, que, mais tarde, haveria de se tornar um monastério célebre. Quando, finalmente, o grupo liderado por Columbano embarca em Nantes, o barco naufraga, mas Columbano e quatro companheiros conseguem se salvar. Vivendo uma espécie de duplo exílio (com relação à Borgonha e à Irlanda), Columbano parte em direção ao norte da Itália, para converter os lombardos. Porém, ao cruzar os Alpes, é forçado a parar em Arbon, perto de Bregenz, às margens do lago Constance, porque Gall, intérprete de línguas germânicas junto ao grupo, é acometido de febre e recusa-se a seguir viagem. Após uma discussão, Columbano decide deixar Gall e, juntamente com os outros

companheiros, dirige-se à planície da Lombardia, onde fundarão, em Bobbio, o primeiro monastério ítalo-irlandês. O vigoroso Columba o, aos 70 anos, trabalha na construção do monastério, transportando às costas vigas de madeira.

Columbano chega à Lombardia em 612. No ano seguinte, a velha inimiga, Brunilda, é deposta e brutalmente executada pela nobreza franca. Clothaire de Neustria, antigo aliado de Columbano e agora influente entre os francos da Borgonha, envia uma delegação com arcas de ouro, para auxiliar na construção do monastério de Bobbio, bem como um convite, rogando a Columbano que volte a Luxeuil. Mas o velho e vigoroso abade recusa o convite. Deseja morrer em Bobbio; antes, porém, enviará outras cartas, incluindo uma longa missiva ao papa Bonifácio IV, repreendendo-o pela incapacidade (no entender de Columbano) de pôr devido fim à controvérsia nestoriana, uma complexa disputa grega a respeito das “naturezas” de Cristo, disputa essa que, talvez, Columbano sequer compreendesse. Ele chega a fazer um jogo de palavras, com o nome do predecessor de Bonifácio, papa Vigilius: *“Vigila, atque quaeso, papa, vigila, et iterum dico, vigila; quia forte non bene vigilavit Vigilius”* (Sede vigilante, então, eu vos imploro, papa, sede vigilante, e volto a dizer, sede vigilante; pois, talvez, aquele que se chamava Vigilante não o foi). Não era a primeira carta de Columbano ao papa, tampouco a primeira vez que brincava com o nome de um papa! Em carta a Gregório, o Grande, por ocasião da contenda com os bispos, Columbano adotara um tom informal, como se fosse amigo íntimo do Sumo Pontífice, e fizera um trocadilho com o nome do predecessor de Gregório, isto é, Leão, o Grande, lembrando a Gregório o trecho da Escritura Sagrada que afirma ser “um cão vivo melhor do que um leão morto”.

Como resposta a ambas as cartas Columbano obteve apenas o frio silêncio do pontífice.

Esse comportamento arrogante tem confundido os historiadores, levando-os a questionar a sanidade de Columbano. A meu ver, a atitude dele é compreensível, e tipicamente irlandesa. (Chega a gabar-se, em carta a Bonifácio, da “liberdade de expressão característica da minha terra natal”.) Numa Irlanda de clima frio, desprovida de cidades, os homens, durante o dia, trabalhavam ombro a ombro e, à noite, dormiam lado a lado. Até o rei era íntimo dos súditos, e a palavra irlandesa *ri* denota um grau de intimidade inimaginável em *rex*. Para Columbano, o papa era um irmão, um pai abade digno de respeito, com certeza; porém, como qualquer outro homem, precisava, às vezes, de um puxão de orelhas. E tal puxão poderia até dizer respeito a obrigações religiosas.

Qualquer dúvida quanto à sanidade de Columbano será dirimida se considerarmos suas realizações: ao morrer, em 615, deixou-nos uma vasta obra, cartas e sermões, notáveis em sua leve imitação de autores clássicos como Safo, Virgílio, Ovídio, Juvenal, Marcial e até Ausônio; normas de conduta para os irmãos; poemas e canções, incluindo uma alegre cantiga naval; além do grande legado dos mosteiros por ele fundados no continente europeu, instituições que se ocuparam de reintroduzir o saber clássico na Europa. Passado tanto tempo, não podemos afirmar, com certeza, quantos mosteiros foram fundados em nome de Columbano, em vida, e após sua morte. Esse número, contudo, incluindo mosteiros em regiões que, mais tarde, se tornariam países, *i.e.*, França, Alemanha, Suíça e Itália, não pode ser menor do que 60, e pode até passar de 100. E Columbano esteve no continente durante apenas 25 anos.

Sobre um desses monastérios, em São Gall, nos Alpes, fundado pelo monge com quem Columbano se indispôs e que veio a se tornar a figura central na criação da Igreja suíça, temos algumas informações. Vendo-se sozinho, após a partida abrupta de Columbano, em meio a lobos, ursos e alemães ignorantes, Gall, homem mais paciente do que Columbano, pôs-se a visitar a gente do lugar, instruindo-a na fé e nas letras. Apenas um de seus escritos sobreviveu, um sermão, tão sincero, direto e revelando tamanha bondade que não é difícil imaginar o que terá comovido os alemães que o ouviram. Em 615, enquanto Columbano agonizava, irmãos, provenientes de Bobbio, bateram à porta de Gall. Traziam-lhe o báculo e o tardio pedido de desculpas de Columbano e, implicitamente, o reconhecimento de que Gall era seu filho espiritual mais eminente. Em 616, Gall, cujas boas obras se tornavam cada vez mais famosas, recusou o bispado de Constance e, em 627, o convite para regressar à próspera Luxeuil, como abade. Manteve-se firme no posto e, por ocasião de sua morte, em 645, todos os alemães tinham tomado conhecimento do Evangelho. O que ele não sabia era que, muito tempo depois de sua morte, no local onde havia realizado seu trabalho, seria edificado, em sua honra, um dos maiores monastérios medievais. No século IX, um de seus filhos espirituais, natural de Leinster, trabalhando no amplo *scriptorium* do imponente monastério às margens do lago Constance, organizaria um livro incluindo excertos selecionados: notas de um comentário sobre a *Eneida*, trechos de Jerônimo e Agostinho, hinos em latim, um pouco de grego, capítulos aleatórios sobre história natural, bem como um poema, de sua própria autoria e em irlandês, sobre seu gato, Pangur Ban. Lembrando-se, com toda a certeza, do lar que deixara na Irlanda, o escriba

registra as palavras de Horácio: "*Caelum non animum mutant qui trans mare current*" (Mudam de céu, mas não de alma, os que cruzam o mar). Trata-se de uma máxima aplicável a todo exilado e, no presente contexto, um lembrete da força da personalidade irlandesa.

Na verdade, desconhecemos muitos detalhes sobre o tipo de vida que levavam esses exilados. As construções, com paredes em argamassa, há muito desapareceram, assim como a maioria de seus livros preciosos. Mas o seu conhecimento — a Bíblia, a literatura da Grécia, de Roma e da Irlanda — é nosso, porque nos foi por eles transmitido. A Bíblia em hebraico teria sobrevivido, chegando até nós graças à ação de comunidades judaicas espalhadas pelo mundo. A Bíblia e os comentários em grego, bem como grande parte da literatura da Grécia antiga, foram bem guardados em Bizâncio e, possivelmente, estariam disponíveis, hoje em dia, em 'algum lugar' (desde que tivéssemos disposição para localizar tal material). Mas a literatura latina, provavelmente, teria sido perdida não fossem os irlandeses, e a Europa iletrada dificilmente teria desenvolvido as grandes tradições literárias nacionais sem o exemplo da irlandesa, a primeira literatura vernácula a existir em forma escrita. Além disso, teria sucumbido, no Ocidente, não apenas o letramento, no sentido mais amplo, como também os hábitos intelectuais que instigam o pensamento. E, nesse caso, em seu momento de expansão durante a Idade Média, o islamismo teria encontrado pouca resistência: apenas tribos de animistas, dispersas e prontas a absorverem nova identidade.

Que o leitor chegue à sua própria conclusão, quanto à possibilidade de essa última hipótese ter sido preferível ao que, de fato, ocorreu. Mas é certo que os Mártires Brancos, trajados

arcebispo de Salzburgo. O erudito Donato, segundo o próprio epitáfio, "*Scottorum sanguine creatus*" (Nascido de sangue irlandês), foi escolhido, em eleição geral, bispo de Fiesole, permanecendo no posto durante quase 50 anos. São Cathal (ou Cahill, em ortografia moderna), bastante venerado ainda hoje no sul da Itália como São Cataldo, ao regressar de uma peregrinação à Terra Santa, foi surpreendido pelo fato de ter sido eleito bispo de Torenó, cidade localizada no arco da bota italiana. Mulheres, também, se exilaram; e embora saibamos ainda menos o que se passou com elas do que no caso dos homens, as igrejas dedicadas a Brígida, na França, na Alemanha, na Áustria e na Itália, atestam-nos a presença de mulheres no exílio. Em Amay, na Bélgica, foi descoberto um sarcófago, ornado à maneira celta e exibindo a imagem de uma mulher (misteriosamente intitulada 'Santa Chrodoara') trazendo na mão um báculo de bispo. Mais da metade dos comentários bíblicos entre 650 e 850 foram escritos por irlandeses. Antes do final do século VIII, os exilados chegam em Modra, na Morávia, onde uma antiga igreja que mais parece uma réplica da ermida de Glendalough foi, recentemente, descoberta; e até em Kiev existem vestígios dos Mártires Brancos. Mas uma lista completa dos nomes dos missionários e das instituições por eles fundadas constituiria um capítulo em si. Basta dizer que, ainda em 870, Heiric de Auxerre, na obra *Life of Saint Germanus*, afirma: "Quase toda a Irlanda, desistindo do mar, desembarca em nosso litoral, com um rebanho de filósofos!"

A essa altura, a continuidade da civilização européia estava garantida. Onde quer que fossem, os irlandeses levavam consigo seus livros, muitos desaparecidos da Europa há séculos; e traziam-nos amarrados à cinta, em sinal de triunfo, assim como os heróis lendários traziam à cinta a cabeça dos inimi-

gos. Onde quer que fossem, levavam consigo o gosto pelo estudo e o talento para a confecção de livros. Nas baías e vales do exílio, restabeleceram o letramento e deram vida nova à exaurida cultura literária europeia.

E foi assim que os irlandeses salvaram a civilização.

7

O FIM DO MUNDO



HAVERÁ ALGUMA ESPERANÇA?

Na Festa de Pentecostes do ano 597, no monastério da ilha de Iona, alguns dias antes de o notável Columba dar o último suspiro, um rei inglês foi batizado, em Cantuária, por um tímido bibliotecário romano, enviado por Gregório, o Grande, para evangelizar os ingleses.* Embora Patrício houvesse propagado o Evangelho aos irlandeses há mais de um século e meio e, em 557, Columba tivesse partido para converter a Escócia, trata-se da primeira ocorrência de uma missão pontifícia destinada à conversão de pagãos. Assim principia um novo capítulo na história da Britânia, cujos primeiros habi-

* O despojamento dos romanos com respeito à escravidão, em contraste com o enfoque de Patrício, fica evidente no célebre relato sobre a primeira vez que o papa Gregório, o Grande, deparou com os ingleses. Ao vê-los à venda no mercado romano e impressionado com sua beleza e seus cabelos louros, Gregório pergunta que gente seria aquela. “*Angli*” (anglos, ou ingleses) é a resposta e o espirituoso papa, criando um jogo de palavras, observa a correção do nome, pois, aos seus olhos, os indivíduos pareciam *angeli*, anjos. Gregório faz outros dois trocadilhos e, mais tarde, decide-se pela evangelização dos *angli*; contudo, não impede a venda dos cativos.

tantes cristãos — os celtas britanos do tempo de Patrício — haviam sido gradualmente empurrados rumo ao oeste por saqueadores pagãos — anglos, saxônios e jutas —, que se fixaram à terra, apropriando-se do leste da Britânia. Por ocasião da morte de Columba, os ocupantes de origem germânica haviam se estabelecido ao sul da Britânia, por eles denominada *England*, e tinham atribuído novos nomes aos territórios ocupados, por exemplo, Kent, Essex (*East Saxony*), Wessex (*West Saxony*) e Sussex (*South Saxony*). Os ocupantes continuaram a empurrar os celtas britanos para oeste, *i.e.*, a península de Cornuália, e para além do rio Severn, no País de Gales. No extremo norte, foram direcionados para além da Muralha de Adriano, até as margens do rio Tweed, na fronteira do território que hoje demarca a Escócia, onde fundaram o reino da Nortúmbria. A pressão implacável exercida pelos novos ocupantes era motivo de sofrimento permanente para as vítimas, os antigos britanos, que, sendo celtas e cristãos, desprezavam o inimigo pagão. Jamais passaria pela cabeça desses celtas britanos levar o Evangelho àqueles selvagens.

Já os celtas irlandeses, que não haviam sofrido nas mãos dos anglo-saxônios, não tinham esse tipo de preocupação. Ao mesmo tempo que os novos ingleses invadiam os antigos territórios celtas, monges irlandeses, partindo do monastério de Lindisfarne, no canto nordeste da Nortúmbria, deflagraram uma verdadeira ‘invasão espiritual’ à Inglaterra; fundando uma série de monastérios, em curto espaço de tempo. Em decorrência dessa incursão, Aidan, o discípulo querido de Columba e primeiro abade de Lindisfarne, é mais merecedor do título de Apóstolo da Inglaterra do que Agostinho de Cantuária, pois, como observa o historiador escocês James Bulloch, “toda a Inglaterra ao norte do Tâmis deve sua

conversão ao cristianismo à missão celta”. E Lindisfarne não foi o único local de onde partiram monges irlandeses, que tinham um bom relacionamento com os celtas britanos e logo começaram a estabelecer bases também em regiões localizadas a oeste da ilha.

Mas o cristianismo severo da Cantuária de Agostinho também se espalhava pelo norte e pelo oeste do território inglês e haveria de encontrar o cristianismo celta, que marchava no sentido contrário. Um choque de hábitos e sensibilidades era inevitável, como o fora entre Columbano e os bispos da Borgonha. A oposição chegou a uma crise no sínodo de 664, realizado na abadia de Whitby, na Nortúmbria, no qual o rei da Nortúmbria deliberou em favor da parte ‘romana’, isto é, a parte que se reportava à missão pontifícia liderada por Agostinho.

O ponto central, em torno do qual, a propósito, gravitara o sínodo da Borgonha, era a data correta da celebração da Páscoa. A parte romana considerava o cálculo dos celtas, divergente por uma questão de dias (ou, em determinados anos, de semanas), uma verdadeira heresia. Nos primeiros séculos da Igreja, sob a influência do sutil pensamento grego, a simples incompreensão da relação exata entre a natureza divina e humana de Cristo, a afirmação de que Cristo possuía mais de uma *persona*, ou de outra questão, igualmente complexa, bastava para que um indivíduo fosse considerado herege. Os Padres da Igreja não haveriam de se preocupar com algo tão mundano quanto cálculos para elaboração de calendários. O fato de a questão do calendário quase provocar um cisma é clara indicação de como o pensamento da época era simplório e inflexível.

Ao final, a parte irlandesa cedeu, apesar da renitência de alguns. Concordaram, embora relutantes, que seu mestre,

Columba, cujo nome era invocado em todas as suas preces; viria depois de Pedro, príncipe dos Apóstolos do Senhor, em cujo nome a parte romana baseava sua argumentação. A solução, tanto quanto o problema, foi simplória: nossas relíquias (os ossos do nosso fundador) são mais sagradas do que as vossas, portanto, Roma é mais ilustre do que Iona, e assim o que é certo está do nosso lado.

O encontro em Whitby é freqüentemente mencionado, por anglicanos e católicos, para defender suas respectivas posições antagônicas, sendo praticamente impossível encontrar um historiador especializado nesse período que não seja um pouco tendencioso. Para os anglicanos, o confronto demonstra que havia uma igreja "britana", nativa, anterior à influência romana. Para os católicos, a aquiescência celta demonstra que, usando seu bom senso, os celtas cristãos aceitaram Roma como norma de ortodoxia. A meu ver, o encontro tem merecido atenção exagerada, mesmo porque a fonte principal de informação sobre o assunto, Bede (monge historiador do início do século VIII, originário da abadia de Jarrow, por assim dizer, um satélite de Lindisfarne, na Nortúmbria), confere grande importância ao evento. Homem típico de seu tempo (e fascinante contador de histórias), Bede, embora admirasse a espiritualidade e o saber irlandeses, valorizava a importância da uniformidade. Temos uma perspectiva mais equilibrada em Cumian, abade irlandês responsável pela aproximação da parte celta, com relação à posição romana. Cumian recorre ao humor para depreciar o argumento celta: "Mas que perversidade, dissermos sobre a nossa Igreja: 'Roma está errada, Jerusalém está errada, Antioquia está errada, o mundo inteiro está errado: somente os irlandeses e os britanos, nos confins da terra, uma verruga no

queixo do mundo, estão certos.” Em outras palavras, a opinião universal, e não alguma regra arbitrária de Roma, poderia fazer os celtas mudarem de idéia.

A natureza banal do confronto pode ser igualmente constatada ao considerarmos o outro item em pauta no encontro de Whitby: a tonsura irlandesa que, diferindo do círculo raspado pelos romanos no cocuruto da cabeça, previa a raspagem da parte frontal, de uma têmpera à outra, permitindo o crescimento dos cabelos na parte posterior. Aos nossos olhos, a tonsura irlandesa teria uma aparência ridícula, mas, para os romanos, era prova de barbarismo. Como poderiam pessoas de aparência tão ridícula fazer crer que aquela tonsura absurda fosse um sinal de consagração?

O que mais impressiona com relação a esse período como um todo, e, talvez, quanto à verdadeira importância de Whitby, é a cooperação estreita e fraternal entre irlandeses e ingleses. Os saxônios cristãos sempre acolheram bem os irlandeses, como irmãos e irmãs mais velhos, em Cristo, e com eles muito aprenderam. Se, através do tempo, cristãos pertencentes a tribos diversas tivessem colaborado entre si como esses o fizeram, o mundo seria bem melhor.

Os monastérios saxônios, muitos dos quais fundados por monges irlandeses, aprenderam com eles a arte dos escribas e a reverência pela palavra escrita. O Evangelho de Lindisfarne, exemplo tão extremado de arte dos escribas irlandeses quanto o próprio Livro de Kells, é obra de Eadfrith, sucessor de Aidan no posto de abade de Lindisfarne, o mesmo Eadfrith a quem Adelmo de Malmesbury escrevera quando estudante inglês na Irlanda, queixando-se da leniência irlandesa com respeito à literatura pagã. Embora o Evangelho de Lindisfarne, praticamente o único códice assinado, seja obra de um inglês, em

espírito é sumamente irlandês. Os saxônios também aprenderam com os celtas a reverenciar o passado ancestral, e mantiveram a tradição dos relatos sobre os antigos heróis. Tanto quanto os irlandeses, os saxônios muitas vezes dariam a tais relatos um tratamento cristão. Beowulf, o grande herói anglo-germânico, sem dúvida, é um guerreiro pagão, mas é, também, apresentado como modelo de hombridade saxônia: leal, corajoso, magnânimo; ao mesmo tempo, para um público inglês cristão, o texto recitado pelo poeta, ao relatar a luta entre Beowulf e os monstros, remetia à luta entre Cristo e Satanás. Na verdade, lendas e mitos celtas e saxônios tornavam-se, pouco a pouco, uma espécie de Antigo Testamento secular, isto é, um conjunto de histórias que, embora carecendo da força da revelação direta a Abraão e Moisés, compunham narrativas simbólicas sobre a salvação que falavam da jornada de uma gente, seus erros e acertos, de profecias e instintos, de busca da verdade, da trajetória de um povo que marchava em frente, em meio às trevas e à morte, guiado por sua bondade inata.

A perspectiva do pensamento grego foi quase perdida. O batismo, mesmo unindo os irlandeses a um mundo maior, não os transformara em atenienses. E embora os irlandeses e, mais tarde, os saxônios tenham conseguido transcrever as obras de filósofos da Antiguidade, não foram capazes de compreendê-las; tampouco foram capazes de compreendê-las os romanos que sobreviveram no Ocidente, por exemplo, o próprio Gregório, o Grande. A capacidade de definição, o discernimento e o raciocínio dialético que fizeram a glória de homens como Agostinho não estiveram à disposição de leitores da Idade das Trevas, cuja percepção de mundo era simples e imediata, modelada por mitos e mágica. Um pensador não

mais subordinava um pensamento a outro, com precisão matemática; em vez disso, buscava semelhanças e equilíbrios, tipos e paradigmas, paralelos e símbolos. Não era um mundo de pensamentos, mas de imagens.

Até os 'romanos', em Whitby, apresentaram seu ponto de vista segundo a nova prática. Não recorreram à argumentação, pois o debate intelectual autêntico estava a ém de sua capacidade. Exibiam imagens à contemplação menta : um conjunto de relíquias *versus* outro. Com efeito, o rei da Nortúmbria, que deliberou a favor da parte romana, o fez por imaginar que Pedro, supostamente o primeiro bispo de Roma, a quem Jesu , em sentido metafórico, entregara "as chaves do reino do céu", usaria as mesmas chaves para impedir o acesso da Nortúmbria ao céu. caso o monarca fizesse oposição a Roma.

Tampouco os 'romanos' preocuparam-se em elaborar uma longa lista de acusações, como outrora fora o caso nos grandes concílios da Igreja. E há que se admitir que os irlandeses tinham hábitos estranhos, incentivavam a diversidade, não valorizavam a uniformidade das normas monásticas, apreciavam a literatura pagã e, talvez o que fosse pior, às vezes, permitiam a liderança de mulheres. Porém, como o sínodo estava sendo realizado em Whitby, monastério de origem celta que se reportava a Lindisfarne e funcionava sob o comando de uma mulher — a abadessa Hilda —, o lado romano, com muita habilidade, restringiu suas objeções às duas questões consideradas mais graves, justamente por serem as mais *visíveis*. Em meados do século VII, a imagem visível assume uma dimensão bem mais real do que o pensamento invisível:

Outro motivo que fez com que esses provincianos praticantes da *Romanità* agissem de maneira bem mais circunspecta do que se esperava foi a quebra considerável do fluxo de

comunicação que seguiu o colapso do Império e o surgimento dos feudos bárbaros. Sem o eficiente sistema de comunicação do Império Romano, a noção de uniformidade corria sério perigo. Durante um século e meio, entre meados do século V e o final do século VI, pelo que consta, não houve qualquer comunicação formal entre Roma e os cristãos da Britânia, nem entre Roma e a Irlanda, daí os celtas celebrarem a Páscoa de acordo com um calendário que, em Roma, já passara por duas revisões. Nessas ilhas à margem da Europa, não se sabia, ao certo, o que estava em uso, ou fora de uso, nem mesmo em Roma, quanto mais em outros antigos centros do cristianismo. O momento era propício à diversidade, e os irlandeses continuavam a florescer.

Na segunda metade do século VII, o empenho missionário irlandês alcançaria o auge, agora reforçado pela adesão de missionários ingleses que, a exemplo dos 'irmãos mais velhos', irromperam em terras germânicas de onde haviam partido seus antepassados. Wilfrid, líder da parte vitoriosa em Whitby, dedicou-se à Frísia. Willibrord fundou o monastério de Echternach, em Luxemburgo (onde surgiria o Evangelho de Echternach, esplêndido par do Evangelho de Lindisfarne), e, juntamente com Bonifácio, estabeleceu bispados em Utrecht, Würzburg, Erfurt, Eichstadt e Passau. Bonifácio fundou a grande abadia de Fulda, estabeleceu monastérios em Disbodenburg, Amoénaburg, Fritzlar, Bura-burg e Heidenheim, além de restaurar o bispado de Mainz, do qual se tornou arcebispo. Em meados do século VIII, a Frísia, a Saxônia, a Turíngia, a Baviera e parte da Dinamarca haviam abraçado o Evangelho.

Muitos desses novos estabelecimentos tornaram-se o destino final dos livros confeccionados pelos escribas ilhéus.

Bonifácio e Alcuin (este, monge da Nortúmbria junto à corte de Carlos Magno que, em 782, assumiu a direção da Escola Palatina, a qual, mais tarde, se tornaria a Universidade de Paris) jamais conseguiram encontrar, no continente europeu, os livros de que precisavam e, continuamente, recorriam aos mosteiros britanos para o suprimento de obras básicas. Na verdade, a arte praticada no *scriptorium* era, praticamente, desconhecida nos mosteiros de origem italiana e gaulesa. A referida arte surgira nas oficinas da Síria e do Egito, passara pela Irlanda e pela Britânia e, somente então, alcançara a Europa continental. Finalmente, o pobre acervo de códices encontrado no continente começava a crescer em ritmo constante. Já em meados do século VIII, Fulda, por exemplo, empregava 40 escribas em tempo integral.

Os contatos desses monges ingleses com a Irlanda nada têm de acidentais. Além de haverem se beneficiado da atmosfera intelectual que os mosteiros irlandeses haviam estabelecido na Britânia, muitos monges haviam estudado na Irlanda (Willibrord, por exemplo, passara 12 anos em terras irlandesas) ou contavam com a assistência de monges irlandeses (como Kilian e seus 11 companheiros, que evangelizaram a Francônia e a Turíngia). O primeiro mestre de Alcuin, Colgu, fora irlandês, assim como seu melhor amigo, Joseph, que o acompanhou à França e morreu ao seu lado; e foi sucedido, na escola da corte, pelo estudioso irlandês Clement Scotus.

A partir do advento de Carlos Magno como rei dos francos e (após sua surpreendente coroação pelo papa, no dia de Natal do ano 800) sagrado imperador romano, podemos começar a mencionar França, em vez de Gália. Carlos Magno liderou a primeira Renascença observada na Europa medieval, um florescimento cultural efêmero que durou pouco mais do

que seu império. A influência do líder pode ser percebida de forma mais marcante no ressurgimento do estudo e do letramento observados em consequência do estímulo e apoio que o imperador conferia ao aprimoramento dos padrões educacionais das poucas escolas que sobreviviam na Europa continental. O fato de o próprio Carlos Magno ter sido um analfabeto, tendo somente aprendido a decifrar os textos mais simples já em idade madura (embora jamais viesse a dominar a escrita), é prova suficiente dos padrões educacionais vigentes à época. Sem o fluxo, prévio e contínuo, de códices irlandeses, a Renascença carolíngia teria sido inviável. Por isso, conforme comenta o biógrafo Einhard, Carlos Magno “*amabat peregrinos*” (amava os [monges] peregrinos).

E tais peregrinos estavam mesmo em toda parte. Quando Carlos Magno, perplexo, indagou sobre o eclipse solar, Dungal, monge irlandês enclausurado em Saint Denis, foi convidado a instruir o rei nessa questão de grande complexidade, tarefa de que se desincumbiu por meio de uma carta que sobreviveu ao tempo. Outro residente da corte francesa foi o irlandês Dicuil, o primeiro geógrafo medieval, cuja obra, *Measurement of the Globe*, de um ceticismo frio e objetivo, e repleta de comentários sardônicos, ainda hoje constitui leitura interessante. Outro cortesão irlandês foi Sedulius Scotus, um divertido ciceroniano que aconselhava o imperador em questões de Estado e cujos versos a imperatriz Ermingarda bordava. Sedulius copiou três manuscritos que ainda existem: o Livro dos Salmos, em grego, que consta do acervo da Biblioteca Arsenal, em Paris, uma versão bilíngüe (em grego e latim) dos Evangelhos, que se encontra em Saint Gall, e, arquivado em Dresden, o *Codex Boernerianus*, uma versão interlinear das Epístolas de Paulo, que contém o poema

irlandês que fala da inutilidade de uma peregrinação a Roma (vide Capítulo 6), obviamente escrito pelo próprio Sedulius. Além desses três manuscritos, Sedulius, ou algum integrante de seu círculo, é responsável pela cópia do manuscrito *Saint Gall Priscian*, de autoria do gramático latino Prisciano, repleto de comentários picantes, tipicamente irlandeses, e do *Codex Bernensis*, que contém as odes de Horácio, o comentário de Sêrvio sobre Virgílio, bem como alguns dos 'manuais' de Agostinho, escritos para alunos de retórica.

O rebento mais vigoroso surgido nessa primavera cultural foi o irlandês John Scotus Eriugena,* nascido por volta de 810 e que aproximadamente aos 30 anos cruzou o mar até a França, onde ocupou um cargo na Escola Palatina, então sob a tutela do sucessor de Carlos Magno, isto é, Carlos, o Calvo. John Scotus, que, provavelmente, era leigo, é o primeiro filósofo da Idade Média; o primeiro filósofo cristão autêntico desde a morte de Agostinho, no ano 430; o primeiro filósofo europeu desde a execução de Boécio, em 524; o primeiro homem, ao longo de 300 anos, capaz de pensar. Era dotado de um senso de humor mordaz, tendo composto este dístico por ocasião da morte de Hincmar, arcebispo de Rheims que antipatizava com os irlandeses:

Hic jacet Hincmarus, cleptes vehementer avarus,

Hoc solum gessit nobile: quod periit.

Aqui jaz Hincmar, avaro em seu apogeu,

Teve um único g sto nobre: pois, morreu.

* *Johannes Scotus*, ou John, o Irlandês; visto que, nesse período, muitos *Scoti* nasceram em colônias irlandesas fora da Irlanda, o nome de Johannes aparece com a qualificação *Eriugena*, ou nascido na Irlanda. Não deve ser confundido com Duns Scotus, teólogo escocês pertencente a período posterior.

Nos jantares, regados a vinho, em companhia do imperador, havia sempre um senso de humor defensivo. “*Quid distat inter sottum et Scottum?*” (O que separa um tolo de um irlandês?), perguntou o imperador, em tom jocoso. “*Tabula tantum*” (Apenas a mesa), responde Eriugena. Não é para menos que exista uma versão da morte de Scotus segundo a qual o mestre teria sido assassinado por seus próprios alunos — a estocadas de caneta.

Em seu tempo, Scotus era um dos dois únicos residentes da Europa Ocidental, reconhecidamente, fluentes em grego. O outro, Anastácio, bibliotecário do papa, mal podia acreditar que um ‘bárbaro’ como Scotus Eriugena pudesse ser proficiente em grego. E era, de fato, proficiente. Ler *De Divisione Naturae* (A Divisão da Natureza), de sua autoria, em seguida à leitura da literatura popular que vimos examinando, constitui uma experiência surpreendente: estamos de volta ao mundo de Platão. Scotus é dotado de um intelecto capaz de apreender as distinções mais rarefeitas da tradição filosófica grega e, sobretudo, capaz de elaborar um novo sistema de pensamento, equilibrado e sólido. E tal sistema contém mais do que um mero toque celta, pois, para John Scotus, a palavra predileta é *Natureza*, palavra tão querida dos irlandeses mas que sempre provocava arrepios nos platonianos e cristãos romanos. No sistema de John Scotus, *Natureza* é sinônimo de *Realidade*, no sentido mais abrangente do termo, compreendendo o mundo natural e a realidade divina. Em Scotus não existe uma distinção confortadora entre natural e sobrenatural. Embora o sistema seja, ao mesmo tempo, sutil e complexo, percebe-se, de imediato, a influência da visão simples de mundo segundo Patrício. A Realidade é algo contínuo, e todas as criaturas de Deus são teofanias do próprio Deus, pois Deus fala no interior e através delas.

A leitores de uma era posterior, mais punitiva, tal sistema teria certas semelhanças, suspeitas, em relação ao panteísmo, a heresia de que Deus não apenas está presente em todas as coisas, mas que é todas as coisas, melhor dizendo, que não existe distinção entre Deus e a criação. Quanto mais esses leitores examinavam a filosofia do irlandês, menos ortodoxa ela lhes parecia. Com intrepidez, ele punha razão e autoridade em lados opostos: “Qualquer autoridade não confirmada pela razão parece débil, ao passo que a razão não precisa ser sustentada pela autoridade. E esse tipo de didatismo Scotus ousava dirigir aos Padres da Igreja! Mais que isso, utilizou a ortodoxa afirmação de Paulo, isto é, no fim, “Deus será tudo em todos”, não apenas para reforçar seu panteísmo, mas para propor que, no final dos tempos, todos — até os demônios — fossem salvos! Em 1225, quase quatro séculos após ter sido escrita, *De Divisione Naturae* é proscrita pelo papa Honório II, que manda queimar todos os exemplares existentes. Alguns, obviamente, escaparam da fogueira.

Mas no tempo de John Scotus Eriugena, os homens da Igreja não queimavam livros. Somente os bárbaros cometiam tal ato.

Enquanto John Scotus cruzava o mar em direção ao continente, a Irlanda era sitiada. Terroristas *vikings* haviam descoberto os pacatos mosteiros irlandeses, onde eram guardados objetos de valor. Os monges construíram torres arredondadas, sem entrada no nível térreo, para onde carregavam seus tesouros, utilizando escadas de corda, as quais eram, em seguida, recolhidas. Mas, para os *vikings*, essas torres não eram obstáculos, e muito menos os monges, cada vez mais

dóceis e combalidos. Tampouco os guerreiros, muitos dos quais haviam se tornado leigos dotados de certa erudição e com tendências pacíficas, eram obstáculos. Os vikings, anal-fabetos muitas vezes, destruíam livros, arrancando as capas que continham pedras engastadas. O medo constante que sentiam os monges fica bem evidente nesse comentário em quatro versos:

Corta o vento esta noite,
Branqueia os cabelos do mar no açoite.
De homens cruéis não serei alvo;
Nesse mar bravio, estarei salvo.

Vindos de Lothland, na Noruega, os homens cruéis não desembarcariam em meio a uma tempestade, que, em breve, se tornaria a única proteção dos monges que habitavam o litoral da Irlanda e da Britânia. Os ataques a Lindisfarne, cuja atmosfera mágica inspirava os mais singulares códices produzidos nas duas ilhas, começaram a surgir na última década do século VIII, conforme nos atesta o relato da *Anglo-Saxon Chronicle* relativo ao ano 793: “Nos idos de junho, lamentavelmente, a fúria dos pagãos destruiu a igreja em Lindisfarne.” Na ocasião, os monges foram despídos e torturados; os invasores voltaram, em 801, incendiando casas; em 806, matando dezenas de monges; em 867, ateando fogo à abadia que havia sido reconstruída. No ano 875, aflitos, os sobreviventes abandonaram Lindisfarne para sempre. Na primeira década do século IX foi a vez de Iona, onde “grande número de leigos e clérigos foram massacrados” em uma sucessão de ataques. O grande monastério teve de ser abandonado. O monastério de Inis Murray, destruído em 802, jamais seria reconstruído. Até o remoto Skellig Michael foi alvo de diversos ataques, em um

dos quais Etgal, o abade indefeso, foi raptado, mas não houve resgate, pois Etgal morreu “de fome, na mão deles”, segundo consta nos *Annals of Inisfallen*. Glendalough foi pilhado em inúmeras ocasiões e, entre 775 e 1071, incendiado pelo menos nove vezes. Bangor, Moville, Clonfert, Clonmacnois, Kildare, esta última a cidade de Brigid — foram todos arrasados. Em 840, até as extensas construções de Armagh, cidade de Patrício, foram inteiramente queimadas. À medida que cada uma das *civitates* monásticas tombava diante da fúria dos vikings, livros preciosos e objetos metálicos eram enterrados às pressas, ou enviados a alguma região no interior considerada, ainda que temporariamente, mais segura. Segundo consta, o Livro de Kells, o mais célebre de todos os códices do Evangelho que sobreviveram ao tempo, teria sido transferido de Lindisfarne, onde estava ameaçado, para o monastério de Kells, no interior da Irlanda. Ainda hoje, a pá de um fazendeiro, às vezes, desenterra algum tesouro esquecido, como o Cálice de Ardagh; ou alguma família nobre, cujo *status*, ao longo da triste história que ocorreu na Irlanda, foi reduzido ao de camponeses, terá preservado, através dos séculos, algum códice esmaecido, como o fantástico Cathach de Columba.*

* O Cálice de Ardagh foi descoberto, em 1868 (juntamente com quatro broches e uma taça em bronze), por um menino, em Limerick, ao desenterrar batatas no ‘*rath*’, isto é, no forte pré-histórico localizado em Ardagh. Os objetos haviam sido escondidos embaixo de uma pedra, em meio às raízes de um espinheiro. Não sabemos se foram escondidos durante as invasões vikings ou durante o período da Legislação Penal, quando objetos litúrgicos foram proscritos pelos ingleses. O Cathach de Columba foi guardado pela família O’Donnell, levado à França, por um O’Donnell em fuga, após o Tratado de Limerick, e devolvido à Irlanda no século XIX. Embora o *status* da família O’Donnell jamais tivesse decaído ao de camponeses, outras famílias, em circunstâncias adversas, guardaram outros livros, às vezes, mais por suas supostas propriedades de cura do que pela importância como obra rara. No século VII, um viajante relata seu pavor ao ver um grupo de fazendeiros imergir o valioso Livro de Durrow em água, para dar sabor a um tônico a ser ministrado a vacas doentes.

Aos olhos irlandeses, a contribuição dos *vikings* seria pequena. Fundaram as primeiras cidades da Irlanda, como Limerick, Cork, Wexford, Waterford e Dublin. Mas interromperam um processo que jamais seria retomado. Quando os *vikings* foram derrotados, no início do século XI, a sociedade irlandesa recuperou-se, no sentido de retomar o ritmo normal de atividades e de trabalho. No entanto a Irlanda jamais recuperaria a posição de líder cultural da civilização européia. Estava, mais uma vez, marginalizada. Mesmo assim, a ótica irlandesa já havia servido como uma espécie de fermento à civilização medieval, o ingrediente desconhecido que ligava a massa do pão da Europa, fazendo com que o mesmo crescesse e escapasse do pessimismo clássico e das restrições sem graça atinentes à uniformidade romana.

A invasão seguinte, pelos normandos, no século XII trouxe poucas mudanças, pois na Irlanda os normandos adotaram costumes irlandeses com mais presteza do que na Inglaterra, onde resistiram à cultura saxônia. Os normandos tornaram-se, segundo a célebre frase, "*Hibernis Hiberniores*" (Mais irlandeses do que os próprios irlandeses). Os invasores subseqüentes não foram tão condescendentes. No século XVI, os colonizadores elisabetanos devastaram as florestas irlandesas (no encalço dos nativos que haviam sido expulsos de suas terras e que os atacavam com táticas de guerrilha) e contemplaram o genocídio, após a sutil recomendação do poeta Edmund Spenser. No século XVII, calvinistas seguidores de Cromwell quase levaram a cabo a recomendação do poeta. No século XVIII, a Legislação Penal (*Penal Laws*), cujo objetivo era humilhar os irlandeses, negava, aos católicos, direitos de cidadãos. Mas foi a fome do século XIX, a Grande Fome, que acabou com os irlandeses. Entre 1845 e 1851,

perto de 1 milhão de pessoas morreram de fome, ou em consequência da fome, enquanto o governo de Sua Majestade nada fazia, e, no mesmo período, 1,5 milhão de irlandeses emigraram, muitos dos quais pereceram durante a penosa viagem até a América ou a Austrália. Para completar, até 1914, 4 milhões haviam emigrado, reduzindo em um terço a população irlandesa, que passou a contar com menos de 4,5 milhões de habitantes. O fato de que uma terra tão fértil se tornou incapaz de alimentar a sua gente é indício do estupro econômico que a mesma sofreu durante séculos. A Irlanda foi, portanto, a primeira colônia inglesa, um país do Terceiro Mundo à margem da Europa. Somente os movimentos culturais e políticos da Irlanda no século XX resgatariam àquela população devastada um pouco de amor-próprio.*

Se os *vikings* causaram à Irlanda a perda do papel de liderança cultural na Europa, a Legislação Penal quase destruiu a identidade do país. Sendo um conjunto de leis opressoras e contrárias aos católicos, a Legislação Penal fez com que

* Os irlandeses são, vez por outra, considerados "os súditos mais leais da Rainha Vitória", visto que, nos dias de hoje — por mais paradoxal que pareça, levando-se em conta sua história —, costumam ser associados ao moralismo e à repressão sexual. A meu ver, essa mudança de atitude, bastante compreensível, por parte dos irlandeses decorreu da ansiedade que os camponeses destituídos sentiam no sentido de conseguirem um pouco de respeitabilidade, uma ansiedade que veio à tona, segundo Frank O'Connor, "no momento em que a língua inglesa se tornou corrente". Idiomas trazem consigo valores, e o inglês que os irlandeses finalmente aprenderam era o inglês da rainha. Porém, diz O'Connor, em locais onde o idioma irlandês manteve-se firme, homens e mulheres continuavam a considerar "relações sexuais como o assunto mais interessante". (O festival da fertilidade, por exemplo, mencionado no Capítulo 6, continuou a ser celebrado, durante todo o reinado de Vitória, em Kilorglin, condado de Kerry, onde se falava irlandês.) Qualquer pessoa que tenha visitado a Irlanda recentemente terá constatado que os irlandeses estão resgatando seu antigo modo de ser.

os poucos nobres irlandeses que restavam abandonassem a terra natal. Já no final do século XVIII, a diáspora se completara. Art O'Leary foi um dos últimos nobres a tentar manter residência na Irlanda, e vimos, no Capítulo 3, o que lhe aconteceu. As perdas da Irlanda representaram ganhos para outras nações: nomes como Hennessy (ligados ao conhaque), Lally, MacMahon e Walsh, na França; Murphy, Kindelan, Mahoney e O'Brian, na Espanha; Taafe e Hegerty, na Austrália; O'Neill, em Portugal; O'Rorke, na Rússia; O'Higgins, no Chile; e O'Farrill, no México, são um indício da abrangência do vôo desses Gansos Selvagens (conforme eram chamados). Aos camponeses empobrecidos que ficaram para trás, as florestas devastadas e os castelos espoliados, onde agora habitavam apenas fantasmas de aristocratas, constituíam a elegia a um passado glorioso, como nos sugere o anônimo "Kilcash":

Onde obter nossa lenha?
Foi-se a última das matas.
Kilcash, a casa gloriosa,
Foi-se, e o sino é sucata.
Ali ficava a senhora,
A mais graciosa de todas,
Dali aguardava os condes,
E ali celebravam bodas.

Que aflição, que tristeza,
Teus portões tiveram fim,
Alamedas sem beleza,
Bodes pastam no jardim.
O pátio está inundado,
Condes, onde estais? Ai de mim!

Condes, damas, se foram,
Tudo virou capim:

Mas não podemos reduzir a Irlanda a capim. Em meio a todo desastre, Patrício insistia, deve haver esperança. Kilcash, cuja silhueta da torre, em ruínas, ainda é visível no céu de Tipperary, era um castelo pertencente à família Butler, de origem anglo-normanda, cujo descendente, William Butler Yeats, seria motivo de tanto orgulho para os irlandeses, como o maior poeta do século XX. Nosso maior romancista, James Joyce, cresceu em Dublin, sede da ocupação *viking* e capital colonial britânica.

Mesmo nos piores momentos, os irlandeses mantiveram acesa a chama da esperança. Em 1843, pouco antes do advento da fome, um airoso viajante alemão declara-se surpreso ao constatar a erudição dos camponeses na Irlanda:

Já mencionei o grau de conhecimento de história que encontrei entre os habitantes de Kerry, mesmo nas classes menos favorecidas, e acabo de deparar-me com uma situação exemplar. Sentado à proa do barco, um homem de Kerry lia um antigo códice, escrito em irlandês, com letras celtas (...).

Tratava-se de um manuscrito, o homem disse, que tinha sido guardado por ele próprio; possuía outros, que herdara do pai e do avô; e outros tantos, com toda certeza, pertenciam à família há muito tempo. Perguntei-lhe o conteúdo do manuscrito. “Tenho aqui” ele respondeu, “os mais belos e antigos poemas irlandeses, histórias fantásticas e antigos tratados, por exemplo, a tradução de um tratado de Aristóteles sobre história natural.”

Não sei qual seria a reação do leitor, mas, para mim, a constatação de que um códice irlandês sobreviveu nas mãos ásperas de um camponês de Kerry é comovente.

Ao contemplarmos nosso planeta, nós, habitantes do Primeiro Mundo, os romanos do século XX, vemos alguns sinais de esperança, e muitos de desespero. A tecnologia se desenvolve rapidamente, realizando maravilhas que fortalecem o mundo: a descoberta de curas para doenças que antes nos assolavam e a conseqüente diminuição de índices de mortalidade; os avanços das ciências agrárias, permitindo aumentos na produção agrícola capazes de alimentar as populações crescentes; a navegação através da informática, que nos permitirá acesso a informações e o uso de meios de comunicação interpessoal de uma maneira tão instantânea e completa que causaria total perplexidade àqueles que construíram as estradas romanas, o primeiro grande sistema de comunicação.

Mas o sistema romano de estradas acabou transformado em entulho intransponível, quando o Império implodiu sob o efeito do excesso populacional verificado do outro lado de suas fronteiras. Com o nosso não será diferente. A queda de Roma nos mostra o que ocorre, inevitavelmente, quando populações carentes, com altos índices de crescimento demográfico, cujos hábitos e valores nos parecem estranhos exercem pressão sobre uma sociedade afluyente e organizada. Mais de 1 bilhão de pessoas no mundo de hoje sobrevivem com renda anual inferior a 370 dólares, enquanto os norte-americanos, que constituem 5% da população do planeta, compram 50% da produção mundial de cocaína. Se a população mundial, que dobrou nos últimos 70 anos, redobrar em

meados do século XXI, como haveremos de escapar das conseqüências catastróficas e do ódio que há de vir? Mas preferimos dar as costas a esses pensamentos desagradáveis e admirar as perspectivas promissoras contempladas em nossos sonhos tecnológicos.

O que será perdido, ou resguardado, da nossa civilização, provavelmente, não nos cabe decidir. Nenhuma civilização jamais descobriu um meio de prever seu futuro. O futuro pode estar, neste momento, germinando — não na sala da diretoria de alguma empresa, em Londres, nem em algum escritório, em Washington, tampouco em um banco de Tóquio —, mas em algum local ermo, num orfanato britânico localizado ao pé de uma cordilheira, no Peru; num lar para doentes em fase terminal, situado em um beco de Calcutá e administrado por uma obstinada freira albanesa; na fronteira do Sahel, em meio à fome, na Somália, onde uma equipe médica francesa presta atendimento numa missão organizada por assistentes sociais irlandeses que não esquecem a Grande Fome que assolou a Irlanda; numa creche para filhos de detentas de uma prisão estadual em Nova Iorque; ou em qualquer parte do mundo onde algum ser humano de bom coração se dedique aos carentes e marginalizados.

Talvez a História esteja sempre dividida entre romanos e católicos. Os romanos são os ricos e poderosos, que fazem valer a própria vontade e que estão sempre em busca de maiores ganhos, por acreditarem, instintivamente, que jamais haverá bens suficientes para todos; os católicos, como a própria palavra sugere, são universalistas que, instintivamente, acreditam que a humanidade compraz uma só família, que os seres humanos são iguais e filhos de Deus, e que Deus proverá. Segundo profetizou Marlaux, se o século XXI não tiver um

caráter espiritual, não vingará. Se a civilização ocidental sobreviver — não, não apenas a nossa civilização, que, conforme diria Patrício, é passageira “como uma nuvem, ou fumaça espalhada pelo vento” —, se todos nós sobrevivermos, não será pela ação dos romanos, mas dos santos.

GUIA DE PRONÚNCIA DE PALAVRAS IRLANDESAS*

Embora em sua forma escrita a língua irlandesa, hoje em dia, apresente acentos (para distinguir vogais longas e curtas), para simplificar, omito-os aqui. As pronúncias grafadas constituem aproximações. O *ch*, em irlandês, possui um som gutural, como em alemão, iídiche e hebraico, sendo aqui representado pelo *h*. O *gh* é, igualmente, gutural, ainda que mais suave, tão suave que pode corresponder ao som do *h*.

Ailil	<i>ahl-il</i>
Amhairghin	<i>av-ar-hin</i>
anmchara	<i>an-m-ha-ra</i>
Armagh	<i>ar-mah</i>
Cathach	<i>ka-hah</i>
Columbanus	<i>koll-m-bah-nus</i>
Columcille	<i>koll-m-kill</i>
Conaill	<i>konn-l</i>
Conchobor	<i>konn-r</i>
Connacht	<i>konn-aht</i> ou <i>konn-it</i>
Cruachan Ai	<i>kroo-ah-han ee</i>

* As pronúncias aqui grafadas visam à enunciação de falantes de língua inglesa. [N.T.]

Cuailnge	<i>kool-ee</i>
Cuchulainn	<i>koo-hool-n</i>
Derdriu	<i>dare-dru ou deer-dr</i>
Emain Macha	<i>ev-n ma-ha</i>
Leinster	<i>lehn-ster</i>
Medb	<i>met hv ou mayv</i>
Noisiu	<i>noy-shoo</i>
Rathcroghan	<i>rath-cro-han</i>
Samain	<i>sow-n (a primeira sílaba, como em 'sour')</i>
Tain Bo Cuailnge	<i>toyn boe kool-ee</i>
Uisliu, Uisnech	<i>ish-lu, ush-neh</i>

✱

BIBLIOGRAFIA

Desagrada-me a maioria das bibliografias publicadas porque, frequentemente, não me é dado saber, entre as inúmeras obras arroladas, quais foram, de fato, importantes para o autor. Portanto, em vez de apenas listar cada fonte consultada, prefiro tecer alguns comentários a respeito daquelas que me foram mais úteis. Vale lembrar, porém, que muitas das noções que trazemos conosco não têm fontes específicas; ou melhor, somos incapazes de recordar, com certeza, onde as encontramos. São como a radiação que emanou em seguida ao *Big Bang*: ubíqua, constante e impossível de ser localizada.

INTRODUÇÃO

A alusão feita a Betjeman refere-se ao poema "*Sunday in Ireland*": *Stone-walled cabins thatched with reeds, / Where a Stone Age people breeds / The last of Europe's stone age race*. A fábula de Newman sobre o Leão e o Homem encontra-se no primeiro capítulo de sua obra *Lectures on the Present Position of Catholics in England* (1851).

1. O FIM DO MUNDO

Atualmente, os principais estudiosos, em língua inglesa, da fase final da Antiguidade Clássica, são Peter Brown e Henry Chadwick. Os livros *The World of Late Antiquity* (Londres, 1971), de autoria de Brown, e *The Early Church* (Nova Iorque, 1967, parte da série '*Pelican History of the Church*'), de Chadwick, foram úteis. Em certos aspectos, mais voltados aos meus

objetivos — e pela riqueza de detalhes —, foram-me de grande utilidade os estudos realizados pelo historiador irlandês do início deste século, Sir Samuel Dill; em particular, sua obra *Roman Society in the Last Century of the Western Empire* (Londres e Nova Iorque, 1906). É elucidativo constatar como as características da interpretação histórica pouco mudaram desde a época de Dill, bem como o quanto os historiadores, hoje em dia, devem ao trabalho dele.

Ler Gibbon pode ser uma experiência prazerosa, pelo menos no caso do primeiro capítulo de sua obra *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (disponível em diversas edições), visto que, após esse capítulo inicial, a narrativa torna-se um tanto cansativa. Mas todo leitor deve ler, no mínimo, os célebres Capítulos 15 e 16, sobre os primórdios do cristianismo. O livro *Great Issues of Western Civilization*, organizado por Brian Tierney, Donald Kagan e L. Pearce Williams (Nova Iorque, 1992), contém uma seção intitulada '*The Decline and Fall of the Roman Empire*' (previamente publicada em forma de fascículo, Nova Iorque, 1967), que fornece excelente resumo das teorias contemporâneas. No que concerne aos grandes movimentos da história, costumo recorrer à obra *The Rise of the West: A History of the Human Community*, de William McNeill (Chicago, 1963), cuja interpretação histórica é, para mim, invariavelmente, elucidativa.

Os poemas e as cartas de Ausônio estão disponíveis em volumes da série *Loeb Classical Library*. A tradução dos poemas citados neste capítulo é de minha autoria.

O livro *The Barbarian Kings*, de Lionel Casson, publicado na série '*Treasures of the World*' (Chicago, 1982), foi a fonte do relato sobre Alarico.

2. O QUE FOI PERDIDO

A obra *Confessions*, de Santo Agostinho, encontra-se disponível em várias edições. A tradução para língua inglesa feita por Frank Sheed (Londres e Nova Iorque, 1943) é, de modo geral, considerada a melhor, mas Henry Chadwick fez, recentemente, uma nova tradução (Oxford, 1991). A biografia de uso mais corrente é *Augustine of Hippo*, escrita por Peter Brown (Califórnia, 1967), tratando-se de uma obra-prima que cativa e excede em termos de interpretação histórica. Brown é seguidor do movimento (primordialmente, de origem francesa) que busca resgatar os ensinamentos dos Padres da Igreja, e sua obra se baseia em estudos anteriores realizados por Chêne, Congar e, em particular, Courcelle; Brown reconhece, enfaticamente, a influência

desses predecessores. A meu ver, a primeira análise que aponta *As Confissões* de Santo Agostinho como obra que permite uma revolução na consciência foi feita por Georg Misch, no vastíssimo estudo, que lhe ocupou toda a vida, *Geschichte der Autobiographie* (Berna e Frankfurt, 1907-69). O Volume 1 em questão (dividido em duas partes) encontra-se disponível, em inglês, com o título *The History of Autobiography in Antiquity*.

A melhor tradução da *Encida* em língua inglesa, provavelmente, será a de Fitzgerald. A de autoria de Mandelbaum é, também, bastante admirada. Quanto a Platão, as traduções de Jowett (que aqui utilizei) são altamente recomendáveis, assim como a tradução da *República* feita por Cornford. As traduções das obras de Virgílio e Agostinho citadas neste capítulo são de minha autoria, mas, ao fazê-las, trabalhei a partir de edições atuais.

Sobre a evolução histórica do bispado católico, consultei, *inter alia*, dois livros admiráveis, escritos por Raymond E. Brown, *Priest and Bishop* (Paramus, 1970) e *The Churches the Apostles Left Behind* (Nova Iorque, 1984), além do artigo "Episcopal Elections in Cyprian: Clerical and Lay Participation" (*Theological Studies* 37, 1976) e da obra *Naissance d'une hiérarchie* (Paris, 1977), de Alexandre Faivre.

A obra de Agostinho *The City of God* pode ser encontrada em várias edições, completas ou resumidas. A editora Image/Doubleday publicou uma excelente edição resumida, em brochura (Nova Iorque, 1958).

3. O INSTÁVEL MUNDO DAS TREVAS

As citações encontradas ao longo deste capítulo referem-se, principalmente, à tradução do *Tain* (Oxford, 1970) feita por Thomas Kinsella. Além dessas, há citações de trechos do poema de Amhairghin, traduzido por Proinsia MacCana, publicado no livro *Celtic Mythology* (Londres, 1968), e do poema "The Lament for Art O'Leary", in *Kings, Lords, and Commons: An Anthology from the Irish*, tradução de Frank O'Connor (Dublin, 1970).

4. A BOA NOVA VINDA DE LONGE

Infelizmente, no que concerne a São Patrício, não há sequer sombra de consenso, sendo mesmo difícil encontrar um patriciano que não despreze qualquer posição que divirja da sua. Não há um único dado relativo à vida de Patrício que não tenha sido questionado, inclusive sua própria existência. De acréscimo, no decorrer do século XX a bibliografia a respeito de Patrício

cresceu a ponto de tornar-se “uma montanha do tamanho do Himalaia”, de acordo com as palavras de E. A. Thompson.

Mas a verdade é que, com relação ao presente estudo, grande parte dessa controvérsia pode ser abandonada, visto que, graças à existência de *Confession* e de *Letter*, sabemos mais sobre Patrício do que qualquer outra figura britana ou irlandesa do século V. Apresento aqui os detalhes de sua história segundo a minha própria interpretação, e jamais afirmaria que as escolhas que fiz, com base em tantas teorias contraditórias, são melhores do que as de quem quer que seja. Nenhum estudioso pode estipular, com certeza, as datas de nascimento e morte, nem das viagens de Patrício; em que região da Irlanda ele teria trabalhado como escravo; de onde teria zarpado e onde atracou após a fuga, tampouco o tipo de carga que o barco transportava (se é que transportava alguma carga); onde teria estudado para o sacerdócio; se ele próprio consagrava os bispos, fossem esses contemporâneos ou sucessores (embora não haja dúvida de que seu episcopado foi seguido de outros). Contudo, nenhuma dessas indefinições ofusca a essência do caráter de Patrício, que brilha a partir das suas duas obras que sobreviveram ao tempo. Há, também, bastante especulação quanto ao efeito real (em contraste com o mito) de sua missão, embora, a meu ver, se houvesse uma figura posterior, mais responsável do que Patrício pela conversão da Irlanda ao cristianismo, não disporíamos de algum registro ou, pelo menos, do nome dessa pessoa.

Propositadamente, omiti do texto principal qualquer menção a Palladius, bispo que precedeu Patrício, na Irlanda, porque, no meu entender, sua atuação não é relevante no contexto do episódio histórico. Palladius foi enviado, pelo papa Celestino, a ter com “os irlandeses que crêem em Cristo”, provavelmente, uma pequena colônia de britanos, e faleceu, pelo que consta, poucos anos após o início de sua missão. Não era um bispo missionário que, no desempenho de sua função, viajava constantemente, pois, antes de Patrício, não havia esse tipo de religioso, nem na Irlanda, nem em qualquer outro local. Há quem considere Ulfilas, bispo ariano que trabalhou junto aos germânicos, um missionário. Mas E. A. Thompson (vide a seguir), que talvez tenha estudado a questão com mais profundidade do que qualquer outro especialista, insiste que o bispo Ulfilas residia entre crentes, sendo, portanto, figura bem mais doméstica do que Patrício.

O primeiro biógrafo de Patrício foi Muirchu, cuja obra data de dois séculos após a morte do missionário. A biografia por ele escrita, intitulada *Life*, bem como *Confession* e *Letter*, estas de autoria de Patrício, estão incluídas no volume *St. Patrick: His Writings and Muirchu's 'Life'* (Londres

e Chichester, 1978), organizado por A. B. E. Hood. O texto mais aceito dos escritos de Patrício em latim é o editado por Ludwig Bieler, *Libri Epistolarum Sancti Patricii Episcopi*, publicado, pela primeira vez, in *Classica et Mediaevalia* 11 (1950) e 12 (1951), estando disponível em reimpressões. Recomendaria, também, a edição francesa, de excelente conteúdo informativo, a cargo de R. P. C. Hanson e Cecile Blanc: *Saint Patrick: Confession et Lettre a Coroticus* (Paris, 1978), publicada dentro da magnífica série *Sources Chrétiennes*. As traduções de trechos da obra de Patrício encontradas neste capítulo são de minha autoria.

No presente século, J. B. Bury estabeleceu padrões elevados para os estudos de Patrício, ao publicar *The Life of St. Patrick and His Place in History* (Londres, 1905). (É de Bury a teoria do 'deserto' como resultado da invasão germânica à Gália, em 406-7.) Bury foi seguido por vários estudiosos, entre os quais Eoin MacNeill, autor da admirável biografia, embora um tanto tendenciosa, *St. Patrick, Apostle of Ireland* (Londres, 1934). Um artigo do célebre Patrick D. A. Binchy, "*Patrick and His Biographers, Ancient and Modern*", publicado no periódico *Studia Hibernica* 2 (1962), corrigiu a visão de Bury (e a de tantos outros estudiosos), sendo, por conseguinte, considerado um divisor de águas nos estudos patricianos contemporâneos. O livro de Hanson, *St. Patrick: His Origins and Career* (Oxford, 1968), seguindo a linha de Binchy, é, atualmente, a biografia mais respeitada. Conforme observado em todas as biografias precedentes, o livro contém longos trechos em latim, sem a respectiva tradução. A melhor biografia de Patrício para aqueles que não lêem latim é a escrita por Thompson, *Who Was Saint Patrick?* (Londres, 1985; Nova Iorque, 1986). O livro *The Visigoths in the Time of Ulfilas* (Oxford, 1966), igualmente de autoria de Thompson, é também excelente.

A tradução inglesa da 'Armadura', prece atribuída a Patrício, foi feita por Whitley Stokes, John Strachan e Kuno Meyer, e consta da obra organizada por Meyer, *Selections from Ancient Irish Poetry* (Londres, 1911), e de várias antologias. Em consonância com outras traduções (e com minha própria interpretação do significado pretendido pelo autor), alterei a expressão "feitiços de mulheres" para "feitiços de bruxas".

5. O ESTÁVEL MUNDO DA LUZ

Este é o tipo de capítulo que pode levar ao desespero um pesquisador criterioso. Aqui procedo, basicamente, a partir de conjecturas e da intuição.

Os dados a respeito de fatos ocorridos na Irlanda no período que antecedeu a chegada de Patrício são poucos, e as informações mais sólidas de que dispomos sobre as atividades de Patrício foram fornecidas pelos escritos do próprio missionário. Aquilo que ele não relata, somos obrigados a especular.

Sabemos, a partir de Júlio César e outras testemunhas, e com base em provas arqueológicas irrefutáveis, que os celtas sacrificavam seres humanos. Não há motivos que nos levem a concluir que os irlandeses houvessem interrompido tal prática antes da chegada de Patrício. Com efeito, cientes de que a cultura nativa da Irlanda apresentou pequena alteração no decorrer de vários séculos, podemos inferir a probabilidade de que sacrifícios de seres humanos ainda ocorressem no tempo de Patrício. Contudo, não dispomos de provas concretas. Imaginemos, pois, que a prática teria sido descontinuada. Mesmo assim, a lembrança da mesma ainda estaria viva, e a visão de mundo que a instaurara ainda perduraria, se considerarmos a tenacidade normalmente observada em hábitos populares. Portanto, mesmo que o sacrifício de seres humanos tivesse sido abolido, a meu ver, minha teoria sobre a ligação de Patrício com o imaginário irlandês procede.

A informação sobre o Homem de Lindow foi obtida no livro *The Life and Death of a Druid Prince* (Londres, 1989), escrito por Anne Ross e Don Robins. A obra central a respeito das práticas religiosas dos celtas é *The Druids* (Londres, 1974), de Stuart Piggott. O estudo definitivo sobre mitologia irlandesa é de autoria de Alwyn Rees e Brinley Rees, incluído em sua obra *Celtic Heritage: Ancient Tradition in Ireland and Wales* (Londres, 1961). A obra de MacCana citada acima é também útil.

A tradução do hino em Filipenses é minha.

6. O QUE FOI ENCONTRADO

As fontes deste capítulo são inúmeras e diversas. Encontrei no livro *The Celtic Churches* (Chicago, 1974), de John T. McNeill, o tratamento mais completo do assunto, embora McNeill deva muito (assim como eu) aos estudos de Kathleen Hughes, em particular, à sua obra inigualável: *The Church in Early Irish Society* (Londres, 1966). Dois livros de autoria de Walter Horn, *The Forgotten Hermitage of Skellig Michael* (Berkeley, 1990) e *The Plan of St. Gall* (Califórnia, 1979), este último uma obra de fôlego, em três volumes, escrita em parceria com Ernest Born, contém estudos extraordinários de determinados monastérios. Uma tese de doutoramento, defendida pelo monge beneditino Joseph P. Fuhrmann, junto à Universidade Católica de

Washington, DC, em 1927, sob o título *Irish Medieval Monasteries on the Continent*, foi a única pesquisa que pude encontrar inteiramente dedicada ao assunto. Urge a realização de investigações mais extensas sobre a questão.

De utilidade foram, também, as obras: *Saint Patrick's World* (Notre Dame, 1993), de autoria de Liam de Paor; *Les Moines et la civilization* (Paris, 1962), de Jean Decarreux; *The Irish Tradition* (Oxford, 1947), de Robin Flower, esta um clássico indispensável; *The Medieval Library* (Chicago, 1939), de James Westfall Thompson; e, com relação ao movimento penitencial irlandês, *The Making of Moral Theology* (Oxford, 1987), de John Mahoney. Três coletâneas de ensaios forneceram-me dados importantes: *The Churches, Ireland, and the Irish*, organizada por W. J. Shields e Diana Wood (Oxford, 1989), em particular o ensaio "The Wild and Woolly West: Early Irish Christianity and Latin Orthodoxy", assinado por Brendan Bradshaw; *An Introduction to Celtic Christianity*, coletânea organizada por James P. Makey (Edimburgo, 1989), especialmente o ensaio "Irish Monks on the Continent", assinado pelo cardeal Thomas O Fiaich; e *Irland und Europa*, organizada por Proinseas Ni Chathain e Michael Richter (Stuttgart, 1984), particularmente o ensaio "Irland und Europa: Die Kirche im Fruhmittelalter", assinado pelo próprio Richter. Esta última coletânea, resultado da segunda rodada de uma série de encontros reunindo estudiosos irlandeses e alemães, reconhece, francamente, a vastidão do território que precisa ser coberto nesse campo de estudo tão negligenciado, até que perguntas de crucial importância histórica possam ser adequadamente respondidas.

Quanto às artes, de modo geral, e à arte dos escribas, em particular, consultei, *inter alia*, a obra insubstituível de Françoise Henry, em três volumes, *Irish Art* (Ithaca, Nova Iorque, 1965); *A History of Lettering* (Boston, 1986), de Nicolette Gray; *A History of Illuminated Manuscripts* (Boston, 1986), de Christopher de Hamel; e *The Smithsonian Book of Books* (Washington, DC, 1992).

A referência, no início do capítulo, a homens nus cavalgando em pêlo, no condado de Clare, no século XIX, remete a uma excelente conferência que assisti, em 1970, por ocasião do Merrimam Summer School, proferida pelo Dr. Alf MacLochlainn, à época bibliotecário da National Library. A afirmação de que os irlandeses suspenderam o tráfico internacional de escravos não implica a sugestão de que não havia escravos na Irlanda após o advento do cristianismo. Os irlandeses, tanto quanto outros povos da Idade Média, tinham servos. Vide *Cattle Lords and Clansmen: The Social Structure of Early Ireland* (Notre Dame, 1994), de Nerys Patterson. E embora os

irlandeses não voltassem a traficar escravos, sabemos que durante o período medieval alguns senhores de terra compraram escravos na Inglaterra, prática essa que, no entender dos bispos irlandeses do século XII, trouxe à Irlanda o castigo divino da invasão normanda. Vide a obra *Ireland Before the Normans* (Dublin, 1972), de Donncha O Corrain, pertencente à utilíssima série *Gill History of Ireland*.

7. O FIM DO MUNDO

As fontes para este capítulo são, basicamente, idênticas às do capítulo anterior. A obra de Bede, *Ecclesiastical History of the English People*, é encontrada em várias edições. Minha abordagem à questão da influência irlandesa na formação e preservação da antiga literatura anglo-saxônica muito deve a estudos realizados por Charles Donahue, por sua vez seguidor do trabalho magistral e inovador de J. R. R. Tolkien realizado sobre o grande poema *Beowulf*. O ensaio de Donahue “*Beowulf* and Christian Tradition: A Reconsideration from a Celtic Stance”, in *Traditio* 21 (1965), revista da Universidade Fordham cujo número recebeu o título “*Studies in Ancient and Medieval Thought and Religion*”, é de tal maneira lúcido e explicativo que pode ser recomendado como modelo àqueles que pretendam elevar o nível e dar mais consistência à pesquisa realizada em nossos dias.

CRONOLOGIA

A cronologia abaixo não tem a pretensão de ser completa. Trata-se apenas de uma série de datas relevantes para os episódios históricos aludidos no corpo do texto. As datas relativas a Patrício são aproximadas.

- | | |
|-----------------|--|
| c. 3000 a.C. | Habitantes da Idade da Pedra iniciam a construção de túmulos com passagens subterrâneas, como os localizados em Newgrange. |
| c. 900 a.C. | Na Grécia, Homero compõe a <i>Ilíada</i> e a <i>Odisseia</i> . |
| 753 a.C. | Fundação de Roma. |
| 400-300 a.C. | Século de Ouro na Grécia: florescimento da democracia ateniense, com Péricles; época de Sófocles, Fídias, Sócrates, Platão <i>et al.</i> |
| 390 a.C. | Celtas invadem Roma pela primeira e última vez. |
| c. 350 a.C. | Tribos celtas cruzam o oceano em direção à Irlanda e lá se estabelecem, expulsando os antigos habitantes. |
| 70 a.C.-14 d.C. | Período de Ouro em Roma: época de Cícero, Catulo, Horácio, Virgílio, Ovídio <i>et al.</i> |
| 31 a.C. | Otaviano torna-se o primeiro imperador de Roma, adotando o nome de Caesar Augustus. |

c.100 d.C.	Medb reina como rainha de Connacht, na Irlanda.
370	Agostinho, adolescente, chega a Cartago.
c. 395	Morte de Ausônio.
401	Patrício é escravizado; Agostinho publica <i>As Confissões</i> .
406-7	A grande invasão do Império Romano pelos germânicos.
409	Forças romanas abandonam a Britânia.
410	Alarico, o Godo, saqueia Roma.
430	Morte de Agostinho, em Hipona.
432	Chegada do bispo Patrício à Irlanda.
461	Morte de Patrício.
475-76	Governo de Rômulo Augusto, último imperador romano, deposto pelo bárbaro Odoacer; fim do Império Romano Ocidental.
c. 500	Brígida funda Kildare.
557	Columba deixa a Irlanda e segue para Iona.
c. 590	Columbano parte para a Gália.
597	Morte de Columba; Agostinho, bibliotecário do papa, batiza o rei inglês da região de Kent, na Cantuária.
615	Columbano morre, em Bobbio.
635	Aidan funda Lindisfarne.
664	Sínodo de Whitby.
782	Alcuin assume a direção da Escola Palatina, de Carlos Magno.
793	Primeiro ataque <i>viking</i> a Lindisfarne.
c. 845	John Scotus Eriugena chega à corte de Carlos, o Calvo.
875	Última vez que monges são obrigados a abandonar Lindisfarne.

- 1014 Os *vikings* são, definitivamente, derrotados pelas forças de Brian Boru, na Batalha de Clontarf.
- 1170 Invasão da Irlanda pelos anglo-normandos.
- 1556 Início das plantações elisabetanas na Irlanda.
- 1649 Cromwell chega à Irlanda e dá início ao massacre de católicos.
- 1690 Batalha de Boyne: a causa católica (e Stuart) perde, irremediavelmente, para Guilherme de Orange; em breve, terá início a fuga dos Gansos Selvagens, isto é, a nobreza da Irlanda.
- 1692 Pela primeira vez católicos são impedidos de ocupar cargos no governo.
- 1695 Aprovação da Legislação Penal, privando católicos de direitos civis.
- 1829 Daniel O'Connell, o 'Libertador', político extremamente hábil, consegue que o Parlamento Britânico aprove a Lei da Emancipação Católica.
- 1845 Fome. Início da emigração em massa.
- 1893 Douglas Hyde funda a Liga Gaélica, com o objetivo de reanimar a cultura irlandesa.
- 1904 William Butler Yeats e Lady Gregory fundam o Abbey Theatre. James Joyce deixa a Irlanda.
- 1916 Levante da Páscoa. Proclamação da República Irlandesa.
- 1919-21 Guerra da Independência Irlandesa.
- 1922 Grã-Bretanha e Irlanda assinam tratado, criando o Estado Livre da Irlanda, mas excluindo os seis condados da Irlanda do Norte, que permanecem sob domínio britânico. Publicação do romance *Ulisses*.
- 1923 Yeats assume posição no primeiro Senado Irlandês e recebe o Prêmio Nobel de Literatura.

AGRADECIMENTOS

Vários amigos fizeram-me a gentileza de ler versões iniciais deste livro, entre os quais minha esposa, Susan Cahill, Herman Gollub, Catherine McKenna, Jacqueline Kennedy Onassis, Michael Walsh, Maureen Waters e Robert J. White. A todos sou muito grato, pois fizeram com que evitasse erros e conclusões infundadas. No entanto, apresso-me em dizer que os erros e excentricidades que porventura forem encontrados são de minha responsabilidade.

Quando contemplo, em retrospecto, o caminho sinuoso que me levou ao presente estudo, percebo o quanto devo a antigos professores: John D. Boyd, S.J., primeira pessoa que me demonstrou o *élan* da cultura medieval; Henry Traub, S.J., cuja intuição sobre o que significava ser um romano é inigualável; J. Giles Milhaven, que gentilmente me recebeu em seu curso avançado sobre Platão, apesar da minha dificuldade com o idioma grego; e William V. Richardson, S.J., cuja crítica rigorosa à filosofia medieval, à luz da experiência da modernidade, permitiu que até seus alunos menos brilhantes chegassem a algum entendimento do processo filosófico. Depois do tempo de estudante, tive a sorte de fazer amizade com o grande Robert J. Pollock, o único filósofo autêntico

que conheci, cuja aguçada compreensão de Agostinho serviu de impulso para meu segundo capítulo, e com Raymond E. Brown, a meu ver o maior estudioso da Bíblia nos Estados Unidos, cujas pesquisas sobre escritos e sociedade no início do cristianismo forneceram inspiração e informação a este estudo. À exceção deste último, todos os mestres estiveram, em algum momento, ligados à Universidade Fordham, cuja biblioteca e cujo bibliotecário, James P. McCabe, foram recursos extremamente valiosos. Além de todas essas pessoas, trago na memória minha mãe, Margaret Buckley, cujas máximas, histórias e canções a ela transmitidas por sua mãe, Brigid Delia Quinn, de Williamstown, no condado de Galway, na Irlanda, constituem, sem dúvida, a fonte primeira deste livro.

Sou grato; ainda, a muitos colegas da Editora Bantam Doubleday Dell, em número maior do que aqui seria capaz de listar, que me animaram ao longo da pesquisa e da fase de redação, cujo entusiasmo pelos resultados tem sido, para mim, uma recompensa inesperada. É o entusiasmo por *livros* — mesmo pelos menos viáveis — característico de pessoas como essas, sejam vendedores ou editores, diretores ou secretárias, que as torna verdadeiras sucessoras dos escribas irlandeses. Não posso deixar de mencionar, pelo menos, uma delas, Nan Ahearn Talese. Afinal raramente um autor pode ter uma editora que reúne características de Medb de Cruachan, Brígida de Kildare e da Dama de Kilcash, “a mais graciosa de todas [as mulheres]”.

O autor se empenhou em dar o devido crédito a todos os que retêm os direitos autorais de citações ou direitos de reprodução de imagens encontradas neste livro, em especial:

Darton, Longman & Todd, Ltd. e Doubleday, a divisão da Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc, pelo trecho extraído do livro *The Old Life of Brigid* e do conto "Brigid's Feast" publicado no livro *Celtic Fire*, de Robert Van de Weyer. Copyright © 1990 by Robert Van de Weyer.

Four Courts Press pelo trecho do texto Cogitosus do livro *Saint Patrick's World*, de Liam de Paor. Copyright © 1993 by Four Courts Press, Dublin.

Hamlyn Publishing Group, uma divisão da Reed International Books, pelo trecho do poema de Amhairghin do livro *Celtic Mythology*, de Proinsias MacCana. Copyright © 1968, 1983 by Proinsias MacCana.

Thomas Kinsella e a Oxford University Press pelos trechos extraídos do livro *The Tain: Translated from the Irish Epic Tain Bo Cuailnge*, de Thomas Kinsella. Copyright © 1969 by Thomas Kinsella.

Peters, Fraser & Dunlop Group, Ltd. Pelo uso dos poemas "The Hermit's Song", "Aideen", e trechos extraídos dos poemas "Lament for Art O'Leary" e "Kilcash" do livro *Kings, Lords and Commons: An Anthology from the Irish*, de Frank O'Connor. Copyright © 1959 by Frank O'Connor.

Biblioteca Britânica, pelo uso da fotografia de uma página do evangelho de Lindisfarne.

Conselho de Turismo Irlandês pelo uso de fotografias da Catedral de Clonfert, do oratório de Gallarus, da pedra de Ogham e Newgrange.

Museu de Arqueologia Clássica em Cambridge, na Inglaterra, pelas fotografias de O Gaulês Agonizante.

Museu Nacional Irlandês pela fotografia do Cálice de Ardagh.

Conselho do Trinity College, em Dublin, pela fotografia de uma página do Livro de Kells.

Weidenfeld & Nicolson Ltd. pelo uso da fotografia por Jean Roubier do Santuário Celta.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Adelmo de Malmesbury, 177, 201, 225
Adomnan, 205
Adriano, Muralha de, 222
África, 35, 49, 52, 58-59, 75, 77, 78
Agostinho de Canterbury, Santo, 176n, 222, 223
Agostinho de Hipona, 23, 24, 25, 60, 75, 91, 94, 97, 123, 126, 127, 131, 132, 134, 141, 150, 151, 165, 213, 222-223, 226, 231
 busca da verdade, 62-64, 70-72
 Cidade de Deus, 79
 como bispo, 77-82
 como teólogo, 78-79
 Confissões, 52, 71-72
 conversão de, 70-72
 educação de, 54-55
 estilo literário, 58-59
 influência da África sobre, 58-59
 inimigos de, 79-82
 Platão e, 69-71
 sobre a sexualidade, 80-82
 viagens de, 124-125
 vida pública de, 61
Aidan, 222, 225
Ailil. *Ver* Tain
Alanos, 27, 199. *Ver também* Bárbaros
Alarico, 43, 47, 49, 79
Alcuin, 229
Alemães, 213
Alemanha, 212, 216, 228
Alfabeto, 182, 183, 184
Alma, em Platão, 64-70
Alpes, 22, 210
Alypius, 71, 72
Amay, 216
América do Norte, 94, 237
Amhairghin, 96, 145
Amigo íntimo, 197
Ammianus Marcellinus, 201
Amoenaburg, 228
Angland, 176n
Anglos, 49, 94, 176n, 204, 207, 222
Anglo-Saxon Chronicle, The, 234
Anglo-saxões, 204, 222
Annegray, 208
Antrim, 51, 117, 122n, 123
Apóstolos, 76, 77, 124, 172
Aquitânia, 30
Arbon, 210
Ard Macha, 126
Ardagh, cálice de 160-161, 186, 235
Arianos, 199
Aristóteles, 73
Armagh, 126, 205, 235
Armênia, 200
Arqueologia, 143, 156
Ásia Menor, 22
Atenas, 51, 62
Atlântico, oceano, 97
Augusto, 35, 36, 56, 201
Ausônio, 12, 36, 37, 55, 58, 61, 94, 212;
 como exemplo romano, 30-36, 40, 51, 141
Austrália, 237
Áustria, 108, 216
Auxerre, 215
- ## B
- Baal, 157
Bangor, 200, 208, 235
Bárbaros, 39, 41, 78, 94

- destruição comandada pelos, 12, 23-24, 43, 48-51, 199, 203, 233-234
leis e os, 76
migração de, 21, 23, 25-26, 27-29
retrato dos, 26-27, 28-29
visão romana dos, 21, 23-24, 25-27
- Bavária, 228
Beckett, Samuel, 54
Bede, o Venerável, 176, 224
Bélgica, 216
Beltaine, 157, 167n
Benedito de Núrsia, São, 200
Beowulf, 226
Betjeman, John, 11, 245
Bíblia, 60, 184, 214. *Ver Também*
Novo Testamento; Velho Testamento
Bibliotecas, 177, 187, 201-202, 230
"Bissula", 34, 40
Bizâncio, 214
Bobbio, 211, 213, 215
Boécio, 231
Bonifácio IV, 211, 212
Bonifácio, 228-229
Bordeaux, 30, 33, 34
Borgonha, 210-211
Borremose, homem de, 155, 156
Boru, Brian, 167
Bósforo, 201
Bósnia, 154
Boyne, vale, 185
Bregenz, 210
Bretão, 94
Brígida de Kildare, 191-195, 197-198, 216, 235
Britânia, antiga, 22, 40, 50, 75, 94, 97, 121, 128, 176n, 185, 204, 206-207, 221-222, 229. *Ver também*
Grã-Bretanha; Inglaterra
Brunilda, 210, 211
Budismo, 62, 69, 81
Bulloch, James, 222-223
Buraburg, 228
- C**
- Cahill, São, 216
Caidoc, 215
Calábria, 202
Calpurnius, 50
Calvinismo, 25
Cambrensis, Geraldo, 152, 184
Campion, Edmund, 168-169
Camus, Albert, 54
"Canção do Eremita", 170-173, 182, 187
Cannes, 123
"Cântico ao Sol", 150
Cantuária, 221
Carlos Magno, 39, 229-230, 231
Carlos, o Calvo, 231
Cartago, 52, 55-56, 58, 77, 195
Cassino, monte, 200
Cassiodoro, 202
Cathach de Columba, 189, 235
Católica, emancipação, 108
Catolicismo, 25, 62, 191
bispos, 76-82, 126-127, 191, 200, 202, 208-209, 216, 223
confissão e, 195-197
controvérsias no, 79-82, 223-225, 227
hábitos celtas versus hábitos romanos no, 191-192, 194, 195, 200-201, 223-225, 227-228
Ver também Cristianismo; Missionários; Monastérios
Católicos, 14, 15, 108, 236, 237
Catulo, 34, 59
Celtas britanos, 94
Celtas, 42, 97, 145, 176n
artefatos, 159-161, 186
captura de escravos pelos, 50-51
cristianismo romano e os, 222-225, 227-228
intolerância em relação aos, 14
nas batalhas, 97-98
na Britânia, 221-223
povoamento, 94-95
romanizados, 176n
sacrifício humano pelos, 154-158, 159-160
Ver também Irlanda; Irlandês, povo

- "Cento Nuptialis", 32, 34
 Cernunnos, 160, 167
 Céticos, 62
 Chalon-sur-Saône, 209
 Chaucer, Geoffrey, 150
 Chesterton, G. K., 93-94
 China, 183
 Chrodoara, Santa, 216
 Cícero, 32, 59-62, 63, 73, 74, 91, 177
Cidade de Deus, A, 23, 79
 Cioran, Emil, 14
 Circunceliários, 125
Civilização, 12-14, 72-74
 Civilização moderna, 41-42, 240-242
 Civilização Ocidental
 iminente colapso da, 12-13, 72-74,
 201-204, 214
 papel dos irlandeses na sobrevivência
 da, 203-205, 207-208, 211,
 214-217, 228-231, 235-236
 Renasença Carolíngia, 229-233
 Clare, 168
 Clark, Kenneth, 13, 73-74, 190
 Clement Scotus, 229
 Cleópatra, 35, 57
 Clonfert, 235
 Clonmacnois, 235
 Clothaire of Neustria, 211
 Cobras, 133
 Códices, 178, 183, 186-187, 200, 225,
 228, 229, 230-231, 234-235, 239-240
 Cogitoso, 194-195, 197-198
 Colgu, 229
 Colônia, 199
 Columba. *Ver* Columcille
 Columbano, 195, 208-213
 Columcille, 192, 221, 222, 224, 235
 caráter de, 187-189, 203-208
 exílio de, 189, 198, 203-204
 monastérios de, 204-205
 seguidores de, 207-208
 Conail, Clan, 152, 187, 189
 Conchobor, 139n
Confissão (Patrício), 120-121, 122n,
 123, 130, 151
Confissões (Agostinho), 52-54, 58-72
 Confúcio, 53
 Connacht, 85, 127. *Ver também* *Tain
 Bo Cuailnge*
 Constance, 213
 Constance, lago, 22, 210
 Constantino, 40, 141, 201
 Constantinopla, 201
 Coptas, 200
 Cork, 109, 236
 Cornúlia, 94, 176n
 Coroticus, 128-129, 132, 151
 Corpos pré-históricos, 155, 156-158
 Crimthann. *Ver* Columcille
 Cristianismo, 62
 arte e, 186-187
 comunicação e, 228
 controvérsias no, 79-82, 124 125,
 223-225, 227-228
 conversão ao, 33
 hierarquia no, 76-77, 191-192
 Irlanda e, 12-13, 130, 166-167,
 168-170, 189-191
 literatura e, 177-178; 225-226
 práticas religiosas, 79, 80, 81, 82,
 122-124, 160-161, 195-197,
 224-225
 queda de Roma e, 23-25, 33
 romanização e, 141
 seitas do, 200
 Ver também Igreja Católica;
 Missionários; Monastérios
 Cromwell, Oliver, 236
 Cruachan Ai, 85, 127
 Cuailnge, 143
 Cuchulainn. *Ver* *Tain Bo Cuailnge*
 Cumian, 224
Curiales, 36-40, 50

D
Daimon, em Platão, 64-70
 Dalriada, 205
 Dancing at Lughnasa, 168
 Danúbio, 22, 33
De Divisione Naturae, 232, 233
 Decarreaux, Jean, 207
 Deicola, 210

- Delfos, 94
 Demóstenes, 59, 73
 Derdriu. *Ver Tain Bo Cuailnge*
 Derry, 188
Destruction of Da Derga's Hostel, The,
 146-147
 Diarmait, 189
 Dícuil, 230
 Dinamarca, 155, 156, 159, 228
 Disbodenburg, 228
 Disraeli, Benjamin, 14
Divisão da Natureza, A, 232
 Donatistas, 79, 125
 Donato, 216
 Donegal, 168
 Druidas, 133, 145, 148, 150, 156, 157,
 161, 191, 192, 197
 Drumceatt, 205
 Dublin, 187, 236, 239
 Duendes, 95
 Dungal, 230
 Duns Scotus, 231n
 Durrow, 188, 235n
- E**
- Eadfrith, 225
 Echternach, 187, 228
 Ecumene, 125
 Édipo, 147
 Egito, 183, 200, 229
 Elizabeth I, 169
 Ermain Macha, 126
 Emília (tia de Ausônio), 30-31
 Eneida, 55-59, 103, 104, 213
 Eochaid Feidlech o Firme, 86
 Épicos, 55-56. *Ver também Eneida*;
Tain Bo Cuailnge
 Eremitas, 170-173, 190, 204. *Ver*
 Monastérios
 Ermingarda, 230
 Escócia, 157, 190, 205, 207, 221, 222
 monastérios na, 190, 204-205
 Escoseses, 95, 207
 Escravidão, 97, 117-118, 119-120;
 126, 127, 129, 131, 134, 151, 166,
 221n
- Escribas, 12, 203
 arte dos, 183-185; 186-187
 comentários feitos pelos, 178-181.
 no continente, 228-229
 prazer no trabalho, 178-179,
 180-181, 182-183
Ver também Códices; Monastérios
- Eslavos, 75
 Espanha, 39, 49, 95
 Espasmo-disforme, 98-102
 Ésquilo, 73
 Essex, 222
 Estados Unidos, 14, 15, 94, 141, 241
 Estóicos, 62, 81
 Etgal, 235
 Eurípides, 73
 Europa, 22, 39, 199, 200, 201. *Ver*
também Civilização Ocidental;
 Império Romano
- F**
- Fadas, 95
Fedro, 64-69
 Ferreiros, arte dos, 185-186
 Feudalismo, 38-39, 199-200
 Fiesole, 215
 Filosofia, 61-62, 80, 150, 223,
 226-227, 231-233
 Finian of Clonard, 188
Finnegans Wake, 183
 Fontaines, 208
 França, 94, 212; 216, 229, 230, 231
 Francisco de Assis, 150
 Francônia, 229
 Francos, 211, 229, 230
 Freud, Sigmund, 169
 Frícor, 215
 Friel, Brian, 168
 Frísia, 228
 Fritzlár, 228
 Fulda, 228, 229
 Fursa o Visionário, 215
- G**
- Gaélico, 95
 Gálatas, 94

Gália, 22, 30, 39, 40, 42, 49, 120, 123, 188, 199, 202, 203, 208, 229
Gall, 210, 213
Galway, 186
Gansos Selvagens, 238
Gartan, 187
Gaulês Agonizante, 97-98, 113, 147
Gaulês, 94
Gaulês, idioma, 123
Gauleses, 27, 75, 94
Geografia, 230
Germânicas, tribos, 120, 176n, 199, 222. *Ver também* Bárbaros
Gibbon, Edward, 24-25, 32, 33, 53
Gilgamesh, *Épico de*, 91, 110
Glendalough, 174-176, 216, 235
Godos, 43, 49, 79
Goidélico, 95
Grã-Bretanha, 14, 150n, 155, 235n, 237. *Ver também* Britânia, antiga; Inglaterra
Graciano, 34, 35, 40
Grafton, Anthony, 15
Grauballe, homem de, 155, 156-157
Gray, Nicolette, 184
Grécia, 51, 56-57, 94, 97, 103-104, 147, 150, 152, 154, 201
Grego, idioma, 178, 182, 231
Gregory o Grande, 201, 211, 221, 226
Gregory of Tours, 202-203
Gundestrup, vaso de, 159-160
Gutenberg, Johannes, 184

H

Halloween, 167
Heaney, Seamus, 151
Hebraico, 178, 182
Heidenheim, 228
Heiric of Auxerre, 216
Herbert, George, 150
Heródoto, 73
Hibernia, 204n. *Ver Também* Irlanda
Hilda, 227
Hincmar, 231
Hipona, 23, 59, 78, 124, 141
Hisperica Famina, 182

História, viés da, 13-17
History of Lettering, A, 184
History of the Decline and Fall of the Roman Empire, The, 24-25
Homero, 53, 56, 59, 72-73, 91, 100, 103, 104, 110
Honório III, 233
Hopkins, Gerard Manley, 148, 150
Horácio, 214, 231
Hughes, Kathleen, 207
Hunos, 49

I

Idade Média, 39, 74-75, 150. *Ver também* Civilização Ocidental
Idiomas, 123, 181-182
Igreja Anglicana, 14, 224
Igreja. *Ver* Cristianismo; Igreja Católica
Ilíada, 56, 60, 103, 104, 110
Imbolc, 93, 168, 198
Império Romano, 79
bárbaros no, 21-30; 39, 43, 47, 48-50, 79, 97-99, 199
campanha antibárbaros, 34
civilização, 51
cidades no, 124
classes sociais, no, 36-40, 123, 124
consulês no, 35-36
crime no, 47-48, 49-50
educação no, 47, 51
escravidão no, 49-51
exército no, 37, 38-42
geografia do, 22-23
impostos no, 36-40; 50
legislação no, 75
outras visões do, 26, 27, 40, 42; 43, 56-57
queda do, 12, 23-25, 29, 33, 41-43, 47-48, 140, 199, 201, 228, 240
religião no, 33, 141, 166
Ver também Agostinho de Hipona; Ausônio; Civilização Ocidental
Impostos, coletores de, 36-40, 50
Índia, 97, 124, 125

- Inglaterra, 176, 203, 207, 221-226, 234. *Ver também* Britânia, antiga; Grã-Bretanha
 Inglaterra, leste da, 215
 Inis Murray, 190, 234
 Inisfallen, Annals of, 235
 Iona, 190, 198, 204-205, 221, 224, 234
 Irlanda, 213-214, 229;
 arte da, 182-187
 celtas na, 94-95, 96, 97, 98
 cidades na, 235-236
 civilização, 11
 cristianismo na, 12-13, 129-130, 166-167, 168-170, 190-191. *Ver também* Missionários;
 Monastérios; Patrício, São
 emigração da, 236, 237-238
 escravidão e, 49-51, 97, 166
 fome na, 15, 236
 invasão normanda na, 236
 literatura. *Ver* Literatura
 mito da origem, 95
 mitologia, 55-56, 143-145, 146, 167-168
 na época de Carlos Magno, 229-234
 nobreza, 238-239
 origens culturais da, 96-98
 reis, 117, 127-128, 212
 repressão inglesa na, 108, 235n, 236-240
 vikings na, 233-236, 237-238, 239;
 Ver também Povo Irlandês
 Irlandês, idioma, 108, 123, 178-182
 Irlandês, povo, 204
 características do, 166-170, 173-175
 consciente do, 142-148;
 costumes do, 119-120, 167-168
 e os celtas, 94-96
 erudição do, 168-169
 festas pagãs do, 167-168, 237n
 guerra e o, 97-98, 166-167, 174
 história e o, 13-17
 letramento do, 169-170, 181-184
 linhagens, 139n
 práticas sexuais do, 91-93, 127, 151-154, 167-168, 197, 237n
 preconceito romano em relação ao, 129-130
 preservação da civilização pelo, 11-14, 203-204, 206-209, 214-217, 236-237
 sacrifício humano pelo, 152-160, 166
 sociedades secretas, 182
 Ver também Celtas; Irlanda
 Isidoro, 202
 Islamismo, 199, 214
 Ita, 194
 Itália, 39, 41, 201-202, 210-211, 212, 216

J
 Jarrow, 224
 Jerônimo, 58n, 60, 177, 213
 Jesuítas, 168
 Jesus Cristo, 33, 36, 60, 76, 77, 78-79, 122, 133-134, 139-140, 150n, 172, 184, 194, 199, 227
 na opinião de Patrício, 148-150
 sacrifício de, 140-142
 Ver também Novo Testamento
 João Batista, 139
 Jorge III, 109n
 Joseph (amigo de Alcuin), 224
 Joyce, James, 71, 181, 239
 Judaísmo, 14
 Judeus, 16, 36, 43, 139n, 153, 154, 182
 Juliano de Eclanum, 80-81
 Júlio César, 60, 94
 Jutas, 176n, 222
 Juvenal, 212

K
 Kells, 184, 187, 188, 225, 235
 Kennedy, John F., 113
 Keni, 222
 Kerry, 167, 237n, 239-240
 Kevin de Glendalough, 174-176
 Kiev, 216
 "Kilcass", 238-239
 Kilcrea, abadia, 109
 Kildare, 192, 198, 205, 235

Kilian, 229
Kilorglin, 237n
Kingsley, Charles, 15
Kinsella, Thomas, 89

L

Lagny, 215
Laon, 215
Latim, 58, 59, 121, 122, 123, 178, 182, 230
Leão o Grande, 211
Leão, a fábula de Newman sobre o, 16-17
Legislação Penal, 108, 235n, 236, 237
Leinster, 127, 178
Lérins, 123
Letter de Patrício, 151
Lewis, C. S., 59
Leyden, 200
Liège, 215
Life of Saint Germanus, 216
Limerick, 160, 236
Lindisfarne, 207, 222, 223, 224, 225, 227, 234, 235
Lindow, homem de, 155, 156, 157
Literatura:
 autobiografia na, 51-54
 Inglês, 94, 225, 226
 Irlandesa, 85-93, 95-97, 98-112, 142-148, 149-151, 169-174, 177-183, 213-214, 215, 216, 225, 226, 230, 231, 238-239
 mulheres na, 91, 102-109
 poesia, 96, 105-109, 111-112, 146, 148-151, 170-173, 180-181, 206, 213, 230, 234, 238-239
 tragédia, 73, 103-104, 148
 virtudes na, 109-113
 Ver também Agostinho de Hipona, Santo; Ausônio; Civilização Ocidental; Platão; Virgílio
Livros, 188-189, 213-214, 233-234.
 Ver também Códices; Literatura
 Escribas
Lombardia, 210-211
Lothland, 234. Ver também Vikings

Lovernius, 157
Lug, 168
Lughnasa, 168
Lure, 210
Luxemburgo, 228
Luxeuil, 208, 211, 213, 215
Lyon, 40

M

Maihingen, livro de, 187
Mainz, 199, 228
Malraux, André-Georges, 241-242
Manchan de Offaly, 170-173
Manchester, 155
Mani, 63
Maniqueísmo, 62, 63
Maquiavel, Nicolau, 24, 25
Marcial, 212
Marco Antônio, 35, 57, 60
Marco Aurélio, 53
Maria Teresa, 108
Maria, Virgem, 82
Martinho de Tours, São, 188
Martírio, 169-174, 190, 191, 192, 203
Maximus, 40
May Day, 167
Mayo, 122n
McNeill, John T., 178
McNeill, William, 29
Measurement of the Globe, 230
Medb. Ver *Tain Bó Cuailnge*
Mediterrâneo, mar, 22-23
Mi, 95-96
Milão, 34, 63, 125
Milão, Edito de, 166
Miliucc, 51, 117, 119, 122n
Missionários, 124-125, 206-217, 221, 223, 228-229. Ver também
 Monastérios; Patrício, São
Mitologia, 33, 56, 143-144, 145-146, 147-148, 152, 167-168
Modra, 216
Monastérios, 188;
 comportamento nos, 152, 175-177, 195
 de Columba, 203-205, 206-208

de Patrício, 127, 152
 destruídos pelos vikings, 233-236
 fundação de, 12, 169-174, 175-176,
 190-191, 199-200, 203-205,
 206-208, 209-211, 212-217,
 222-223, 225, 228-229,
 hierarquia nos, 191-192
 mulheres nos, 191-192, 193-195,
 197-198, 227
 na época de Carlos Magno, 230-231
Ver também Escribas; Missionários
 Mônica (mãe de Agostinho), 53, 63, 82
 Monstro do Lago Ness, 205
 Morávia, 216
 Merville, 188, 235
 Moynihan, Daniel Patrick, 113
 Mulheres, 81, 151, 197-198
 na igreja, 191-192, 193-195,
 197-198, 216, 227
 na literatura, 91, 103-109
 Patrício e as, 126
 Munster, 127
 Mutação de forma, 144, 145-147

N

Nantes, 210
 Neagh, lago, 117
 Negro, mar, 22
 Nestor, 60
 Nestoriana, 211
 New Hampshire, 94
 Newgrange, 186
 Newman, John Henry, 16-17
 Nilo, vale do, 22
 Normandos, 236
 Norte, mar do, 22
 Nortúmbria, 207, 222, 223, 224, 227,
 229
 Noruega, 234. *Ver também* Vikings
 Novo Testamento, 36, 58n, 70, 71, 72,
 76, 124, 153, 158-159, 172, 173,
 177, 213, 230
 Números, 172

O

O'Connell, Daniel, 108

O'Connell, Eileen, 106-108, 109, 112
 O'Connor, Flannery, 139n
 O'Connor, Frank, 237n
 O'Donnell, família, 235n
 O'Leary, Art, 106-109, 238
 Ogham, 182, 185
Old Life of Brigid, The, 194
Oratio, 33
 Oratória, 59-61
 Ostrogodos, 43
 Osaviano. *Ver* Augusto
 Ovídio, 212

P

Paganismo, 25, 79, 150, 167
 País de Gales, 94, 176n
 Palaciano, serviço, 38
 Palácio Dourado, 34
 Palatina, Escola, 229, 231
Parentalia, 30-31
 Paris, 215, 230
 Paris, Universidade de, 229
 Páscoa, 133, 223, 228
 Páscoa, Levante da, 150n
 Passau, 228
 Pastor, 118
 Patrício, 50, 51, 52, 94, 113, 161, 186,
 187, 190, 191, 199, 222, 235
 bispos e, 129
 britanos e, 127-131, 139
 Columba e, 205
 como escravo, 50, 51, 52, 118-119
 como missionário, 122-123,
 125-134, 140, 142, 144-145, 148,
 151-153, 158, 165-166, 168, 169,
 170
 confissão de, 123, 130-131, 196
Confissão, 130-131
 despertar espiritual de, 119
 Deus na visão de, 148-150
 e a teologia, 132-133;
 educa o de, 122, 123
 escapando da escravidão, 118-121
 escravidão e, 126, 127, 129-130,
 131, 134

- experiências sobrenaturais, 119-121, 122
 lendas sobre, 133
 mulheres e, 126
 oração de, 133-136, 148, 149-151, 160
 ordenação de, 123-124
 reis e, 126-130, 133
 sexualidade e, 151-152
 universo na visão de, 148-151, 152-153
- Pátricius.** *Ver* Patrício
- Paulo,** 58n, 70, 71-72, 76, 78, 94, 124, 125, 158-159
- Pax Romana,** 26, 41, 76
- Peças metálicas;** 185
- Pedro,** 124, 200, 224, 227
- Pelágio,** 79, 82
- Pentecostes,** 124
- "Pequeninos",** 95
- Pergaminho,** 186
- Péricles,** 51
- Péronne,** 215
- Petrarca,** 24, 25
- Pictos,** 176n, 204, 207
- Pireneus,** 199
- Platão,** 61, 63-70, 71, 73, 74, 75, 78, 91, 124, 150
- Plorino,** 73
- Plunkett, Joseph,** 150
- Plunkett, Oliver,** 150n
- Porfírio,** 73
- Potitus,** 50
- "Pranto do Cervo",** 133-136
- Princeton, Universidade de,** 15
- Prisciano,** 231
- Protestantes,** 14, 16, 25
- R**
- Rathcroghan,** 85
- Ravena,** 48
- Renascença Carolíngia,** 229-233
- Reno,** 21, 22, 23, 25, 27-29, 30, 33, 94, 120, 199
- República Romana,** 35, 36, 38, 39
- Res Publica,* 40
- Retórica,** 59, 61
- Robins, Don,** 156
- Roma (cidade),** 34, 35, 42, 43, 47, 56, 94, 124, 125
- como um lugar sagrado, 200-201, 224
- saques à, 42-43, 47, 49-50, 79
- Romênia.** *Ver* Império Romano
- Ross, Anne,** 156
- Roubo de Gado em Cooley, O.** *Ver* *Tain Bo Cualnge*
- Ruanda,** 154
- S**
- Sacrifício animal,** 152
- Sacrifício humano,** 152-160, 166
- Safo,** 53, 73, 212
- Sagrado Império Romano,** 229
- Saint Denis,** 230
- Salviano,** 199
- Salzburgo,** 215
- Samain,** 93, 167n
- São Gall,** 213, 215, 230
- "São Patrício, armadura de",** 133-136, 148, 149-151, 160
- Saulo de Tarso.** *Ver* Paulo
- Saxônia,** 228
- Saxônios,** 49, 94, 176n, 204, 222, 225-226, 236
- Sedulius Scotus,** 230-231
- Senado Romano,** 37, 38
- Sérvio,** 231
- Severn,** 222
- Sevilha,** 202
- Shannon, William V.,** 165
- Síria,** 200, 229
- Sitwell, Edith,** 150n
- Skelling Michael,** 13, 190, 234
- Sliabh Mis,** 117, 150
- Sócrates,** 22, 53, 61-62, 64
- Sófocles,** 73
- Spenser, Edmund,** 236
- "Still Falls the Rain",** 150n
- Stonehenge,** 185, 185n
- Süevos,** 27, 199, 209. *Ver também* Bárbaros

Suíça, 212, 213
Sumérios, 91, 97
Sussex, 222
Sweeney, 174

T

Tácito, 59, 73
Tain Bo Cuailnge, 117, 127, 143-144,
146-147, 151, 167, 169, 173, 191,
192
 como um épico irlandês, 85-94, 97,
 98-102, 103-106, 107-112.
 cópia do, 178
Taóismo, 69
Tara, 126, 133, 146, 147, 206
Teodorico, 43
Terêncio, 177-178
Theodosius, 41
Thompson, James Westfall, 215
Tolkien, J. R. R., 183
Tolland, homem de, 155, 156-158
Tolstoy, Lev, 71
Tomás Aquino, 82
Tomás, 124, 125
Tonsura, 225
Toreno, 216
Tours, 188
Tragédia, 58
Traherne, Thomas, 150
Trevó, 133
Trier, 199, 215
Trinity College, 187
Tróia, 56, 57
Tróia, cavalo de, 56, 57
Tuatha De Danaan, 95
Túmulos, 185
Turíngia, 228
Turquia, 94
Tweed, 222
Tyburn, 168

U

Uisnech, colina de, 192
Ulisses, 181
Ulster, 126, 139n, 144, 200, 206
Utrecht, 228

V

Valentiniano I, 34
Valentiniano II, 34
Vândalos, 27, 28, 48, 49, 77, 199. Ver
 rambém Bárbaros
 "Vejo o meu Sangue em Cada Rosa",
 150
Velho Testamento, 53, 79, 95, 102,
 153, 177, 205, 213, 214
Victoricus, 122
Viena, 215
Vigilius, 211
Vikings, 167, 233-236, 237, 239
Vindication, 25
Violent Bear It Away, The, 139n
Virgílio o Geômetra, 215
Virgílio, 32, 55-58, 59, 60, 73, 74, 91,
 212
Visigodos, 43
Vitória, Rainha, 14, 237n
Vivarium, 202
Volga, 22
Voltaire, 25
Voyage of Bran, The, 145

W

Waterford, 236
Wessex, 222
Wexford, 119, 236
Whitby, 223-225, 227, 228
Wilfrid, 228
Willibrord, 228
Würzburg, 215, 228

Y

Yeats, William Butler, 239

Z

Zoroastra, 62

markgraph

Rua Aguiar Moreira, 386 - Bonsucesso
Tel.: (021) 564.1056 Telefax.: (021) 270.9656
Rio de Janeiro - RJ

Thomas Cabill estudou com os maiores especialistas em literatura e estudos bíblicos dos EUA, no New York's Union Theological Seminary, na Columbia University e Fordham University. Foi diretor da editoria de livros religiosos da Doubleday.

